

ANO XV - NÚMERO 27 - DEZEMBRO
DE 1952

RODRIGUESIA

REVISTA DO JARDIM BOTÂNICO
FUNDADA EM 1935

RIO DE JANEIRO
BRASIL



SUMÁRIO

Oscar Campos do Amaral Góes	5
Scrophulariaceae Indígenas e Exóticas no Brasil	
G. M. BARROSO	9
Orchidaceae Uruguayenses <i>Collectorum Variorum Collectae</i>	
G. F. J. PABST	109
Sôbre Hybanthus Bigibbosus (St. Hil.) Haffl.	
MARIA EMILIA MARIZ DE LYRA	129
The Genus <i>Scleria</i> in Brazil	
EARL L. CORE	137
Sôbre os Núcleos dos Laticíferos de <i>Euphorbia Phosphorea</i> Mart	
F. R. MILANEZ	163
Dialypetalanthaceae	
PAULO OCCHIONI, CARLOS TOLEDO RIZZINI ..	181
Vitamina C em Frutos	
J. LEME., J. T. AMARAL GURGEL, F. PIMENTEL GOMES, E. MALAVOLTA, J. SOUBIHE SOBRINHO, H. W. S. MONTENEGRO	185
Retificação sôbre algumas Palmeiras do Brasil	
GREGORIO BONDAR	189
Barbosa Rodrigues	
ADIR GUIMARÃES	191
Centenário da Morte de Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853)	213

Solicitamos permuta
We should like exchange
Tauschverkehr erwünscht
On prie de bien vouloir établir l'échange

R O D R I G U E S I A



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

RODRIGUÉSIA

ANO XV, NÚMERO 27
DEZEMBRO, 1952



Rio de Janeiro
BRASIL

OSCAR CAMPOS DO AMARAL GÓES

Mais uma grave perda sofreu o Jardim Botânico, com a morte inesperada de O. Campos Góes, que há quase dezoito anos pertencia ao seu quadro técnico.

Membro há longo tempo da Comissão de Redação de "Arquivos" e "Rodriguésia", tornou-se credor pelo entusiasmo contagiante e minuciosa exatidão com que exercia essa atividade, do preito de admiração e de saudade que aqui lhe rendemos.

* * *

Nasceu Campos Góes em Triunfo, Estado de Pernambuco, a 23 de Dezembro de 1898 e já em 1917 lograva diplomar-se em Agronomia. Suas primeiras atividades técnicas tiveram início no ano seguinte, na Comissão Geodésica de Recife.

Em 1923 ingressava no Ministério da Agricultura, como Chefe de Seção de Biologia da Estação Geral de Experimentação de Escada, e, cinco anos depois, era nomeado, em comissão, Diretor da Estação Geral de Experimentação de Barreiros, ambas em Pernambuco.

Muito fecunda foi essa primeira fase de sua vida funcional, dedicada inteiramente à agricultura. Os numerosos experimentos que realizou, relacionados principalmente com a adubação da cana de açúcar, as variedades resistentes ao mosaico e o combate aos insetos danosos, acham-se descritos minuciosamente em relatórios. Merecem especial menção os trabalhos de seleção de seedlings que culminaram com a obtenção do EB-4, de indiscutível valor econômico.

São dessa mesma época de intenso labor, os seguintes escritos seus: "As Séries Homólogas de Vavilov", ensaio de crítica científica, apresentado sob forma de conferência ao 1.º Congresso de Agrônomos de Recife e publicado em plaquette (1924); "Molestia dos Canaviais", primeiro estudo experimental do mosaico da cana

em Pernambuco (Bol. Min. Agric. I (6) 1926); "O Mosaico como Fator de Perturbação Econômica", que apareceu em vários jornais e depois em opúsculo (1930); "O Efeito do Despalhe na Cultura e no Rendimento Industrial da Cana de Açúcar" (Bol. Secret. Agric. Pernambuco 1932); "A Doença da Raiz da Cana em Pernambuco", um estudo de patologia vegetal (Bol. Secret. Agric. Pernambuco, 1932); "O Seedling EB-4 de Cana de Açúcar" contendo apreciações sobre o seedling obtido pelo Autor na Estação de Barreiros (Bol. Secret. Agric. Pernambuco, 1933); "Produção Canavieira e o Uso dos Adubos Químicos" (Bol. Secret. Pernambuco, 1933); "A Heterogeneidade de Solos da E. G. E. de Barreiros — Pernambuco" de colaboração com o químico da mesma Estação (Bol. Secret. Pernambuco, 1933).

Assim, ao fim dessa fase, nos anos de 32 e 33, atingia ao máximo a produção técnico-científica de Campos Góes que no biênio citado publicara cinco trabalhos originais, um folheto de instruções técnicas sobre levedo selecionado para a produção de álcool e três relatórios de trabalhos experimentais.

Eis que em Abril de 1934 é, porém, extinta a Estação de Barreiros e somente mês e meio depois consegue Campos Góes, que ficara ao desamparo com sua já numerosa família, apesar de efetivo, ser nomeado sub-assistente, com diminuição hierárquica e de vencimentos. Esse período de incerteza e de decepções, agravadas pela angústia face aos problemas econômicos, surgidos com a transferência do funcionário e sua numerosa prole, para esta Capital, onde a mesma teria que ser mantida, deixou marcas indeléveis na vida de Campos Góes que era, antes de tudo, pae extremoso.

Na segunda etapa de suas atividades funcionais, iniciada com sua designação para o Instituto de Biologia Vegetal que compreendia, então, o Jardim Botânico, Campos Góes começou a interessar-se pela Citogenética vegetal, trabalhando algum tempo, no Jardim, em companhia de E. Graner. Enquanto se adestrava na técnica citológica, fez divulgar "Seleção do Algodão Mocó", estudo crítico sobre a melhoria genética dessa variedade (Algodão, 1935) e "Perenidade Cromossômica", dissertação sobre assunto muito discutido na época (Rodriguésia, 1936). "Experimento Agronômico e Solo Heterogêneo", estampado na mesma ocasião (Rodriguésia, 1936) era ainda um reflexo de suas atividades anteriores.

Desejoso de contribuir também com trabalhos de pesquisa científica, iniciou estudos citológicos em variedades de algodão, cujos resultados foram aparecendo espaçadamente: "Cromossomos do Algodoeiro Quebradinho", apresentado à 1.^a Reunião Sul-americana de Botânica (1938); "Cromossomos do Gênero Gossypium. II. Algodoeiro Mocó" (Arq. Serv. Flor. 1941) e "Cromossomos do Gênero Gossypium. III. Algodoeiro Rim-de-Boi" (Arq. Jard. Bot. 1950). Da mesma índole era o trabalho "Cromossomos em Aleurites moluccana Willd. publicado em 1947 (Arq. Jard. Bot.), e outros estudos semelhantes iam ser iniciados quando a morte o surpreendeu, a quatro de Fevereiro do ano passado.

Agrônomo dos mais inteligentes e cultos do Ministério, habituado ao trato das questões científicas e filosóficas, era também Campos Góes possuidor de marcante personalidade: apaixonado e veemente, fazia amigos ou inimigos, mas nunca deixava indiferentes aqueles com quem convivia. Dotado de inquebrantável espírito de luta, aceitou corajosamente o desafio da adversidade, e se sucumbiu, afinal, nunca se lhe abateu o ânimo, nem mesmo à véspera da morte.



TRABALHOS ORIGINAIS

SCROPHULARIACEAE

INDÍGENAS E EXÓTICAS NO BRASIL

POR

G. M. BARROSO

Chefe da Seção de Botânica Sistemática

INTRODUÇÃO

Desejando continuar a obra iniciada por meu marido, Liberato Joaquim Barroso, apresento aos estudiosos da Botânica Sistemática uma pequena contribuição ao conhecimento da família *Scrophulariaceae*.

Aos Srs. Newton Paes Leal e João Barbosa, técnicos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, o meu reconhecimento pelos desenhos e fotos que ilustram este trabalho.

CARACTERES GERAIS

As plantas da família Scrophulariaceae têm flores hermafroditas, geralmente zigomorfas. O cálice, persistente no fruto, apresenta de 4 a 5 lacínios, iguais ou desiguais entre si, quase livres ou concrecidos em tubo (figs. 33, 38, 41). A corola é gamopetala, pentamera (pelo concrecimento dos lacínios, às vezes, tetramera), bilabiada, rotácea, hipocraterimorfa, personada, calcarada ou campanulada (figs. 1, 3, 5, 6, 9, 22, 23, 25, 31 e 32). Estames, via de regra, 4; raramente 5 ou 2, por aborto ou transformação dos demais em estaminódios. As anteras podem ser biloculares ou uniloculares, com lóculos divergentes (figs. 8, 10 e 11) ou paralelos entre si (figs. 15, 27 e 28). Ovário bilocular

(*) Entregue para publicação a 2-1-52.

com placentação central. Estilete simples ou bilobado, com estígma capitado, marginal ou disposto na face superior dos lobos do estilete. O fruto, ou é uma cápsula de deiscência variável, ou é uma baga. Sementes numerosas e pequenas, ou grandes e poucas, glabras, glandulosas, reticuladas ou estriadas. Embrião reto ou levemente curvo.

Na maioria, são ervas perenes e subarbustos; menos frequentemente, ervas anuais, arbustos ou árvores. Entre estas, só as espécies de *Paulownia* atingem maiores dimensões.

As folhas são simples, alternas, opostas ou verticiladas, alternando-se, porém, às vezes, na mesma planta. Estípulas faltam. A nervação é variada e alternada dentro de um mesmo gênero. Algumas espécies apresentam dimorfismo foliar.

A pilosidade é constituída, geralmente, de pelos simples e curtos; raramente de pelos estrelados, ramificados ou glandulosos.

As Scrophulariaceae, geralmente, são autotróficas; há, contudo, muitas espécies hemiparasitas.

São plantas difundidas por quase o mundo todo, e muito bem representadas nas regiões de clima temperado dos dois hemisférios.

No Brasil encontram-se 32 gêneros indígenas e 18 exóticos.

DIVISÃO DA FAMÍLIA

As Scrophulariaceae se dividem em 3 Séries e 12 Tribos. No quadro que damos, a seguir, da divisão da família, só mencionamos os gêneros indígenas e exóticos que ocorrem no Brasil.

SERIES	TRIBOS	GÊNEROS
I. Pseudosolaneae	1. Verbasceae	1. <i>Verbascum</i> L. (X) 2. <i>Heteranthia</i> Nees. et Mart.
	2. Aptosimaeae	—————
II. Antirrhinoideae	3. Hemimerideae	3. <i>Alonsoa</i> Ruiz. et Pav. 4. <i>Angelonia</i> Humb. et Bonp.
	4. Calceolarieae	5. <i>Calceolaria</i> L 6. <i>Jovellana</i> Cav. (X)
	5. Antirrhineae	7. <i>Nemesia</i> Vent. (X) 8. <i>Linaria</i> Juss. (X) 9. <i>Antirrhinum</i> L. (X) 10. <i>Maurandia</i> Ort. (X)

- | | |
|---------------------|--|
| 6. Cheloneae | 11. <i>Russelia</i> Jacquin (X) |
| | 12. <i>Scrophularia</i> L. (X) |
| | 13. <i>Pentastemon</i> Mitchell (X) |
| | 14. <i>Paulownia</i> Sieb. et Zucc. (X) |
| 7. Manuleae | |
| 8. Gratiroleae | 15. <i>Mimulus</i> L. (X) |
| | 16. <i>Mazus</i> Lour. (X) |
| | 17. <i>Stemodia</i> L. |
| | 18. <i>Desdemona</i> S. Moore |
| | 19. <i>Tetraulacium</i> Turcz. |
| | 20. <i>Dizygostemon</i> (Benth.)
Radlk. |
| | 21. <i>Achetaria</i> Cham. et Schlecht. |
| | 22. <i>Otacanthus</i> Lindl. |
| | 23. <i>Gratiola</i> L. |
| | 24. <i>Ildefonsea</i> Gardn. |
| | 25. <i>Geochorda</i> Cham. et Schlecht. |
| | 26. <i>Conobea</i> Aubl. |
| | 27. <i>Bacopa</i> Aubl. |
| | 28. <i>Mecardonia</i> Ruiz et Pav. |
| | 29. <i>Micranthemum</i> Michx. |
| | 30. <i>Limosella</i> L. (X) |
| | 31. <i>Torenia</i> L. |
| | 32. <i>Lindernia</i> All. |
| 9. Selagineae | |
| 10. Digitaleae | 33. <i>Capraria</i> L. |
| | 34. <i>Scoparia</i> L. |
| | 35. <i>Veronica</i> L. |
| | 36. <i>Digitalis</i> L. (X) |
| III. Rhinanthoideae | 11. Gerardieae |
| | 37. <i>Escobedia</i> Ruiz et Pav. |
| | 38. <i>Physocalyx</i> Pohl. |
| | 39. <i>Melasma</i> Berg. |
| | 40. <i>Nothochilus</i> Radlk. |
| | 41. <i>Magdalenae</i> Brade |
| | 42. <i>Velloziella</i> Baill. |
| | 43. <i>Esterhazia</i> Mikan |
| | 44. <i>Gerardia</i> L. |
| | 45. <i>Anisantherina</i> Pennell |
| | 46. <i>Buchnera</i> L. |
| 12. Rhinanthaceae | 47. <i>Castilleja</i> L. |
| | 48. <i>Euphrasia</i> L. (X) |
| | 49. <i>Parentucellia</i> Viv. (X) |
| | 50. <i>Bellardia</i> All. (X) |

OBS.: Estão assinalados com (X) os gêneros exóticos.

SINONIMIA DOS GÊNEROS

<i>Beyrichia</i> , Sect. <i>Achetaria</i> Benth.	ACHETARIA Cham. et Schlecht.
<i>Hemimeris</i> Autor fl.am. (não L.)	
<i>Hemitomus</i> Herit.	ALONSOA Ruiz et Pav.
<i>Schisthanthe</i> Kuntz.	
<i>Gerardia</i> L. (em parte)	ANISANTHERINA Pennell.
<i>Physidum</i> Schrad.	
<i>Schelveria</i> Nees et Mart.	ANGELONIA Humb. et Bonp.
<i>Thylacantha</i> Nees et Mart.	
<i>Anisocalyx</i> Hance	
<i>Brami</i> Rumph. ex Adans	
<i>Caconopea</i> Cham.	
<i>Calytriplex</i> Ruiz et Pav.	
<i>Cardiolphus</i> Griff.	
<i>Heptas</i> Meisn.	
<i>Hydrotida</i> Small.	
<i>Hydranthelium</i> H. B. K.	
<i>Leptas</i> Lour.	BACOPA Aubl.
<i>Macuillamia</i> Raf.	
<i>Mella</i> Vand.	
<i>Monocardia</i> Pennell	
<i>Naiadothrix</i> Pennell	
<i>Monniera</i> Juss. ex P. Browne	
<i>Septilia</i> Raf.	
<i>Ranapalus</i> Kellogg.	
<i>Septas</i> Lour.	
<i>Silvinula</i> Pennell	
<i>Trixago</i> Stev., em parte	BELLARDIA All.
<i>Silvia</i> Vell.	ESCOBEDIA Ruiz et Pav.
<i>Chytra</i> Gaertn.	
<i>Buechnera</i> L. ex Wettst.	BUCHNERA L.
<i>Perizea</i> Aubl.	
<i>Virgularia</i> Ruiz et Pav.	GERARDIA L.
<i>Vrolikia</i> Spreng.	HIETERANTHIA Nees et Mart.
<i>Cymbalaria</i> Baumg.	LINARIA Juss.
<i>Elatinoides</i> Wettst.	
<i>Vandellia</i> L.	LINDERNIA All.
<i>Ilysanthes</i> Rafin.	
<i>Bonnaya</i> Link et Otto	

<i>Danubiunculus</i> Sail.	LIMOSELLA L.
<i>Herpetes</i> Gaertn. (em parte)	MECARDONIA Ruiz et Pav.
<i>Beyrichia</i> , Sect. <i>Dizygostemon</i> Benth.	DIZYGOSTEMON (Benth.) Radlk.
<i>Pinarda</i> Vell.	MICRANTHEMUM Michx.
<i>Alectra</i> Thunb.	
<i>Gastromeria</i> Don.	MELASMA Berg.
<i>Lyncea</i> Cham. et Schlecht.	
<i>Nigrina</i> Thunb.	
<i>Erythranthe</i> Spach.	MIMULUS L.
<i>Eufragia</i> (Griseb.) Benth.	PARENTUCELLIA Viv.
<i>Elmigeria</i> Rehb.	PENTASTEMON Mitchell
<i>Tetraplacus</i> Radlk.	OTACANTHUS Lindl.
<i>Gomaria</i> Ruiz et Pav.	RUSSELLIA Ruiz et Pav.
<i>Nortenia</i> Thou.	
<i>Pentsteria</i> Griff.	TORENIA L.

SINONIMIA DAS ESPÉCIES

<i>Alectra brasiliense</i> Benth.	—	<i>Melasma melampyroides</i> (Rich.) Pennell
<i>Alectra stricta</i> Benth.	—	<i>Melasma stricta</i> (Benth.) Hassl.
<i>Beyrichia floribunda</i> Benth.	—	<i>Dizygostemon floribundum</i> (Benth.) Radlk
<i>Beyrichia ocimoides</i> Cham. et Schlecht.	—	<i>Achetaria ocymoides</i> (Cham. et Schlecht)
<i>Beyrichia scutellarioides</i> Benth.	—	<i>Achetaria scutellarioides</i> (Benth.) Wettst.
<i>Buchnera roesa</i> H. B. K.	—	<i>Buchnera virgata</i> H. B. K.
<i>Caconapea debilis</i> Pennell	—	<i>Bacopa reptans</i> (Benth.) Pennell
<i>Caconapea appressa</i> Pennell	—	<i>Bacopa monnieroides</i> (Cham.) Robinson
<i>Capraria montevidensis</i> (Spr.) OK.	—	<i>Scoparia neglecta</i> Fries, var. <i>intermedia</i> Fries.
<i>Castilleja communis</i> Benth.	—	<i>Castilleja arvensis</i> Cham. et Schlecht) Wettst.
<i>Conobea vandelliioides</i> Benth.	—	<i>Lindernia vandelliioides</i> (Benth.) Pennell
<i>Erinus verticillatus</i> Mill.	—	<i>Stemodia verticillata</i> (Mill.) Boldingh

<i>Eufragia viscosa</i> Benth.	—	<i>Parentucellia viscosa</i> (L.) Car.
<i>Escobedia scabrifolia</i> Schmidt, (não Ruiz et Pav) e var. <i>laevigata</i> Schmidt	—	<i>Escobedia curialis</i> (Vell.) Pennell
<i>Digitalis dracocephaloides</i> Vell.	—	<i>Velloziella dracocephaloides</i> (Vell.) Baill.
<i>Gerardia hispidula</i> Mart.	—	<i>Anisantherina hispidula</i> (Mart.) Pennell
<i>Herpetes acuta</i> S. Moore	—	<i>Bacopa acuta</i> (S. Moore) Pennell
" <i>angulata</i> Benth.	—	" <i>angulata</i> (Benth.) Edwall
" <i>arenaria</i> Schmidt	—	" <i>arenaria</i> (Schmidt) Edwall
" <i>auriculata</i> Robinson	—	" <i>laxiflora</i> (Benth.) Edwall
" <i>bacopoides</i> Benth.	—	" <i>bacopoides</i> (Benth.) Edwall
" <i>caespitosa</i> Cham.	—	<i>Mecardonia caespitosa</i> (Cham.) Pennell
" <i>chamaedryoides</i> H. B. K.	—	<i>Mecardonia dianthera</i> (Sw.) Pennell
" <i>cochlearia</i> Huber	—	<i>Bacopa cochlearia</i> (Huber) L. B. Schmidt
" <i>depressa</i> Benth.	—	<i>Bacopa depressa</i> (Benth.) Edwall
" <i>elongata</i> Benth.	—	" <i>elongata</i> (Benth.) Pennell
" <i>gracilis</i> Benth.	—	" <i>gracilis</i> (Benth.) Pennell
" <i>gratilioides</i> Cham.	—	" <i>gratilioides</i> (Cham.) Edwall
" <i>laxiflora</i> Benth.	—	" <i>laxiflora</i> (Benth.) Edwall
" <i>monniera</i> H. B. K.	—	" <i>monnieri</i> (Torn.) Pennell
" <i>monnieroides</i> Cham.	—	" <i>monnieroides</i> (Cham.) Ro- binson
" <i>monostricta</i> Schlecht.	—	<i>Bacopa monostricta</i> (Schlecht.) Pennell
" <i>parvula</i> S. Moore	—	<i>Bacopa parvula</i> (S. Moore) Pennell
" <i>ranaria</i> Benth.	—	" <i>monnieroides</i> (Cahm.) Ro- binson
" <i>stellarioides</i> Cham.	—	<i>Bacopa stellarioides</i> (Cham.) Edwall
" <i>stricta</i> Schrader	—	" <i>stricta</i> (Schrader) Pennell
" <i>lanigera</i> Cham. et Schlecht. ..	—	" <i>lanigera</i> (Cham. et Sch- lecht.) Wettst.
" <i>marginata</i> Benth.	—	<i>Bacopa marginata</i> (Benth.) Pennell
" <i>myriophylloides</i> Benth.	—	" <i>myriophylloides</i> (Benth.) Wettst.
" <i>reflexa</i> Benth.	—	<i>Bacopa reflexa</i> (Benth.) Edwall
" <i>serpyllifolia</i> Benth.	—	" <i>serpyllifolia</i> (Benth.) Pen- nell
<i>Hemimeris hirsuta</i> Spr.	—	<i>Alonsoa hirsuta</i> Steud
<i>Lindernia dianthera</i> Sw.	—	<i>Mecardonia dianthera</i> (Sw.) Pennell
<i>Lysimachia monnieri</i> Torner	—	<i>Bacopa monnieri</i> (Torn.) Pennell
<i>Melasma brasiliense</i> (Benth.) Chodat et Hassl.	—	<i>Melasma melampyroides</i> (Rich.) Pennell

<i>Micranthemum orbiculatum</i> Michx.	—	<i>Micranthemum umbrosum</i> (Walt) Pennell
<i>Mimulus guttatus</i> DC.	—	<i>Mimulus luteus</i> L.
<i>Paulownia tomentosa</i> (Thunb. Baill.) ...	—	<i>Paulownia imperialis</i> Sieb. et Zucc.
<i>Pedicularis melampyroides</i> Rich.	—	<i>Melasma melampyroides</i> (Rich.) Pennell
<i>Silvia curialis</i> Vell.	—	<i>Escobedia curialis</i> (Vell.) Pennell
<i>Torenia parviflora</i> Ham.	—	<i>Torenia thouarsii</i> (Cham. et Schlecht.) Kuntz.
<i>Trixago apula</i> Stev.	—	<i>Bellardia trixago</i> (L.) All.
<i>Scoparia flava</i> Benth.	—	<i>Scoparia plebeja</i> Cham.
<i>Scoparia flava</i> Benth. var. <i>pinnatifida</i> Schmidt. (em parte)	—	<i>Scoparia neglecta</i> Fries.
<i>Scoparia flava</i> Cham. et Schlecht.	—	<i>Scoparia montevidensis</i>
<i>Scoparia multifida</i> G. Don	—	" <i>pinnatifida</i> Cham.
<i>Verbascum blattarioides</i> Lam.	—	<i>Verbascum virgatum</i> Stokes
<i>Veronica xalapensis</i> H. B. K.	—	<i>Veronica peregrina xalapensis</i> (HBK) Pennell
<i>Hydrantheium egense</i> Poepp.	—	<i>Bacopa egensis</i> (Poepp.) Pennell.

CHAVES PARA DETERMINAR GÊNEROS DE SCROPHULARIACEAE, QUE OCORREM NO BRASIL

1. Estames 5	2
Estames 4, ou menos de 4	4
2. Segmentos do cálice iguais entre si	3
Segmentos do cálice desiguais entre si (fig. 7, 30, 36)	<i>Bacopa</i>
3. Plantas com pelos ramificados	<i>Verbascum</i> (X)
Plantas sem pelos ramificados	<i>Capraria</i>
4. Estames 4	15
Menos de 4 estames	5
5. Até 2 estames	6
Mais de 2 estames	<i>Bacopa</i>
6. Lábio superior da corola cuculado e o inferior calceolado ou ventricoso (fig. 6)	<i>Calceolaria</i>
Sem o conjunto desses caracteres	7
7. Estaminódios presentes	8
Estaminódios ausentes	11
8. Estaminódios claviformes (fig. 40), dispostos acima dos estames	<i>Lindernia</i>
Sem o conjunto desses caracteres	9
9. Flor até 1,5 cm de comprimento; bracteolas presentes	10
Flor com mais de 1,5 cm de comprimento; bracteolas ausentes	<i>Otacanthus</i>

10. Segmento posterior do cálice foliáceo, maior que os outros (fig. 7)	<i>Achetaria</i>
Sem esse característico	<i>Gratiola</i>
11. Corola bilobada	<i>Jovellana</i> (X)
Corola não bilobada	12
12. Corola trilobada	<i>Bacopa</i>
Corola não trilobada	13
13. Corola rotácea (fig. 23), com 4 lóbos	<i>Veronica</i>
Sem o conjunto desses caracteres	14
14. Filetes curtos, apendiculados ou dilatados na base	<i>Micranthemum</i>
Sem o conjunto desses caracteres	<i>Gratiola</i>
15. Cálice espatáceo (figs. 46 e 47)	16
Cálice não espatáceo	17
16. Cálice anguloso, denteado no ápice (fig. 46)	<i>Nothochilus</i>
Cálice liso, não denteado no ápice (fig. 47)	<i>Velloziella</i>
17. Cálice tubuloso (figs. 33, 38, 41, 43, 44, 45)	18
Cálice não tubuloso	30
18. Cálice colorido	<i>Physocalyx</i>
Cálice não colorido	19
19. Corola com tubo curvo e bordo truncado (fig. 45)	<i>Magdalenae</i>
Sem o conjunto desses caracteres	29
20. Dois dos estames inseridos no bordo da corola (fig. 22)	21
Todos os estames inseridos no tubo da corola (fig. 26)	22
21. Cálice alado ou anguloso (fig. 38)	<i>Torenia</i>
Cálice nem alado, nem aguloso	<i>Lindernia</i>
22. Corola inteiramente, ou quase inteiramente, envolvida pelo cálice (fig. 2)	39
Sem esse característico	23
23. Estames exsertos (fig. 25)	47
Estames inclusos	24
24. Antera uniloculares (figs. 21 e 34)	27
Antera biloculares (figs. 8, 10, 11, 15, 16, 27, 28)	25
25. Tubo da corola longo, cilíndrico, com mais de 3 cm de comprimento	<i>Escobedia</i>
Sem o conjunto desses caracteres	26
26. Cálice inflado, maior que o tubo da corola (fig. 44) ..	<i>Melasma</i>
Sem o conjunto desses caracteres	28
27. Estames didínamos; lóculo da antera vertical (fig. 34)	<i>Buchnera</i>
Estames não didínamos; lóculo da antera transversal (fig. 21)	<i>Limosella</i> (X)
28. Lóculos da antera paralelos entre si, mucronados ou aristados na base (fig. 27)	52
Sem o conjunto desses caracteres	29
29. Cálice anguloso	<i>Mimulus</i> (X)
Cálice não anguloso	58



30. Formações piliformes dispostas entre as sementes (fig. 35)	<i>Russelia</i> (X)
Sem esse característico	31
31. Corola calcarada (fig. 5)	50
Corola não calcarada	32
32. Trepadeiras com flores vistosas, de mais de 2 cm de comprimento; pedicelos e pecíolos longos, que se prendem ao suporte à guisa de gavinha (fig. 20)	<i>Maurandia</i> (X)
Sem o conjunto desses caracteres	33
33. Todos os lóculos da antera férteis	35
Um dos lóculos da antera estéril	34
34. Estilete tetra-alado	<i>Tetraulacium</i>
Sem esse característico	<i>Dyzigostemon</i>
35. Estaminódio presente	36
Estaminódio ausente	37
36. Tubo da corola ventricoso ou globoso (fig. 1)	51
Tubo da corola nem ventricoso, nem globoso	<i>Ildefonseia</i>
37. Lóculos da antera estipitados (fig. 39)	61
Lóculos da antera não estipitados	38
38. Segmentos do cálice iguais ou quase iguais entre si ..	40
Segmentos do cálice bem diferentes entre si	<i>Bacopa</i>
39. Corola elmiforme (fig. 3)	<i>Castilleja</i> (X)
Corola não elmiforme	<i>Melasma</i>
40. Testa da semente membranácea hialina, reticulada e foveolada (fig. 37)	<i>Angelonia</i>
Sem esse característico	41
41. Lobos da corola iguais ou quase iguais entre si (fig. 25, 31, 32)	42
Lobos da corola bem diferentes entre si (fig. 4 e 9) ..	43
42. Corola rotácea (figs. 23 e 31)	<i>Scoparia</i>
Corola não rotácea	53
43. Corola personada	<i>Antirrhinum</i> (X)
Corola não personada	44
44. Tubo da corola maior que os lacínios livres (fig. 29) ..	45
Tubo da corola menor que os lacínios livres (fig. 49) ..	46
45. Flores até 1 cm de comprimento; segmentos do cálice estreitos	55
Flores com mais de 1 cm de comprimento; segmentos do cálice largos (fig. 29)	57
46. Estames didínamos	49
Estames não didínamos	<i>Alonsoa</i>
47. Corola bilabiada	48
Corola não bilabiada (fig. 25)	<i>Esterhazyia</i>
48. Cápsula oblonga ou lanceolada (figs. 13, 14)	<i>Parentucellia</i> (X)
Cápsula globosa ou oval (figs. 18, 19)	<i>Bellardia</i> (X)

49. Sementes aladas	<i>Nemesia</i> (X)
Sementes não aladas	56
50. Antera bilocular (figs. 10, 11, 15, 16, 27, 28)	<i>Linaria</i> (X)
Antera unilocular (figs. 21, 34)	<i>Nemesia</i> (X)
51. Estaminodio liguliforme	<i>Pentstemon</i> (X)
Estaminódio não liguliforme	<i>Scrophularia</i> (X)
52. Corola bilabiada	<i>Euphrasia</i> (X)
Corola não bilabiada	59
53. Folhas opostas	54
Folhas alternas	<i>Capraria</i>
54. Ervas prostradas	<i>Geochorda</i>
Ervas eretas	<i>Conobea</i>
55. Lóculos da antera divergentes (figs. 10, 11)	<i>Desdemona</i>
Lóculos da antera não divergentes	62
56. Lóculos da antera divergentes (figs. 10, 11)	60
Lóculos da antera não divergentes	<i>Geochorda</i>
57. Árvores; sementes com alas membranaceas, longitudinais	<i>Paulownia</i> (X)
Sem o conjunto desses caracteres	<i>Digitalis</i> (X)
58. Lóculos da antera presos no dorso por meio de conectivo arredondado (fig. 8)	<i>Heteranthia</i>
Sem esse característico	<i>Mazus</i> (X)
59. Anteras glabras, basifixas, não mucronadas na base; lóculos da antera divergentes; pedicelo bibracteolado ..	<i>Anisantherina</i>
Sem o conjunto desses caracteres	<i>Gerardia</i>
60. Cápsula porícida	<i>Antirrhinum</i> (X)
Sem esse característico	<i>Desdemona</i>
61. Segmentos do cálice desiguais entre si (figs. 30, 36); bracteolas dispostas na base do pedicelo, ou nulas ...	<i>Mecardonia</i>
Sem o conjunto desses caracteres	63
62. Folhas multipartidas	<i>Bacopa</i>
Sem esse característico	<i>Conobea</i>
63. Lacínios da corola emarginados, quase iguais entre si; septo placentífero circundado por uma ala membranacea (fig. 51)	<i>Lindernia</i>
Sem o conjunto desses caracteres	<i>Stemodia</i>

VERBASCUM L.:

Cálice 5-partido ou 5-dentado; corola rotácea, plana ou côncava, 5-lobada; estames inseridos na base da corola; filetes, geralmente, barbados; cápsula oval ou esférica, bivalvar, com valvas fendidas ou inteiras. Ervas, raramente, arbustos pequenos, com folhas simples, lobadas ou pinatífidas, frequentemente, com pelos ramificados.

Área geográfica: Europa, África do Norte e Ásia.

Algumas espécies foram introduzidas na América.

Espécie introduzida no Brasil:

V. virgatum Stokes, em With. Bot. An. Brit. Pl. ed. II. I. 227



Material examinado:

V. virgatum Stockes, H. J. B. 57702. Leg.: A. C. Brade, 18694 e Apparicio P. Duarte (29.X.946), Rio de Janeiro, Correias; — H. J. B. 61150. Leg.: F. Guerra (14.X.947), Distrito Federal, margens da Lagoa Rodrigo de Freitas; — H. J. B. 51773. Leg.: O. C. Goes e D. Constantino, 564 (IX.943), Rio de Janeiro, Petropolis.

HETERANTHIA Nees et Mart.:

Cálice campanulado, 5-lobado; corola com tubo curto, campanulada, bilabiada; lábio superior da corola indiviso ou emarginado e o inferior côncavo, trilobado; estames 4, didínamos, inclusos; anteras grandes, com lóculos presos no dorso por meio de um conectivo arredondado (fig 8); cápsula esférica, septicida; sementes estriadas. Plantas glabras, perenes, com folhas alternas, longo pecioladas. Flores pequenas, curto pediceladas, dispostas em ráceros axilares ou terminais.

Área geográfica: Brasil, Ilheus — Bahia.

Espécie única: *H. decipiens* Nees et Mart., em Nov. Act. Nat. Cur. XI. I. (1823) 41; Wawra, em Pr. Maxim. Rasen, Bot. 82. t. 64.

ALONSOA Ruiz et Pav.:

Cálice 5-partido; corola zigomorfa, sem tubo, com bordo 5-lobado; (fig. 4); estames 4, quase iguais entre si, com filetes curtos; lóculos da antera fundidos no ápice; cápsula obtusa, bivalvar; valvas bipartidas ou indivisas; sementes gibosas. Arbustos ou ervas com folhas opostas ou verticiladas; flores dispostas em ráceros terminais. Área geográfica: Trópicos da América e região dos Andes. Uma espécie, incerta, no Cabo.

Espécies indicadas para o Brasil:

A. hirsuta Steud., Nom. e. II. I. 60; Syst. II. 809 Brasil.
A. incisaefolia Ruiz et Pav., Benth., em DC. Prodr. X. 250; Fl. Bras. Mart. VIII. I. 246 Perú. Subspontanea? no Brasil.

ANGELONIA Humb. et Bonp.:

Cálice 5-partido ou 5-dentado; corola sem tubo (fig. 9), bilablada, com bordo 5-lobado; fauce escavada, ventricosa, gibosa na parte inferior e internamente com apêndice cônico ou linear, geralmente bidenteado no ápice; estames 4, didínamos, com filetes curtos; lóculos da antera divergentes; cápsula obtusa, bivalvar, com valvas inteiras; testa da semente membranacea-hialina, foveolada. Às vezes, a cápsula é indeiscente.

Ervas ou subarbustos; flores solitárias, axilares, ou dispostas em ráceros terminais.

Área geográfica: Trópicos da América, principalmente, o Brasil. Uma espécie no México.

Espécies que ocorrem no Brasil:

- A. arguta* Benth., em DC. Prodr. X. 252; Schmidt, Fl. Bras. Mart. XIII-I 241. Ceará, Piauí.
- A. biflora* Benth., em DC. 1.c. 254; Schmidt, 1.c. 244 ... Ceará.
- A. bisaccata* Benth., em D.C. 1.c. 252; Schmidt, 1.c. 239 Minas Gerais, Ceará.
- A. campestris* Nees et Mart., Nov. Act. XI. 44; Benth., DC. Prodr. X. 251; Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII-I. 238 — Minas Gerais.
- A. cornigera* Hook., Bot. Mag. t. 3848; DC. Prodr. X. 255; Fl. Bras. Mart. VIII-I 246. — Bahia.
- A. crassifolia* Benth., DC. Prodr. X. 253; Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII-I — Minas.
- A. Blanchetii* Benth., DC. Prodr. X. 253; Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII-I. 242 — Bahia.
- A. eriostachys* Benth., em DC. Prodr. X. 254; Schmidt, F. Bras. VIII-I. 244. Minas Gerais.
- A. Gardneri* Hook., bot. Mag. t. 3754; DC. Prodr. X. 255; Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII-I. 245 — Bahia, Alagoas e Pernambuco.
- A. grandiflora* C. Moore, Ann. Coc. Hort. Gand., III (1847) 93 t. 119 — Brasil.
- A. goyazensis* Benth., DC. Prodr. X. 253; Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII-I. 242 — Goiás.
- A. hirta* Cham., em Linnaea VIII. 27; DC. Prodr. X. 255; Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII-I, 245 — Bahia.
- A. Hookeriana* Gardn., DC. Prodr. X. 251; Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII-I 239 — Piauí.
- A. integerrima* Sph., syst. Cur. post. 235; DC. Prodr. X. 254; Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII-I 234 — São Paulo.
- * *A. Leandri* J. Kickx, em Bull. Acad. Belg. VI-I. (1839) 309 — Brasil.
- A. linarioides* Taub., Engl. Bot. Jahrb. XXI. 451 — Brasil.
- A. micrantha* Benth., DC. Prodr. X. 252; Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII-I 240 — Piauí, Bahia, Mato Grosso.
- * *A. minor* Fisch. et Meyer, Ind. 5. sem. Hort. Petrop. 33; Fl. Bras. Mart. VIII-I 245 — Brasil.
- A. pratensis* Gardn., DC. Prodr. X. 258; Fl. Bras. Mart. VIII-I 241 — Goiás.
- A. pubescens* Benth., em Comp. bot. Mag. II 15; DC. Prodr. X. 253; Fl. Bras. Mart. VIII-I 241 — Piauí.
- A. serrata* Benth., em DC., Prodr. X. 253; Fl. Bras. Mart. VIII-I 241 — Ceará, Bahia.
- A. tomentosa* Moric., DC. Prodr. X. 254; Fl. Bras. Mart. VIII-I 244 — Bahia.

A. procumbens Nees et Mart., Nov. Act. Acad. Nat. cur. XI. 45; Benth., DC. Prodr. X. 252; Fl. Bras. Mart. VIII-I 240 — Bahia, Minas Gerais.

1. Flores axilares	2	
Flores dispostas em ráceros terminais	10	
2. Folhas sesseis	3	
Folhas pecioladas	6	
3. Folhas lineares		<i>A. micrantha</i>
Folhas não lineares	4	
4. Folhas obtusas		<i>A. crassifolia</i>
Folhas não obtusas	5	
5. Pedicelos das flores pilosos	17	
Pedicelos das flores glabros		<i>A. goyazensis</i>
6. Folhas denteadas, arredondadas na base e com peciolo além de 5mm de comprimento		<i>A. pubescens</i>
Sem o conjunto desses caracteres	7	
7. Folhas acuminadas; pedicelo até 5mm de comprimento		<i>A. procumbens</i>
Sem o conjunto desses caracteres	8	
8. Lacínios do cálice glabros		<i>A. Hookeriana</i>
Lacínios do cálice pilosos	9	
9. Lacínios do cálice glandulosos pilosos	16	
Sem esse característico		<i>A. arguta</i>
10. Caule e ramos glabros	11	
Caule e ramos pilosos	12	
11. Inflorescência ferrugineo tomentosa		<i>A. eriostachys</i>
Inflorescência glabra		<i>A. in:cgerrima</i>
12. Planta ferrugineo tomentosa		<i>A. tomentosa</i>
Sem esse característico	13	
13. Base da folha estreita; flores geminadas		<i>A. biflora</i>
Sem esse característico	14	
14. Planta com pelos glandulíferos	15	
Sem esse característico		<i>A. cornigera</i>
15. Bractea subcordiforme na base		<i>A. hirta</i>
Sem esse característico		<i>A. Gardneri</i>
16. Folhas de margem revoluta; fruto deiscente		<i>A. bisaccata</i>
Sem o conjunto desses caracteres		<i>A. campestris</i>
17. Flores geminadas; lacínios do cálice agudos, com pelos glandulíferos		<i>A. biflora</i>
Sem o conjunto desses caracteres		<i>A. Blanchetii</i>

Material examinado:

1. *Angelonia campestris* Ness. et Mart., H. J. B. 35275, Lg. Prof. Burret e Brade, 15997 (XII-1937) — Minas Gerais, Pirapora.
2. *Angelonia micrantha* Benth., H. J. B. 66385. Leg. A. Macedo, 1623 (8-11-1949) Minas Gerais, Ituiutaba, Fazenda Sta. Terezinha.
3. *Angelonia pubescens* Benth., H. J. B. 26473, Leg. Com. Serv. Compl. Inspetoria F. O. C. Secas, n.º 18 — (1935) Paraíba, Gonçalves Souza; H. J. B. 52455, Leg. Jayme M. Vasconcelos, 209 (27-X-1944) — Paraíba, Areia; H. J. B. 64474, Leg. Apparicio P. Duarte, 1305 e Ivone (4-8-1948) Ceará, Crato; H. J. B. 48041, Leg. P. José Eugenio (S. J.) 1075 (20-6-1937) Ceará, Serra de Baturité; H. J. B. 14910, Leg. M. A. Lisboa 2424 (14-X-1919) Ceará, Serra de S. Benedicto; H. J. B. 14907, Leg. J. G. Kuhlmann (4-6-1923) Distrito Federal, Botafogo; H. J. B. 71096, Leg. C. G. Leal e Otavio da Silva (19-VI-1950) Pernambuco, mata de Camaragibe.
4. *Angelonia crassifolia* Benth., H. J. B. 59989, Leg. Walter Egler, 110 (27-1-1947) Minas Gerais, Diamantina.
5. *Angelonia integerrima* Spr., H. J. B. 46194, Leg. E. Vianna 167, R. G. do Sul; H. J. B. 46348 (17-XII-1929) Leg., Gurgel, 132 — Paraná, Porto Amazonas.
6. *Angelonia eriostachya* Benth., H. J. B. 28248, Leg. Brade, 13451 (VI-1934) Minas Gerais, Diamantina, 1400 m.
7. *Angelonia biflora* Benth., H. J. B. 22638, Leg. J. G. Kuhlmann, 226 (29-8-1923) Amazonas, Diamantina, Rio Madeira.
8. *Angelonia Gardneri* Hook., H. J. B. 48043, Leg. P. José Eugenio (S. J.) 1076 (VII-937) Ceará, Serra de Baturité, H. J. B. 64319 Leg. Apparicio P. Duarte, 1340 e Ivone (8-8-1948) Ceará.
9. *Angelonia hirta* Cham., H. J. B. 52436, Leg. Jayme M. de Vasconcelos 220 (27-X-1944) Paraíba, Areia; H. J. B. 16182, Leg. Mosteiro de S. Bento, 55 (IV-

1920) Pernambuco, Olinda; H. J. B. 14911 Leg. P. Campos Porto, 942 (26-VI-1920) Pernambuco, Gravatá.

10. *Angelonia cornigera* Hook., H. J. B. 3795, Leg. Dr. Zehntner 972, Bahia, Joazeiro.

CÁLCEOLARIA L.:

Cálce 4 partido. Corola com tubo muito curto e bordo bilabiado; lábios escavados indivisos, dos quais, o inferior é sempre maior. Estames 2. Anteras biloculares. Todos os lóculos da antera férteis ou um deles modificado e estéril. Cápsula aguda, bivalvar; valvas bifendidas. Sementes estriadas ou gibosas. Ervas, arbustos ou subarbustos. Flores solitárias ou em cinzeiras.

Dispersão geográfica: Andes, Perú, Chile, Bolívia, Argentina, Brasil, México e Nova Zelândia.

Espécies indicadas para o Brasil:

* *C. aurea* Colla, Herb. Pedem. IV. 331 (1835), segundo Index Kew. 1935 — Brasil.

C. integrifolia Murr., em L. Syst. vegt. ed. 13 (1774) 61, não L. f. (cultivada).

C. pinnata L., Mant. II. (1771) 171 et Act. Holm. ed. 2. p. 86 t.8; Kranzlin Fr., Scrophulariaceae — Anthirrhinoideae — Calceolarieae, em Engl., Pflanzenreich (1907) 28. IV 257 c. — Chile, Perú, Bolívia, Brasil - Rio de Janeiro, (subespontânea).

C. chelidonioides H. B. K., Nov. Gen. et Sp. II (1817) 378; Kranzlin, Fr., Sewph. Antirrh. Calceolarieae em A. Engler Das Pflanzenreich IV. 257c. (1907) fig. 4 A.C. — Perú, Bolívia, Brasil. (subespontânea).

- | | |
|---|--------------------------|
| 1. Folhas pinatífidas | 2 |
| Sem esse característico | <i>C. integrifolia</i> |
| 2. Todos os loculos da antera férteis | <i>C. pinnata</i> |
| Sem esse característico | <i>C. chelidonioides</i> |

Material examinado:

1. *C. chelidonioides* H. B. K., H. J. B. 51776, Leg. O. C. Goes. e D. Constantino 278 (6-7-1943) Rio de Janeiro, Petropolis; H. J. B. 4605 Leg. D. Constantino e Pedro Occhioni (30-9-1921) Distrito Federal.

JOVELLANA Ruiz et Pav.:

Cálce 4 partido. Corola bilabiada, com o lábio superior pouco menor que o inferior. Estames 2, inseridos na base da corola; lóculos da antera paralelos entre si. Estigma capitado. Cápsula oval ou cônica, com valvas bifidas. Sementes estriadas.

Plantas herbáceas, eretas ou reptantes, ou subarbustos, com folhas opostas. Dispersão geográfica: Regiões temperadas da América tropical e Nova Zelândia.

Espécie cultivada no Brasil:

J. punctata Ruiz et Pav. Fl. Peruv. I. (1789) 12 t. 18 fig. a; Kranzlin Fr., Scrophul. Antirr. Calceolarieae, em Engler Pflanzenreich 18. (1907) — Chile.

NEMESIA Vent.:

Cálice 5-partido. Corola com tudo curto, dilatado em forma de calcar ou saco, bilabiada. Lábio anterior indiviso e o posterior 4-lobado. Estames 4, didínamos. Filetes dos estames anteriores curvados em torno dos posteriores. Lóculos da antera fundidos no ápice. Cápsula bivalvar; valvas indivisas. Sementes aladas.

Ervas tenras ou subarbustos com folhas opostas.

Dispersão geográfica: África do Sul.

OBS.: Dardano de A. Lima (4) menciona o gênero *Nemesia* para o Brasil. Não encontramos, porém, nenhuma indicação a respeito da espécie ou espécies do gênero em questão que foram aqui introduzidas.

LINARIA Juss.:

Cálice 5-partido; corola bilabiada, calcarada (fig. 5), personada; estames 4, didínamos; anteras biloculares; cápsula porícida ou valvar; lóculos da cápsula com 2-5 valvas; valvas dentiformes ou prolongadas até a base do fruto; sementes lanceoladas, ovais ou disciformes, rugosas, gibosas, foveolado-reticuladas, angulosas ou aladas. Ervas perenes, anuais ou subarbustos, com folhas palmatinerveas, peninerveas, longopecioladas ou sesseis.

Dispersão geográfica: Europa, África, Ásia.

Introduzida na América. No Brasil:

L. canadensis (L.) Dum., Cours Bot. cult. ed. I.II. 96 — América do Norte e do Sul; Subespontanea.

L. cymbalaria Mill., Card. Dict. ed. VII. n.º 17 — Europa. Cultivada.

- | | |
|--|----------------------|
| 1 Folhas palmatinerveas, longopecioladas | <i>L. cymbalaria</i> |
| Sem esse característico | <i>L. canadensis</i> |

Material examinado:

L. canadensis (L.) Dum., H. J. B. 51318, Leg. P. R. Reitz, c 709. (23-9-1944) Santa Catarina, Sombrio, Arar; H. J. B. 30243, Leg. W. A. Archer, (11-9-1936) Rio G. do Sul; H. J. B. 48447, Leg. Kleericoper, 18 (1943) R. G. do Sul; H. J. B. 48466, Leg. Kleericoper 22 (1943) R. G. do Sul, Lagôa dos Quadros.

ANTIRRHINUM L.:

Cálice 5-partido. Corola com tubo largo, ventricoso na base e com bordo bilabiado, personada. Estames 4. didínamos. Filetes alargados, geralmente, na parte superior. Anteras biloculares. Cápsula ou com lóculos desiguais, isto é, um deles com 1 poro e o outro com 2 poros dentiformes, ou com 2 lóculos iguais, tendo cada qual 1 póro. Sementes rugosas ou lisas. Ervas anuais ou perenes, ou subarbustos, com folhas indivisas ou lobadas.

Flores, geralmente, grandes, axilares ou dispostas em ráculos.

Dispersão geográfica: Hemisfério Norte, principalmente América do Norte. Muitas espécies foram introduzidas na América do Sul e Austrália.

No Brasil há duas espécies:

A. majus L., Sp. pl. 859; Schmidt, Flora Bras. Mart. VIII — I. 267 — América do Norte; cultivada.

A. orontium L., Sp. Pl. 617. — Europa, África e Ásia. Subespon-tanea.

Folhas alternas; corola personada *A. majus*

Sem o conjunto desses caracteres *A. orontium*

Material examinado:

A. orontium L., H. J. B. 71124, Leg. Apparicio P. Duarte, 3061 (1-8-1950) Minas Gerais, Est. Exp. do Trigo. 830m.

MAURANDIA Ort.:

Cálice 5-partido. Corola com tubo longo, bordo bilabiado, com 5 lobos bastante uniformes. Estames 4, didínamos. Filetes espessados na parte superior. Cápsula com deiscência transversal ou com poros irregulares. Sementes aladas ou não. Trepadeiras; pecíolos e pedicelos com função de gavinha. Flores axilares, geralmente, grandes, de colorido vivo.

Dispersão geográfica: México.

No Brasil são cultivadas as espécies:

M. Barclaiana Lindl., Bot. Reg. t. 1108. — México.

M. erubescens A. Gray. in Proc. Am. Acad. vii. (1868) 377. — México.

Sementes aladas *M. erubescens*

Sementes não aladas *M. Barclaiana*

Material examinado:

M. erubescens A. Gray., H. J. B. 51769, Leg. O. C. Goes e Dionisio, 646 (X-1943) Rio de Janeiro, Petropolis (cultivada); H. J. B. 51768, Leg. O. C. Goes e Dionisio, 798 (XI-1943) Rio de Janeiro, Petropolis.

RUSSELIA JACQUIN.:

Cálice 5-partido. Corola com tubo longo e bordo bilabiado, 5-lobado. Estames 4, didínamos, inclusos. Lóculos da antera divergentes, fundidos no ápice. Estaminódio muito curto ou nulo. Estigma capitado. Cápsula septicida com valvas bipartidas. Sementes dispostas entre formações piliformes. hialinas.

Arbusto com ramos angulosos, sulcados, folhas opostas ou verticiladas, às vezes esquamiformes. Flores em panículas.

Dispersão geográfica: México, Chile e Perú.

R. juncea Zucc., in Flora., xv. (1832) II. Beibl. 99. — México.

Material examinado:

R. Juncea Zucc., H. J. B. 22654; Leg. Armando Frazão, Distrito Federal; H. J. B. 60626, Leg. P. Krieger P. Roth. 1118 (5-1-1947) Espírito Santo (cultivada).

SCROPHULARIA L.:

Cálice 5-partido, com lobos largos. Corola com tubo ventricososo e bordo bilabiado, 5 lobado. Estames 4, didínamos. Estaminódio esquamiforme, giboso ou nulo.

Lóculos da antera, na maturação, fundidos em 1.

Cápsula septicida, com valvas indivisa ou bipartidas. Sementes rugosas.

Ervas ou subarbustos com folhas opostas, pinatífidas ou indivisas. Cimeiras axilares com poucas flores, ou panículas terminais com muitas flores.

Dispersão geográfica: Regiões tropicais do hemisfério norte.

No Brasil ocorre a espécie:

S. aquatica L., Sp. Pl. 620. — Europa.; Caucas. Subespontanea.

Material examinado:

S. aquatica L., H. J. B. 22641, Leg. J. G. Kuhlmann, São Paulo, Est. Biologica.

PENTSTEMON MITCHELL.:

Cálice 5-partido. Corola com tubo longo, cilíndrico ou vesiculoso e bordo bilabiado, 5-lobado. Estames 4, didínamos. Estaminódio filiforme ou claviforme, geralmente, barbado. Cápsula septicida, com valva bipartida ou indivisa.

Sementes angulosas. Ervas perenes ou subarbustos, com flores dispostas em panículas ou ráceros, raramente solitárias, axilares. Flores grandes, de colorido vivo.

Dispersão geográfica: América do Norte, México e Ásia.

No Brasil é cultivada a espécie:

P. cobaea Nutt., in Trans. Am. Phil. Soc. N. S. v. (1837) 182.
— Am. bor. oce.

PAULOWNIA SIEB. ET. ZUCC.:

Cálice 5-partido, com lacínios obtusos. Corola com tubo longo, um pouco curvo e bordo bilabiado, 5-lobado. Estames 4, didínamos. Cápsula loculicida, com valvas indivisas.

Sementes com alas longitudinais, membranáceas. Árvore de crescimento rápido, com folhas e flores grandes. Flores dispostas em panículas.

Dispersão geográfica: China, Japão.

Espécie cultivada no Brasil:

P. imperialis Sieb. et Zucc. Fl. Jap. I. 25. t. 10 (1835).

MIMULUS L.:

Cálice tubuloso. anguloso. Corola com tubo distinto, mais ou menos bilabiada, 5-lobada. Estames 4, didínamos, inseridos na base do tubo da corola. Estigma bilobado, infundibuliforme ou escutiforme. Cápsula loculicida, com valvas indivisas, raramente bipartidas. Ervas ou pequenos arbustos, glabros ou pilosos, geralmente glandulosos. Flores, geralmente, de colorido vivo.

Dispersão geográfica: América do Norte, Ásia do Sul e Oriental, Austrália e África Oriental.

No Brasil é subespontânea a espécie:

M. luteus Linn. Sp. Pl. ed II. 884. — Am. bor. et austr.

MAZUS LOUR.:

Cálice campanulado, 5-denteado. Corola bilabiada, com tubo relativamente curto. Estames 4, didínamos. Estilete bilobado. Cápsula loculicida, com valvas indivisas. Ervas pequenas, com flores azuis ou albas.

Dispersão geográfica: China, Austrália, e sudoeste da Ásia.

No Brasil é subespontânea a espécie:

M. japonicus Bonati, in Bull. Herb. Boiss. Sér. II. VIII. 436 (1908) — Japão.

Material examinado:

M. japonicus Bonati. H. J. B. 51770, Leg. O. C. Goes e Dionisio Constantino 206 (30-VI-1943) Rio de Janeiro, Petropolis; H. J. B. 58156, Leg. A. C. Brade (VIII-1946) Rio de Janeiro, Jardim Botânico; H. J. B. 62039, Leg. G. Hatschbach, e H. Rodrigues Jr. 758, Paraná, Piraquara; H. J. B. 15788, J. G. Kuhlmann (19-3-1921) Distrito Federal, Mundo Novo, Botafogo.

STEMODIA L.:

Cálice 5-partido, com lacinios quase iguais entre si. Corola bila-
biada, com lábio superior emarginado e o inferior trilobado. Esta-
mes 4, didínamos, inclusos. Lóculos da antera, estipitados. Estígma
bilobado. Cápsula globosa ou oblonga, septicida ou loculida, bival-
var; valvas inteiras ou bifidas. Ervas ou subarbustos, geralmente
com pelos glandulíferos. Folhas opostas ou verticiladas. Flores so-
litárias, axilares ou dispostas em espigas ou ráculos.

Dispersão geográfica: América do Sul, Ásia tropical, África e
Austrália.

ESPÉCIES QUE OCORREM NO BRASIL:

1. *S. damaziana* Beauverd, em Bull. Herb. Boiss. Ser. II. VII. 151 (1907)
..... Minas Gerais.
2. *S. durantifolia* Sw., Obs. 240; Benth, DC. Prodr. X. 583; Schmidt, Fl. Bras.
Mart. VIII.I. 300 Bahia, Minas Gerais, Goiás.
3. *S. foliosa* Benth., em Hook. Journ. Bot. II. 46; DC., Prodr. X. 382; Schi-
midt, Fl. Bras. Mart. VIII.I. 297 Bahia, Minas Gerais, Goiás,
Ceará.
4. *S. hyptoides* Cham. et Schl., em Linnaea II.8; Benth., DC. Prodr. X. 384;
Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII.I. 302. t. LII. fig. 2 Sul do
Brasil.
5. *S. lobata* Schmidt, l.c. 293 Minas Gerais.
6. *S. lobelioides* Lehm., em Linnaea XI; Littbl. 91; Benth, DC. Prodr. X. 384;
Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII.I. 301-302 Sul do Brasil, Uruguai.
7. **S. macrotricha* Colla, Herb. Pedem. IV. 327 (1835) Brasil.
8. *S. microphylla* Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII.I. 298 Minas
Gerais.
9. *S. maritima* L., Sp. pl. 881; Benth, DC. Prodr. X. 383; Schmidt, Fl. Bras.
Mart. VIII.I. 299-300 Bahia, Minas Gerais.
10. *S. palustris* St. Hil., Pl. rem. 216; Benth, DC. Prodr. X. 383; Schmidt,
Fl. Bras. Mart. VIII.I. 301 Sul do Brasil.
11. *S. stricta* Cham. et Schlech., em Linnaea III.10; Benth, DC. Prodr. X. 384;
Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII.I. 302 Sul do Brasil.
12. *S. subhastata* Benth., em DC. Prodr. X. 381; Schmidt, Fl. Bras. Mart.
VIII.I. 296 Rio de Janeiro.
13. *S. trifoliata* Rchb., Icon. Exot. I. . t. 1; Benth, DC. Prodr. X. 382; Schmidt,
Fl. Bras. Mart. VIII.I. 297 Rio de Janeiro, S. Paulo.
14. *S. veronicoides* Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII.I. 298 Minas Gerais,
Bahia.
15. *S. verticillata* (Mill.) Boldingh, Zarfl. Landbouwstr. Java, 165 (1916); Kew
Bull. 1821, 211 Minas Gerais, Bahia, Piauí.

1. Folhas sesséis	8	
Folhas pecioladas	2	
2. Folhas lobadas, truncadas na base		<i>S. lobata</i>
Sem o conjunto desses caracteres	3	
3. Pedicelo da flor bibracteolado	4	
Sem esse característico	5	
4. Cálice até 8 mm. de comprimento; folhas maiores até 2 cm de comprimento		<i>S. microphylla</i>
Cálice com mais de 8 mm de comprimento; folhas maiores com mais de 2 cm de comprimento		<i>S. veronicoides</i>
5. Pedicelo da flor até 6 mm de comprimento	6	
Pedicelo da flor com mais de 6 mm de comprimento ..	7	
6. Plantas até 10 cm de comprimento; cápsula globosa; folhas até 1,5 cm de comprimento		<i>S. verticillata</i>
Sem o conjunto desses caracteres		<i>S. foliosa</i>
7. Filetes vilosos; corola com mais de 12 mm de comprimento		<i>S. damaziana</i>
Sem o conjunto desses caracteres		<i>S. trifoliata</i>
8. Planta glabra		<i>S. lobelioides</i>
Planta pillosa	9	
9. Folhas dilatadas na base	11	
Folhas não dilatadas na base	10	
10. Folhas linear-lanceoladas, acuminadas, até 1 cm de largura, glabras		<i>S. palustris</i>
Sem o conjunto desses caracteres		<i>S. stricta</i>
11. Folhas maiores até 12 mm de largura; entre nós foliares até 3,5 cm de comprimento	12	
Sem o conjunto desses caracteres		<i>S. hyptoides</i>
12. Base da folha com aurículas arredondadas; flores fasciculadas		<i>S. durantifolia</i>
Sem o conjunto desses caracteres		<i>S. maritima</i>

Material examinado:

S. durantifolia Sw., H. J. B. 67978, Leg.: João Evangelista de Oliveira (20-9-949) Goiás, Aragarcas; H. J. B. 15934 Leg.: ? — Joazeiro; H. J. B. 71127, Leg.: Apparicio P. Duarte, 3079 (13-8-950) Minas Gerais, Sete Lagoas.

S. Foliosa Benth., H. J. B. 26472, Leg.: Com. Serv. Compl. da Insp. F. O. C. Seeas, 53 — Paraiba, São Gonçalo; H. J. B. 28256, Leg.: A. C. Brade, 13863, Minas Gerais, Cons. Matta; H. J. B. 15587, Leg.: Dr. Pirajá — Bahia; H. J. B. 62133, Leg.: Carlos Leal (27-3-948) Pernambuco, Olinda; H. J. B. 64283, Leg.: Apparicio P. Duarte, 1325 (1948) Ceará, Crato.

S. hyptoides Cham. et Schecht, H. J. B. 61686, Leg.: Apparicio P. Duarte, 1031 (11-12-947) Rio de Janeiro, Baixada Fluminense, Estrada de Magé; H. J. B. 67544, Leg.: A. P. Duarte, 1842 (19-V-949) Paraná, Iguazu.

S. microphylla Schmidt, H. J. B. 40052, Leg.: Mello Barreto, Brade e Markgraf, 3502 (12-XI-938) Minas Gerais, Serra do Grão Mogol, 1100 m; H. J. B. 28257, Leg.: A. C. Brade, 13862 (VI-934) Minas Gerais, Diamantina; H. J. B. 69892, Leg.: L. Damazio — Minas Gerais, Ouro Preto.

S. maritima L., H. J. B. 61589, Leg.: L. Xavier, 1130 (1947) Paraíba; H. J. B. 64316, Leg.: Apparicio Pereira Duarte, 1266 (2-8-948) Ceará, Fortaleza; H. J. B. 62131, Leg.: Carlos Leal (27-3-948) Pernambuco, Olinda; H. J. B. 62134, Leg.: Carlos Leal (27-3-948) Pernambuco, Olinda; H. J. B. 35796, Leg.: Dias da Rocha 20 — Ceará, Fortaleza.

S. trifoliata Richb., H. J. B. 61308, Leg.: J. Falcão e Betzler, 32 (21-11-947) Distrito Federal; H. J. B. 69893, Leg.: L. Damazio — Minas Gerais, Ouro Preto; H. J. B. 29469, Leg.: A. C. Brade, 15274 (24-V-936), Rio de Janeiro, Bico do Papagaio; H. J. B. 5234, Leg.: J. G. Kuhlmann (V-1920) Distrito Federal; H. J. B. 16395, Leg.: D. Constantino (26-6-921) Distrito Federal, Morro dos Dois Irmãos.

S. veronicoides Schmidt, H. J. B. 26184, Leg.: A. C. Brade, 14660 (22-V-935) Rio de Janeiro, Itatiaia, Maromba 1000 m; H. J. B. 52141, Leg.: A. C. Brade 17395 (5-2-945) Rio de Janeiro, Itatiaia, Nova Picada, 1200 m; H. J. B. 62288, Leg.: A. C. Brade 18861 (17-2-948) Rio de Janeiro, Itatiaia, Último Adeus.

S. verticillata (Mill.) Boldingh., H. J. B. 22640, Leg.: J. G. Kuhlmann (19-1-923) Rio de Janeiro, Mundo Novo.

DESDEMONA Moore:

Cálice 5-partido; corola campanulada, com tubo longo, levemente curvo, e bordo bilabiado; lábio inferior da corola trilobado, com lobos quase iguais entre si, pouco menores que os do lábio superior. Estames 4, didínamos, inclusos; lóculos da antera divergentes; conectivo espesso. Lóculos do ovário 1-2 ovulados. Subarbusto baixo, com rizoma grosso, caule folhudo, creto. Folhas grandes, opostas, ou as inferiores alternas. Flores axilares; pedicelo bibracteolado.

Espécie única: *D. pulchella* Moore, em Trans. Linn. Soc. Ser. IV. II. (1895) 408. t. 27. fig. 2-9 Mato Grosso.

TETRAULACIUM Turcz.:

Cálice 5-partido, com um dos lacinios bem mais desenvolvido que os demais. Corola bilabiada, com o lábio superior indiviso ou emarginado e o inferior trilobado. Estames 4, didínamos. Antera com um dos lóculos atrofiado. Estilete, abaixo do estigma, tetra-alado. Cápsula loculicida e septicida, tetra valvar. Placentas bipartidas; sementes, relativamente, grandes. Plantas pilosas, rasteiras, com flores pequenas, azuis, axilares.

Dispersão geográfica: Brasil.

Espécie única: *T. veronicaefolium* Turcz., Bull. Mosq. XVI. ex Bot. Itg. 1844. 266; Benth, DC. Prodr. X. 379; Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII. I. 318-319 Bahia, Pernambuco, Ceará e Piauí.

Material examinado: *T. veronicaeforme* Turcz. H. J. B. 71109, Leg.: Carlos Leal 44 e Otavio Alves (1950) — Pernambuco; Olinda, Rio Doce.

DIZYGOSTEMON (Benth.) Radlk.:

Cálice 5-partido, com lacinio posterior maior que os demais. Corola bilabiada, com lábio superior indiviso ou emarginado e o inferior trilobado. Estames 4, didínamos. Anteras dos estames anteriores uniloculares e dos posteriores biloculares, com um dos lóculos estéril. Estilete filiforme. Cápsula loculicida, com valvas bipartidas. Ervas pilosas, com folhas opostas, flores pequenas, azuis, dispostas em espigas.

Área geográfica: Brasil (Piauí).

Espécie única: *D. floribundum* (Benth.) Radlk, em Sitzungsab. Acad. München XV.; Wettst., Scrophulariaceae, em Engl. und Prantl., Natürl. Pflanzf. IV. 3 b (1891) 74 Piauí, vila de Paranogoa.

ACHETARIA Cham. et Schlecht.:

Cálice 5-partido com um dos lacinios bem maior que os demais; corola bilabiada, com lábio superior indiviso ou emarginado e o inferior trilobado. Estames dois; antera bilocular com um dos lóculos, geralmente, atrofiado; estaminódios dois, pequenos. Estilete filiforme. Cápsula septicida. Flores axilares ou dispostas em espigas. Ervas pilosas, com folhas opostas.

Área geográfica: Brasil (Santa Catarina, Rio de Janeiro, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Pernambuco, Paraíba), Índias ocidentais.

Três espécies de *Achetaria* Cham. et Schlecht. são indicadas para o Brasil:

A. erecta (Spr) Wetts., Serophl., em Engl. und Prantl, Pflanzf. IV-3b, 74 Bahia, nas proximidades de Nazaré.
A. ocymoides (Cham. et Schlecht) Wetts., 1.c. Sta. Catarina, Rio de Janeiro, Bahia e Espírito Santo.
A. scutellarioides (Benth.) Wetts., 1.c. Pernambuco e Minas Gerais.

- | | |
|---|---------------------------|
| 1. Flores solitárias, axilares | 2 |
| Flores dispostas em espigas terminais | <i>A. ocymoides</i> |
| 2. Planta com pelos articulados | <i>A. erecta</i> |
| Sem esse característico | <i>A. scutellarioides</i> |

Material examinado:

A. ocymoides (Cham. et Schlecht) Wettst., H. J. B. 56340, Leg.: S. Araujo e E. Pereira 529 (25-5-946) Rio de Janeiro, Cabo Frio; H. J. B. 1725, Leg.: F. Toledo 681 (III-1913), S. Paulo, Sant'Ana; H. J. B. 1926, Leg.: F. Toledo e Brade, 714 (junho de 1913) Itatiaia, 800 m. de altitude; H. J. B. 17878, Leg.: J. G. Kuhlmann, 7 (11-XI-922) Sambaitiba, Rio de Janeiro; H. J. B. 508, Leg.: P. Campos Porto (1918) Itatiaia; H. J. B. 7405, Leg.: A. Frazão — Distrito Federal, Gávea; H. J. B. 51766, Leg.: O. C. Goes e D. Constantino, 212 (30-VI-943) Rio de Janeiro, Petropolis; H. J. B. 50528, Leg.: P. Moure, 970 (4-7-944) Paraná, Guaraqueçaba.

A. scutellarioides (Benth) Wettst., H. J. B. 52440, Leg.: Jayme M. Vasconcellos 326 (30-X-944), Paraiba, Areia; H. J. B. 22652, Leg.: ? (1884) Ceará, Alto da Serra de Ibipaba; H. J. B. 22647, Leg. - (XI-1886) Piaui.

OTACANTHUS L.:

Cálice 5-partido, com um dos lacínios foliáceo, desenvolvido e os demais estreitos, lineares; corola bilabiada; tubo da corola cilíndrico. Estames 2, inclusos; antera bilocular, com um dos lóculos esteril; estaminódios 2, pequenos; plaentas livres. Cápsula septicida, bivalvar. Sementes angulosas. Ervas ou subarbustos com folhas opostas e flores dispostas terminais. Bractéolas nulas.

Área geográfica: Brasil (Rio de Janeiro, Santa Catarina, Paraiba, Espírito Santo, Minas Gerais).

Espécies de *Otacanthus* L.:

O. caparaensis Brade, em Arq. Scr. Flor. II. IV. 1. 17-20 Minas Gerais, Serra do Caparaó.



O. coeruleus Lindl., em L. van Houtte, Flores des serres et jardins de l'Europa, vol. XV. 53-54, tab. 1526; Engl. Bot. Jahrb. XII. Beibl. 28 (1890) 15 Rio de Janeiro, Santa Catarina e Paraiba.

O. fluminensis Kuhlmann, em Arq. Ser. Flor. II. VI. 1. 17-20 Rio de Janeiro, Magdalena.

O. platyphilus Taubert, Engl. Bot. Jahrb. XII. Beibl. 28 (1890) 15 forma *longifolius* Taubert, l.c. Espirito Santo.
forma *brachyphyllus* Taubert, l.c. Rio de Janeiro e Espirito Santo.

forma *integrifolia* Kuhlmann, em Arq. Ser. Flor. II. IV. 1. 17-20 Espirito Santo.

- | | |
|---|--|
| 1. Planta glabra | <i>O. coeruleus</i> |
| Planta pilosa | 2 |
| 2. Folhas até 2 cm de comprimento, densamente pilosas, de margem revoluta | <i>O. caparaensis</i> |
| Sem o conjunto desses caracteres | 3 |
| 3. Folhas pecioladas | <i>O. fluminensis</i> |
| Folhas sessels | 4 |
| 4. Folhas até 3,5 cm de comprimento, crenadas | <i>O. platyphilus</i> , forma <i>brachyphyllus</i> |
| Sem o conjunto desses caracteres | 5 |
| 5. Folha de margem inteira | <i>O. platyphilus</i> , forma <i>integrifolia</i> |
| Folha de margem serrada | <i>O. platyphilus</i> , forma <i>longifolius</i> |

Material examinado:

O. caparaensis Brade, H. B. K. 46041, Leg.: A. C. Brade, 16974 (18-9-941) Minas Gerais, Serra do Caparaó.

O. coeruleus Lindl., H. J. B. 7129, Leg.: A. Frazão (XI-916) Distrito Federal, Tijuca; H. J. B. 52439, Leg.: Jayme de Vaseonecellos, 201 (25-X-944) Paraiba, Areia.

O. fluminensis Kuhlmann, H. J. B. 29474, Leg.: Santos Lima e A. C. Brade, 4168 (28-II-935) Rio de Janeiro, Magdalena, Morro da Estação 900 m.; H. J. B. 29474 A, Leg.: Santos Lima 292 (20-3-935) Rio de Janeiro, Magdalena, Serra do Tamanduá.

O. platyphilus (Radlk.) Taubert, forma *longifolius* (Radlk.) Taubert, H. J. B. 34359 (bis) Espirito Santo, Rio Doce, Estr. Durão-Linhares, Leg.: J. G. Kuhlmann, 187 (13-IV-934); H. J. B. 34359, forma *integrifolia* Kuhlmann, Leg.: J. G. Kuhlmann, 187 a (13-4-934) Espirito Santo, Rio Doce, campo nativo, estrada Durão-Linhares.

GRATIOLA L.:

Cálice 5-partido; corola com tubo largo e bordo bilabiado, 5-lobado. Estames 2; lóculos da antera paralelos entre si; estaminódios 3, 2 ou faltos. Cápsula loculicida ou septicida, tetralvalvar. Ervas glabras ou glandulosas, com folhas opostas. Flores axilares; pedicelo bibracteolado; corola alba ou lilás, raramente amarela.

Área geográfica: Difundido pelo mundo todo, principalmente pelas regiões não tropicais.

Espécie citada para o Brasil: *G. peruviana* L., Sp. Pl. I. 5; DC. Prodr. X. 403; Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII-I 292 America Austral.

Material examinado:

G. peruviana L., H. J. B. 65668, Leg.: A. C. Brade, 19696 (17-II-949) Paraná, Serra da Esperança, brejo, 1100 m; H. J. B. 62697, Leg.: A. C. Brade, 19096 e Silva Araujo (8-V-948) Minas Gerais, Passa Quatro, Sertão dos Martins 1400 m; H. J. B. 62289, Leg.: A. C. Brade, 18868 (21-II-948) Rio de Janeiro, Itatiaia, Estrada Nova, km 0; H. J. B. 29470, Leg. A. C. Brade, 15312 (21-V-936) São Paulo, Bananal, Sertão do Rio Vermelho, Bocaina.

ILDEFONSEA Gardn.:

Cálice 5-partido; corola com tubo longo, curvo e bordo bilabiado; estames 4, didínamos; lóculos da antera paralelos entre si; estaminódio pequeno. Cápsula loculicida, com valvas indivisas ou bifendidas. No "habitus" lembra *Gratiola* L.

Área geográfica: Brasil (Rio de Janeiro, Minas Gerais).

Espécie única: *I. bracteata* Gardn., Lond. Journ. Bot. I. 184; Benth, DC. Prodr. X. 402; Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII-I. 29. Rio de Janeiro, Minas Gerais.

GEOCHORDA Cham. et Schlecht.:

Cálice 5-partido; corola com tubo muito curto e bordo bilabiado; lábio superior emarginado; estames 4, didínamos; lóculos da antera paralelos entre si. Cápsula loculicida; valvas indivisas. Plantas erbáceas, reptantes; flores azuis, axilares.

Área geográfica: Sul do Brasil e Uruguai.

Espécie única: *G. cuneata* Cham. et Schlecht., em Linnaea II. II; Benth., DC. Prodr. X. 401; Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII-I 261 Rio Grande do Sul e Montevideo.

CONOBEA Aubl.:

Cálice 3-partido; corola bilabiada; estames 4, didínamos, inclusos; lóculos da antera paralelos entre si; estigma bilobado. Cápsula globosa ou oval, com valvas inteiras ou bifidas. Sementes numerosas,

estriadas. Ervas anuais ou perenes, eretas, glabras ou pouco pilosas, geralmente paludosas. Flores axilares, solitárias ou aos pares; pedicelo bibracteolado. Corola azul ou alba.

Área geográfica: Trópicos da América.

Para o Brasil, são indicadas três espécies:

C. aquatica Aubl., Pl. guian. 639, t. 258; Benth., DC. Prodr. X. 390; Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII-I. 239 Rio de Janeiro, Piauí, Goiás, Bahia.

C. punctata Nees et Mart., Nov. Act. nat. Cur. XI. 43; Schmidt, l.c. 295 Bahia, Minas Gerais.

C. scoparioides Benth., em DC. Prodr. X. 391; Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII-I. 294 t. II Minas Gerais, Bahia, Alagoas, Maranhão, Pará.

- | | |
|--|------------------------|
| 1. Folhas orbiculares | <i>C. aquatica</i> |
| Folhas não orbiculares | 2 |
| 2. Folhas ovais, escabras na página ventral; flores geminadas; cápsula oblonga | <i>C. punctata</i> |
| Sem o conjunto desses caracteres | <i>C. scoparioides</i> |

Material examinado:

C. aquatica Aubl., H. J. B. 22650, Leg.? (1884) Maranhão, entre Caxias e Terezina.

C. scoparioides Benth., H. J. B. 46042, Le.: A. C. Brade, 16864 (6-9-941), Minas Gerais, Serra do Caparaó, 800 m; H. J. B. 67193, Leg.: A. C. Brade, 19750 (4-V-1949) Espírito Santo, Mun. de Cachoeira do Itapemirim, Vargem Alta; H. J. B. 17884, Leg. J. G. Kuhlmann, 718 — Acre, São Luiz; H. J. B. 56664, Leg.: A. C. Brade, 18315, Altamiro e Apparicio P. Duarte — Espírito Santo, Mun. de Itaguaçu, Alto Limoeiro.

BACOPA Aubl.:

Cálice 5-partido, com segmentos desiguais, sendo 3 largos, geralmente foliáceos, e 2 estreitos (fig. 30); corola bilabiada, com o lábio superior emarginado ou bilobado e o inferior trilobado. Estames 2, 3, 4 ou, em uma espécie, 5. Lóculos da antera paralelos entre si, sesséis. Cápsula septicida e loculicida ou só loculicida. Sementes numerosas, pequenas. Bractéolas nulas ou presentes, dispostas abaixo do cálice. Ervas eretas, reptantes ou natantes, com flores axilares azuis ou albas. Folhas opostas.

Área geográfica: Regiões tropicais e subtropicais, principalmente da América.

ESPÉCIES QUE OCORREM NO BRASIL:

Secção I. *Mella* (Vandelli) Wettst.

- B. acuta* (S. Moore) Pennell, em Proc. Acad. Nat. Trans. Sc. Phil. XCVIII. 92. (1946) Cuiabá, prox. a Melgaço.
B. angulata (Benth.) Edwall, vide Pennell, 1.c. Cerá, Piauí.
B. arenaria (Schmidt) Edwall, vide Pennell, 1.c. Pará, Mato Grosso.
B. bacopoides (Benth.) Edwall, vide Pennell, 1.c. Pernambuco.
B. cochlearia (Huber) L. B. Schmidt, em Contb. Gray Herb. n.s. CXVII. 38 (1937) Ceará
B. congesta Chodat et Hassler, em Bull. Herb. Boiss. Ser. II. IV. 289 Paraguai, Brasil (S. Paulo).
B. depressa (Benth) Edwall, vide Pennell, 1.c. Ceará, Pernambuco, Bahia e Piauí.
B. elongata (Benth.) Pennell, em Procd. Acad. Nat. Trans. Sc. Phil. XCVIII. 92 (1946) Goiás.
B. gracilis (Benth.) Edwall, vide Pennell, 1.c. Mato Grosso.
B. gratioloides (Cham) Edwall, vide Pennell, 1.c. Bahia.
B. laxiflora (Benth.) Edwall, vide Pennell, 1.c. Piauí.
B. monnieroides (Cham) Robinson, em Proc. Amer. Acad. XLIV. 614 (1909) Goiás, Paraná, S. Paulo, Minas Gerais e Piauí.
B. monosticta (Schlecht) Pennell, em Proc. Acad. Nat. Trans. Sc. Phil. XCVIII. 92. (1946) Brasil (onde?)
B. parvula (S. Moore) Pennell, em 1.c. Mato Grosso.
B. reptans (Benth.) Edwall, vide Pennell, 1.c. Minas Gerais.
B. sessiliflora (Benth.) Edwall, vide Pennell, 1.c. Pará, Amazonas.
B. stellarioides (Cham.) Edwall, vide Pennell, 1.c. Bahia, Piauí.
B. stricta (Schrader) Edwall, vide Pennell, 1.c. Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Goiás, Minas Gerais, Ceará, Espirito Santo, Paraíba.

Secção II. *Eubacopa* Wettst.

- B. aquatica* Aubl., Pl. guian. I. 128. t. 49; Benth., DC. Prodr. X. 401; Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII-I. 317 Bahia, Piauí, Ceará.

Secção III. *Bramia* (Lamarck) Pennell

- B. monnieri* (L.) Pennell, em Procd. Acad. Nat. Sc. Phil. XCVIII. 92 (1946) Rio de Janeiro, Santa Catarina.

Secção IV. *Herpestis* (C. F. Gaertner) Pennell

1. Subs. *Monocardia* (Pennell) Pennell

- B. lilacina* (Pennell) Standley, em Publ. Field. Mus. Nat. Hist. Chicago, Bot. Ser. XI. 147 (1936) Ceará, Colombia.
B. Salzmannii (Benth.) Edwall, vide Pennell, Proc. Acad. Nat. Sc. Phil. XCVIII. (1946) 95 Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas Gerais, Bahia, Pará.

2. Subs. *Euherpestis* Pennell

B. cyclophylla Fernald, em *Rhodora* 939. XLI. 446 Carolina do Norte, Brasil (Paraná).

3. Subs. *Hydrantheum* (H. B. K.) Pennell

B. egensis (Poepp.) Pennell, em *Proc. Acad. Nat. Sc. Phil.* 96, (1946) XCVIII. Amazonas.

V. Seção *Chaetodiscus* (Benth.) Wettst.

1. Subs. *Hydrotrida* (Small) Pennell

B. lanigera (Cham. et Schlecht) Wettst., em *Nat. Pflanzf.* IV, 3b: 76, 1891 Minas Gerais, Distrito Federal, S. Paulo.

B. marginata (Benth.) Pennell, *Proed. Acad. Nat. Sc. Phil.* XCVIII. 98. (1946) Piauí.

B. serpyllifolia (Benth.) Pennell, l.c. Minas Gerais.

2. Subs. *Myriophylloides* (Benth.) Wettst.

B. myriophylloides (Benth.) Wettst., em *Nat. Pflanzf.* IV., 3b: 26, 1891 Mato Grosso, Minas Gerais.

3. Subs. *Naiadothrix* (Pennell) Pennell

B. reflexa (Benth.) Edwall, vide Pennell, em *Proc. Acad. Nat. Sc. Phil.* XCVIII. 98 (1946) Pará, Mato Grosso.

- | | | |
|---|----|---------------------------|
| 1. Folhas multipartidas (fig. 50) | 2 | |
| Folhas inteiras | 3 | |
| 2. Sépalas externas ovais, diferentes das internas (figs. 30, 49) | | <i>B. myriophylloides</i> |
| Sépalas externas lineares, iguais ou quase iguais às internas | | <i>B. reflexa</i> |
| 3. Folhas oblongas, lineares ou lanceoladas | 4 | |
| Folhas ovais ou arredondadas | 22 | |
| 4. Flor com mais de 4 estames; cápsula globosa | | <i>B. aquatica</i> |
| Sem o conjunto desses caracteres | 5 | |
| 5. Folhas pecioladas | 19 | |
| Folhas sesséis | 6 | |
| 6. Uma das sépalas cocleariforme (fig. 36) | | <i>B. cochlearia</i> |
| Sem esse característico | 7 | |
| 7. Plantas até 10 mm. de comprimento | | <i>B. arenaria</i> |
| Plantas com mais de 10 mm. de comprimento | 8 | |
| 8. Sépalas externas agudas ou acuminadas | 11 | |
| Sépalas externas obtusas | 9 | |
| 9. Folhas de ápice acuminado | | <i>B. gratioloides</i> |
| Sem esse característico | 10 | |
| 10. Flores fasciculadas; sépalas internas agudas | | <i>B. monnieroides</i> |
| Sem o conjunto desses caracteres | 14 | |

11. Plantas até 20 cm. de comprimento; folhas até 5 mm. de comprimento	21
Sem o conjunto desses caracteres	12
12. Folhas pilosas, até 3 cm. de comprimento	13
Folhas glabras, com mais de 3 cm. de comprimento ..	17
13. Sépalas maiores com 7-8 mm. de comprimento, cordiformes na base e acuminadas no ápice	<i>B. acuta</i>
Sem o conjunto desses caracteres	15
14. Folhas longo atenuadas na base; sépalas externas membranaceas, com mais de 9 mm. de comprimento	<i>B. bacopoides</i>
Sem o conjunto desses caracteres	18
15. Ramos tetrangulados; folhas acuminadas, pontuadas de glandulas	<i>B. angulata</i>
Sem o conjunto desses caracteres	16
16. Folhas escabras no dorso e auriculadas na base; sépalas ciliadas	<i>B. laxiflora</i>
Sem o conjunto desses caracteres	20
17. Base da folha longo atenuada, folhas serreadas na margem; cápsula globosa, glandulosa	<i>B. laxiflora</i>
Sem o conjunto desses caracteres	<i>B. depressa</i>
18. Sépalas externas ovais, reticuladas, membranáceas ..	<i>B. stellarioides</i>
Sem o conjunto desses caracteres	<i>B. reptans</i>
19. Planta ereta; folhas denteadas; sépalas obtusas	<i>B. stricta</i>
Sem o conjunto desses caracteres	<i>B. elongata</i>
20. Plantas glabras	<i>B. gracilis</i>
Plantas pilosas	<i>B. congesta</i>
21. Folhas linear-lanceoladas	<i>B. parvula</i>
Folhas oboval-cuneadas	<i>B. monnieri</i>
22. Ovário com um circulo de cerdas ao redor (fig. 48) ..	25
Sem esse característico	23
23. Plantas glabras	28
Plantas pilosas	24
24. Cápsula globosa	<i>B. egensis</i>
Cápsula não globosa	27
25. Folhas orbiculares	<i>B. lanigera</i>
Folhas não orbiculares	26
26. Corola duas vezes menor que o cálice; pedunculos solitários	<i>B. serpyllifolia</i>
Sem o conjunto desses caracteres	<i>B. marginata</i>
27. Flores alvas, até 4 mm de comprimento	<i>B. lilacina</i>
Sem o conjunto desses caracteres	<i>B. salzmännii</i>
28. Folhas arredondadas; estilete bipartido; sépalas reticulado-venulosas	<i>B. cyclophylla</i>
Sem o conjunto desses caracteres	<i>B. monnieri</i>

Material examinado:

B. arenaria (Schmidt) Edwall, H. J. B. 62008, Leg.: Dr. H. Sick, B. 360 (setembro de 1947) — Mato Grosso, rio Xingu; H. J. B. 19059, Leg.: Spruce (setembro de 1850) — Santarém, Pará; H. J. B. 3539, Leg.: Kuhlmann, 836 (agosto de 1913) Amazonas, base da Serra de Malacacheta, Rio Branco.

B. cochlearia (Huber) L. B. Schmith, H. J. B. 64318, Leg.: Apparicio P. Duarte 1212 e Ivone (28-7-948) — Ceará, Fortaleza; H. J. B. 22639 Leg.: J. Huber, 80 (1897) — Fortaleza, Ceará.

B. congesta Chodat et Hassler, H. J. B. 33019, Leg.: A. C. Brade, 15714 (III-937), São Paulo, Vila Ema, S. Caetano, no brejo; H. J. B. 22646, Leg.: Barbosa Rodrigues, s.n. — Minas Gerais, Caldas.

B. depressa (Benth.) Edwall, H. J. B. 14886, Leg.: M. A. Lisboa 2415 (14-X-909) Ceará, Serra Grande, S. Benedito; H. J. B. 5955, Leg.: Luetzelburg 1597 (1912) Pernambuco, Riachinho; H. J. B. 48045, Leg.: José Eugenio (S. J.) 1036 (1-7-939) Ceará, Baturité, caminho de Guaramiranga.

B. monnieroides (Cham.) Robinson, H. J. B. 6060, Leg.: Luetzelburg 1312 (1912) Goiás, Serra Duro; H. J. B. 62040, Leg.: G. Hatschbach 704 (21-5-947) Paraná, Mun. de Piraquara, 930 m.

B. stricta (Schröd.) Edwall, H. J. B. s.n. Leg.: A. C. Brade, s.n. (X-1941), Minas Gerais, Caparaó, perto da Vila, 800 m.; H. J. B. 48048, Leg.: José Eugenio (S. J.) 1071 (9-XI-937) Ceará, Serra de Baturité, sítio Caridade; H. J. B. 71236, Leg.: Jair Vieira 102 (IX-950) Espírito Santo, norte do Rio Doce; H. J. B. 56666; Leg.: A. C. Brade 18262, Altamiro e Apparicio P. Duarte (17-V-946) Espírito Santo, Mun. de Itaguaçu, Limociro-Santa Maria; H. J. B. 52437, Leg.: Jayme de Vasconcellos, 158 (10-X-944) Paraíba, Areia; H. J. B. 51777, Leg.: O. C. Goes e D. Constantino, 122 (5-VII-943) Rio de Janeiro, Petropolis; H. J. B. 61365, Leg.: Luiz Lanstyk, 19 (VI-939), Itatiaia; H. J. B. 62694, Leg.: A. C. Brade, 18921 e Silva Araujo (2-V-948) Minas Gerais, Passa Quatro; H. J. B. 29761,

Leg.: P. Campos Porto 2538 (27-VI-932) Minas Gerais, Pirapora.

B. lilacina (Pennell) Standl. H. J. B. 64317, Leg.: Apparicio P. Duarte 1214 e Ivone (29-7-948) Ceará, Fortaleza; H. J. B. 48038, Leg.: José Eugenio (S. J.) 1068 (16-XII-937) Ceará, Baturité; H. J. B. 48046, Leg.: José Eugenio (S. J.) 1067 (5-8-939) Ceará, Baturité.

B. salzmännii (Benth.) Edwall, H. J. B. 17993, Leg.: Capanema (XII-884) Piauí; H. J. B. 69897, Leg.: Damazio 165 (29-IV-914) Minas Gerais, Ouro Preto; H. J. B. 5736, Leg.? Procedencia?; H. J. B. 59382, Leg.: Apparicio P. Duarte, 267 (30-8-946) Minas Gerais, Maria da Fé; H. J. B. 58814, Leg. Apparicio P. Duarte, 538 (18-XI-946) Minas Gerais, Carandaí, Crespo; H. J. B. 62696, Leg. A. C. Brade, 18927 e Silva Araujo (2-V-948) Minas Gerais, Passa Quatro; H. J. B. 65559 Leg.: Pires e Black 1465 (16-IV-947) Pará, Belem.

B. cyclophylla Fernald, H. J. B. 73486, Leg.: Apparicio P. Duarte 3391 e J. Falcão (8-12-950) Santa Catarina, Canavieiras.

B. egensis (Poep.) Pennell, H. J. B. 19061, Leg.: Spruce, Amazonas, Barra do Rio Negro.

B. aquatica Aubl., H. J. B. 48047, Leg. José Eugenio (S. J.) 1066 (5-VIII-939) Ceará, Serra de Baturité, Lobato.

B. monnieri (L.) Pennell, H. J. B. 51765, Leg.: O. C. Goes e D. Constantino, 839 (12-943), Rio de Janeiro, Petropolis; H. J. B. 61687, Leg.: Apparicio P. Duarte, 1006 (9-12-947) Distrito Federal, Leblon; H. J. B. 22653, Leg.: Armando Frazão (VII-1915) Distrito Federal, Gávea.

B. lanigera (Cham. et Schlecht.) Wettst., H. J. B. 35276, Leg.: Prof. Burret e Brade, 16996 (XI-937) Minas Gerais, Pirapora; H. J. B. 6370, Leg.: P. Occhioni, s.n. — Distrito Federal, Lagoa Rodrigo de Freitas; H. J. B. 28258, Leg.: A. C. Brade, 13090 (XII-933) S. Paulo, Vila Ema.

B. marginata (Benth.) Pennell, H. J. B. 5928, Leg.: Leutzelburg, 1264 (1912), Piauí, Salgadinho, Brejo.

B. myriophylloides (Benth.) Wettst., H. J. B. 62007, Leg.: Dr. H. Sick, B. 359 (IX-947) Mato Grosso, Xingu.

B. reflexa (Benth.) Edwall, H. J. B. 17883, Leg.: A. Ducke, s.n. (14-4-923) Pará, Almerim, campos inundados do Jataí; H. J. B. 19058, Leg.: Spruce, Pará, Santarem; H. J. B. 59301, Leg.: H. Sick, B. 97 e B. 110 (18-X-946) Mato Grosso, Xavantina.

MECARDONIA Ruiz et Pav.:

Flores amarelas; cálice 5-partido, com segmentos desiguais entre si (fig. 30); corola bilabiada; estames 4, didínamos; lóculos das anteras estipitados (fig. 39); bracteolas nulas, ou duas, dispostas na base do pedicelo; sementes pequenas, numerosas; ervas com folhas opostas.

Área geográfica: Perú, Equador, Argentina, Uruguai, Brasil (Rio G. do Sul, S. Paulo, Minas Gerais, Bahia, Amazonas, Santa Catarina, Rio de Janeiro) Texas, México.

ESPÉCIES QUE OCORREM NO BRASIL:

- M. caespitosa* (Cham.) Pennell, em Proc. Acad. Nat. Sc. Phil., XCVIII. 87 (1946) Brasil tropical.
M. dianthera (Sw.) Pennell, 1.c. Perú, Equador, Brasil (Rio Grande do Sul, São Paulo, Bahia, Minas Gerais, Amazonas).
M. divaricata (Schmidt) Pennell, 1.c. Bahia.
M. grandiflora (Benth.) Pennell, 1.c. Argentina, Brasil (Rio Grande do Sul).
M. herniarioides (Cham.) Pennell, 1.c. São Paulo, Santa Catarina, Rio de Janeiro (Itatiaia).
M. montevidensis (Spreng.) Pennell, 1.c. Uruguai, Brasil meridional, Texas, México.
M. serpylloides (Cham. et Schlecht) Pennell, 1.c. São Paulo, Minas Gerais.
M. tenella (Cham. et Schlecht) Pennell, 1.c. Brasil austral.

- | | |
|---|-------------------------|
| 1. Ramos angulosos, alados | 8 |
| Sem esse característico | 2 |
| 2. Pedicelo até 1 cm. de comprimento | 6 |
| Pedicelo com mais de 1 cm. de comprimento | 3 |
| 3. Segmentos externos do cálice, acuminados | 4 |
| Segmentos externos do cálice não acuminados | 5 |
| 4. Segmentos externos do cálice cordiformes na base | <i>M. tenella</i> |
| Segmentos externos do cálice não cordiformes na base | <i>M. montevidensis</i> |
| 5. Plantas glabras | 7 |
| Plantas pilosas | <i>M. divaricata</i> |
| 6. Segmentos externos do cálice obtusos; folhas ovais, obtusas no ápice | <i>M. herniarioides</i> |
| Sem o conjunto desses caracteres | <i>M. serpylloides</i> |

- | | |
|---|-------------------------|
| 7. Folhas até 5 mm de comprimento | <i>M. herniarioides</i> |
| Folhas com mais de 5 mm de comprimento | <i>M. dianthera</i> |
| 8. Folhas cordiforme-amplexocaulas; segmentos externos do
cálice oblongo-ovais | <i>M. grandiflora</i> |
| Sem o conjunto desses caracteres | <i>M. montevidensis</i> |

Material examinado:

M. dianthera (Sw.) Pennell, H. J. B. 17902 — Boa Vista do Ararí, abaixo de Manaus, Amazonas. Leg.: J. G. Kuhlmann, 128 — H. J. B. 19056, ad oram meridionalem flum. Amazonam, ad ostium flum. Solimões, jun, 1851. Leg.: Spruce, 1592.

M. herniarioides (Cham.) Pennell, H. J. B. 39560 — Itatiaia, Planalto, 2000 m., brejo. Leg.: Markgraf, 3662 e Brade (22-28-XI-938) — H. J. B. 42698 — S. Paulo, Campos do Jordão. Leg.: Goro Hashimoto, 8 (22-X-938) — H. J. B. 51322, Santa Catarina, Arar. Sombrio. Leg.: P. R. Reitz, 730 (27-IX-944) — H. J. B. 52140, Itatiaia, Taquaral, 1100 m. Leg.: Brade, 17494 (23-II-945) — H. J. B. 54777, Itatiaia, Macieiras. Leg.: Altamiro e Walter, 145 (11-X-945).

M. serpylloides (Cham. et Schlech.) Pennell, H. J. B. 14909; — H. J. B. 58815, Carandaí, km. 417, Minas Gerais. Leg.: Apparicio Duarte, 583 (20-XI-946).

M. montevidensis (Spreng.) Pennell, H. J. B. 67542, Leg.: Apparicio P. Duarte 1635 e E. Pereira (17-V-949) Paraná, Parque Nacional do Iguaçu.

MICRANTHEMUM Michx.:

Cálice pequeno, 4-5-partido; corola bilabiada, com lábio superior muito curto e o inferior trilobado, sendo o lábio mediano maior que os laterais. Estames 2, com filetes curtos. Filetes alargados na base, ou com apêndice. Erva tenra, rasteira, com flores pequenas, axilares.

Dispersão geográfica: Trópicos e subtropicos da América.

Espécie que ocorre no Brasil:

M. umbrosum (Walt.) Blake, em Rhodora 17: 131, 1915
Uruguai, Sul do Brasil, Rio de Janeiro e Bahia.

Material examinado:

M. umbrosum (Walt.) Blake, H. J. B. s.n., Leg.: Otavio (4-4-946) colhida no parque do Jardim Botânico do Rio

de Janeiro; H. J. B. 48460, Leg.: G. Tessmann, 6074 (23-2-943) Paraná, Faxinal, S. Sebastião; H. J. B. 34925, Leg.: G. Tessmann (23-II-937) Paraná, Rolandia; H. J. B. 22632, Leg.: J. G. Kuhlmann, s.n., colhida no Parque do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

LIMOSELLA L.:

Cálice campanulado, 5-dentado; corola com tubo curto e bordo 5-lobado, quase actinomorfa; estames 4; lóculos da antera fundidos no ápice em um; cápsula com valvas indivisas. Planta pequena, reptante ou acaule, com folhas rosuladas. Flores pequenas, axilares, albas, avermelhadas ou azuis.

Área geográfica: América, África, Austrália e Norte da Europa. *L. lineata* Glück, em Notizbl. Bot. Gart. Berlin, XII. 73; Cabrera, Angel-L. y Humberto A. Fabris — Plantas acuáticas de la provincia de Buenos Ayres, Publ. Tecn. V. n.º 2 (1948) 109 África austral, Madagascar, Nova Zelândia, Regiões antárticas, subspontanea no Brasil.

Material examinado:

L. lineata Glück, H. J. B. 1122, Leg.: Capanema (XI-1865) Rio Grande do Sul.

TORENIA L.:

Cálice tubuloso, 3-5-alado; corola com tubo gradativamente alargado para cima, bilabiada; lábio superior da corola indiviso ou emarginado e o inferior trilobado; estames 4 didínamos, com anteras coniventes, filetes posteriores com apêndice filiforme no local da inserção; cápsula septicida, com valvas indivisas. Ervas eretas ou ascendentes, com flores, geralmente, azuis, axilares ou dispostas em ráceros.

Área geográfica: África, Ásia, trópicos da América.

No Brasil há três espécies de *Torenia* L.:

T. Fournieri Linden, ex Fourn. em Illustr. Hort. XXIII. (1876) 129, t. 249 Cochinchina, cultivada no Brasil.

**T. Gavottiana* Buscalloni, em Ann. Bot. Roma, 1911 IX. 106 Pará.

T. thouarsii (Cham. et Schlech.) Kuntze, Rev. Gen. Plant. 2: 468, 1891 Madagascar, Brasil (Rio de Janeiro).

- | | |
|-----------------------|---------------------|
| 1. Cálice alado | <i>T. fournieri</i> |
| Cálice estriado | <i>T. thouarsii</i> |

Material examinado:

T. fournieri Linden, H. J. B. 7126, Leg.: A. Frazão (IX-916) — Distrito Federal (cultivada).

T. thoursii (Cham. et Schlech.) Kuntze, H. J. B. 68491, Leg.: Maria Amelia Monteiro (25-XI-945) Rio de Janeiro, arredores da Univers. Rural; H. J. B. 51771, Leg.: O. Campos Goes e D. Constantino 833 (12-943) Rio de Janeiro, Petropolis; H. J. B. 29472, Leg. A. C. Brade, 15007 (29-X-935) Rio de Janeiro, Sambaitiba; H. J. B. 17880, Leg.: J. G. Kuhlmann, 12 (11-XI-922) Rio de Janeiro, Sambaitiba.

LINDERNIA All.:

Cálice profundamente partido em 5-lacinios, iguais entre si, ou tubuloso, com bordo 5-denteado ou 5-lobado; corola bilabiada, com o lábio superior arredondado ou bilobado e o inferior trilobado. ou corola quase regular, com lacinios emarginados; estames 4, dos quais dois estão inseridos no tubo e dois na fauce da corola, ou 2 estames e 2 estaminódios claviformes (fig. 40); anteras coniventes ou não; filetes, geralmente, apendiculados na base; cápsula septicida, com valvas indivisas; septo placentário circundado por uma ala membranacea. Plantas herbáceas, com folhas opostas e flores dispostas em ráceros axilares ou terminais.

Área geográfica: Trópicos e subtropicos da Ásia, África e Austrália, sul e sudoeste da Europa e trópicos da América.

Espécies que ocorrem no Brasil:

L. crustacea (L.) F. v. M., em Benth., DC. Prodr. X. 413; Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII-I. 319 — Regiões tropicais do Velho Mundo; trópicos da América.

L. diffusa (L.) Wettst., Natürl. Pflanzf. IV-3b. 1895 Trópicos da América e Madagascar.

L. microcalyx Pennell et Stehle, em Stehle, Fl. Guadalupe et Depend. 2: 217 (1938) Guadalupe, subspontanea no Brasil.

L. vandellioides (Benth.) Pennell, n. comb., Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas Gerais.

1. Flor com 2 estaminodios claviformes (fig. 40) *L. microcalyx*
Sem esse caracteristico 2
2. Cálice 5-partido 3
Cálice 5-denteado *L. crustacea*
3. Corola quase regular, com lacinios emarginados; cálice com os segmentos fendidos até a base *L. vandellioides*
Sem o conjunto desses caracteres *L. diffusa*

Material examinado:

L. crustacea (L.) F. M., H. J. B. 48040, Leg.: José Eugenio (S. J.) 1065 (16-VI-937) — Ceará, Baturité; H. J. B. 3542, Leg.? Procedencia?

L. diffusa (L.) Wettst., H. J. B. 55249, Leg.: P. Occhioni, 570 e J. Falcão (6-V-946) Distrito Federal; H. J. B. 51772, Leg.: O. C. Goes e D. Constantino, 530 (9-1943) Rio de Janeiro, Petropolis; H. J. B. 45179, Leg.: Osvaldo Costa, s.n. (7-941) Minas Gerais; H. J. B. 1015, Leg.: J. C. Kuhlmann, J. Botânico.

L. microcalyx Pennell et Stehle, H. J. B. 69909, Leg.: A. C. Brade, Jardim Botânico do Rio de Janeiro; H. J. B. 17877, Leg.: Com. Rockefeller, Baixada Fluminense, Rio de Janeiro; H. J. B. 67195, Leg.: A. C. Brade, 19820 (12-V-1949), Espirito Santo, Mun. de Castelo, Forno Grande; H. J. B. 48039, Leg.: José Eugenio (S. J.) 1069 (VIII-937) Ceará, Baturité; H. J. B. 48049, Leg.: José Eugenio (S. J.) 1070 (15-XI-1937), Ceará, Baturité; H. J. B. 58157, Leg.: Apparicio P. Duarte. 907 (IX-946) Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

L. vandelliioides (Benth.) Pennell, H. J. B. 65334, Leg.: Apparicio P. Duarte e Edmundo Pereira, (10-12-948) — H. J. B. 550, Leg.: J. G. Kuhlmann (2-X-922) S. Paulo, Santos; H. J. B. 17879, Leg.: J. G. Kuhlmann, 23 (11-XI-922) Rio de Janeiro; H. J. B. 57551, A. C. Brade 18612 e Apparicio P. Duarte, Rio de Janeiro, Tinguá; H. J. B. 72364, Leg.: A. C. Brade 20545 (25-XI-950) Rio de Janeiro, Angra dos Reis; H. J. B. 19179, Leg.: A. Ducke e J. G. Kuhlmann, Rio de Janeiro, estrada de Porto Estrela.

CAPRARIA L.:

Cálice 5-partido; corola quase campanulada, com 5-lacínios iguais entre si; estames de 4-5; lóculos da antera sesséis; bracteolas nulas; cápsula loculicida com valvas bifidas; sementes reticuladas. Ervas eretas ou subarbustos com folhas alternas. Flores albas, axilares, solitárias ou aos pares.

Área geográfica: Trópicos e subtropicos da América.

No Brasil só há uma espécie:

C. biflora L., Sp. Pl. 875; Benth, em DC. Prodr. X. 429; Schmidt. Fl. Bras. Mart. VIII-I. 239 Desde o México até o Brasil.

C. biflora L., H. J. B. 64473, Leg., Apparicio P. Duarte, 1334 e Ivone (10-8-948) Ceará, estrada que vai de Crato à Serra do Araripe; H. J. B. 70310, Leg.: Oswaldo Costa (7-950) Bahia (cultivada); H. J. B. 57171, Leg.: J. G. Kuhlmann (23-8-946) Bahia (cultivada no Jardim Botânico) H. J. B. 48042, Leg.: José Eugenio (S. J.) 1072 (VIII-937) Ceará, Serra de Baturité; H. J. B. 8731, H. J. B. 29760, Leg.: P. Campos Porto 2529 (26-VI-932) Minas Gerais, São Romão.

SCOPARIA L.:

Cálice de 4-5 partido; corola rotácea, 4-lobada, com lobos obtusos. Estames 4; cápsula septicida com valvas indivisas; sementes numerosas, pequenas. Arbus'io ramificado ou ervas com folhas opostas. Flores axilares, geralmente geminadas.

Área geográfica: Trópicos da América.

Lista das espécies de *Scoparia* que ocorrem no Brasil:

**S. brasiliensis* Chod., em Bull. Herb. Boiss. Ser. II. VII. 85 (1908) Brasil.

S. divaricata R. E. Fries, em Arkiv Bot. Stockh. 6. n.º 9. 15. (1907) Rio Grande do Sul.

S. dulcis L., Sp. Pl. 168; Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII.I 264 Regiões tropicais.

S. elliptica Cham. et Schlecht, em Linnaea VIII. 21; Benth. DC. Prodr. X. 431; Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII-I 265 Paraná.

S. ericacea Cham. et Schlecht., em Linnaea VIII. 22; Benth., DC. Prodr X. 432; Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII-I. 266 Rio Grande do Sul.

**S. macrantha* R. E. Fries, em Bull. Herb. Boiss. Ser. II.VII. 997 Brasil.

S. montevidensis (Spreng.) R. E. Fries, em Arkiv Bot. n.º 9. (1907) 22 Rio Grande do Sul, Uruguai, Paraguai, Argentina e Chile.

var. *glandulifera* (Fritsc) R. E. Fries, 1.c. 23 margens do rio Amazonas, entre Santarem e Obidos; Argentina.

S. neglecta R. E. Fries, 1.c. 23 Mato Grosso.

var. *intermedia* R. E. Fries, 1.c. Mato Grosso, Paraguai.

S. pinnatifida Cham., em Linnaea VIII. 22 (1833); Arkiv Bot. 6. n.º 9 16. tab. II. fig. 2 e tab. VIII. fig. 8 Santa Catarina.

S. purpurea Ridl., em Journ. Linn. Soc. XXVII. (1890) 51; Arkiv Bot. Stockh. 6 n.º 9 (1907) Ilha Fernando de Noronha.

- | | |
|---|-------------------------|
| 1. Cálice com 4 lacinios | 2 |
| Cálice com 5 lacinios | 3 |
| 2. Flores albas com pelos dispostos na base dos lacinios .. | <i>S. dulcis</i> |
| Sem o conjunto desses caracteres | <i>S. purpurea</i> |
| 3. Caule com pelos simples, articulados, esparsos | <i>S. elliptica</i> |
| Caule glabro ou com pelos glandulíferos | 4 |
| 4. Flores amarelas | 7 |
| Flores não amarelas | 5 |
| 5. Folhas pinatífidas | <i>S. pinnatifida</i> |
| Folhas não pinatífidas | 6 |
| 6. Pedunculos glabros | <i>S. divaricata</i> |
| Pedunculos com pelos glandulíferos | <i>S. ericacea</i> |
| 7. Folhas pinatífidas | 8 |
| Folhas não pinatífidas | <i>S. montevidensis</i> |
| 8. Pedunculos com pelos glandulíferos | <i>S. montevidensis</i> |
| var. <i>glandulifera</i> | |
| Sem o conjunto desses caracteres | <i>S. neglecta</i> |

Material examinado:

S. dulcis L., H. J. B. 68490, Leg.: M. Amélia Monteiro (30-XI-949) à margem da estr. de Belem, proximo à rodovia Rio-São Paulo; H. J. B. 51321, Leg.: P. R. Reitz, c 589 (17-V-944) Santa Catarina, Arar. Curralinhos; H. J. B. 48044, Leg.: José Eugenio (S. J.) 499 (1937) Ceará, Baturité; H. J. B. 55223, Leg.: P. Occhioni 508 (7-11-945) Distrito Federal; H. J. B. 7352, Leg.: Armando Frazão (1915) D. Federal, Gávea; H. J. B. 22634, Leg.: Capanema (III.1884) Ceará; H. J. B. 3031, Leg.: J. G. Kuhlmann, 187 A. (IV.1913) Ilha do Frio, Rio Branco, Amazonas; H. J. B. 54116, Leg.: Fritz Plaumann, 236 (1-XII-943) Santa Catarina, Nova Teutonia; H. J. B. 62132, Leg.: C. Gomes Leal (27-III-948) Pernambuco, Restinga de Olinda.

S. elliptica Cham. et Schlecht., H. J. B. 22636, Leg.: Capanema (IV.871) Paraná, Curitiba; H. J. B. 51319, Leg.: P. R. Reitz, c. 749 (29-9-944) Santa Catarina, Arar. Sombrio.

S. ericacea Cham. et Schlecht., H. J. B. 46177, Leg.: E. Vianna 128 (1941) Rio Grande do Sul.

S. montevidensis (Spreng.) Fries, var. *glandulifera* (Fries.) Fries, H. J. B. 22635, Leg.: J. G. Kuhlmann, 589 (10-10-923) Cachoela Esperanza, Bolívia.

S. neglecta Fries, H. J. B. 67543, Leg.: Apparicio P. Duarte, 1842 e E. Pereira, (19-V-949) Paraná, Parque Nacional do Iguaçu, Porto Franco.

VERONICA L.

Cálice de 4-5-partido, raramente 3-partido; corola com tubo curto ou mais ou menos alongado e bordo 4-5-lobado ou bilabiado; estames 2, com filetes longos: cápsula obcordiforme ou orbicular, geralmente comprimida, loculicida ou septicida. Ervas ou arbustos de "habitus" os mais diversos. Corola geralmente, azul; às vezes, vermelha ou branca e muito raramente amarela.

Área geográfica: Região quente e temperada dos dois hemisférios.

Espécies que ocorrem no Brasil:

V. anagallis-aquatica L., Spec. Plant. 12, 1753 Espécie europeia muito difundida no Brasil.

V. arvensis L. (?), Sp. 18; Bot. Soc. Brot. XXII. 186 Europa, Ásia e África Boreal, subspontanea no Brasil.

V. javanica Blume, Bijdr. Fl. Nederl. India 742, 1826 Planta javaneza, naturalizada no Brasil.

V. peregrina-xalapensis (HBK) Pennell, Torreya, 19: 167, 1919 America Boreal, subspontanea no Brasil.

V. persica Poir., Dict. Enc. VIII. (1808) 542; Bol. Soc. Brot. XXII. 185 Europa, Ásia temperada e África boreal, subspontanea no Brasil.

- | | |
|---|--|
| 1. Sementes escavadas | <i>V. persica</i> |
| Sem esse característico | 2 |
| 2. Flores axilares, solitárias | <i>V. javanica</i> |
| Sem o conjunto desses caracteres | 3 |
| 3. Racemos axilares | <i>V. anagallis-</i>
<i>-aquatica</i> |
| Racemos terminais | 4 |
| 4. Folhas ovais, trinerveas; plantas pilosas | <i>V. arvensis</i> |
| Folhas oblongas, subuninerveas; plantas glabras | <i>V. peregrina-</i>
<i>-xalapensis</i> |

Material examinado:

V. anagallis-aquatica L., H. J. B. 22643, Leg.: J. G. Kuhlmann, (21-X-922), São Paulo, Campo Grande.

V. arvensis L., H. J. B. 54117, Leg. Fritz Plaumann, 578 (11-8-944), Santa Catarina, Nova Teutonia.

V. javanica Blume, H. J. B. 17882, Leg.: J. G. Kuhlmann, Jardim Botânico do Rio de Janeiro, expontanea sobre gramados.

V. peregrina-xalapensis (HBK) Pennell, H. J. B. 29979, Leg.: W. A. Archer, 4404 (11-8-936) Rio Grande do Sul.

V. persíca Poir, H. J. B. 51775, Leg.: O. C. Goes, e D. Constantino 937 (12-943) Rio de Janeiro, Petropolis; H. J. B. 51778, Leg.: O. C. Goes e D. Constantino (5-943) Rio de Janeiro, Petropolis.

DIGITALIS L.:

Cálice 5-partido; corola com tubo ventricoso e bordo bilabiado; lábio superior curto, emarginado ou bipartido; lobo mediano do lábio inferior, geralmente, mais desenvolvido que os laterais; estames 4, didínamos, geralmente inseridos no tubo da corola; anteras coniventes; estigma curto bilobado; cápsula septicida com valvas indivísas. Ervas, raramente arbustos ou subarbustos, com caule simples ou ramificado em parte. Folhas alternas, geralmente mais aglomeradas na base. Flores grandes, amarelas ou vermelhas, dispostas em ráceros terminais.

Área geográfica: Europa, Ásia.

No Brasil são cultivadas duas espécies:

D. ferruginea L., Sp. Pl. 368 Europa Austral

D. purpurea L., Sp. Pl. 621 Europa

Lacínio mediano do lábio inferior da corola, mais longo que o tubo *D. ferruginea*

Lacínio mediano do lábio inferior da corola, menor que o tubo (fig. 29) *D. purpurea*

Material examinado:

D. purpurea L., H. J. B. 60460, Leg.: J. G. Kuhlmann (1941) São Paulo, Campos do Jordão.

ESCOBEDIA Ruiz et Pav.:

Cálice tubuloso, longo, anguloso, 5-dentado; corola com tubo longo, um pouco curvo, e bordo largo 5-lobado; estames 4, didínamos, inseridos no meio do tubo da corola; lóculos da antera paralelos entre si, aristados na base; cápsula loculicida, com valvas indivísas, envolvida pelo cálice. Ervas com pelos ásperos, cretas, com folhas alternas. Flores vistosas, albas.

Área geográfica: América do Sul e Central.

No Brasil só ocorre uma espécie:

E. curialis (Vell.) Pennell, em Proc. Acad. Sc. Phil. 1931, LXXXIII. 417 Minas Gerais, São Paulo, Paraguai.

Material examinado:

E. curialis (Vell.) Pennell, H. J. B. 66388, Leg.: A. Macedo, 1387 (14-XI-948) — Minas Gerais, Ituiutaba; H. J. B. 61748, Leg.: Apparicio P. Duarte, 1041 (10-I-948), Minas Gerais, Hermilio Alves, Açude; H. J. B. 32580, Leg.: P. Campos Porto, 2961, São Paulo, Campos do Jordão; H. J. B. 32581, Leg.: P. Campos Porto, 2989 (II-1937), São Paulo, Campos do Jordão; H. J. B. 29082, Leg.: P.

Campos Porto e Fagundes, 2223 (22-II-932) Minas Gerais, Belo Horizonte; H. J. B. 14898, Leg.? São Paulo, Barreto.

PHYSOCALYX Pohl:

Cálice, geralmente, campanulado ou estufado, colorido, reticulado, 5-denteado; corola 5-lobada. Estames 4, didínamos; anteras barbadadas, aristadas na base. Cápsula loculicida, com valvas indivisas, envolvida pelo cálice. Arbustos com pelos ásperos. Flores vermelhas ou amarelas, dispostas em ráceros terminais.

Área geográfica: Brasil.

O gênero compreende duas espécies:

P. aurantiacus Pohl, Fl. Bras. ic .I. 65. t. 53; Benth., DC. Prodr. X. 337; Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII-I. 271-272 Minas Gerais.

P. major Mart., Nov. Gen. et Sp. III. 2 t. 201; Benth., DC. Prodr. X. 387; Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII-I 271 Minas Gerais.

- | | |
|--------------------------------------|-----------------------|
| 1. Bracteolas linear-subuladas | <i>P. major</i> |
| Bracteolas oblongo-ovais | <i>P. aurantiacus</i> |

Material examinado:

P. aurantiacus Pohl., H. J. B. 59988, Leg. Walter Egler, 0313 (13-I-1947) Minas Gerais, Diamantina; H. J. B. 28341, Leg.: A. C. Brade 14729 (16-IV-935) Minas Gerais, Serra do Cipó; H. J. B. 28247, Leg.: A. C. Brade 13872 (VI-934) Minas Gerais, Diamantina; H. J. B. 28246, Leg.: A. C. Brade 13869 (VI-934) Minas Gerais, Cons. Matta. *P. major* Mart., H. J. B. 69891, Leg.: Damazio, 59 Minas Gerais; H. J. B. 28242, Leg.: Melo Barreto e Brade 14730 (14-IV-935) Minas Gerais, Serra do Cipó, km. 137; H. J. B. 28245, Leg.: A. C. Brade, 13449 (VI-934) Minas Gerais, Diamantina; H. J. B. 68908, Leg.: Apparicio P. Duarte, 2028 (4-XII-949), Minas Gerais, Serra do Cipó.

MELASMA Berg.:

Cálice oval, anguloso, estufado, 5-denteado; corola com tubo largo e bordo 5-lobado; estames 4, didínamos; lóculos da antera apiculados na base, cápsula loeulieida, com valvas indivisas ou bifidas, envolvidas pelo cálice; sementes numerosas, eunciforme-alongadas, comprimidas, reticuladas. Ervas com pelos ásperos; flores amarelas ou albas, dispostas em espigas ou ráceos terminais.

Área geográfica: América e África.

No Brasil ocorrem três espécies de *Melasma*, a saber:

M. melampyroides (Rich.) Pennell, ex Britton et Wilson, em Se. Surv. Porto Rico et Virgin. Island, VI. 188. (1925) Guianas, Brasil, Paraguai.

M. rhinanthoides Benth., Companion bot. Mag. I. 202; DC. Prod. X. 338; Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII.I. 272-273 Sul do Brasil.

M. stricta (Benth.) Hassler, em Fedde. Repert. X. 348. (1912) São Paulo, Goiás.

- | | |
|-------------------------------------|-------------------------|
| 1. Flores pediceladas | <i>M. rhinanthoides</i> |
| Flores sesséis | 2 |
| 2. Folhas patentes, denteadas | <i>M. melampyroides</i> |
| Folhas cretas, não denteadas | <i>M. stricta</i> |

Material examinado:

M. melampyroides (Rich.) Pennell, H. J. B. 52438, Leg.: Jayne de Vasconcellos, 343 (30-X-944) Paraiba, Areia; H. J. B. 67197, Leg.: A. C. Brade, 19757 (5-V-949) Espírito Santo, Cachoeira do Itapemirim; H. J. B. 14559, Leg.: A. C. Brade 13115 e Santos Lima (28-II-934) Rio de Janeiro, Santa Magdalcna; H. J. B. 56665, Leg.: A. C. Brade, 18144 e Altamiro e Apparicio P. Duarte (11-V-946) Espírito Santo, Mun. de Itaguaçu, Alto Limoeiro; H. J. B. 62695, Leg.: A. C. Brade 18920 e Silva Araujo (2-V-948) Minas Gerais, Passa Quatro.

M. rhinanthoides Benth., H. J. B. 63350 Leg.: A. Mattos e L. Labouriau (26-II-948) Santa Catarina, Três Barras; H. J. B. 21133, Leg.: Tamandaré 500 (III-1913) Morro Jaraguá; H. J. B. 65669, Leg.: A. C. Brade, 19695 (17-II-949) Paraná, Serra da Esperança, 1100 m.

M. stricta (Benth.) Hassler, H. J. B. 42219, Leg.: A. C. Brade 16266 (III-940) São Paulo, entre Vila Ema e S. Bernardo; H. J. B. 22645, Leg.: Barbosa Rodrigues (III-1877) Minas Gerais, Caldas.

NOTHOCHILUS Radlk.:

Flores curto pediceladas; pedicelo bibracteolado; bracteolas opostas, oblongas, agudas, estreitadas na base; cálice espatáceo, denteado, anguloso; corola bilabiada, com lábio superior em forma de elmo, reticulada; estames 4, quase iguais entre si; filetes com pelos glandulosos; anteras barbadas; lóculos da antera separados, confluentes no ápice, mucronados na base; estigma capitado; ovário multi-ovulado; cápsula bivalvar.

Subarbusto de folhas opostas, glabras ou levemente pilosas, coriáceas, denteadas.

Área geográfica: Brasil (Minas Gerais).

Espécie única:

N. coccineus Radlk., em Sitz. Math. Phys. CL. Bayer. Akad. Wiss. XIX. (1889) 216-217 Minas Gerais.

Material examinado:

H. J. B. 46044, Leg.: A. C. Brade, 16967 (13-9-947) Minas Gerais, Serra do Caparaó, 2700 m. Pico do Camilo; H. J. B. 69890, Leg.: Kroner (13-III-18889) Ex Herb. Schwacke 6463, Minas Gerais, Campos de Caparaó, 2000 m.

MAGDALENAEA Brade:

Flores medianamente pediceladas; pedicelo bibracteolado; bracteolas lineares ou lanceoladas, agudas, cálice tubuloso, liso, profundo denteado, com os dentes mucronados; corola com tubo estreito, curto e bordo largo, 5-lobado, obliquamente truncado, reticulado; estames 4, quase iguais entre si; anteras barbadas, biloculares; lóculos da antera paralelos entre si, confluentes no ápice, mucronados na base; estigma capitado.

Arbusto hemiparaista (Brade!) com folhas opostas, glabras, sesseis, quinquenerveas.

Área geográfica: Brasil (Rio de Janeiro)

Espécie única:

M. Limae Brade, em Arquiv. Inst. Biol. Veg., Rio de Janeiro I. 235 (1935) Rio de Janeiro.

Material examinado:

M. Limae Brade, H. J. B. 29473, Leg.: Santos Lima e Brade (27-III-935) Rio de Janeiro, Sta. Magdalena, Pedra Dubois, 1100 m.; H. J. B. 24159, Leg.: Santos Lima e Brade 13191 (28-II-934) Rio de Janeiro Sta. Magdalena, Pedra Dubois 1100 m.

VELLOZIELLA Baill.:

Flores pediceladas; pedicelo bibracteado; bracteolas lanceoladas, acuminadas; cálice espátaceo, liso, de bordo inteiro, acuminado; corola com tubo curto e bordo obliquamente truncado, reticulado; estames 4, quase iguais; lóculos da antera mucronados na base. Subarbusto com folhas opostas.

Área geográfica: Brasil (Rio de Janeiro, Paraná).

O gênero é representado por duas espécies:

V. dracocephaloides (Vell.) Baill., em Bull. Soc. Linn. Paris, I (1886) 715 Rio de Janeiro.

V. Westermanii Dusen, em Arkiv Bot. Stockh. 9. n.º 15, 16 (1910) Paraná, Serra do Mar, nas proximidades do Desvio Ipiranga (Dusen, 7079).

Folhas estreitas, até 1,5 cm. de largura, peninervias, escabras *V. Westermanii*

Sem o conjunto desses caracteres *V. dracocephaloides*

Material examinado:

V. dracocephaloides Baill., H. J. B. 67811, Rio de Janeiro, Parque Nacional de Serra dos Orgãos, entre o Abriço II. e Frade, Leg.: A. C. Brade 20044 e Ed. Pereira (3-VI-949); H. J. B. 54778, Leg.: Altamiro e Walter, 146 (11-X-945) Itatiaia, Macieiras; H. J. B. 34730, S. Paulo, Campos do Jordão, Leg.: Campos Porto, 3394 (10-IX-937); H. J. B. 34395, Leg.: J. Santos Lima (outubro de 1936), Rio de Janeiro, Aguas Paradas do Vermelho, Sta. Magdalena, local úmido; H. J. B. 29471, Leg.: A. C. Brade, 15313 (20-V-936) São Paulo, Bananal, Sertão do Rio Vermelho, Bocaina; H. J. B. 43446, Leg.: A. C. Brade, 16564 (11-8-940), Rio de Janeiro, Serra dos Orgãos, Pedra do Roncador, 1650 m; H. J. B. 5758, Leg.: Campos Porto 192 (26-XII-915) Rio de Janeiro, Itatiaia.

ESTERHAZYA Mikan:

Cálice campanulado, 5-denteado; corola com tubo longo, alargando-se, gradativamente, para cima. Bordo da corola 5-lobado; estames 4, quase iguais entre si, muito exsertos, com anteras densolanuginosas; cápsula loculicida com valvas, geralmente, bipartidas. Arbusto com folhas inteiras e flores grandes, vermelhas, dispostas em ráceros terminais.

Área geográfica: Brasil.

Espécies de *Esterhazyia* Mikan:

E. macrodonta Cham. et Schlecht, em Linnaea VIII. 26; Benth.,

DC. Prodr. X. 514; Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII-I 276
 Minas Gerais, São Paulo.
E. nervosa Benth., DC. Prodr. X. 514; Schmidt, Fl. Bras. Mart.
 VIII-I 277 Goiás.
E. splendida Mikan, Delect. t. 5; Benth., Prodr. X. 514; Schmidt,
 Fl. Bras. Mart. VIII-I 513.
 forma *angustifolia* Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII-I. 513
 São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia.
 forma *latifolia* Schmidt, l.c. Rio de Janeiro, Mato
 Grosso, Minas Gerais, Goiás, Bahia.
 forma *longifolia* DC., Prodr. X. 514 São Paulo,
 Espírito Santo.

- | | |
|---|------------------------|
| 1. Lacínios do cálice lanceolados e acuminados (fig. 43) .. | <i>E. macrodonta</i> |
| Sem esse característico | 2 |
| 2. Folhas rígidas, cinereas | <i>E. nervosa</i> |
| Sem esse característico | 3 |
| 3. Folhas lineares | <i>E. splendida</i> f. |
| | <i>angustifolia</i> |
| Folhas lanceoladas | <i>E. splendida</i> f. |
| | <i>longifolia</i> |
| Folhas de ovais a oblongas | <i>E. splendida</i> f. |
| | <i>latifolia</i> |

Material examinado:

E. macrodonta Cham. et Schlecht, H. J. B. 34729, Leg.:
 Campos Porto, 3375 (10-IX-937) São Paulo, Campos do
 Jordão; H. J. B. 32578, Leg.: Campos Porto 3337 (II-937)
E. nervosa Benth., H. J. B. 22630, Leg.: Barbosa Rodri-
 gues (I-877) Minas Gerais, Caldas; H. J. B. 58817, Leg.:
 Apparicio P. Duarte, 594 (20-XI-946) Minas Gerais, Ca-
 randai, km. 418.
E. splendida Mikan, forma *latifolia* Schmidt, H. J. B.
 61505, Leg.: Louis O'Williams e V. Assis, 7064 (V-945)
 Minas Gerais, Serra do Curral, Mun. de Belo Horizonte
 1100-1200 m.; H. J. B. 28240, Leg.: A. C. Brade, 14726,
 e Mello Barreto 1143 (15-IV-935) Minas Gerais, Serra do
 Cipó; H. J. B. 69885, Leg.: L. Damazio, 1586 (29-IV-906)
 Minas Gerais, Ouro Preto; H. J. B. 69884, Leg.: L. Dama-
 zio, s.n. (1910) Minas Gerais; H. J. B. 69886, Leg.: L.
 Damazio, 1582, sem indicação de procedencia; H. J. B.

28254, Leg.: A. C. Brade, 13864 (VI-1934) Minas Gerais, Diamantina; H. J. B. 70801, Leg.: Apparicio P. Duarte, 2474 (15-IV-950) Minas Gerais, Serra do Cipó; H. J. B. 56560, Leg.: Luiz Edmundo Paes, 169 Rio de Janeiro, Nova Friburgo; H. J. B. 56805, Leg.: Pierre Danseraux, s.n. Itatiaia; H. J. B. 44870, Leg.: A. C. Brade, 16790 (21-4-941) Rio de Janeiro, Serra dos Orgãos, forma *longifolia* DC., H. J. B. 32577, Leg.: Campos Porto 2990, (II-937) São Paulo, Campos do Jordão; H. J. B. 33095, Leg.: L. Lanstyack (IV-937) São Paulo, Campos do Jordão; H. J. B. 67196, A. C. Brade, 19775 (12-V-949), Espirito Santo, Mun. de Castelo, Forno Grande, 1200 m., forma *angustifolia* Schmidt, H. J. B. 14560, Leg.: A. C. Brade, 13116 e Santos Lima (28-II-934) Rio de Janeiro, Sta. Magdalena; H. J. B. 406, Leg.: J. G. Kuhlmann, (19-8-922) Itatiaia; H. J. B. 34358, Leg.: J. G. Kuhlmann, 194 (13-IV-934) Espirito Santo, Linhares, Rio Doce; H. J. B. 25988, Leg.: Campos Porto 1943 (5-VII-929) Itatiaia; H. J. B. 65241, Leg.: C. Rizzini 479 (7-III-949) Rio de Janeiro, Serra dos Orgãos, km. 6,5; H. J. B. 28119, Leg.: Campos Porto, 2671 (18-I-935), Itatiaia; H. J. B. 69662, Leg.: Rizzini 479 (7-III-949) Rio de Janeiro, Serra dos Orgãos, campo das Antas, 1600 m., km. 6,5; H. J. B. 70264, Leg.: Othon Henry Leonardos (V-936), Goiás, Serra dos Pirineus; H. J. B. 70800, Leg.: Apparicio P. Duarte 2577, (21-IV-950) Minas Gerais, Serra do Cipó; H. J. B. 59610, Leg.: Apparicio P. Duarte, 842 (7-I-947) Itatiaia; H. J. B. 51320, Leg.: P. R. Reitz, c. 405, (20-I-944) Santa Catarina, Arar., Serra da Rocinha; H. J. B. 39559, Leg.: Markgraf 3683 e Brade (XI-938) Itatiaia; H. J. B. 46043, Leg.: A. C. Brade, 16888 (9-IX-941) Minas Gerais, Serra do Cipó, 2200 m.; H. J. B. 44869, Leg.: A. C. Brade, 16781 (21-IV-941) Serra dos Orgãos; H. J. B. 5741, Leg.: Campos Porto, 175 (26-XII-1915) Itatiaia; H. J. B. 28253, Leg.: A. C. Brade, 13450 (VI-934) Minas Gerais, Diamantina 1400 m.

ANISANTERINA Pennell:

Cálice campanulado, glabro, com lacínios curtos, triangulares, agudos; corola tubuloso-infundibuliforme, rosea, três vezes maior que o cálice, com lobos curtos, quase orbiculares; estames glabros;



lóculos da antera oblongos, obtusos, divergentes; estilete íntegro; cápsula subglobosa, obtusa, bivalvar, com valvas integras; pedicelo longo, bibracteado. Erva anual, hispida, com folhas lineares, estreitas.

Área geográfica: Brasil (Piauí, Paraíba, Amazonas, Bahia, Pará, Mato Grosso, Goiás).

Espécie única:

A. hispidula (Mart.) Pennell, em Mem. Torrey Bot. Club 16: 186 (1920).

Material examinado:

A. hispidula (Mart.) Pennell, H. J. B. 22628, Leg.: A. Ducke (27-VI-926) Pará, Vigia (campos); H. J. B. 3540, sem outras indicações.

GERARDIA L.:

Cálice campanulado, 5-denteado; corola com tubo longo e bordo 5-lobado; estames 4, didínamos, inclusos (às vezes, os dois maiores são exsertos); filetes pilosos; anteras glabras ou pilosas, geralmente, mucronadas na base, com lóculos paralelos entre si; cápsula loculicida, com valvas indivisas ou bipartidas; sementes numerosas. Ervas eretas ou subarbustos com folhas inteiras, raramente partidas; flores grandes, dispostas em ráceros terminais. Área geográfica: América do Norte, Central e do Sul.

Especies que ocorrem no Brasil:

G. angustifolia Mart., Nov. Gen. et Sp. III. 12 t. 206; Benth., DC. Prodr. X. 516; Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII-I. 279
..... Minas Gerais.

G. brachyphylla Cham. et Schlecht., em Linnaeae III. 15; Benth. DC. Prodr. X. 515; Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII-I 278
..... São Paulo, Minas Gerais.

var. *grandiflora* Diels, em Engler's Bot. Jahr. XII. Beibl. LX. 51 Diamantina, Minas Gerais.

G. communis Cham. et Schlecht., em Linnaeae III. 12; Benth., DC. Prodr. X. 516; Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII-I 280
Santa Catarina, Paraná e Rio de Janeiro.

G. genistifolia Cham. et Schlecht., em Linnaeae III.; Benth., DC. Prodr. X. 515; Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII-I 278
Sul do Brasil.

var. *elongata* Schmidt, l.c. Sul do Brasil.

G. linearoides Cham. et Schlecht., em Linnaeae III. 13; Benth., DC. Prodr. X. 516; Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII-I 279
..... Minas Gerais, Rio de Janeiro

G. Schwackeana Diels, em Engler's Bot. Jahrb. XXV. Beibl. LX. 51 Minas Gerais. Serra do Cipó.

1. Lacínios do cálice lineares ou lanceolados (fig. 43) 2
Lacínios do cálice triangulares ou denteados (fig. 41) .. 3
2. Fruto emarginado no ápice (fig. 42) *G. communis*
Sem esse característico *G. linearoides*
3. Folhas uninerveas 4
Folhas não uninerveas *G. genistefolia*
4. Folhas até 1 cm de comprimento *G. brachyphylla*
Folhas com mais de 1 cm de comprimento 5
5. Flores até 2 cm de comprimento; folhas até 1,5 cm de comprimento *G. Schwackeana*
Flores com mais de 2 cm de comprimento; folhas com mais de 1,5 cm de comprimento *G. angustifolia*

Material examinado:

G. angustifolia Mart., H. J. B. 28243, Leg.: Mello Barreto 1142 e Brade 14727 (16-IV-935) Minas Gerais, Serra do Cipó; H. J. B. 69888, Leg.: L. Damazio 2073, Minas Gerais, Serra do Cipó; H. J. B. 70802, Leg.: Apparicio Pereira Duarte, 2593 (21-IV-950). Minas Gerais, Serra do Cipó.

G. brachyphylla Cham. et Schlecht., H. J. B. 28244, Leg. Mello Barreto 1140 e A. C. Brade 14728 (14-IV-935) Minas Gerais, Serra do Cipó, km. 140; H. J. B. 68907, Leg.: Apparicio P. Duarte 2151 (6-XII-949) Minas Gerais, Serra do Cipó, km. 138; H. J. B. 70806, Leg.: Apparicio P. Duarte, 2592 (21-IV-950), Minas Gerais, Serra do Cipó; H. J. B. 70803, Leg.: Apparicio P. Duarte 2448 (15-IV-950) Minas Gerais, Serra do Cipó.

G. communis Cham. et Schlecht., H. J. B. 65666, Leg.: A. C. Brade 19478 (12-II-949) Paraná, Serra S. Luiz, 1000 m.; H. J. B. 65667, Leg.: A. C. Brade 19697 (13-II-949) Paraná, Ponta Grossa.

G. linearoides Cham. et Schlecht., H. J. B. 43445, Leg.: A. C. Brade, 16524 (31-VII-940) Rio de Janeiro, Serra dos Orgãos; H. J. B. 53182, Leg.: Fernando Segadas Vianna 117 (21-II-944) Rio de Janeiro, Serra dos Orgãos; H. J. B. 47331, Leg.: Edmundo Pereira, 248 (30-XI-942) Rio de Janeiro, Serra dos Orgãos.

G. Schwackeana Diels, H. J. B. 69889, Leg.: L. Damazio (1908) Minas Gerais, Serra do Cipó; H. J. B. 32579, Leg.: Campos Porto 3338 (II-937) — São Paulo, Campos do Jordão; H. J. B. 22629, Leg.: ? Banhados do Iguaçu.

BUCHNERA L.:

Cálice tubuloso, estriado, 5-denteado; corola hipocraterimorfa, 5-lobada (fig. 32); estames 4, didínamos, inclusos; anteras com valvas indivisíveis; sementes reticuladas, numerosas. Ervas, geralmente, ásperas; folhas inteiras e flores axilares, albas, azuis ou vermelhas, dispostas em espigas.

Área geográfica: Regiões tropicais.

Espécies que ocorrem no Brasil:

B. elongata Sw., Ind. occ, II. 1061; Benth., DC. Prodr. X. 498; Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII-I. 327 América do Norte, Central e do Sul.

B. integrifolia Larrañaga, Escritos D.A. Larrañaga II. 90 (1923); Publ. Inst. Hist. Geogr. Urug.; Gray Herb. Card. Cat. Issue 117 — Uruguai, Brasil (Minas Gerais, Paraná, S. Paulo).

B. juncea Cham. et Schlecht., em Linnaeae II. 590; Benth., DC. Prodr. X. 499; Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII-I 329 Minas Gerais, Piauí.

B. lobelioides Cham. et Schlecht., em Linnaea II. 589; Benth., DC. Prodr. X. 498; Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII-I. 327 Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Rio Grande do Sul.

B. palustris Spr., Syst. vegt. II. 805; Benth., DC. Prodr. X. 497; Schmidt, Fl. Bras. Mart. VIII-I 326 Piauí, Goiás.

B. virgata H. B. K., Nov. Gen. et Sp. II. 342 (1818) América tropical.

- | | |
|--|------------------------|
| 1. Folhas uninerveas | <i>B. palustris</i> |
| Folhas tri ou quinquenerveas | 2 |
| 2. Folhas quinquenerveas | <i>B. virgata</i> |
| Folhas trinerveas | 3 |
| 3. Folhas adpressas (Foto 35) | <i>B. juncea</i> |
| Sem esse característico | 4 |
| 4. Cálice até 5 mm.; corola até 12 mm. | 5 |
| Cálice com mais de 5 mm.; corola com mais de 12 mm. | <i>B. integrifolia</i> |
| 5. Cálice frutífero curvo | <i>B. lobelioides</i> |
| Cálice frutífero reto | <i>B. elongata</i> |

Material examinado:

B. elongata Sw., H. J. B. 19060, Leg.: R. Spruce 3255 (1853) Venezuela; H. J. B. 285, Leg.: J. G. Kuhlmann (29-9-922) São Paulo.

B. integrifolia Larrañaga, H. J. B. 58816, Leg.: Apparicio P. Duarte 616 (22-XI-946) Minas Gerais, Herculano Pena; H. J. B. 4141, Leg.: Loefgreen 384, São Paulo, São José dos Campos; H. J. B. 4312 Leg.: ? S. Paulo, São José

dos Campos; H. J. B. 28260, Leg.: A. C. Brade 13089 (XII-933) São Paulo, Vila Ema; H. J. B. 65665, Leg.: A. C. Brade 19693 (16-II-949) Paraná Guarapuava, 1100 m.; H. J. B. 46347, Leg.: Gurgel (28-10-931) Paraná, São Mateus; H. J. B. 66387, Leg.: A. Macedo 1363 (12-XI-948) Minas Gerais, Ituiutaba, Serra de São Vicente.

B. juncea Cham. et Schlecht., H. J. B. 68202, Leg.: H. Sick, B. 449 (V-949) Mato Grosso, Chavantina; H. J. B. 40051, Leg.: Markgraf 3324, Mello Barreto e Brade (10-XI-938) Minas Gerais, Montes Claros, 1000 m.; H. J. B. 28249, Leg.: A. C. Brade, 13868 (VI-934) Minas Gerais, Cons. Matta; H. J. B. 58813, Leg.: Apparicio P. Duarte 683 (28-XI-946) Minas Gerais, Carandaí, Brejão; H. J. B. 65663, Leg.: A. C. Brade 19544 (14-II-949) Paraná, Ponta Grossa.

B. lobelioides Cham. et Schlecht, H. J. B. 65664, Leg.: A. C. Brade 19694 (16-II-949) Paraná, Guarapuava 1100 m. *B. palustris* Spr., H. J. B. 28250 (VI-1934) Leg.: A. C. Brade, 13867, Minas Gerais, Cons. Matta; H. J. B. 70793, Leg.: Apparicio P. Duarte 2621, (19-IV-950) Minas Gerais, Serra do Cipó.

B. virgata H. B. K., H. J. B. 68909, Leg.: Apparicio P. Duarte, 2241 (9-12-949) Minas Gerais. Serra do Cipó, km. 130 e 132; H. J. B. 42426, Leg.: A. C. Brade, 16272 (III-940) São Paulo, Vila Ema; H. J. B. 22633, Leg.: Campos Porto (21-12-922) Bahia, Armary; H. J. B. 40050, Leg.: Markgraf 3564, Mello Barreto e Brade (16-XI-938) Minas Gerais, Belo Horizonte, Serra da Motuca 1000 m.; H. J. B. 28259, Leg.: A. C. Brade 13088, São Paulo, Vila Ema; H. J. B. 42218, A. C. Brade 16265 (III-940) São Paulo, Vila Ema; H. J. B. 28252, Leg.: A. C. Brade 13865 (VI-934) Minas Gerais, Cons. Matta; H. J. B. 28251, Leg.: A. C. Brade 13866 (VI-934) Minas Gerais, Diamantina; H. J. B. 56011, Leg.: Luiz Lanstyak (9-945) Minas Gerais, Serra do Calixto; H. J. B. 71125, Leg.: Apparicio P. Duarte 2884 (23-VII-950) Minas Gerais, Patos, 800 m.

CASTILLEJA L.:

Cálice tubuloso, comprimido lateralmente; tubo da corola envolvido pelo cálice; bordo da corola bilabiado, com o lábio superior elmiforme e o inferior trilobado. Estames 4, didínamos; antera bilobada.

cular, com um dos lóculos pêndulo e o outro preso pelo dorso. Cápsula loculicida, com valvas indivisas. Sementes numerosas, reticuladas. Ervas, raramente subarbustos, com folhas intelas ou pinatífidas. Bracteas, geralmente, coloridas. Flores amarelas, vermelhas ou albas, dispostos em espigas.

Área geográfica: Da América do Norte até o México. Norte da Ásia. América do Sul.

No Brasil é subspontânea:

C. arvensis Cham. et Schlecht, em *Linnaea* 5: 103, 1830
Jalapa, México.

Material examinado:

C. arvensis Cham. et Schlecht, H. J. B. 71126, Leg.: Apparicio P. Duarte, 3078 (16-9-950) Minas Gerais, descida da Serra do Cipó para o Morro do Pilar, km 152; H. J. B. 71411, Leg.: Francisco Guerra (X-950) onde?; H. J. B. 54780, Leg.: Altamiro e Walter 148, (6-X-945) Rio de Janeiro, Itatiaia, estr. da Maromba, km 1; H. J. B. 57701, Leg.: A. C. Brade 18685 e Apparicio P. Duarte (29-X-946), Rio de Janeiro, Correias; H. J. B. 51767, Leg.: O. C. Goes e D. Constantino 352 (19-VII-943), Rio de Janeiro, Petropolis; H. J. B. 47197, Leg.: Irmão Teodoro 112 (X-942) Minas Gerais, Machado; H. J. B. 19004, Leg.: A. Ducke, (26-IV-925) Minas Gerais, Ouro Preto; H. J. B. 851, Leg.: J. G. Kuhlmann (18-X-922) Rio de Janeiro, Macieira; H. J. B. 1419, Leg.: Tamandaré 129 (X-912) São Paulo, Serra Cantareira.

EUPHRASIA L.:

Cálice campanulado, 4-partido; corola bilabiada; estames 4, didínamos; anteras coniventes ou reunidas por meio dos pelos que as revestem. Lóculos da antera, geralmente mucronados na base. Estígma capitado. Cápsula loculicida, com valvas indivisas. Sementes estriadas. Ervas hemiparísitas, com folhas inteiras ou palmatifendidas. Flores solitárias, axilares.

OBS.: Dárdano de A. Lima (4) menciona o gênero *Euphrasia* para o Brasil. Infelizmente, nada mais encontramos a respeito, além dessa indicação.

PARENTUCELIA Viv.:

Cálice campanulado, 4-denteado ou 4-partido; corola bilabiada; estames 4, didínamos; lóculos da antera mucronados na base; cápsula loculicida, lanceolada ou oblonga, com valvas indivisas. Se-

mentes lisas. Ervas eretas, anuais, com folhas denteadas, glandulosas. Flores dispostas em espiga.

Área geográfica: Europa, Ásia, África.

No Brasil ocorre a espécie:

P. viscosa (L.) Caruel, em Parl. Fl. Ital. V. 482 (1885)

..... Região do Mar Mediterrâneo. Introduzida no sul do Brasil.

Material examinado:

P. viscosa (L.) Cav., H. J. B. 64867; Leg.: J. G. Kuhlmann (29-X-948) Uruguai, Montevidéu.

BELLARDIA All.:

Cálice campanulado, com lobos 2-3-denteados; corola bilabiada; estames 4, didínamos; lóculos da antera mucronados na base; cápsula globosa ou oval. Sementes estriadas. Ervas anuais, glandulosas, com folhas denteadas.

Área geográfica: Região do Mar Mediterrâneo e das Ilhas Balkans. No Brasil ocorre a espécie:

B. trixago (L.) All., em Fl. Pedem. I. 61 (1785)

Europa, África boreal. Introduzida no sul do Brasil.

Material examinado:

B. trixago (L.) All., H. J. B. 64869, Leg.: J. G. Kuhlmann (29-X-948) Uruguai, Montevidéu; H. J. B. 4416, Leg.: Museu Paulista, 686 (IX-909) São Paulo, Ipiranga.

OBS.: Estão assinaladas com *, as espécies cujas diagnoses não pudemos obter e, por esse motivo, deixaram de figurar nas "chaves" apresentadas neste trabalho.

As espécies *Digitalis miniana* Sampaio (em Revista III. n.º 2, 1905, ex Coutinho, em Bol. Soc. Broter. XXII. 199) e *Escobedia parimensis* Pennell (em Proc. Acad. Sc. Phil. 1931. LXXXIII. 419) mencionadas no Index Kewensis, como brasileiras, ocorrem aquela em Portugal e esta no sul da Venezuela.

CONCLUSÕES

A presente monografia trata das *Scrophulariaceae* indígenas e exóticas no Brasil.

Para determiná-las, organizamos chaves artificiais, baseadas em caracteres simples e de fácil interpretação.

Ao elaborarmos este trabalho não só consultamos a mais recente bibliografia sobre o assunto, como, também, todo o material herbórizado, concernente à Família, que figura no Herbário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Esse material, depois de devidamente estudado, foi remetido ao especialista Francis Pennell, da Academy of Natural Sciences of Philadelphia, para que revisse as determinações. Dêsse modo, esperamos que nossa modesta contribuição possa ser útil àqueles que se propuserem a estudar a citada Família.

Na Flora Brasiliensis de Martius, vol. VIII-I, figuram 36 gêneros e 151 espécies de Scrophulariaceae.

Dêsses, 4 gêneros (*Schwackia* L., *Browalia* L., *Brunfelsia* Sw., *Budleia* L.) e 38 espécies, pelo conjunto de seus caracteres, foram retirados da Família Scrophulariaceae e integrados, respectivamente, entre as Solanaceae e Loganiaceae.

A espécie *Russelia alata* Cham., que figura às páginas 269 daquela obra, foi transferida por Benthams et Hooker (1) para o gênero *Anethanthus*, da Família Gesneriaceae.

Alectra Thunb., às páginas 273, passou a constituir sinônimo de *Melasma* Berg.

Gerardia hispidula Mart., às páginas 280, pelas anteras de forma diferente das de *Gerardia* spp., e pelos pedicelos bibracteolados, foi retirada do gênero e rebatisada por Francis Pennell, com o nome de *Anisantherina hispidula* (Mart.) Pennell.

As duas secções do gênero *Beyrichia* Cham. et Schlecht., às páginas 289, são hoje gêneros independentes: *Achetaria* Cham. et Schlecht. e *Dizygostemon* (Benth.) Radlk.

Conobea vandellioides Benth., que tem o septo placentífero circundado por uma ala membranacea, como o das espécies de *Lindernia*, foi colocada neste gênero, por Francis Pennell.

As espécies do gênero *Herpetes* Gaertn., às páginas 303-317, de flores amarelas, lóculos da antera estipitados e bracteolas dispostas na base do pedicelo, são hoje sinônimas das do gênero *Mecardonia* Ruiz et Pav., e as de flores azuis, lóculos da antera sesséis e bracteolas dispostas logo abaixo do cálice, das do gênero *Bacopa* Aubl. Neste, também foi incluído o gênero *Hydrantheium* H.B.K.

Vandellia L., às páginas 319, atualmente é igual a *Lindernia* All. *Castilleja communis* Benth., *Eufrasia viscosa* Benth., *Trixago apula* Stev., *Buchnera rosea* H.B.K., *Micranthemum orbiculatum* Michx. são hoje, respectivamente, iguais a *Castilleja arvensis* Cham. et Schlecht., *Parentucellia viscosa* (L.) Car., *Bellardia trixago* (L.) All., *Buchnera virgata* H.B.K. e *Micranthemum umbrosum* (Walt.) Blake.

Outros gêneros e espécies, posteriores à Flora Brasiliensis de Martius, vieram aumentar o número das Scrophulariaceae ocorrentes no Brasil, perfazendo, assim, um total de 50 gêneros e, aproximadamente, 160 espécies.

RESUMO

A Família *Scrophulariaceae* é representada, no Brasil, por 50 gêneros que compreendem, aproximadamente, 160 espécies.

Neste trabalho, apresentamos chaves para determinar esses gêneros e espécies, suas áreas de dispersão, bem como a literatura correspondente.

ZUSAMMENFASSUNG

Die *Scrophulariaceae* sind im Brasilien durch 50 Gattungen, die aus etwa 160 Arten bestehen, vertreten.

In dieser Arbeit geben wir Schlüssel, um diese Gattungen und Arten zu bestimmen, ebenso wie ihre geographische Verbreitung und die entsprechenden Litterature.

BIBLIOGRAFIA

1. Bentham et Hooker, (1873), *Genera Plantarum*, vol. 2. pags. 913-980 Londres.
2. De Candolle Alphonse, (1846) *Prodromus Syst. Regni vegetabilis*, X. 186-586 Paris.
3. Durand et Jackson, (1895-1896) *Index Kew.* I.1.466 Bruxelas.
4. Dusen, P. (1909-1910) *Neue Gefasspflanzen aus Parana (Süd Bras.)*, em *Ark. Bot.* 9 n.º 15, 2-34 Stockholm.
5. Fries, Rob. E. (1907) *Systematische Übersicht der Gattung Scoparia*, 1-31. *Tafel I-VIII.*, em *Arkiv Bot.* 6 n.º 9 Stockholm.
6. Hill A. W. (1931-1935) *Index Kew.* IX, 302 Oxford.

7. Kickx J. (1839) Sur deux nouvelles Scrophularinées du genre *Angelonia*, em Bull. Acad. Royale Sci. Bruxelles, IV. Ime Parte n.º 6. 507-510 Bruxellas.
8. Kranzlin, Fr. (1907) Scrophulariaceae-Antirrhinoideae-Calceolarieae, 1 - 122, em Engler A., Das Pflanzenreich, IV. 257 C. Leipzig.
9. Lima, Dárdano de A. (1949) Índice dos principais gêneros indígenas e exóticos das Angiospermas do Brasil, Boletim da S.A.I.C. 258-343 Recife.
10. Lofgren, Alberto (1917) Manual das Famílias Naturais Phanerogamas, 468-473 Rio de Janeiro.
11. Pennell, Francis, (1931) *Escobedia* — A neotropical genus of the Scrophulariaceae, em Proc. Acad. Nat. Sc. Phil. LXXXIII. 411-426, plate 36-40, figs. 1-12 Philadelphia.
12. Pennell, Francis (1946) Reconsideration of the *Bacopa-Herpestis* Problem of the Scrophulariaceae, em Proc. Acad. Nat. Sc. Phil. XCVIII. 83-98 Philadelphia.
13. Prain D., (1901-1905) Index Kew. II. 1-197 Oxford.
Prain D., (1906-1910) Index Kew. IV. 257 Oxford.
Prain D., (1911-1915) Index Kew. V. 277 Oxford.
14. Schmidt, Joahnes Antonius, (1857-1864) Scrophulariaceae, Fl. Bras. Mart. VIII-I. 231-340. Tab. 39-57 Leipzig.
15. Thoselton-Dyer, W. T. (1896-1900) Index Kew. II. 1-197 — Oxford.
16. Wettstein, R.v. (1895) Scrophulariaceae, em Engler A. und K. Prantl, Die Natürlichen Pflanzenfamilien IV-3, 39-107 — Leipzig.



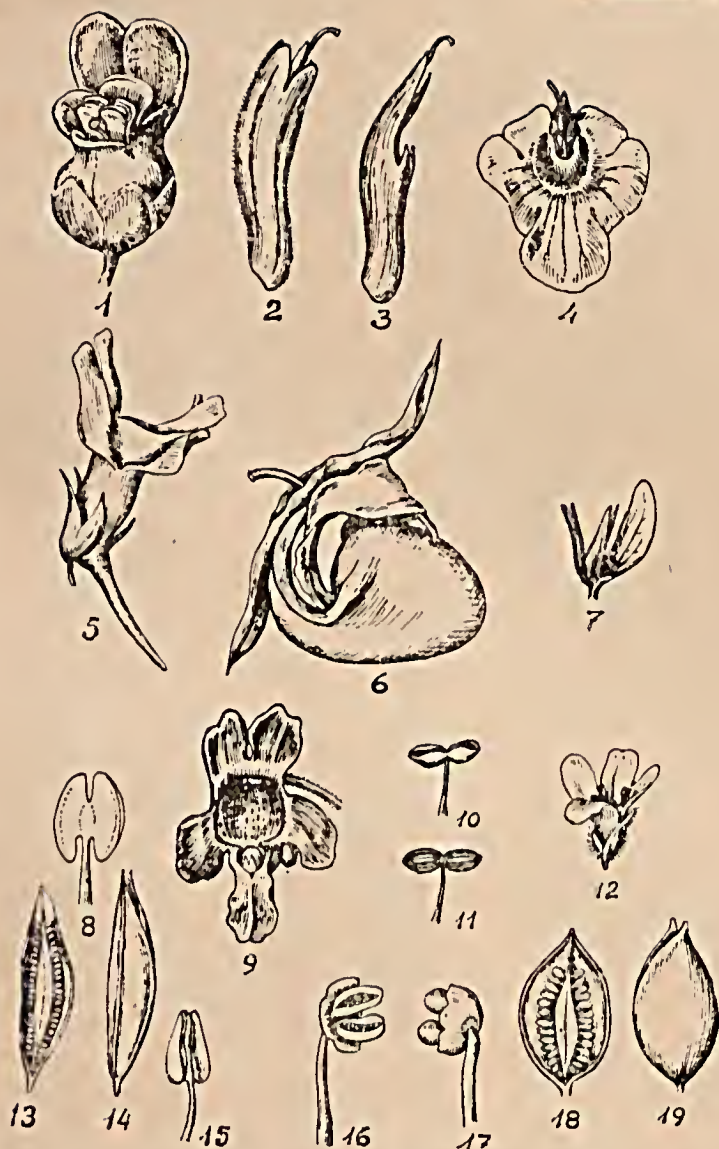


Fig. 1 — Flor de uma espécie de *Scrophularia*; fig. 2 — flor de *Castilleja* sp., onde se vê apenas a ponta da corola que é recoberta pelo cálice; fig. 3 — corola de *Castilleja* sp.; fig. 4 — flor de *Alonsoa* sp.; fig. 5 — flor de *Linaria* sp.; fig. 6 — flor de *Calceolaria* sp.; fig. 7 — cálice de *Achetaria* sp.; fig. 8 — antera de *Heteranthia* sp.; fig. 9 — flor de *Angelonia* sp.; figs. 10 e 11 — lóculos da antera divergentes; fig. 12 — flor de *Geocorda* sp.; figs. 13 e 14 — frutos de *Parentucellia* sp.; fig. 15 — lóculos da antera paralelos entre si; figs. 16 e 17 — estames de *Gratiola* sp.; figs. 18 e 19 — frutos de *Bellardia* sp.

ESTAMPA II

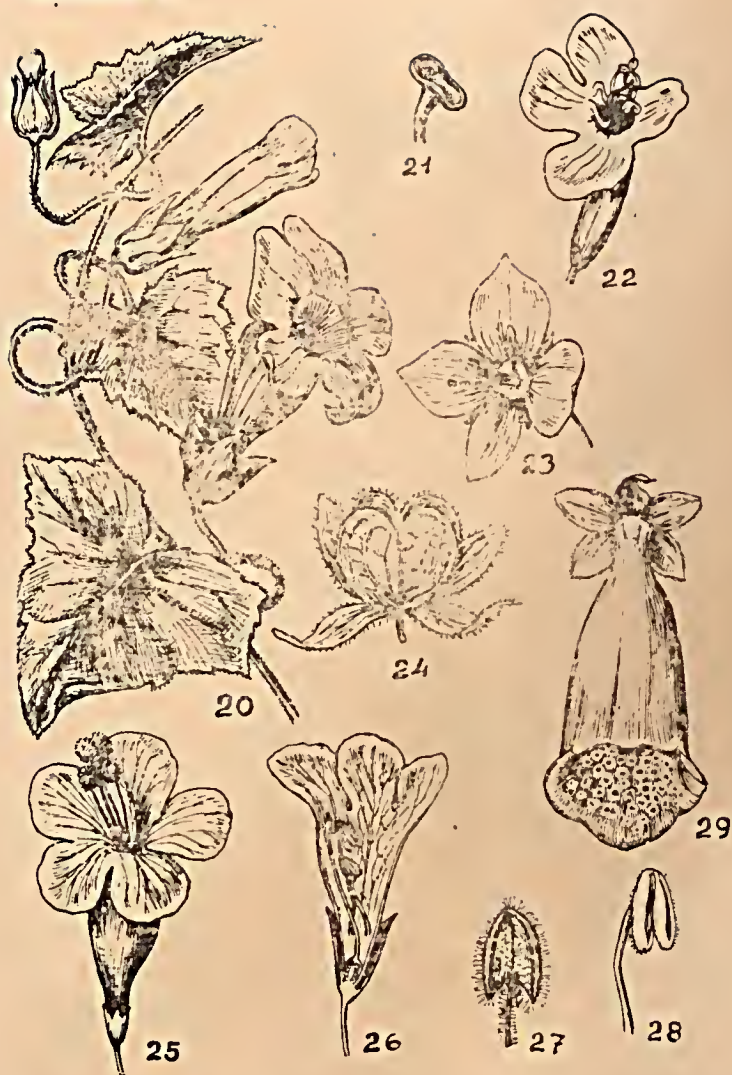


Fig. 20 — Ramo de *Maurandia* sp.; fig. 21 — antera unilocular com deiscência transversal; fig. 22 — flor de *Lindernia* sp.; fig. 23 — flor de *Veronica* sp.; fig. 24 — fruto de *Veronica* sp.; fig. 25 — flor de *Estherrazia* sp.; fig. 26 — flor de *Gerardia* sp.; fig. 27 — anteras pilosas, mucronadas na base; fig. 28 — lóculos da antera paralelos entre si; fig. 29 — flor de *Digitalis purpurea* L.

ESTAMPA III



Fig. 30 — Cálise de *Bacopa* sp.; fig. 31 — flor de *Bacopa aquatica*; fig. 32 — corola de *Buchnera* sp.; fig. 33 — cálise tubuloso de uma espécie de *Buchnera*; fig. 34 — antera unilocular, com deiscência vertical; fig. 35 — fruto seccionado de *Russelia juncea*, onde se vê as sementes misturadas a formações pilliformes hialinas (sementes estereis?); fig. 36 — cálise de *Bacopa cochlearia*; fig. 37 — semente reticulada-hialina, de *Angelonia* sp.; fig. 38 — cálise de *Torrenia thouarsii*; fig. 39 — lóculos da antera estipitados; fig. 40 — estaminódio claviforme de *Lindernia microcalyx*; fig. 41 — cálise tubuloso, denteado, de *Anisantherina hispidula*; fig. 42 — fruto de *Gerardia communis*; fig. 43 — cálise tubuloso com lacínios lanceolados e acuminados.

ESTAMPA IV



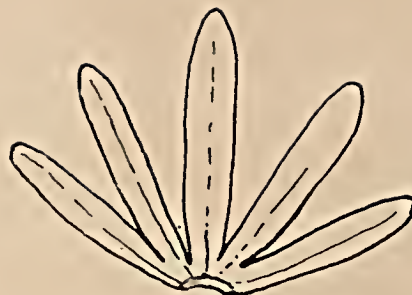
Fig. 44 — flor de *Melasma* sp.; fig. 45 — flo rde *Magdalenae limae*; fig. 46 — flor de *Nothochilus coccineus*; fig. 47 — flor de *Velloziella dracocephaloides*.



48



49



50



51

Fig. 48 — ovário rodeado por um círculo de cerdas; fig. 49 — flor de *Bacopa myriophylloides*; fig. 50 — folha de *Bacopa myriophylloides*; fig. 51 — sep'lo placentífero, rodeado por ala membranácea, de *Lindernia* sp.

ESTAMPA V

FOTO 1



Angelonia campestris Nees et Mart.
(Prof. Burret e A. C. Brade, 15997)



Angelonia eriostachya Benth.
(A. C. Brade, 13451)

FOTO 3



Angelonia Gardneri Hook.
(Apparicio P. Duarte, 1340 e Ivone)



Angelonia integerrima Spr.
(E. Vianna, 167)

FOTO 5



Angelonia hirta Cham.
(Jayme Vasconcellos, 220)

FOTO 6



Linaria canadensis (L.) Dum.
(Klericoper, 22)

FOTO 7



Mazus japonicus (Thunb.) Kunze
(A. C. Brade, s.n.)



Stemodia durantifolia Sw.
(João Evangelista de Oliveira, s.n.)

FOTO 9



Stemodia foliosa Benth.
(Apparicio P. Duarte, 1325)



Stemodia microphylla Schmidt
(Markgraf 3502, Mello Barreto e Brade)

FOTO 11



Stemodia veronicoides Schmidt
(Brade 18861)



Stemodia verticillata (Mill.) Hassl.
(J. G. Kuhlmann, s.n.)

FOTO 13



Bacopa congesta Chod. et Hassler
(Barbosa Rodrigues, s.n.)



Bacopa cochlearia (Huber) L. B. Schmith
(Apparicio P. Duarte, 1212 e Ivone)



Bacopa monnieri (L.) Pennell
(O. C. Goes e D. Constantino 831)



Bacopa stricta (Schrader) Edwall
(A. C. Brade, 18262, Altamiro e Apparicio)

FOTO 17



Mecardonia herniarioides (Cham. et Schlecht) Pennell
(Altamiro e Walter, 145)



Mecardonia serpylloides (Cham. et Schlecht) Pennel
(Apparicio P. Duarte, 583)

FOTO 19



Lindernia microcalyx Pennel et Stehle
(A. C. Brade, s.n.)



Lindernia vandellioides (Benth.) Pennell
(A. C. Brade e E. Pereira, s.n.)



Capraria biflora L.
(Apparicio P. Duarte, 1334 e Ivone)



Veronica anagallis-aquatica L.
(C. Junge, 2850)

FOTO 23



Veronica javanica Blume
(J. G. Kuhlmann, s.n.)



Veronica peregrina-xalapensis (HBK) Pennell
(W. A. Acher, s.n.)

FOTO 25



Veronica persica Poir.
(O. C. Goes e D. Constantino, 3)



Melasma strictum (Benth.) Hassler
(A. C. Brade, 266)

FOTO 27



Nothochilus coccineus Radlk.
(A. C. Brade, 16977)



Velloziella dracocephaloides (Vell.) Baill.
(Altamiro e Walter, 146)



Gerardia angustifolia Mart.
(Apparicio P. Duarte, 2593)



Gerardia brachyphylla Cham. et Schlecht.
(Mello Barreto 1140)

FOTO 31



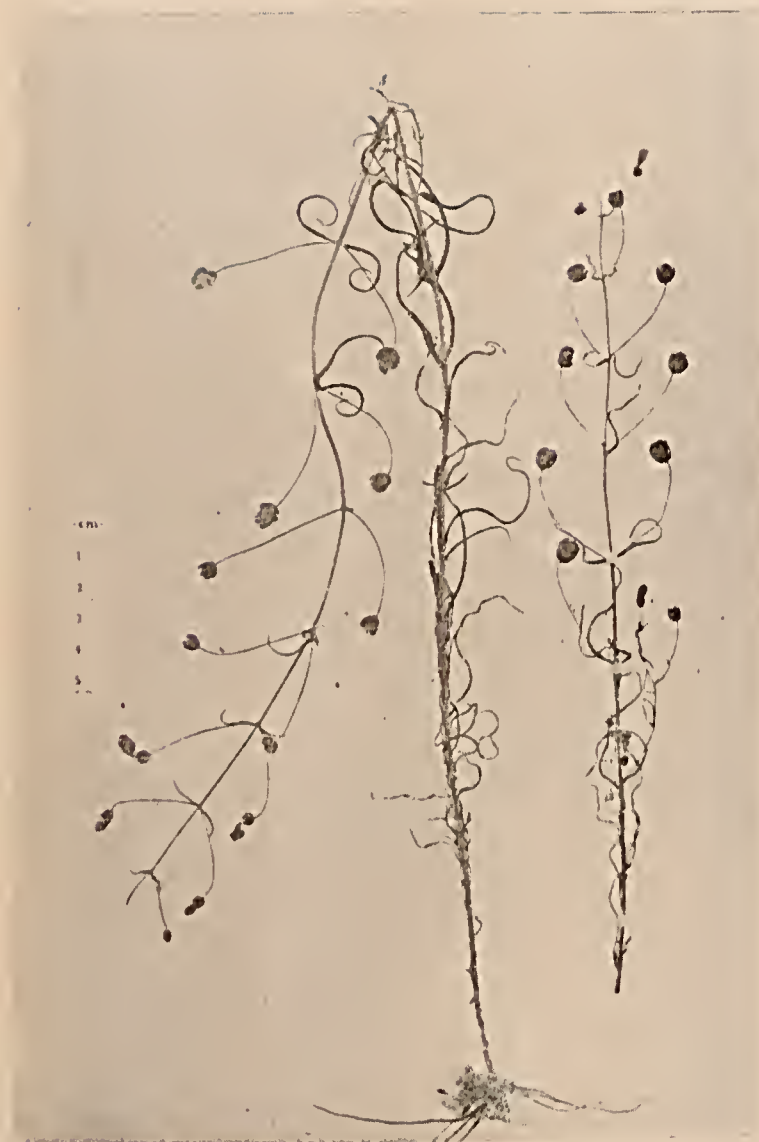
Gerardia communis Cham. et Schlecht
(A. C. Brade, 19487)



Gerardia linearoides Cham. et Schlecht.
(Fernando Segadas Vianna 177)

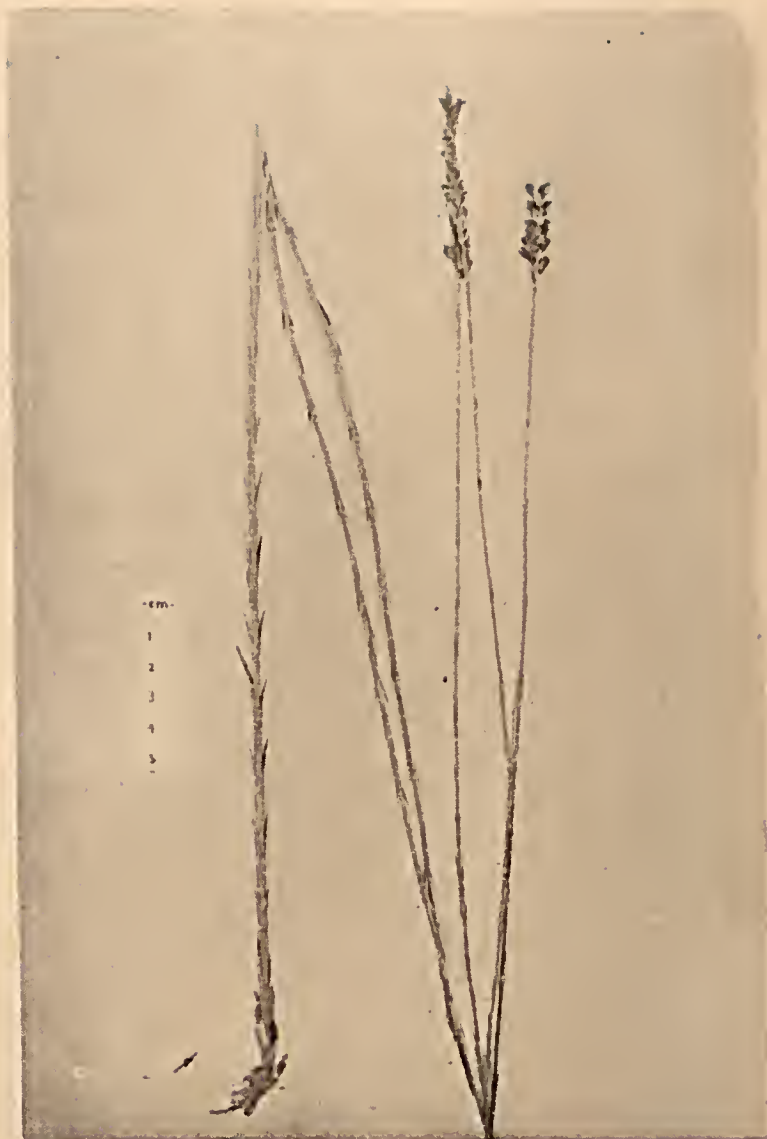


Gerardia Schwackeana Diels
(L. Damazio, s.n.)



Anisantherina hispidula (Mart.) Pennell
(A. Ducke, s.n.)

FOTO 25



Buchnera juncea Cham. et Schlecht
(A. C. Brade, 13868)





Buchnera integrifolia Larranaga
(Apparicio P. Duarte, 616)

FOTO 37



Buchnera lobelioides Cham. et Schlecht
(A. C. Brade, 19694)





Buchnera palustris Spr.
(Apparicio P. Duarte, 2621)

FOTO 39



Buchnera virgata H.B.K.
(A. C. Brade, 13866)

ORCHIDACEAE URUGUAYENSES COLLECTORUM
VARIORUM COLLECTAE *

POR

G. F. J. PABST

Da Soc. Botânica do Brasil

Practer publicationem orchidearum uruguayensium a nobis examinatarum, quod meliorem cognitionem earum distributionis geographicae permittet, possumus hic tres species elucidare: Cyclopogon taquarcamboensis Barb. Rod., Stenorrhynchus arcehavaletanii Barb. Rod. et Stenorrhynchus berroanus Krzl., quae usque nunc in dubio versabantur, stabiliendo NEOTYPOS ad duas primas.

No decorrer de 1951, tivemos oportunidade de examinar muitas orquídeas do Uruguai, colhidas por diversos botânicos e guardadas nos herbários do Museo de Historia Natural de Montevideo e da Facultad de Agronomía, da Universidade da vizinha República. Os Srs. Drs. Diego Legrand, diretor do Museu e Prof. A. Montoro-Guarch, da Faculdade de Agronomia, tiveram a gentileza de confiar-nos êsse valioso material para determinação, entre o qual encontramos verdadeiras preciosidades, que nos permitiram esclarecer duas espécies do nosso grande botânico patricio Dr. J. Barbosa Rodrigues, possibilitando-nos ainda estabelecer NEOTIPOS para ambas, pois delas já não existem mais os TIPOS nem CÓTIPOS. Trata-se de *Cyclopogon taquarcamboensis* Barb. Rod., do qual Barbosa Rodrigues só recebera material precário, mas que se reconhece com facilidade pelo seu hábito, e *Stenorrhynchus arcehavaletanii* Barb. Rod.; *Stenorrhynchus berroanus* Krzl. também nos foi possível esclarecer. Esta foi encontrada ainda por duas vezes pelo próprio

(*) Entregue para publicação a 4-4-52.

sr. Berro, mas sua dispersão parece ser bastante restrita, mesmo no território uruguaio. *S. arechavaletanii* é a mesma planta mais tarde descrita por Kraenzlin sob o nome de *Stenorrhynchus lateritus*; assim, terá esta que cair em sinonímia daquela. Sua dispersão geográfica é bem grande, pois foi encontrada desde o Uruguai até São Paulo e Mato Grosso.

A publicação da lista de todas as plantas examinadas é uma contribuição para o conhecimento da dispersão geográfica das orquídeas uruguaias.

HABENARIA Willd.

Habenaria achalensis Krzl. in Engl. Bot. Jahrb. XVI (1892) 133; Cogn. in Mart. Fl. Brs. III-IV (1894) 90-T. 15-I; Hoehne in Fl. Brsca. XII-I (1940) 121-T. 71. Montevideu: — Carrasco, em lugares pantanosos de capim, entre dunas, 16-2-1913 — Osten n.º 6.496.

Dep. Maldonado: — San Carlos, em lugares pantanosos 27-11-1914 — flores amarello esverdeadas — Berro n.º 3.628.

Dep. San José: Barra de Santa Lucia, lugares pantanosos entre dunas. 10-1-30 — Osten n.º 21.825-A, misturado com Hab. aranifera; idem em 9-1-1931 — Osten n.º 22.172.

Habenaria aranifera Lindl. in Gen. Spec. Orch (1835) 313; Cogn. in Mart. Fl. Brs. III-IV (1894) 64; Hoehne in Fl. Brsca. XII-I (1940) 117-T. 65-II.

Montevideu: — Carrasco, em lugares úmidos ou pantanosos de capim, entre dunas, 16-11-1913 — Osten n.º 6.494; mesmo local em 11-3-1932 — Osten n.º 22.473 A e B; mesmo local, 1-1916 — Berro n.º 8.365.

Dep. Canelones: — La Floresta 26-12-32 — Osten n.º 22.959.

Dep. Maldonado: — lugares de turfeiras entre dunas, perto de Maldonado, 17-1-1900 — Osten n.º 4.037.

Dep. San José: — Barra de Santa Lucia, em pântanos entre dunas, 10-1-30 — Osten n.º 21.825; mesmo local 15-1-32 — Osten n.º 22.450.

Sem indicação de local: *Arechavalcta* s/n, n.º 291 do Museo Hist. Nat.

Habenaria arechavaletae Krzl. in Engl. Bot. Jahrb. 16 (1892) 185; Cogn. in Fl. Brs. III-IV (1894) 92-T. 15-II; Hoehne in Fl. Brsca. XII-I (1940) 90-T. 32-II.

Dep. Lavalleja: — Minas, "Cerro de Minas", 6-2-52 leg. G. W. Teague Herb. Mus. Hist. Nat. n.º 15.229, 15.230, 15.231 e 15.237 — Todos estes números podem ser considerados topótipos, pois foram encontrados no local onde Gibert (n.º 1.160) achou o "tipo" em fevereiro de 1875.

Habenaria arechavaletae Krzl. var. *elata* Cogn. in Fl. Brs. III-IV (1894) 92; Hoehne in Fl. Brsca. XII-I (1940) 90.

Dep. Cerro Largo: — Cerro de las Cuentas, in uliginosis, Rosengurtt n.º B-2.575.

Esta planta fôra determinada como *Hab. platanthera* Rehb. f. pelo Prof. L. O. Williams, Lilloa III (1938) 474; mas os desenhos de ambas as espécies, apresentados em nossas "Notícias Orquidológicas I", mostram que não há margem a dúvidas. Entrementes também já chegamos à conclusão de que *Habenaria obovatipetala* Schltr. é a mesma *H. arechavaletae* Krzl. var. *elata* Cogn.

Habenaria bractescens Lindl. in Gen. Spec. Orch. (1835) 308; Cogn. in Mart. Fl. Brs. III-IV (1894) 29; Hoehne in Fl. Brsea. XII-I (1940) 69-T. 12.

Dep. Lavalleya: — Minas, Arroyo Aniseto entre Penitente, Almaen y Salto, nas margens barrentas de regato com Dryopsis, entre arbustos, 3-1924 — Herter n.º 17.166.

Dep. Colonia: — Alto San Miguel, 29-1-22 leg. Dr. J. Schroeder, n.º 16.420 in Herb. Osten.

Dep. Rivera, em lugares úmidos nos arredores de Rivera, 20-1-44 — Legrand n.º 3.515.

Habenaria gourleana Gill. ex Ldl. in Gen. et Spec. Orch. (1835) 309; Cogn. in Fl. Brs. III-IV (1893) 30-T. 4; Hoehne in Fl. Brsea. XII-I (1940) 76-T. 20. syn. *H. burkartiana* Hoehne in Engl. Bot. Jahrb. 68 (1937) 127-T. 2 — vidi M. N. Correa in Notas Museo de La Plata vol. XV — Bot. n.º 78 (1950) 160.

Coneordamos com esta sinonímia pelas razões expostas por M. N. Correa que corroboram nossas observações, pois sendo *H. gourleana* Gill. considerada uma das espécies mais frequentes no Uruguai não era possível que todas as plantas examinadas desse país e do Rio Grande do Sul, atingindo a e. meia eentena tivessem que ser consideradas como *H. burkartiana* Hoehne e que nenhuma apresentasse os característicos da *H. gourleana* Gill conforme ilustrados em Mart. Fl. Brs. e em Hoehne Fl. Brsea.

Se formos atendidos no pedido feito a Kew, teremos a oportunidade de apresentar brevemente o desenho de uma flor do "typo" da espécie.

Montevideu: — em areia úmida, 2-1878 — Gibert n.º 993 — n.º 236 do Herb. Mus. Hist. Nat.

Dep. Rocha: Siera de San Miguel, 18-2-48 leg. G. W. Teague n.º 1 — n.º 15.179 do Museu Hist. Nat.; mesmo local, 16-2-48 leg. G. W. Teague n.º 3, n.º 15.178 do Museu Hist. Nat.; mesmo local, 6-3-48, leg. G. W. Teague n.º 5, n.º 15.180 do Museu Hist. Nat.

Dep. Maldonado: — em dunas fixadas com *Pinus maritimus* perto de Piriapolis, 28-1-1912 — Osten n.º 5.774.

Dep. Soriano: — lugar pantanoso pr. Vera, sem data — Berro n.º 1.472.

Dep. Rio Negro: — Campo de Sunhary, 18-2-1908 — Berro n.º 4.260; mesmo local, 10-2-1914 — Berro n.º 7.298.

Dep. Rivera: — Estancia de Naya, em banhado na confluência dos rios Tacuarembó e Cuñapirú, 1-1940 — Legrand n.º 2.031.

Habenaria graciliscapa Barb. Rod. in Orch. Nov. I (1877) 155; Cogn. in Mart. Fl. Brs. III-IV (1894) 71-T. 14-I; Hoehne in Fl. Brsea. XII-I (1940) 179 — T. 122-I.

- Dep. Canelones: — Bañado del Negro e parte Bañado Pando, 11-2-47 — Legrand n.º 1.956.
- Habenaria juergensii* Schltr in Fedde Repert. Beih. 35 (1925) 20; Hoehne in Fl. Brsca. XII-I (1940) 75-T. 19.
- Dep. San José: — Barra de Santa Lucia, 23-2-1907 — Berro n.º 3.793.
- Dep. Rio Negro: — Campo de Sunhary, lugares pantanosos, 23-2-1907 — Berro n.º 7.299; mesmo lugar, 20-2-1908 — Berro n.º 4.234.
- Dep. Tacuarembó: — em penhascos perto de Tacuarembó, leg. Arechavaleta, sem indic. de data e número, n.º 229 e 230 do Herb. Mus. Hist. Nat. MV.; em banhado no Rincon de la Laguna, 14-2-47, leg. H. Osorio s/n.º — n.º 13.904 do Herb. Museu.
- Habenaria macronectar* (Vell.) Hoehne in Fl. Brsca. XII-I (1940) 72-T. 16 syn. *Orchis macronectar* Vell in Fl. Fl. Ic. 9 (1827) T. 45; Text. in Arch. Mus. Nac. RJ V (1881) 368 — *Habenaria sartor* Lindl in Hook. Journ. of Bot. II (1842) 662.
- Dep. Cerro Largo: — Palleros, 1-26 leg. G. Herter, n.º 18.370 in Herb. Osten (*Hab. bractescens* seg. L. O. Williams) — Sem indicação de local, data nem coletor: Museu n.º 238.
- Habenaria montevidensis* Spreng. in Syst. Veget. III (1826) 692, Cogn. in Mart. Fl. Brs. III-IV (1894) 58; Hoehne in Fl. Brs. XII-I (1940) 136 T. 89-I.
- Montevidéu: Independência, em humus entre pedras, 19-11-1911 — Osten n.º 4.705-B; Carrasco, 2-1-1914 — Berro n.º 7.293; mesmo local 9-1-1915 — Berro n.º 7.829.
- Dep. San José: — Barra de Santa Lucia, em terreno arenoso-paludoso, 16-1-1932 — Osten n.º 22.453 (misturado com *H. parviflora*).
- Dep. Tacuarembó: — Gruta de los Cuervos, 17-12-1907 Berro 4.929, sobre pedras, lugar seco, flores amarelas.
- Habenaria parviflora* Lindl. in Gen. Spec. Orch. (1835) 314; Cogn. in Mart. Fl. Brs. III-IV (1894) 56 — Hoehne in Fl. Brsca. XII-I (1940) 103-T. 51.
- Montevidéu: — em areias úmidas, s/data, Gibert n.º 927, (n.º 247 do Museu); idem, Gibert n.º 1451, s/data (n.º 253 do Museu), idem Gibert 948, em lugares úmidos, dez. 1874 (Museu n.º 254), idem, em campos úmidos, nov. 1890 — Arechavaleta s/n (Museu n.º 255); Carrasco, lugares arenosos, úmidos, dez. 1874, leg. Arechavaleta (Museu n.º 2.621); Carrasco, em areias úmidas, fev. 1875, leg. Arechavaleta (Museu n.º 2.624); em campos, arredores de Montevidéu, Gibert n.º 927-A, nov. 1881 (Museu 249); Campos de Independência, nov. 1900, leg. Arechavaleta (Museu n.º 244); Carrasco, lugares úmidos, 4-1913 — Berro n.º 6.787; idem, 2-1-1914 — Berro 7.294; idem a forma robusta Hoehne (*H. richenbachiana* Barb. Rod.) Berro n.º 7.297; idem 6-1-1914 — Berro n.º 7.174; idem 25-12-1913 — Berro n.º 7.173; idem, 27-11-1914 — Berro n.º 7.295; idem, Osten 15.741; idem, 16-11-1913 — Osten 6.503; idem, 26-1-1919 — Osten 14.722; idem, 11-3-1932 — Osten 22.472.
- Dep. Maldonado: — Pan de Asucar, Gibert n.º 928 s/data (Museu n.º 241); Piriápolis, em dunas com capim, 6-1-1912 — Osten 5.658; em areias úmidas perto de Maldonado, 31-12-1906 — Berro n.º 3.629; idem 1-1-1907 — Berro n.º 3.627;

- Dep. San José: — Barra de Santa Lucia, 26-2-1900 — Berro s/n, n.º 4.875 in Herb. Osten; idem, 28-2-1907 — Berro n.º 3.845; idem, 10-4-24 — Osten n.º 22.453; idem, 19-12-1918 — Osten n.º 14.721; idem, 9-1-1931 — Osten n.º 22.171; idem, 10-1-1930 — Osten n.º 21.824.
- Dep. Canelones: — Playa Santa Rosa, 20-2-1915 — Berro n.º 7.830 e 7.831; La Floresta, in uliginosis (sphagnetis) 15-1-1934 — Osten 23.139; La Paz, lugar pedrento, úmido, 11-1905 — Berro 1.393.
- Dep. Soriano: — Mercedes, 28-11-1914 — Berro n.º 7.545;
- Dep. Rocha: — Estancia Corral de Palma, Castillos, 2-1924, Montoro-Guarch n.º 3.061;
- Dep. Cerro Largo: — Sierra de Rios, 28-11-1909 — Berro n.º 5.749; Sierra de Aceguá, 1-1926, leg. Herter, n.º 18.353 in Herb. Osten.
- Dep. Rivera: — Tranqueras, 1900 — leg. Arechavalceta, n.º 240 do Herb. Mus. Hist. Nat.; Corticeiras, em campo fresco, 6-12-1907; Berro n.º 4.931; idem n.º 4.930; em campo silicoso.
- Dep. Tacuarembó: — Gruta de los Cuervos, local pedregoso, 17-12-1907 — Berro n.º 4.985; Passo Aquirino, Laguna del General, 1-1940 — Legrand n.º 2.030.
- Habenaria pentadactyle* Lindl. in Gen. & Spec. Orch. (1835) 307; Cogn. in Fl. Brs. III-IV (1894) 76; Hoehne in Fl. Brsca. XII-I (1940) 178-T. 121-II.
- Montevideu: — Carrasco, em areias úmidas, 6-3-1870 — Gibert n.º 892; mesmo lugar, 22-7-1914 — Berro n.º 7.296; mesmo lugar, 16-3-1915 — Berro n.º 6.788; mesmo lugar, em areias com capim, entre dunas, 11-3-1932 — Osten n.º 22.473-C.
- Dep. Canelones: — Playa del Sarandi, 4-1913 — Berro 8.069; Atlantida, em lugares pantanosos de dunas, 21-2-1922 — Osten n.º 16.615; Arroyo Sanrandí pr. Costa Azul, 2-1942 — Rosengurt B-3908 (Museu n.º 7.084; Bañado de Pando, 11-2-1947 — Legrand n.º 1.959.
- Dep. San José: — Barra de Santa Lucia: em banhado arenoso, 28-2-1907 — Berro n.º 3.883.
- Dep. Maldonado: — Fuente del Rey, em areias úmidas. 14-2-1909 — Berro n.º 3.624.
- Dep. Rocha: — Laguna Negra, em pantanos arenosos próximo ao mar, 20-3-38 — Rosengurt n.º B12.611 (Museu n.º 5690).
- Sem indicação de local nem data: leg. Arechavaleta n.º 246 do Museu; idem Museu n.º 285.
- Habenaria sceptrum* Schltr. in Fedde Repert. XVI (1919) 249; Hoehne in Fl. Brsca. XII-I (1940) 108-T. 58.
- Dep. Tacuarembó: — Paso Aquirino, Laguna del General, 1-1940 — Legrand n.º 2.032.

BIPINNULA Comm.

Bipinnula gibertii Rehb. f. in Linnaea 41 (1877) 51; Cogn. in Fl. Brs. III-IV (1894) 110-T. 21-II; Hoehne in Fl. Brsca. XII-I (1940) 204-T. 129-III.

Dep. Soriano: — Vera, em campo baixo, 4-10-1900 — Berro n.º 1.319;
Dep. Lavalleja: — Minas, Cerro Verdun, 12-1899 — Berro 2.317.

Bipinnula polyska Krzl. in Engl. Bot. Jahrb. 9 (1887) 317; Cogn. in Mart. Fl. Brs. III-IV (1894) 110-T. 21-III; Hoehne in Fl. Brs. XII-I (1940) 205-T. 130-I.
Dep. Canelones: — La Paz, lugar de pedras, 18-11-1898 — Berro n.º 319.

CHLORAEA Lindl.

Chloraea membranacea Lindl. in Gen. & Spec. Orch. (1833) 401; Cogn. in Mart. Fl. Brs. III-IV (1894) 106-T. 20-I; Hoehne in Fl. Brsca. XII-I (1940) 198-T. 127-I.

Montevideu: — Miguelete, em campo sêco, arenoso, 10-1901 — Berro 1.330 — Malvin, 11-1914 — Berro 7.547.

Dep. Canelones: — Canelón Chico, entre capim, 14-11-1908 — Berro n.º 5.431.

Dep. Maldonado: — Piriápolis, Serro del Toro, 9-1923 — Matoro-Guarch n.º 2.795.

Chloraeae penicillata Rchb. f. in Otia Bot. Hamb. I (1878) 51; Hoehne in Fl. Brsca. XII-I (1940) 107-T. 126; syn. *C. bergii* Hieron., *C. arechavaletae* Krzl. e *C. teixeirana* (Barb. Rod.) Cong.

Montevideu: — Cerrito, 10-1918 — Motor-Guarch n.º 19.

Dep. Soriano: — Vera, em lugar pedrento, 25-10-1898 — Berro n.º 435.

PRESCOTTIA Lindl.

Prescottia micrantha Lindl. in Bot. Reg. (1834) T. 1915; Cogn. in Mart. Fl. Brs. III-IV (1895) 266; Hoehne in Fl. Brsca. XII-II (1945) 108-T. 72-II e 73-I e II.

Dep. Canelones: — La Floresta, in locis uliginosis dunarum, 30-9-1923 — Osten n.º 16.918; mesmo lugar, 8-10-1933 — Osten n.º 22.939.

A *Prescottia* que no Sul é encontrada em lugares arenosos da costa é a *P. densiflora* Lindl. No entanto os exemplares examinados são perfeitas *P. micranthas*. As hastes florais sempre são muito finas e, em muito exemplares, de tamanho não superior a 5 ou 8 cm.

CYCLOPOGON Presl.

Cyclopogon apricus (Lindl.) Schltr. in Beih. Bot. Centralbl. 37 (1920) Abt. II, p. 384, (*Spiranthes aprica* Lindl. in Gen. & Spcc. Orch. Pl. (1840) 469; Cogn. in Mart. Fl. Brs. III-IV (1895) 199 — Estampa 1 fig. II.

Montevideu: — em campos, 4-1874 — Gibert n.º 490 (n.º 3.055 do Herb. Berro).

Dep. Lavalleja: — Minas, 5-1924 leg. Schroeder, estéril. Floriu em cultura, 11-1924 — n.º 17.498 do Herb. Osten.

Esta pequena espécie também foi encontrada no Brasil, nos arredores de Pôrto Alegre, por Tweedie e Reineck & Cermack. Apesar de têmos examinado já abundante material procedente do Rio Grande do Sul, ainda não nos foi dado constata-la naquele Estado. Deve ser mais frequente nos campos do sul, que ainda não estão suficientemente explorados.

Na chave para determinar as espécies do gênero *Cyclopogon* do Uruguai, (Mansfeld & Herter, in Rev. Sudamericana de Botanica), *Cyclopogon diversifolius* (Cogn.) Schltr. é separado das outras pela sua inflorescência congesta. Se bem que isso seja a regra, nos foi dado ver *C. diversifolius* com inflorescência laxa e pauciflora lembrando a de *C. apricus*.

Cyclopogon chloroleucus Barb. Rod. in Orch. Nov. I (1877) 181 — Index p. III; Cogn. in Mart. Fl. Brs. III-IV (1895) 195-T. 44-I; Hoehne in Fl. Brsca. XII-II (1945) 187-T. 89.

Dep. Tacuarembó: — leg. Arechavaleta, nov. 1905 — n.º 235 do Herb. Museo Hist. Nat. MV.

Cyclopogon diversifolius (Cogn.) Schltr. in Beih. Bot. Centralbl. 37-II (1920) 387; Hoehne in Fl. Brsca. XII-II (1945) 193-T. 94 (*Spiranthes diversifolia* Cogn. in Mart. Fl. Brs. III-VI (1906) 543-T. 113-I.

Dep. Florida: — Cerro Colorado, Santa Clara — Mansavillagra 200 msm em campos, Osten n.º 19.089.

Dep. Rocha: — pr. Castillos. flores branco-cremosas, 22-4-1943 — Legrand n.º 3.309.

Dep. Maldonado: — Punta Ballena, 5-4-1943 — Legrand n.º 2.787.

Sem indicação de local nem data: Arechavaleta n.º 2.619.

Cyclopogon dutraei Schltr. in Fedde Repert. Beih. 35 (1925) 30; Hoehne in Fl. Brsca. XII-II (1945) 200-T. 97.

Dep. Maldonado: — Sierra de las Animas, 11-1922 — Montoro-Guarch n.º 622; Piriápolis, Cerro del Toro, 11-1923 — Montoro-Guarch n.º 2.794 e 2.798-A.

Dep. Lavalleja: — Minas, Cerro Arequita, sobre pedras em detritos vegetais, 2-12-1906 — Berro n.º 1.891; Minas, Cerro del Penitente, 1933, estéril, flores em cultura 5-11-1935 — Legrand n.º 831.

Dep. San José: — Barrancos de Maurício, 3-11-1940 — Legrand n.º 2.307.

Dep. Colônia: sem indic. local exato, 1913 — A. Teisseire n.º 4.418 — Sierra Cufre, 30-10-1941 — Legrand n.º 3.018, no Herb. Mus. Hist. Nat. MV sob *Brachystele arechavaletani* (Krzl.) Schltr.

Sem indicação de local, nem data: — Museu n.º 231 e 233, leg. Arechavaleta,

Cyclopogon taquareboensis (Barb. Rod.) Schltr. in Beih. Bot. Centralb. 37-II (1920) 394; Hoehne in Fl. Brsca. XII-II (1945) 211-T. 107 (*Stenorrhynchus taquareboensis* Barb. Rod. in Contr. Jard. Bot. RJ I (1907) 68-T. 11.

Dep. Lavalleja: — Sierra de Minas, Km 146, em solo rochoso e úmido, 11-1933 leg. J. Rosa Mato n.º 234 (n.º 10.102 do Herb. Museu); Aiguá, em serranias, 27-10-1940 — Legrand n.º 2.285.

Estas plantas constituíram uma surpresa para nós e logo que as vimos não tivemos dúvidas de tratar-se de *C. taquaremboensis*. O Dr. Barbosa Rodrigues descreveu o seu *Stenorrhynchus taquaremboensis* à vista de material precário, o que já se deduz do desenho apresentado em Contrib. Jard. Bot. do Rio de Janeiro I/4 (1907) T.11 onde a haste floral é apresentada desproporcionalmente grossa, tendo o material ficado, provavelmente, deformado por ter sido excessivamente comprimido.

É, pois, com prazer que podemos esclarecer aqui esta espécie. Como não existe mais o TIPO, nem Cótipos, estabelecemos o n.º 10.102 do Herbário do Museu de Hist. Natural de Montevideu como NEOTIPO, por ser exemplar ótimamente preparado e completo, não restando margem a dúvidas de que realmente se trata de planta igual à que fôra enviada ao Dr. Barbosa Rodrigues.

Na estampa I/1 mostramos os detalhes florais, e na estampa 2 uma fotografia da planta inteira.

STENORRHYNCHUS L. C. Rich.

Stenorrhynchus arechavaletanii Barb. Rod. in Contr. Jard. Botânico RJ I-5 (1907) 99.

syn. *Stenorrhynchus lateritus* Krzl. in Kgl. Sv. Vet. Akad. Handl. 46-10 (1911) 21-T. 5-II; Hoehne in Fl. Brsca. XII-II (1945) 275-T. 149.

Por muito tempo esta espécie de Barbosa Rodrigues ficou em dúvida por causa da descrição incompleta de alguns detalhes e pequenos erros, certamente de impressão, no que concerne às medidas dos segmentos florais. A descrição de Kraenzlin, sob o nome de *Stenorrhynchus lateritus* tornou-se mais conhecida e foi geralmente aceito este binômio para todas as plantas dessa espécie encontradas desde então. Também pelo nome *lateritus* a planta é facilmente reconhecível, pois suas flores sempre são de uma cor de tijolo muito viva.

Não resta agora a menor dúvida de que se trata da mesma planta que o Dr. Barbosa Rodrigues teve em mãos quando descreveu o seu *Stenorrhynchus arechavaletanii*. O material que examinámos foi o seguinte: Berro 4.307 (NEOTYPUS) Dep. Tacuarembó, Cerro de las Tres Cruces, 2-2-1908, flor color carne o salmón, en lugar pedregoso; no mesmo local em 28-2-1911; Berro 5.747, l.c. 2-2-1909; Berro 5.788 l.c. florindo em cultura 7-3-1910, flores rojo-carne; n.º 225 do Museu, leg. Berro, sem indicação de local nem data, tratando-se certamente de

duplicata de um dos números acima; Museu n.º 226, leg. Arechavaleta, sem indicação de local nem data.

O exemplar que agora estabelecemos como NEOTIPO, o n.º 4.307 de Berro, procedente também de Tacuarembó, como o material original, foi encontrado em 1908, portanto só um ano depois de publicada a descrição original, e só o próprio Sr. Arechavaleta podia ter feito a determinação da planta, talvez o único que a conhecesse de visu, pois fôra material seu que Barbosa Rodrigues descrevera, dedicando-lhe a espécie. É conhecido que os srs. Arechavaleta e Berro mantinham estreitas ligações nos seus estudos botânicos e tinham portanto noção perfeita de que planta se tratava o n.º 4.307 do sr. Berro. Sòmente em 1911 Krzaenlin descreveu o seu *Stenorrhynchus lateritus*, que por esta razão precisa cair em sinonímia de *S. arechavaletanii* Barb. Rod.

Fica assim devidamente esclarecida mais esta espécie do Dr. J. Barbosa Rodrigues, cuja prioridade é indiscutível.

Na estampa 3 fig. I damos os detalhes florais do NEOTIPO, ao lado do desenho de material por nós colhido no Rio Grande do Sul (fig. II) próximo do Passo do Inferno, entre Canela e Bom Jesus. A estampa 4 é uma fotografia da planta inteira colhida em Tacuarembó pelo sr. Berro

Stenorrhynchus balanophorostachys (Rchb. f. & Warm.) Cong. in Bull. Herb. Boiss. ser. 2 vol. 3 (1903) 391; Fl. Brs. 3:4 (1895) 161-T. 48-IV; Hoehne in Fl. Brsca. 12:2 (1945) 261-T. 137-II.

Dep. San José — Arazatí 12-4-22 — Montoro-Guarch n.º 2480.

Pelo que nos consta é a primeira vez que esta espécie é encontrada no Uruguai. Após termos visto o tipo de *S. balanophorostachys* (Rchb. f. & Warm.) Cong. não temos mais dúvida de que esta planta, que julgávamos ter que considerar como *S. polyanthus* Krzl., deve ser incluída aqui.

Stenorrhynchus berroanus Krlz. in Sv. Vct. Akad. Handl. 46-10 (1911) 26; Hoehne in Fl. Brsca. XII-II (1945) 267 — (Estampas 5, 6 e 7).

Dep. Lavalleja: — Minas, Cerro Verdun, 4-12-1899, em lugar pedregoso, flores amarelo-esverdeadas — Berro 1.408 (CÓTIPO); mesmo lugar, perto do rio Santa Lúcia-Chico, 25-1-1908, flores amarelo-claras — Berro n.º 4.306; sob o mesmo número consta material colhido no mesmo lugar, Cerro Verdun, em 3-3-1911, flores amarelas; Berro n.º 5.936, material florido em cultura em 7-3-1910.

O exame do eótipo da espécie publicada por Kraenzlin, sem nenhuma ilustração, permitiu-nos esclarecer devidamente esta planta, que é uma espécie perfeitamente válida. Na Estampa 5 mostramos à fig. I os detalhes florais do n.º 1.408 de Berro e na fig. II os do n.º 4.306, com o que já tem-se uma noção da variabilidade da espécie. As estampas 6 e 7 mostram fotografias das exicatas do n.º 1.408.

BRACHYSTELE Schltr.

- Brachystele camporum* (Lindl.) Schltr. in Beih. Bot. Centralbl. 37-II (1920) 372; Hoehne in Fl. Brsca. XII-II (1945) 304. (*Spiranthes camporum* Lindl. in Gen. & Spec. Orch. (1840) 473; Cogn. in Mart. Fl. Brs. III-IV (1895) 209. Montevidéu: — Peñarol, entre capim, com perfume à noite, 4-1899 — Berro n.º 1.282.
- Dep. Canelones: — em campo sêco e arenoso perto do arroyo Pando na sua embocadura, 11-2-1930 — Osten n.º 21.877.
- Dep. Maldonado: — Pan de Asucar, em areia, 30-3-1907 — Berro n.º 4.166.
- Dep. Lavalleja: — Aiguá, em serranias, terrenos úmidos, 20-4-1935 — Legrand n.º 590.
- Dep. Rocha, Castillos, Curral de Palma, 2-1924 — Motor-Guarch n.º 297.
- Dep. Soriano: — Vera, 10-10-1900 — Berro n.º 1316;
- Dep. Tacuarembó perto da cidade de mesmo nome, 20-3-1913 — Osten 6.597.
- Brachystele cyclochila* (Krzl.) Schltr. in Beih. Bot. Centralbl. 37-II (1920) 373; Hoehne in Fl. Brsca. XII-II (1945) 300-T. 161-II e T. 164-I; *Spiranthes cyclochila* Krzl. in Kgl. Sv. Vet. Akad. Handl. 46-10 (1911) 36-T. 6-X.
- Dep. Soriano: — Cerro de la Cueva del Tigre, 1-1903 — Berro 3.075.
- Dep. Salto: — Santo Antônio, lugar sêco e arenoso, 8-12-1905 — Berro n.º 3.453.
- Brachystele dilatata* (Lindl.) Schltr. in Beih. Bot. Centralbl. 37-II (1920) 373; Hoehne in Fl. Brsca. XII-II (1945) 302-T. 165-II.; *Spiranthes dilatata* Lindl. in Gen. & Spec. Orch. (1840) 474; Cogn. in Mart. Fl. Brs. III-IV (1895) 208.
- Montevidéu: — Carrasco, em terreno argiloso, 25-12-1937 — Legrand n.º 848; Malvin, 12-1900 — Berro n.º 2.860; Malvin, 1-1937, leg. J. Rosa Mato n.º 1.493, n.º 10.082 do Museu.
- Dep. Maldonado: — Fuente del Rcy. 1-1907 — Berro n.º 3.625.
- Dep. San José, Arazatí, 24-12-1939, em lugares baixos e descobertos, Legrand n.º 1.694.

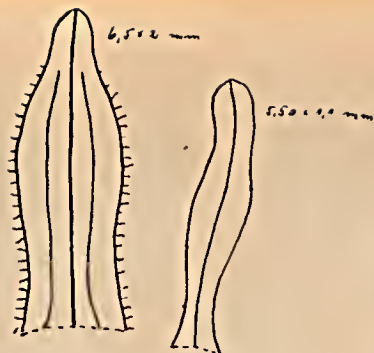
ONCIDIUM Sw.

- Oncidium bifolium* Sims in Bot. Mag. (1812) T. 1.491; Cogn. in Fl. Brs. III-VI (1906) 334-T. 76-I.
- Dep. Soriano — Vera, 10-1893 — Berro n.º 167.
- Oncidium pumilum* Lindl. in Bot. Reg. (1825) vol. XI T. 920; Cogn. in Mart. Fl. Brs. III-IV (1906) 373-T. 78-II.
- Dep. Treinta y Tres: — Cebollati, dez. 1905 — Berro n. 2.858.

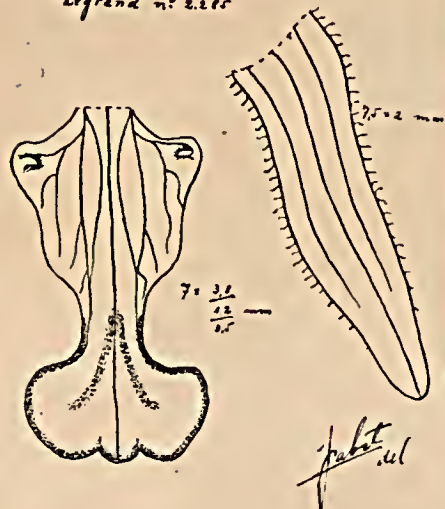
Adicionando as espécies que aqui pudemos registrar como novas para o Uruguai às da "Florula Uruguayensis" de Herter, teremos para esse país um total de 12 gêneros com 45 espécies, assim distribuídas.

Habenaria	—	14	espécies
Bipinnula	—	4	"
Chloraea	—	2	"
Prescottia	—	1	"
Cyclopogon	—	6	"
Stenorrhynchus	—	7	"
Brachystele	—	4	"
Pelexia	—	2	"
Pteroglossaspis	—	1	"
Capanemia	—	1	"
Oncidium	—	2	"
Phymatidium	—	1	"

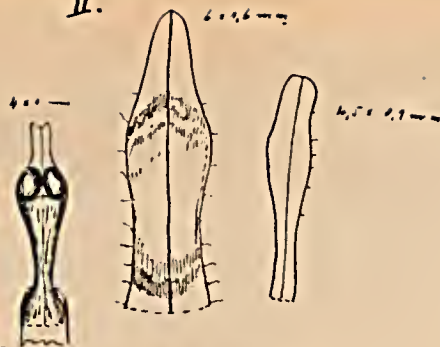
I.



Legrand n° 2.265



II.



Osten n° 17.498



ESTAMPADA 1.

1 — *Cyclopogon taquaremboensis* Barb. Rod.II — *Cyclopogon apricus* (Lindl.) Schltr.

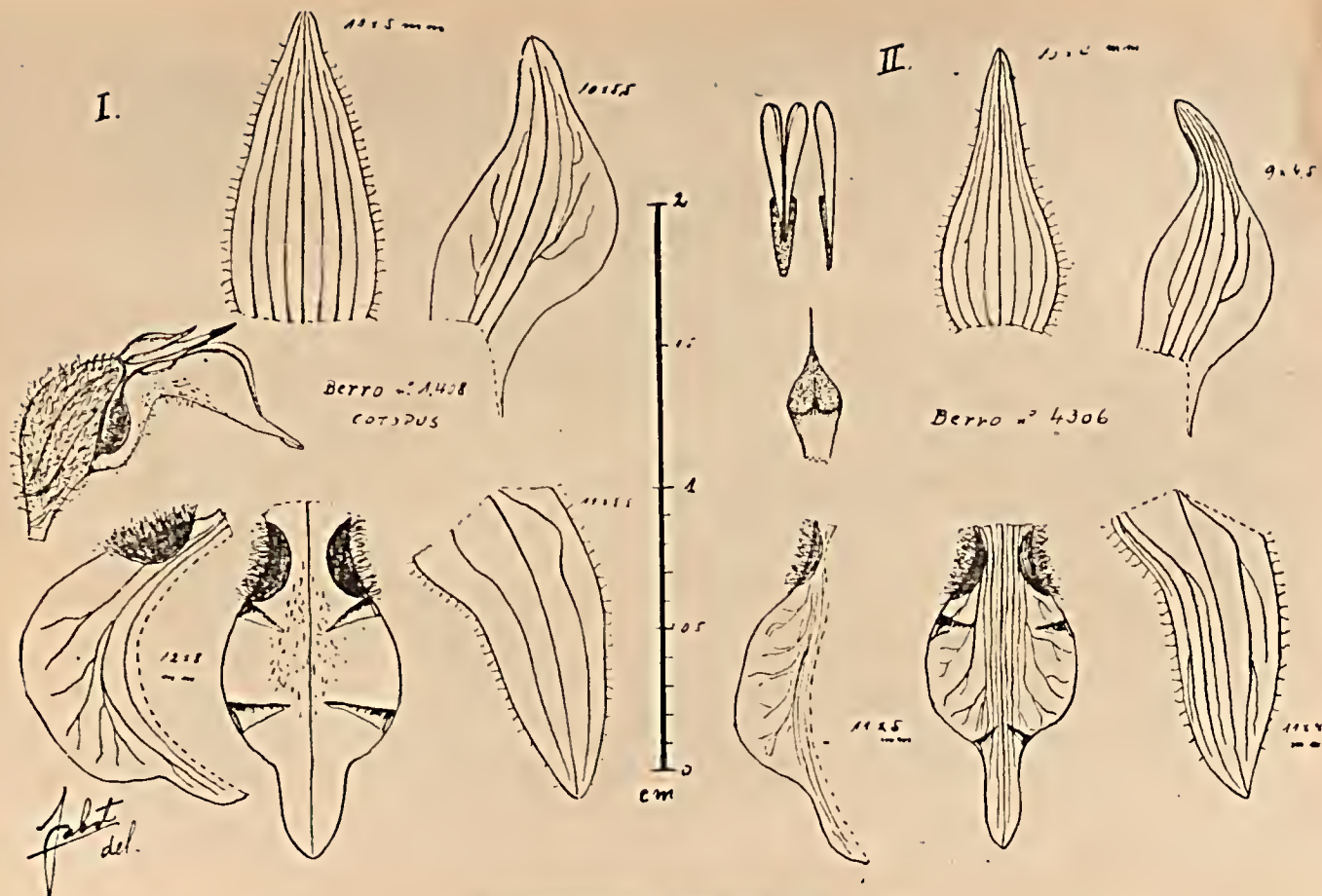
ESTAMPA 2



Cyclopogon taquaremboensis Barb. Rod.



Stenorrhynchus arechavaletanii Barb. Rod.



ESTAMPA 5

Stenorrhynchus berroanus Krzl.



Stenorrhynchus berroanus Krzl.



Stenorrhynchus berroanus Krzl.

SOBRE *HYBANTHUS BIGIBBOSUS* (ST. HIL.) HAFFL. (*)

POR

MARIA EMÍLIA MARIZ DE LYRA

I — INTRODUÇÃO

Esta planta é bem conhecida na parte mais meridional do Brasil como “herva de veado” e tida na qualidade de medicinal; com efeito, suas raízes são empregadas pelos leigos como vomitivo, (1) e (3) não sem apoio científico, como ultimamente ficou provado.

HOEHNE (2) afirma que alguns autores referem ter extraído das raízes de outras espécies do mesmo gênero uma substância semelhante à emetina na incrível proporção de 6%. RIBEIRO, MACHADO e SETTE (4), obtiveram e caracterizaram o mesmo alcalóide — associado a outro não identificado — a partir das raízes de *H. bigibbosus* na proporção de 0,06%; dos caules obtiveram uma terceira base orgânica à qual deram o nome de hibantina, julgando-a nova após consultarem “a literatura universal”.

Confirmada desta maneira a presença de emetina — em quantidade muito pequena, é verdade — em nossa planta, fica assim justificado o uso popular da mesma como emética.

Desde 1946 iniciamos a cultura deste interessante vegetal no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, onde prosperou satisfatoriamente; é que a reação clássica de Fröhde nos demonstrara, em cortes de raiz, caule e folhas (quer frescas, quer fixadas), a existência indubitável de emetina, para cujo estudo químico necessitaríamos de muito material. Posteriormente (1948), entretanto, os citados

(*) Entregue para publicação a 15-5-52.

químicos publicaram os resultados acima resumidos e, consequentemente, perdemos o interesse pelas culturas.

A sementeira foi feita pelo Sr. O. Voll, jardineiro-chefe do Jardim Botânico, a quem agradecemos a atenção com que se houve. Algumas mudas, bem novas ainda, foram transplantadas para vasos com os seguintes resultados ao cabo de três meses: em ambiente interior as hastes mostravam cinco pares de folhas e mediam doze centímetros; em ambiente exposto, as mesmas exibiam quatro ramos basais com seis pares de bonitas folhas e mediam trinta e seis centímetros, dando incio à floração. Em ambiente natural, isto é, na orla da mata, com bastante exposição dos elementos, chegam frequentemente até três metros de altura. Na fotografia n.º 1 vemos o vigoroso desenvolvimento das plantinhas expostas (canteiro do primeiro plano). Cfr. também a n.º 2, tirada mais de perto, onde são visíveis flores e frutos.

II — ANATOMIA DE *H. BIGIBBOSUS*

FOLHA

Corte transversal do limbo — O mesmo apresenta 100-186 micra de espessura. A cutícula é uniforme para o lado externo, delgada (3-5 micra). As células epidérmicas apresentam forma ou quase quadrada ou tendem para a esfericidade, têm membranas algo espessas e medem 20-30 micra em geral.

A elas se segue o parênquima paliçádico de apenas uma camada de células mais ou menos retangulares, porém, com as faces atenuadas, medindo 17-25 micra no comprimento e 5-8 na largura.

Depois o lacunoso, com 2-3 estratos celulares, cujos elementos mostram-se irregularmente esféricos, apresentando 14-18 micra no diâmetro; limitam tais células, dispostas em traves reticuladas, grandes lacunas sem forma definida.

Região da nervura central — Logo abaixo da epiderme há um parênquima com 4-6 camadas de células esféricas, seguido do paliçádico que passa inalterado por aí; depois dele continua o mesmo parênquima com mais 3 estratos celulares; em seguida, o lenho (100-130 micra de espessura por 250-300 de comprimento) com vários andares de elementos vasculares, ao qual sucede o liber (50-60 micra na espessura) duas vezes mais estreito e com delicadas células. Por fora do floema há um anel esclerênquimatoso de uma só camada de esclerócitos parecidos com os vasos do lenho, ao qual se seguem 4 a 6 estratos do primeiro parênquima referido, fechado externamente pela epiderme do lado oposto. Os dois maciços parenquimatosos em ambas as faces da nervura central conferem acentuado abaulamento à região.

Epidermes vistas de face — Superior: Suas células são de dimensões variáveis, medindo de 23-57 micra no seu maior diâmetro. Forma poliédrica de 4-6 faces;



mais comumente, quadrilátera; membranas anticlíneas, retas, de espessura moderada, notando-se nítidos espessamentos nos ângulos formados pela junção das mesmas. Queremos fazer notar que a superfície da epiderme é percorrida por faixas relativamente largas, compostas de fileiras de células com dimensões nitidamente maiores que as demais, pois não raro atingem 100 micra. Essas faixas correspondem à região das nervuras. *Pêlos* — Distribuídos uniformemente por toda a superfície desta epiderme; notamos um número regular de tricomas. São todos de uma só forma: cônicos, de base bastante dilatada com o ápice agudo. São unicelulares e de dimensões variáveis, medindo, os menores, 71 micra e os maiores, 142, da base ao ápice. São característicos pela forte cutinização de suas paredes. *Estrias epicuticulares* — Muito delgadas, retas, de dimensões variáveis, aparecem com maior nitidez nas células correspondentes às nervuras, assim como nos pêlos onde são bastante numerosas e particularmente nítidas, correndo paralelas ao seu maior diâmetro, (estampa 1 fig. 1 e 2). Inferior: Inicialmente chamamos atenção para os seguintes caracteres que diferenciam esta epiderme da outra: a presença de estômatos, a ausência de pêlos e maior nitidez do retículo formado pelas faixas de células, que correspondem às nervuras. As células desta epiderme são de forma geralmente poliédrica, com 4-10 faces, medindo no seu maior diâmetro de 13-40 micra. Na região das nervuras, entretanto, elas atingem até 108 micra. Distinguimos, ainda, um tipo intermediário de células que ocorrem na região próxima das nervuras, que pelas suas dimensões (de 23-68 micra) mostram-se maiores que aquelas de dimensões mais comuns e menores que as da região das nervuras. Membranas anticlíneas geralmente retas, algumas vezes curvas, de espessura moderada, sendo porém ligeiramente espessada nos ângulos. *Estômatos* — Extremamente numerosos, ocorrendo de 228-400 por mm², sendo que com maior frequência ocorrem em número que varia de 280-360 por mm² (cerca de 60%). O número médio nas 100 contagens efetuadas é de 326. Os estômatos, muito embora sejam morfológicamente iguais, diferem nas suas dimensões, pois distinguimos estômatos que variam de 10-17 micra de diâmetro (esses os mais frequentes) e aqueles, bem mais raros, que atingem até 23 micra. Em conjunto, eles têm a forma elítica e subcircular. As células estomáticas são relativamente estreitas e de cutinização irregular. O ostíolo mede de 3,4-13,6 micra e tem a forma linear ou elítica. Quanto às células anexas, ocorrem 2 para cada estômato. Elas diferem entre si pela forma e dimensões e se dispõem lado a lado às células estomáticas. (estampa 1 fig. 3).

CAULE

Estrutura primária — Em pontas de ramos, seccionados transversalmente, encontramos a seguinte disposição dos elementos (cfr. fig. 4):

1 — *Epiderme*: constituída de uma só camada de conspicuas células, com a face livre convexa, o que confere certa irregularidade ao contorno, mais alongadas em sentido radial; exteriormente, ligeira cutícula as recobre e daí mesmo partem espaçados tricomas cujas células basais são bem maiores do que as outras.



Fato bastante curioso é o de muitas células epidérmicas apresentarem delicada septação tangencial, que explicamos como sendo o felógeno muito precocemente formado, antes de qualquer sinal de câmbio. Os pêlos acima mencionados são pluricelulares.

2 — *Cortex*: dotada de cinco ou seis camadas de grandes células globosas com pequenos meatos entre si. Pouco desenvolvido colênquima — de apenas dois, às vezes três, estratos celulares — notamos logo abaixo da epiderme, havendo evidente variação do tamanho de seus colócitos. Cristais grandes de oxalato de cálcio ocorrem solitários nas células corticais em número discreto.

3 — *Endoderme* indistinta morfológicamente.

4 — *Periciclo*: formado por uma ou duas camadas de fibras fortemente lenhificadas, ainda que seu lumen seja amplo, compondo um anél contínuo que isola o cilindro central do parênquima cortical.

5 — *Liber*: alguns estratos de reduzidas células formam o floema. Suas dimensões são bem exíguas em relação às células circunvizinhas.

6 — *Lenho*: os feixes de protoxilema são separados por pequenos raios medulares.

7 — *Medula*: com amplo desenvolvimento, suas células são volumosas, globosas, de paredes não excessivamente delgadas, limitando pequenos meatos.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — DIAS DA SILVA, R. A., 1940 — Estudo das falsas poaías do Brasil — Sep. Rev. Syniátrica, 5-6: 26-27.
- 2 — HOEHNE, F. C., 1939 — Plantas e substâncias tóxicas e medicinais, pág. 196, São Paulo.
- 3 — LEMOS, F. DE, 1922 — Flórá médica de Minas Gerais, pág. 12, Rio de Janeiro.
- 4 — RIBEIRO, O., MACHADO, A. e SETTE, M. E., 1948 — Estudo dos alcalóides do *Hybanthus bigibbosus* Haffler — Bol. Inst. Quím. Agric., n.º 8, 7-9, Rio de Janeiro.
- 5 — SAINT-HILAIRE, M. A., — Histoire des Plantes les plus remarquables du Brésil et du Paraguái. Tomo I, pág. 315, tab. 27, Paris.



Foto 1 — Canteiro com *H. bigibbosus* aos três meses.



Foto 2 — O mesmo mostrando as flores, frutos e folhas.

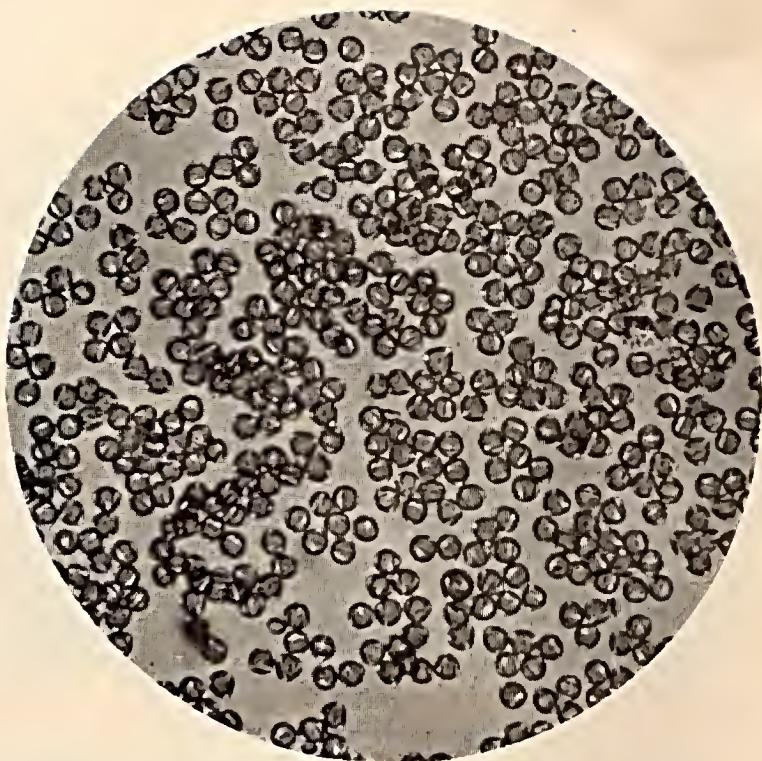


Foto 3 — Grãos de polen

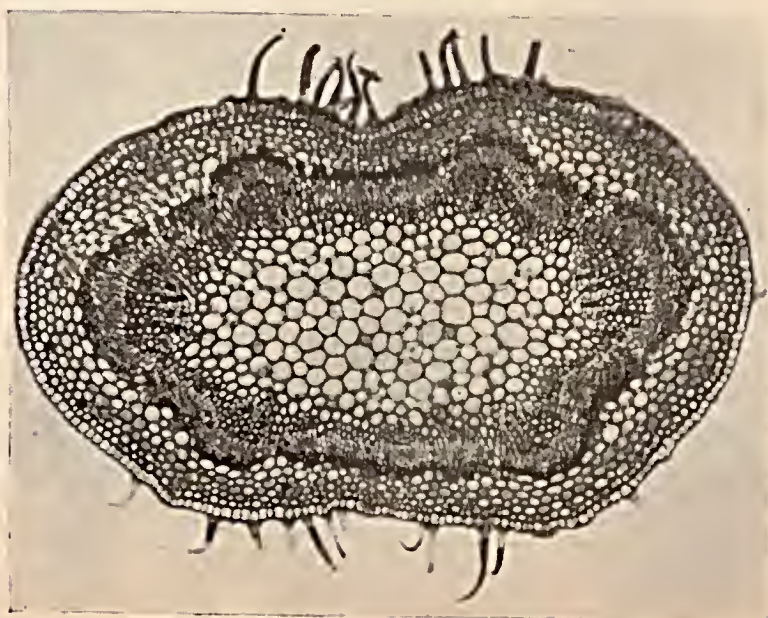
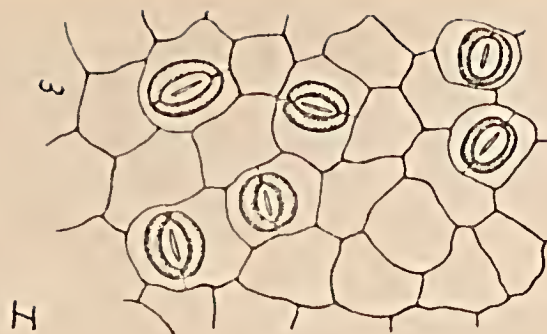
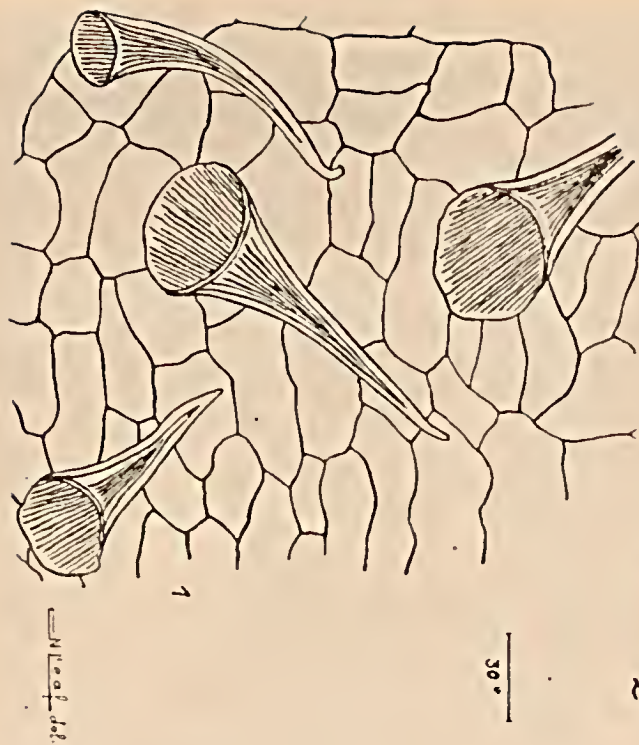


Foto 4 — Corte transversal de caule jovem



Est. I — Epidermes foliares.
 Fig. 1 — E. superior com tricomas.
 Fig. 2 — A mesma mostrando as estrias.
 Fig. 3 — E. inferior com estômatos.

THE GENUS *SCLERIA* IN BRAZIL (*)

by EARL L. CORE

Since the publication of my original treatment of the genus *Scleria***, many new data have been discovered relative to the distribution of these plants in Brazil and it seems advisable, therefore, to bring these together for the benefit of students of the Brazilian flora.

The following abbreviations are used for institutions where the cited specimens are deposited:

- BD — Botanischer Garten, Berlin-Dahlem
- C — Universitetets Botaniske Museum, Copenhagen
- D — Herbar Delessert, Geneva
- G — Gray Herbarium, Harvard University, Cambridge, Massachusetts
- K — Royal Botanic Gardens, Kew
- M — Missouri Botanical Garden, St. Louis
- NY — New York Botanical Garden
- S — Riksmuseets Botaniska Avdelning, Stockholm
- US — United States National Herbarium, Washington
- V — Naturhistorisches Museum, Vienna

(*) Received for publication September 4, 1952.

(**) The American Species of *Scleria* — Brittonia 2: 1-105; pl. 1-3; 1936.

KEY TO THE SPECIES

1. Hypogynium obscure or none (*Hypoporum*)
 2. Inflorescence simple
 3. Achene essentially smooth
 4. Annual 2 *S. lindleyana*
 4. Perennial
 5. Scales hirsute 3 *S. hirtella*
 5. Scales glabrous 10 *S. leptostachya*
 3. Achene reticulate or verrucose
 4. Annual
 5. Bracts glabrous
 6. Achene 1 mm. long
 7. Spikelets about 5 mm. long 6 *S. cuyabensis*
 7. Spikelets 2-3 mm. long 7 *S. verticillata*
 6. Achene 1.5-2 mm. long 8 *S. burchellii*
 5. Bracts hirsute 1 *S. interrupta*
 4. Perennial
 5. Inflorescence interruptedly glomerate-spicate 10 *S. leptostachya*
 5. Inflorescence a single cluster at the summit of the culm. 5 *S. filiculmis*
 2. Inflorescence more or less branched
 3. Achene smooth
 4. Inflorescence virgately branched; achene 1-1.5 mm. long. 11 *S. spicata*
 4. Inflorescence not virgately branched 10 *S. leptostachya*
 3. Achene verrucose-tuberculate or reticulate
 4. Leaves less than 5 mm. wide
 5. Inflorescence lax, paniculate or interruptedly glomerate-spicate
 6. Perennial
 7. Inflorescence interruptedly glomerate-spicate
 8. Achene transversely rugose 10 *S. leptostachya*
 8. Achene reticulate 4 *S. catharinensis*
 7. Inflorescence virgately branched 12 *S. aromatica*
 6. Annual
 7. Inflorescence paniculate, branches several
 8. Achene strongly verrucose-reticulate 13 *S. micrococca*
 8. Achene irregularly verrucose or transversely undulate-rugose
 9. Glabrous 14 *S. pusilla*
 9. Pubescent 15 *S. minima*
 7. Inflorescence interruptedly glomerate-spicate; branches few 8 *S. valdemuricata*
 5. Inflorescence spicate, dense 16 *S. composita*
 4. Leaves 5 mm. wide or wider

5. Panicle virgately branched, very large 17 *S. virgata*
5. Panicle dense, not virgately branched
 6. Leaves not incised at apex 18 *S. variegata*
 6. Leaves short-incised at apex 29 *S. bradei*
1. Hypogynium present
 2. Pistillate spikelets lowest in each branch, scssile, oneflowered, the staminate on distinct long peduncles (*Hymenolytrum*)
 3. Ligule unappendaged
 4. Leaves 7-15 mm. wide 29 *S. cyperina*
 4. Leaves 18-45 mm. wide 30 *S. grandis*
 3. Ligule with a very large membranous appendage
 4. Leaves 3-4 cm. wide; inflorescence large, dense 31 *S. stipularis*
 4. Leaves 0.5-2 cm. wide
 5. Hypogynium-margins horizontal, lobes none or very obscure 32 *S. ramosa*
 5. Hypogynium distinctly 3-lobed, the lobes lanceolate
 6. Sheaths wingless 33 *S. violacea*
 6. Sheaths winged
 7. Hypogynium-lobes entire 34 *S. macrogyne*
 7. Hypogynium-lobes dissected
 8. Leaves 5-12 mm. wide 35 *S. comosa*
 8. Leaves 12-20 mm. wide 36 *S. cyperinoides*
 2. Without this combination of characters
 3. Hypogynium-margin ciliate, fimbriate, or serrate
 4. Hypogynium ciliate on the margin (*Ophryoscleria*)
 5. Achene very large, 3.5-6 mm. long 20 *S. macrophylla*
 5. Achene smaller, 1-3 mm. long
 6. Achene 1-2 mm. long; leaves 7-11 mm. wide 21 *S. microcarpa*
 6. Achene 2-3 mm. long; leaves 1-6 cm. wide
 7. Margin of the hypogynium densely ciliate
 8. Style-base black, usually persistent .. 22 *S. mitis*
 8. Style-base brown, rather early deciduous
 9. Leaves oblong, about 5 cm. wide .. 23 *S. sprucei*
 9. Leaves linear or lanceolate, 1-3 cm. wide 24 *S. sororia*
 7. Margin of the hypogynium ciliolate or nearly glabrous
 8. Leaves broad, usually 1.5-3 cm. wide 25 *S. schiedeana*
 8. Leaves narrower, 1 cm. or less broad
 9. Hypogynium cup-shaped, or obscu-

- rely lobed, large 26 *S. phylloptera*
 - 9. Hypogynium flat, low, distinctly, 3-lobed
 - 10. Terminal panicle large, 10 cm. long 27 *S. uleana*
 - 10. Terminal panicle small, 5 cm. long, fewflowered 28 *S. obtusa*
- 4. Hypogynium fimbriate or serrate on the margin (*Schizolepis*)
 - 5. Leaves oblong, about 5 cm. broad and less than 20 cm. long 37 *S. olyroides*
 - 5. Leaves lanceolate, usually narrower, or, if 5 cm. broad, then much more than 20 cm. long
 - 6. Achenes smooth
 - 7. Inflorescence or achenes (usually both) purplishviolet 38 *S. arundinacea*
 - 7. Inflorescence brown; achenes white ... 39 *S. latifolia*
 - 6. Achenes rugose
 - 7. Achenes white
 - 8. Achenes strongly rugose-tuberculate
 - 9. Leaves 2-5 cm. wide 40 *S. panicoides*
 - 9. Leaves 1.2-2 cm. wide 45 *S. acanthocarpa*
 - 8. Achenes sparsely tuberculate 44 *S. plusiophylla*
 - 7. Achenes violet-purple, or white variegated with purple
 - 8. Inflorescence pale straw-color
 - 9. Leaves glabrous 41 *S. arguta*
 - 9. Leaves minutely pubescent 43 *S. microstachya*
 - 8. Inflorescence purplish 42 *S. myricocarpa*
- 3. Hypogynium 3-lobed, the lobes entire (*Euscleria*)
 - 4. Upper part of the panicle bearing only staminate spikelets, lower part bearing only pistillate spikelets 46 *S. bracteata*
 - 4. Staminate and pistillate spikelets intermixed throughout the inflorescence
 - 5. Achene verrucose, reticulate or papillate
 - 6. Hypogynium supporting 3-9 tubercles
 - 7. Achene papillate or transversely rugose 47 *S. alpina*
 - 7. Achene reticulate
 - 8. Bracts glabrous 48 *S. colorata*
 - 8. Bracts ciliate 49 *S. sellowiana*
 - 6. Hypogynium not supporting tubercles
 - 7. Leaves 8-24 mm. wide
 - 8. Leaves 8-10 mm. wide, the larger ones more than 30 cm. long 50 *S. warmingiana*

8. Leaves 10-24 mm. wide, usually less than 30 cm. long 51 *S. huberi*
7. Leaves 1-7 mm. wide
 8. Culm very strongly muricate-scabrous on the angles 53 *S. tenacissima*
 8. Culm slightly roughened or smooth on the angles
 9. Annual, with fibrous roots 52 *S. muhlenbergii*
 9. Perennial by rootstocks 54 *S. lagoensis*
5. Achene smooth
 6. Achene purple-violet or variegated with white
 7. Angles of the sheath broadly winged .. 55 *S. vaginata*
 7. Angles of the sheath narrowly winged or wingless
 8. Leaf-sheaths more or less wooly-pubescent
 9. Hypogynium short 56 *S. flagellum-nigrorum*
 9. Hypogynium stipitate 57 *S. scandens*
 8. Leaf-sheaths glabrous 58 *S. melaleuca*
6. Achene white
 7. Achene very large, 4-6 mm. long
 8. Ligule with a very conspicuous scarious appendage; plant climbing 62 *S. secans*
 8. Ligule unappendaged
 9. Pistillate scales 1 cm. or more long 60 *S. longigluma*
 9. Pistillate scales much shorter, usually 5 mm. or less long
 10. Hypogynium distinctly 3-lobed .. 61 *S. setuloso-ciliata*
 10. Hypogynium annuliform, margin entire or obscurely denticulate .. 55 *S. vaginata*
7. Achene smaller, 1.5-4 mm. long
 8. Ligule bearing a conspicuous scarious appendage
 9. Pistillate scales broadly ovate, dark purple 62 *S. secans*
 9. Pistillate scales lanceolate, stramineous to ferrugineous 63 *S. scabra*
 8. Ligule unappendaged
 9. Sheath broadly winged 55 *S. vaginata*
 9. Sheath wingless or nearly so
 10. Culm slender or filiform, lower peduncles capillary 64 *S. retroserrata*
 10. Culm robust, not filiform
 11. Hypogynium 3-lobed, the lobes crenulate 61 *S. setuloso-ciliata*

- 11. Hypogynium lobes not crenulate
- 12. Leaves pubescent 65 *S. clarkei*
- 12.. Leaves glabrous 59 *S. pterota*

1. *S. interrupta* Rich. Act. Soc. Hist. Nat. Paris 1:113. 1792.
Hypoporum interruptum Nees, Linnaea 8:303. 1834. Based on *Scleria interrupta* Rich.
Hypoporum distans Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1); 171 (in note). 1842
(fide Clarke, Symb. Ant. 2:139. 1900).
Scleria hirtella var. (beta) Boeck. Linnaea 38:440. 1874.
Scleria distans var. *interrupta* Kukenth. Repert. Sp. Nov. 23: 214. 1926.
Based on *Scleria interrupta* Rich.
TYPE LOCALITY: French Guiana (Leblond).
DISTRIBUTION: Savannahs and pinelands, West Indies to Central America, French Guiana and Brasil.
BRAZIL: Pernambuco, Pickel 2911 (CU, US); Ceará, Municipio de Fortaleza, Drouet 2576 (US).
2. *S. lindleyana* Clarke, Kew Bull. Add. Ser. 8: 56. 1908.
Scleria hirtella var. (alpha) Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 170, in part. 1842 (fide Clarke, loc. cit.)
TYPE LOCALITY: Brazil, Bahia, Ilheos (Salzmann 620); Rio de Janeiro (Riedel 911); Minas Gerais, (Riedel 68); French Guiana (Sagot 1349).
DISTRIBUTION: Wet soil, Brazil to Guiana.
BRAZIL: Bahia, Salzmann 620 (US); Rio de Janeiro, Riedel 911 (US).
3. *S. hirtella* Sw. Prodr. Veg. Ind. Occ. 19. 1788.
Carex hirtella Gmel. Syst. Nat. 2: 138. 1791. Based on *Scleria hirtella* Sw.
Scleria interrupta Michx. Fl. Bor. Am. 2: 168. 1803; not Rich. Act. Soc. Hist. Nat. Paris 1: 113. 1792. "Carolina ad Floridam".
Cenchrus hirsutus Spreng. Neue. Entdeck. 3: 15. 1822 (fide Kunth, Enum. Pl. 1: 166. 1833). Type locality, Hispaniola.
Hypoporum humile Nees, Linnaea 9: 303. 1834.
Hypoporum hirtellum Nees, Linnaea 9: 303. 1834 (fide Britton, Ann. N. Y. Acad. Sci. 3: 236. 1885).
Hypoporum interruptum Torr. Ann. Lyc. N. Y. 3: 382. 1836. Based on *Scleria interrupta* Michx.
Scleria cenchroides Kunth, Enum. Pl. 2: 352. 1837 (fide Boeck. Linnaea 38: 440. 1874). "Cap. b. spei; ad oram orientalem legit Drège".
Scleria hirta Willd.; Kunth, Enum. Pl. 2: 352, in syn. 1837. "Willd. herb. n. 17329 (forma fructu laevi)".
Scleria mollis Kunth, Enum. Pl. 2: 352. 1837. (fide Boeck. Linnaea 38: 440. 1874). "Brasilia meridionalis".
Scleria nutans Willd.; Kunth, Enum. Pl. 2: 351. 1837 (fide Britton, Ann. N. Y. Acad. Sci. 3: 235. 1885). "Guiana, Brasilia, Chili, Mexico".
Scleria interrupta Kunth, Enum. Pl. 2: 352, in part (as to syn. *S. hirta*). 1837.

Scleria pulchella Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 170, in syn. 1842.

Anerma hispidula Schrad. in sched., fide Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 170. 1842.

Hypoporum nutans Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 170. 1942. Based on *Scleria nutans* Kunth.

Scleria michauxii Chapm. Fl. S. U. S. 532. 1860. Based on *Scleria interrupta* Michx.

Scleria hirtella var. *pauciciliata* Britton, Ann. N. Y. Acad. Sci. 3: 236. 1885.

Scleria humilis Britton, Ann. N. Y. Acad. Sci. 3: 235. 1885. Here ascribed to Nees (Linnaea 9: 303. 1834), who did not make this combination.

TYPE LOCALITY: Jamaica.

DISTRIBUTION: Wet grassy lands, pine barrens and savannahs, southern United States to northern Argentine and Chile; also in Africa.

BRAZIL: "In vicinibus Barra", Amazonas, Spruce (G, NY); Bahia, Blanchet (D); Bahia, Salzmann (G); Minas Geraes, Warming (NY); Santa Ana, São Paulo, Rabello & Barbosa (M); Alto da Serra, São Paulo, L. B. Smith 1916 (G); Parana, Curitiba, Dusen 2239, 13490 (NY, US); Tubarao, Santa Catharina, Ule 1374 (BD); Para, Kappler 1557 (M); S. Leopoldo, Rio Grande do Sul, Leite 466 (US); Rio Grande do Sul, Municipio St. Amaro, Rincão do Mello, Jurgens 22 (US); Ceara, Dias da Rocha (US); Amapa, Para, Swallen 7920 (US); Amapa, A. T., Baldwin 4058 (US); Alexandra, Parana, Guenter Tessmann 3614 (US).

4. *S. catharinensis* Boeck. Allg. Bot. Zeitschr. 2: 158. 1896.

TYPE LOCALITY: Campo de Capiuare, Santa Catharina, Brazil (Ule 1923).

DISTRIBUTION: Known only from the type locality, Ule 1923 (BD).

The single specimen which represents this species is very similar to *Scleria leptostachya*, differing in having reticulate achenes, whereas those of *S. leptostachya* are merely transversely rugose, if not quite smooth.

5. *S. filiculmis* Boeck. Allg. Bot. Zeitschr. 2: 158. 1896.

TYPE LOCALITY: Santa Catharina, Brasil (Ule 1939).

DISTRIBUTION: Known from the type locality, Ule 1939 (BD).

This species, although represented by only a single collection, is certainly quite distinct. It seems to belong near *Scleria baldwinii* and *S. georgiana*, but differs strongly from both in its low habit and its tuberculate achenes.

6. *S. cuyabensis* Pilger Bot. Jahrb. 30: 144. 1901.

TYPE LOCALITY: "Matto Grosso: häufig zerstreut auf trocknem, steinigem Boden bei Cuyaba" (Meyer Iter. II. bras. 366, March, 1899).



DISTRIBUTION: In campos, Matto Grosso, Brazil.

BRAZIL: Matto Grosso, *Meyer Iter. II. bras.* 366 (BD), *Pl. It. Regnell.* II. 3191a, 3191 (S), *Exp. I. Regnell.* 1494b (S).

This species, closely related to the following, is separated by its much longer spikelets.

7. *S. verticillata* Muhl.; Willd. *Sp. Pl.* 4: 317, excl. syn. Michx. 1805.

Hypoporum verticillatum Nees, *Linnaea* 9: 303. 1834. Based on *Scleria verticillata* Muhl.

Hypoporum diffusum Nees, *Linnaea* 9: 303. 1834, *fide* Boeck. *Linnaea* 38: 446. 1874.

Scleria diffusa Michx.; Kunth, *Enum. Pl.* 2: 359. 1837. Based on *Hypoporum diffusum* Nees.

Scleria tenuiflora Willd.; Kunth, *Enum. Pl.* 2: 353. 1837, in syn. "Willd. herb. n. 17331 e Sierra Leona, (an patria recte notata"?).

Scleria tenella Kunth, *Enum. Pl.* 2: 353. 1837. Type locality, Guiana. *Hypoporum tenellum* Nees, in *Mart. Fl. Bras.* 2(1): 171. 1842. Based on *Scleria tenella* Kunth.

Scleria kunthiana Steud. *Syn. Pl. Cyp.* 176. 1855.

Scleria hirtella var. *glabrescens* Boeck. ms. in C. Wright 3417 (*fide* Clarke, *Symb. Ant.* 2: 139. 1900).

Scleria verticillata f. *brevis* Kukenth. *Repert. Sp. Nov.* 23: 214. 1926. Type locality, Cuba: prov. Pinar del Rio, Herradura (Ekman 17730, Oct. 21, 1923).

Scleria verticillata f. *capillaris* Kukenth. *Repert. Sp. Nov.* 23: 214. 1926. Type locality, Cuba: prov. Pinar del Rio, Laguna Santa Maria (Ekman 17275, Aug. 23, 1923).

Scleria verticillata var. *tenella* Kukenth. *Bot. Jahrb.* 56: Beibl. 125: 20. 1921. Type locality, Brazil: Rio Branco, Serra do Mel (*Ule* 8063, in part).

TYPE LOCALITY: Virginia, Carolina.

DISTRIBUTION: Wet sandy soil and cultivated grounds, Ontario to Brazil.

BRAZIL: Para, Goeldi 1077 (US).

8. *S. burchellii* Clarke, *Kew. Bull. Add. Ser.* 8: 56. 1908.

TYPE LOCALITY: Brazil; Goyaz (*Burchell* 9060) and Diamantina, Minas Geraes (*Schwacke* 8438).

DISTRIBUTION: Brazil.

BRAZIL: Glaziou 20052 (BD); Goyaz, *Burchell* 6762 (G), 9060 (K); Minas Geraes, *Schwacke* 8438 (BD).

This species, closely related to *Scleria cuyabensis* and to *S. verticillata*, differs from them in the size of the achene.

9. *S. valdemuricata* Kükenth. *Bot. Jahrb.* 56: Beibl. 125: 20. 1921.

TYPE LOCALITY: Brazil, Hylaea, Amazonas, "in Sumpfcampo bei der Serra do Mel, Rio Branco, Surumu" (*Ule* 8063, July 1909).



DISTRIBUTION: Known only from the type locality, *Ule* 8063, (BD). This species is scarcely to be separated from *Scleria pinctorum* Britton, but in view of their great geographical remoteness I have held them distinct until further collections can be studied.

10. *S. leptostachya* Kunth, Enum. Pl. 2: 354. 1837.

Hypoporum leptostachyum Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 172. 1842.
Based on *Scleria leptostachya* Kunth.

TYPE LOCALITY: "Brasilia meridionalis, Sellow legit".

DISTRIBUTION: Wet grassland, Brazil and Bolivia.

BRAZIL: "Brasilia meridionalis", Sellow (BD); Minas Geraes, Regnell III. 1321 (BD, US), Riedel 2990 (BD), Loeffgren 396 (S); Rio Grande do Sul, Pl. Itin. Regn. II. 1024 (S); Parana, Dusen (US).

Kunth's description of this plant reads, in part, as follows: "achenio breviter stipitato, elliptico, umbonato, transverse undulato-rugoso, cretaceo-albido". The type collection consists partly of plants with extremely verrucose achenes and partly of plants with very smooth achenes. Such a variation in the achenes is somewhat unusual for *Scleria* and it might be thought that the collection was mixed, were it not for the fact that both kinds of achenes may in some cases be found on the same individual.

11. *S. spicata* (Spreng.) F. Macbr. Field Mus. Publ. Bot. 4: 168. 1929.

Rhynchospora spicata Spreng. Syst. Vcg. 1: 194. 1825.

Scleria pleostachya Kunth, Enum. Pl. 2: 355. 1837. Type locality, "in summo jugo montium Serra do S. Antonio dic'io, prov. Minarum" (Sellow).

Hypoporum pleostachyum Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 172. 1943.
Based on *Scleria pleostachya* Kunth.

TYPE LOCALITY: Brazil.

DISTRIBUTION: In moist, soil, Brazil.

BRAZIL: São Paulo, Riedel in 1833 (US); Minas Geraes, Riedel (M).

The incomplete specimen of *Rhynchospora spicata* Spreng., according to Macbride, is the same as the plant which has been called *S. pleostachya* Kunth, which name lapses, therefore, into synonymy.

12. *S. aromatica* Core, Brittonia 1: 239. 1934.

TYPE LOCALITY: "S. de Antonio Pereira, Minas" (Schwacke 8851).

DISTRIBUTION: Campos, southern Brazil.

BRAZIL: Minas Geraes: Schwacke 8851 (BD), Ule 3772 (BD).

C. B. Clarke labels Schwacke 8851 as *Scleria virgata*, with a question-mark, adding that he had no example of *S. virgata* with which to compare it. He says it "is exceedingly like *S. pleostachya*, but the nut is muricate". The present species is quite unlike *S. virgata* in many features, notably the much smaller inflorescence.

13. *S. micrococca* (Liebm.) Steud. Syn. Pl. Cyp. 179. 1855.

Hypoporum micrococcum Liebm. Vidensk. Selsk. Skr. V. 2: 256. 1850.



"Samlet i torre Savaner ved Segovia i Nicaragua af Mag. Orsted i Januar".

Hypoporum purpurascens Liebm. Vidensk. Selsk. Skr. V. 2: 256. 1850; not Nees, Linnaea 9: 303. 1834. "Voxer i torre Savaner ved Mirador i Potrero de Consoquitla, blomstrende i October; ligeledes i Dep. Oajaca ved Talea i August" (Orsted).

Scleria liebmarii Steud. Syn. Pl. Cyp. 179. 1855. Based on *Hypoporum purpurascens* Liebm.

Hypoporum verticillatum Nees, Bonplandia 3: 87. 1855; not Nees, Linnaea 9: 303. 1834.

Scleria tenella Griseb. Cat. Pl. Cub. 249, in part. 1866; not Kunth, Enum. Pl. 2: 353. 1837.

Scleria luzulaeformis Wright; Sauv. Anal. Acad. Cienc. Habana 8: 156. 1871. "En sabana cerca de San Juan de Buena Vista, jurisdiccion de Bayamo", (Wright 3418 p.p.).

Scleria costaricensis Boeck. Allg. Bot. Zeitschr. 2: 157. 1896. "Entre Terraba et Boruca, Costa Rica" (Tonduz 4634).

TYPE LOCALITY: Nicaragua.

DISTRIBUTION: Wet fields, Mexico to northern Brazil, also in Cuba.

BRAZIL: Amazonas, Ule 8063 in parte (BD).

14. *S. pusilla* Pilger, Bot. Jahrb. 30: 144. 1901.

TYPE LOCALITY: Matto Grosso, "am Uferabhang des Quellflusses des Ronuro" (Meyer 596).

BRAZIL: Matto Grosso, Meyer It. II. bras. 596 (BD), Pl. It. Regnell. II 3170 (S).

This species is very near *Scleria micrococca*, differing from it in having the achenes irregularly echinate instead of reticulate.

15. *S. minima* Clarke, Kew Bull. Add. Ser. 8: 57. 1908.

Scleria minima f. *angustifolia* Kukenth. Bot. Jahrb. 56: Beibl. 125: 20. 1921. Type locality, Rio Branco, Surumu, Amazonas (Ule 8063, in part).

TYPE LOCALITY: Goyaz, Brazil (Burchell 6914-2).

DISTRIBUTION: Brazil.

BRAZIL: Goyaz, Burchell 6914-2 (K); Amazonas, Ule 8063 in part.

Scleria minima Clarke may be only a pubescent form of *S. pusilla* Pilger.

16. *S. composita* (Nees) Boeck. Linnaea 38: 444. 1874.

Hypoporum compositum Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 171. 1842.

TYPE LOCALITY: Brasilia "ad Aldeam S. Mariac, prov. Goyazanae" (Pohl).

DISTRIBUTION: Swamps, Brazil and Bolivia to northern Argentina.

BRAZIL: Goyaz, Glaziou 22354 (US, BD), Pohl (BD); Rio Grande do Sul, Pl. Itin. Regnell. II. 1079 (S); Matto Grosso, Pl. Itin. Regnell. II. 3200 (S).

A rather variable species, chiefly as to pubescence and width of leaves.



17. *S. virgata* (Nees) Steud. Syn. Pl. Cyp. 176. 1855.

Hypoporum virgatum Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 172. 1842.

Scleria trigonocarpa Boeck. Cyp. Nov. 1: 37. 1888. "Prope Rio de Janeiro leg. Dr. E. Goldi".

Scleria diffusa Clarke, Kew Bull. Add. Ser. 8: 57. 1908, not Michx.; Kunth, Enum. Pl. 2: 359. 1837. "Brazil. Minas Geraes; Itacolumi, legit Langsdorff?"

TYPE LOCALITY: Brazil, "ad Sebastianopolin et in silvis prov. Maraganiensis" (Martius).

DISTRIBUTION: Woods, Brazil.

BRAZIL: Maranhão, Martius 382 (BD); Rio de Janeiro, Goldi (BD), Martius (BD), Wilkes Exped. (G), L. B. Smith 1430 (G), Minas Geraes, Riedel (K).

This is a very clear-cut species, its unusually large virgate inflorescence differing markedly from that of any species. C. B. Clarke, doubtfully labeling Schwacke 8851 as *Scleria virgata*, states that he had no material of *S. virgata* with which to compare it. This possibly accounts for his describing *S. diffusa* as a new species, whereas it is clearly only *S. virgata*.

18. *Scleria variegata* (Nees) Steud. Syn. Pl. Cyp. 176. 1855.

Hypoporum variegatum Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 173. 1842.

TYPE LOCALITY: "In silvis ad Sebastianopolin, in silvaticis submontanis prov. Minarum, Julio et Septembri" (Martius).

DISTRIBUTION: Wet shady places, Brazil.

BRAZIL: Parana, Dusen 219a (S, G, M); Rio de Janeiro, Brade 11191 (G).

This species, related to *S. scabrosa*, differs in its spreading inflorescence. It is a very handsome plant.

19. *S. bradei* Pilger, Fedde Repert. 42: 173. 1937.

BRAZIL: Rio de Janeiro, Nictheroy, Imbuhy, A. C. Brade 12818. I have not seen the type specimen, which is in the Herbarium of the Botanical Garden of Rio de Janeiro (No. 24130).

20. *S. macrophylla* Presl, Rel. Haenk. 1: 200. 1828.

Scleria paludosa Poepp. & Kunth, Enum. Pl. 2: 344. 1937. "Peruvia (prope Torache, ad fl. Huallagam superiorem, in sylvis paludosis. Poeppig legit".

Ophryoscleria paludosa Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 185. 1842. Based on *Scleria paludosa* Poepp. & Kunth.

Scleria palmifolia Hoffmgg.; Schlecht. Bot. Zeit. 3: 492. 1845 (fide Boeck. Linnaca 38: 522. 1874). "Salzm. hrbr. Bahia".

Scleria macrocarpa Salzm.; Schlecht. Bot. Zeit. 3: 492, as syn. 1845.

Ophryoscleria asperrima Liebm. Vidensk. Selsk. Skr. V. 2: 261. -851. "Et Exemplar hjembragtes af Mag. Orsted, samlet ved Bredderne af Rio de S. Juan de Nicaragua i Juni".

Scleria asperrima Steud. Syn. Pl. Cyp. 170. 1855. Based on *Ophryoscleria asperrima* Liebm.

TYPE LOCALITY: "In insula Luzon" (Haenke), in error; doubtless tropical South America.

DISTRIBUTION: Marshes and swampy forests, Mexico to Brazil and Bolivia.

BRAZIL: Goyaz, Burchell 7752 (G); Bahia, Salzmann (US); Para, Goldi 1078 (G, US), Killip & Smith 30407 (US); Boa Vista, Para, Swallen 3128 (US); Ceara, Gardner 1895 (NY, US).

21. *S. microcarpa* Nees, Linnaea 9: 302. 1834.

Scleria ovuligera Reichb.; Nees, Linnaea 9: 303. 1834 (fide Kunth, Enum. Pl. 2: 341. 1837).

Ophryoscleria microcarpa Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 184. Based on *S. microcarpa* Nees.

Scleria foliosa Wright; Sauv. Anal. Acad. Cienc. Habana 8: 154. 1871; not A. Rich. Tent. Fl. Abyss. 2: 509. 1851. Type locality, Cuba (Wright 3807).

Scleria latifolia Balb.; Boeck. Linnaea 38: 517, as syn. 1874.

Scleria microcarpa var. *latifolia* Boeck. Linnaea 38: 517. 1874. Type locality, Guadeloupe.

Scleria microcarpa var. *foliosa* Clarke, Symb. Ant. 2: 149. 1900.

TYPE LOCALITY: Brazil.

DISTRIBUTION: Swamps, roadsides, and moist thickets, Cuba and Mexico to Paraguay.

BRAZIL: Amazonas, Baker 151 (NY), Cucuhy, Rio Negro, Holt & Gehriger 343 (US), Rio Purus, Traill in 1875 (G); Matto Grosso, Moore 837 (NY); Bahia, Blanchet 2433 (NY); Minas Geraes, Clausen 660 (G, in part); Para, Burchell 9906 (G), Para, Killip & Smith 30268 (NY, US); Rio Negro, Uacara, Luetzelburg 22157; Rio Castanho, Upper Rio Negro basin, Amazonas, Cardona 1440 (US); Recife, Pernambuco, Pickel 3335 (NY); Manaos, Tate (NY); Cucuhy, Rio Negro, Amazonas, Baldwin 3255 (US); Ilha Nova Vida, Rio Negro, Amazonas, Baldwin 3275 (US); Igarape Bucury, Rio Negro, Amazonas, Baldwin 3490 (US); Muirapinima, Rio Negro, Amazonas, Baldwin 3372 (US); Carvoeira, Rio Negro, Amazonas, Baldwin 3350 (US).

22. *S. mitis* Berg. Vet. Akad. Handl. Stockh. 26: 145. pl. 5. 1765.

Shoenus lithospermus L. Sp. Pl. ed. 2. 65, pro parte. 1762. (fide Clarke, Symb. Ant. 2: 150. 1900).

Carex lithosperma L. Syst. Veg. ed 13. 706. 1774 (fide Clarke, loc. cit. 150).

Carex mitis Gmel. Syst. Nat. 2: 138. 1791. Based on *S. mitis* Berg.

Scleria riparia Poepp. & Kunth, Enum. Pl. 2: 341. 1837. "Peruvia (prope Tocae, mission del Huallaga alto, in fluviorum ripis paludosis) Poeppig legit".

Scleria latifolia Reichb.; Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 183, as syn. 1842. "Specimen majus ante anthesin decreptum".

Ophryoscleria lucida Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 183. 1842. "In silvis prov. S. Pauli et Rio de Janeiro; in campis altis do Paranan et in silvis Minarum Novarum (Martius); in Gujana (Weigelt)".
Ophryoscleria mitis Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 183. 1842. Based on *Scleria mitis* Berg.

Ophryoscleria riparia Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 184. 1842. Based on *Scleria riparia* Poepp. & Kunth.

Scleria praealta Salzm.; Schlecht. Bot. Zeit. 3: 461, as syn. 1845. "In paludosis Bahia".

Scleria lucida Steud. Syn. Pl. Cyp. 168. 1855. Based on *Ophryoscleria lucida* Nees.

Scleria trialata Bertero; Boeck. Linnaeae 38: 521, as syn. 1874.

Scleria trinitatis Boeck. Cyp. Nov. 2: 31. 1890 (fide Clarke, Symb Ant. 2: 150. 1900). "Insula Trinitatis".

TYPE LOCALITY: "Habitat in Surinamo".

DISTRIBUTION: Clearings and wet banks, Guatemala and Cuba to Paraguay and Bolivia.

BRAZIL: *Blanchet* (S); Para, *Goldi* 1081 (G, US, M, NY), Para, *Killip & Smith* 30213 (NY, US), Para, *Spruce* (BD, NY); Lagoa Santa, Minas Geraes, *Warming* (NY); Ilheos, Bahia, *Blanchet* (D), Bahia, *Salzmänn* (US); Rio de Janeiro, *Harshberger* 856 (US); Santa Ana da Chapada, Matto Grosso, *Malme* (S).

23. *S. sprucei* Clarke, Kew Bull. Add. Ser. 8: 61. 1908.

TYPE LOCALITY: "Amazonas, at the mouth of the river Solimoes" (*Spruce* 1565).

DISTRIBUTION: Forests, Brazil; known only from the type locality, *Spruce* 1565 (K, BD, NY).

Because of its short broad leaves, this is a most distinctive species.

24. *S. sororia* (Nees) Kunth, Enum. Pl. 2: 343. 1837.

Ophryoscleria sororia Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 184. 1842.

TYPE LOCALITY: "In Brasilia meridionalis campis, ad Vittoriam prov. S. Spiritus: *Sellow* in H. B. Berol".

DISTRIBUTION: Known only from the type locality, *Sellow* (BD).

BRAZIL: From the type locality, *Sellow* (BD); Campinas, Sao Paulo, *Viegas* 3243 (US).

25. *S. schiedeana* Schlecht. Bot. Zeit. 3: 489. 1845.

Ophryocleria schiedeana Liebm. Vidensk. Selsk. Skr. V. 2: 261. 1850.
Based on *Scleria schiedeana* Schlecht.

Schizolepis paranensis Palla, Denkschr. Akad. Wiss. Wien 79: 196. 1908.
"Bei Antonina, (Parana), 1904, *Wacket*".

TYPE LOCALITY: "In Barranca de Tioselo, Mexico" (*Schiede*).

DISTRIBUTION: Mexico and Brazil.

BRAZIL: Parana, *Wacket* (V).

26. *S. phylloptera* Wright; Griseb. Cat. Pl. Cub. 248. 1866.
Scleria microcarpa var. *angustifolia* Boeck. Flora 64: 79. 1881 (fide Clarke, Symb. Ant. 2: 150. 1900).
Scleria microcarpa var. *phylloptera* Kuentz. Repert. Sp. Nov. 23: 218. 1926. Based on *Scleria phylloptera* Wright.
TYPE LOCALITY: "Cuba occ., in humidis pr. Hanabana Wr. a. 1865; 724b".
DISTRIBUTION: Muddy banks, Cuba and Mexico to Brazil.
BRAZIL: Goyaz, Burchell 8558 (G); Sao Paulo, Brade 6158 (S).
27. *S. uleana* Boeck. Allg. Bot. Zeitschr. 2: 159. 1896; Clarke, Kew Bull. Add. Ser. 8: 60. 1908.
TYPE LOCALITY: "Brazil. S. Catharina; Tubarao, Ule. n. 1373; S. Francisco, Ule, n. 230".
DISTRIBUTION: Known only from the type collections.
BRAZIL: From the type localities, Ule (BD); Sao Paulo, Villa Emma, Brade 12167 (US).
28. *S. obtusa* Core, Brittonia 1: 240. 1934.
TYPE LOCALITY: Near Lake Rogagua, Bolivia, Mulford Biol. Exped. 1224 (type in N. Y.).
DISTRIBUTION: Pampas and campos, Brazil, Bolivia, and Paraguay.
BRAZIL: Pernambuco, Ridley, Lea & Ramage (S); Rio de Janeiro, Ule 4794 (BD).
The specimens here referred to *Scleria obtusa* resemble *S. phylloptera*, but have the hypogynium much lower. In this they are like *S. uleana*, but all these specimens have the terminal panicle small, 5 cm. long or less, and distinctly few-flowered, while in *S. uleana* the terminal panicle is 10 cm. long or more. and more profusely flowering.
29. *S. cyperina* Kunth, Enum. Pl. 2: 345. 1837.
Hymenolytrum cyperinum Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 175. 1842.
Based on *Scleria cyperina* Kunth.
TYPE LOCALITY: Venezuela, "Cumana. Humb (oldt). legit".
DISTRIBUTION: Savannahs, Colombia to Guiana.
BRAZIL: Rio Branco, Surumu, Ule 8368 (BD); Amapa, Amapa Terr., Baldwin 4083 (US); mouth of Rio Uaupes, Amazonas, Baldwin 3515 (US).
30. *S. grandis* Corc, Jour. Wash. Acad. Sci. 35: 322. 1945.
TYPE LOCALITY: Santa Isabel, Rio Negro, Amazonas, Baldwin 3412, Feb. 15-16, 1944 (US).
DISTRIBUTION: Amazon Valley of Colombia and Brazil.
BRAZIL: Known only from the type locality.
This very distinctive species is clearly distinguished from its nearest relative, *S. cyperina*, by its more robust habit, its much broader leaves, and its smooth achene. *S. grandis* and *S. cyperina* are the



only known members of the section *Hymenolytrum* lacking the large, conspicuous, scarious appendage to the ligule found in *S. stipularis*. *S. ramosa*, *S. violacea*, *S. macrogyne*, *S. comosa*, and *S. cyperinoides*.

31. *S. stipularis* Nees, Jour. Bot. Hook. 2: 394. 1840.

Hymenolytrum silvestre Schrad.; Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 176. 1842 (*vide* Steud. Syn. Pl. Cyp. 171. 1855).

Scleria pyramidalis Hochst. "Hrb. Hohenack. nr. 1171"; Steud., loc. cit. 171, as synonym.

TYPE LOCALITY: British Guiana (*Schomburgk*).

DISTRIBUTION: Forests, Guiana to Peru.

BRAZIL: Cassiquiare, Salano, *Ph. v. Luetzelburg* 22558 (US); Manaos, Amazonas, Killip & Smith 30143 (NY).

32. *S. ramosa* Clarke, Kew Bull. Add. Ser. 8: 59. 1908.

TYPE LOCALITY: Goyaz: Brazil (*Burchell* 8413).

DISTRIBUTION: Known only from the type collection, *Burchell* 8413 (K).

Although represented by a single specimen, this species seems clearly distinct, being easily separated from the related *S. violacea* by its unlobed hypogynium.

33. *S. violacea* Pilger, Bot. Jahrb. 30: 145. 1901.

TYPE LOCALITY: "Mattogrosso: auf Sumpfboden an einem Buriti-Bach am oberen Kulischu" (*Meyer* 715).

DISTRIBUTION: Moist soil, Matto Grosso, Brazil.

BRAZIL: Matto Grosso, *Pl. Itin. Regnell. II.* 1967, 1967a, 1967b (S), *Meyer* 715 (BD).

It is possible that this plant should be called *Scleria martii* Steud. (Syn. Pl. Cyp. 171. 1855). I have not seen the type of that species, but in *Martius, Flora Brasiliensis* (2: pl. 22) there is a very good sketch of it (as *Hymenolytrum*). Nees says of it that the fruit was not mature, but the sketch shows the ovary as being obscurely trigonous. *S. violacea* Pilger coincides with the sketch of *S. martii*, except for the fact that the achene is very sharply 3-angled. Whether the mature achene of the Neesian species would be sharply trigonous I am not able to say. Probably, however, *S. violacea* Pilger is the same as *S. martii* Nees, and should be so called. Specimens in the Gray Herbarium and the Herbarium of the New York Botanical Garden, doubtfully labeled *S. martii*, have no resemblance to Nees' plant, lacking the very conspicuous scarious appendage to the ligule. They represent *S. cyperina* Kunth. Both *S. martii* (as figured by Nees) and *S. violacea* possess the appendage to the ligule, and further resemble each other in the wingless sheaths, in striking contrast to the broadly winged sheaths of *S. cyperinoides* and *S. macrogyne*.



34. *S. macrogyne* Clarke, Kew. Bull. Add. Ser. 8: 59. 1908.
TYPE LOCALITY: "British Guiana: Parker, Appun, n. 448; Massaruni River, Jenman, nn. 2463, 6088. Brazil: Piahy, Gardner, n. 2985; Rio Negro; San Joaquin, Ule, n. 6065".
DISTRIBUTION: In woods and thickets, British Guiana and Brazil.
BRAZIL: Cucuhy, Rio Negro, Amazonas, Baldwin 3250 (US).
35. *S. comosa* (Nees) Steud. Syn. Pl. Cyp. 171. 1855.
Hymenolytrum comosum Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 175. 1842.
TYPE LOCALITY: "In silvis ad Canuma prov. Rio Negro" (Martius).
DISTRIBUTION: In woods, Brazil.
BRAZIL: Sao Paulo, Lofgren 464 (S).
I have not seen the type of this species, and the single specimen I have examined, doubtfully marked by Ekman as *Scleria comosa*, in Mus. Bot. Stockholm, is immature. It is distinct from any other species of the section *Hymenolytrum* that I have seen and may well represent *S. comosa*.
36. *S. cyperinoides* Clarke, Kew Bull. Add. Ser. 8: 61. 1908.
TYPE LOCALITY: "North Brazil, Vaughan n. 28; Rio Negro, Barra, Spruce n. 1252; South Brazil, Burchell n. 9789".
DISTRIBUTION: In dense forests, Venezuela to Brazil and Bolivia.
BRAZIL: Amazonas, Holt & Blake 560 (US, NY) Spruce 1252 (G, K, BD, NY); Para, Goldi 1079 (G, NY, US, M), Manaos, Killip & Smith 30143 (NY, US).
37. *S. olyroides* Kunth, Enum. Pl. 2: 348. 1837. (Pl. 1, f. 8).
Schizolepis olyroides Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 187. 1842. "In campis ad Vittoriam prov. S. Spiritus: Sellow".
Schizolepis rufescens Schrad.; Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 187, as syn. 1842.
Scleria flagellum Spreng.; Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 187, as syn. 1842.
TYPE LOCALITY: "Brasilia meridionalis. Sellow legit".
DISTRIBUTION: Campos, Brazil, known only from the type locality, (between Vittoria and Bahia, prov. S. Spiritus) Sellow in 1836 (BD).
Remarkable for its very short and broad leaves, abruptly narrowed near the apex.
38. *S. arundinacea* Kunth, Enum. Pl. 2: 347. 1837.
Scleria latifolia Nees, Flora 11: 303. 1828; Boeck. Linnaea 38: 530. 1874; not Sw.
Scleria sylvestris Poepp. & Kunth; Kunth, Enum. Pl. 2: 346. 1837. "Provincia Peruviana Huanaco (in sylvis ad Cuchero). Poeppig legit".
Scleria cyanocarpa Kunth, Enum. Pl. 2: 347. 1837. "Brasilia meridionalis. Sellow legit".



Schizolepis latifolia Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 186. 1842. Based on *Scleria latifolia* Sw.

Schizolepis trigonocarpa Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 186. pl. 26. 1842. "In silvis prov. Maragnaniensis et Paraensis" (Martius).

Scleria silvestris Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 188. 1842; variant spelling.

Schizolepis silvestris Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 223-224 (index). 1842.

Scleria grandifolia Miq. Linnaea 19: 230. 1847 (fide Boeck. Linnaea 38: 532. 1874. "Crescit ad Osembo in Para" Focke).

Scleria kappleriana Hochst.; Steud. Syn. Pl. Cyp. 172, as syn. 1855.

Scleria trigonocarpa Steud. Syn. Pl. Cyp. 171. 1855. Based on *Schizolepis trigonocarpa* Nees.

Schizolepis arundinacea Palla, Denks. Acad. Wien. 79: 196. 1908. Based on *Scleria arundinacea* Kunth.

TYPE LOCALITY: "Nova Hollandia" in error; probably Martinique.

DISTRIBUTION: In forests and clearings, Central America and the Lesser Antilles south to Bolivia, Paraguay, and Argentina.

BRAZIL: Scoulen (BD), Sellow (BD); Riedel (US, BD) 912 (US), Lhotzky (BD), Rio de Janeiro, Burchell 980 (G, NY, US), Rio de Janeiro, Glazou 15690 (BD), Rio de Janeiro, Rudol (BD); Rio de Janeiro, Beyrich (BD), E. W. D. & Mary Holway 1129 (US), Rio de Janeiro, Forssell 305 (S), Rio de Janeiro, Widgren 814 (S); Bahia, Luschmuth 115 (BD); "prov. Maragnaniensis" Martius (BD); Santa Catarina, Ule 966 (BD, US), Gaudichaud (BD), Scoulen 189 (BD), Santa Catharina, Brennueng III. 15 (BD); Rio Grande do Sul, Czermak & Reincke 444 (D); Sumarc, Holway 1071 (NY, US); S. Leopoldo, Rio Grande do Sul, Eugenio Leite 462; Porto Parati, R. Herter 716 (US).

The chief point of difference between *S. arundinacea* and *S. latifolia* appears to lie in the color of the inflorescence, typical material of *S. arundinacea* being deep-purple, while in *S. latifolia* the inflorescence is brown-straw-colored. *S. arundinacea* may, therefore, be only a color variant of *S. latifolia*. Nees' description of *Schizolepis latifolia* (Mart. Fl. Bras. 2(1): 186. 1842) is based on material that is typical of *Scleria arundinacea* ("tota inflorescentia purpurascens"). I have examined the types of *S. silvestris* Poepp. & Kunth, *S. cyanocarpa* Kunth, and *S. trigonocarpa* Nees, and find no essential points of difference between them and *S. arundinacea*. Nees apparently intended (loc. cit. 188) to transfer *Scleria silvestris* to the genus *Schizolepis*, since under the heading *Schizolepis*, No. 3 is *Schizolepis olyroides*, No. 4 is *Scleria silvestris* and No. 5 is *Schizolepis foliosa*. Evidently through an error the name *Scleria* was printed for No. 4, instead of *Schizolepis*. The combination *Schizolepis silvestris* occurs, in this work, only in the index.

39. *S. latifolia* Sw. Prodr. Veg. Ind. Occ. 18. 1788.

Carex latifolia Gmel. Syst. Nat. 2: 138. 1791. Based on *S. latifolia* Sw.

Scleria nervosa Wikstr. Vet. Akad. Handl. 1827: 75. 1827 (fide Clarke, Symb. Ant. 2: 152. 1900). Type locality, Guadeloupe.

Scleria loefgreniana Boeck. Vidensk. Meddel. 1894: 240. 1895. Type locality, Fazenda Campo Grande, São Paulo, Brazil (Edwall 1977).

Scleria lacunosa Boeck. Allg. Bot. Zeitschr. 2: 160. 1896. Type locality, "India occident".

TYPE LOCALITY: Jamaica.

DISTRIBUTION: Moist shady places, Central America and the Lesser Antilles south to Bolivia.

BRAZIL: Rio de Janeiro, Wilkes Exped. (G, US), Ball (G), São Paulo, Atamp (US), Edwall 1977 (BD), Lofgren 614 (C); Para, Goldi (NY).

40. *S. panicoides* Kunth, Enum. Pl. 2: 348. 1837.

Schizolepis panicoides Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 188. Based on *Scleria panicoides* Kunth.

TYPE LOCALITY: "Brasilia meridionalis. Sellow legit".

DISTRIBUTION: Damp shady places, Brazil to Bolivia.

BRAZIL: Rio de Janeiro, Ball in 1882 (NY), Rose & Russel 20787 (US), Mendonca 840 (BD), L. B. Smith 1261 (G); Paraná, Dusen 217a (G); São Paulo, Campos Novaes (US), Freyreis (S); Minas Geraes, Mexia 4686 (US).

Standley (Field Mus. Publ. Bot. 8: 283. 1931) believes that this is the same as *Scleria foveolata* Cav. (Ic. 5: 35. 1799), and should be so called. I have not seen the type of *S. foveolata*.

41. *S. arguta* (Nees) Steud. Syn. Pl. Cyp. 172. 1855.

Schizolepis arguta Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 189. 1842.

Scleria myricocarpa f. *pallida* Kunth; Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 189. 1842.

TYPE LOCALITY: "In Brasilia: Sellow in Sched. et Herb. Schrad".

DISTRIBUTION: In woods, Brazil.

BRAZIL: "Brasilia" Sellow (BD); Rio de Janeiro, Ball in 1882 (NY), Minas Geraes, Kuntze in 1892 (NY), Mexia 5145 (NY).

Nees (Mart. Fl. Bras. 2(1): 189. 1842) ascribes the combination *Scleria myricocarpa* f. *pallida* to Kunth. Enum. Pl. 2: 347. 1842. Kunth indeed wrote this name on the herbarium sheet on which the form was founded, but did not publish it, saying only: "suppletit forma spicis stramineo-pallidis". Evidently the combination was first made by Nees himself (*loc. cit.*).

This species is apparently separated from *S. myricocarpa* only by the color of the inflorescence and may be only a color variant of that species.

42. *S. myricocarpa* Kunth, Enum. Pl. 2: 347. 1837.

Schizolepis myricocarpa Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 189. 1842. Based on *Scleria myricocarpa* Kunth.

Scleria atropurpurea Boeck. Vidensk. Meddel. 1879-80: 29. 1879. "In vicinia urbis Rio de Janeiro a cl. Dr. A. Glaziou collectae".



TYPE LOCALITY: "Brasilia meridionalis. Luchsath legit".

DISTRIBUTION: Southern Brazil.

BRAZIL: Rio de Janeiro, *Glaziov* 7989 (BD, C), *L. B. Smith* 2153 (G).

Evidently Kunth believed *S. arguta* to be only a color form of *S. myriocarpa* (see Kunth, Enum. Pl. 2: 347. 1842).

43. *S. microstachya* Boeck. Flora 63: 454. 1880.

TYPE LOCALITY: "Brasilia" (*Sellow*).

DISTRIBUTION: Known only from the type collection, *Sellow* (BD).

This species is possibly only a pubescent form of *Scleria arguta*, which it resembles in its minute ciliate bractlets and in the solitary, recurved spikelets.

44. *S. plusiophylla* Steud. Syn. Pl. Cyp. 172. 1855.

Schizozolepis foliosa Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 188. 1842.

TYPE LOCALITY: "In Brasilia meridionali: Sellow in Herb. R. Berol".

DISTRIBUTION: Brazil and Paraguay.

BRAZIL: Minas Geraes, *Regnell II*. 300 (US, BD), 301 (US), *Glaziov* 18593 (BD).

In transferring *Schizozolepis foliosa* Nees to the genus *Scleria*, Steudel was prevented from forming the combination *S. foliosa* by the preexistence of that binomial.

45. *S. acanthocarpa* Boeck. Vidensk. Meddel. 1869: 154. 1870.

Scleria glazioviana Boeck. Flora 65: 352. 1882. "In vicinia urbis Rio de Janeiro lcg. *Glaziov*; mis. sub. no. 13306".

TYPE LOCALITY: "In silvis ad Lagoa Santa m. Sept., Nov. lecta" (*Warming*).

DISTRIBUTION: In woods, Brazil to Colombia.

BRAZIL: "Brasilia meridionalis," *Sellow* in 1836 (BD); Minas Geraes, *Engler* in 1865 (C), *Warming* (BD); Rio de Janeiro, *Glaziov* 13306 (BD, C).

46. *S. bracteata* Cav. Ic. 5: 34. pl. 457. 1799.

Scleria floribunda HBK. Nov. Gen. & Sp. 1: 233. 1816 (*fide* Kunth, Enum. Pl. 2: 345. 1837). "Crescit locis temperatis, scopulosis regni. Novogranatensis inter Pandi et Fusagasuga, alt. 450-900 hex".

Scleria papillata Willd.; Kunth, Enum. Pl. 2: 345, as syn. 1837. Type locality, Brazil.

Macrolomia bracteata Schrad.; Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 182. t. 24. 1842. Based on *Scleria bracteata* Cav.

Scleria rigens Salzm.; Steud. Syn. Pl. Cyp. 171, as syn. 1855.

Scleria bracteata f. *simplicior* Kukenth. Repert. Sp. Nov. 26: 253. 1929. Type locality, Tipuani, Bolivia (*Buchtein* 5107).

Scleria macrolomioides H. Pfeiffer, in Fedde Repert. 33: 214. 1933. Type locality, near "Mindos", Mexico (herb. Liebm. ex herb. Univ. Christianiensis).

TYPE LOCALITY: "Habitat inter Panamaidis mare et collem vulgo *Lancon*, in humidis saepiusque inundatis".

DISTRIBUTION: Moist thickets and borders of forests, Mexico and West Indies to Paraguay and Bolivia.

BRAZIL: Para, *Spruce* 89 (NY), *Goldi* 1084 (US, G); Bahia, *Salzmann* (US, G); Matto Grosso, *Pl. It. Regnell. II* 1681, 2262 (S); Sao Paulo, *Burchell* 5558 (G), *Lofgren* 360 (S); Minas Geraes, *Warming* (NY), *Herb. Bras. Regnell. II* 300 (S); Pindorama, Sao Paulo, *Mendes* 3427; Estrada de Olivenca, Estado da Bahia, *Ricardo de Lemos Froes* 20059 (NY); Vigia Para, *F. Drouet* 2126 (US) Humayta Municipality, Rio Madeiro basin, Amazonas, *Krukoff* 7135 (US) Belem, Para, *Baldwin* 4556 (US).

"The stems often form impenetrable tangles, and the exceedingly sharp-edged leaves cut one's flesh mercilessly" (Standley, Field Mus. Publ. Bot. 8: 285. 1931); hence the common name, razor-grass.

This very common and widely distributed neotropical species is most remarkable, having its staminate and pistillate spikelets borne in separate portions of the large inflorescence.

47. *S. alpina* Core, Brittonia 1: 241. 1934.

TYPE LOCALITY: Wet open campo above timberline, alt. 2650 m., Serra da Caparao, Espirito Santo, Ynes Mexia 4033, November 27, 1929 (Type in US).

DISTRIBUTION: Known only from type locality.

It is interesting to note that practically all known species of the tubercle-bearing *Scleriae* occur mainly in somewhat cool climates of both the northern and southern hemispheres. The present species is no exception since, while collected in tropical Brazil, it was from a sub-alpine region at an elevation of 2650 m.

48. *S. colorata* Core, Brittonia 1: 242. 1934.

TYPE LOCALITY: In campos, Parana, Brazil, *P. Dusen* 3739, December 14, 1903 (type in S).

DISTRIBUTION: Known only from the type locality.

49. *S. sellowiana* Kunth, Enum. Pl. 2: 350. 1837.

Chondrolomia sellowiana Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 174. 1842

Based on *Scleria sellowiana* Kunth.

TYPE LOCALITY: "Brasilia meridionalis. Sellow legit".

DISTRIBUTION: Moist grasslands, southern Brazil and Uruguay.

50. *S. warmingiana* Boeck. Vidensk. Meddel. 1869. 152. 1807.

TYPE LOCALITY: Brazil, "ad Lagoa Santa in silvis et virgulis vix frequens" (Warming 740).

DISTRIBUTION: Known only from the type locality, Warming 740 (BD, C).

51. *S. huberi* Clarke, Kew Bull. Add. Ser. 8: 60. 1908.

Scleria peruviana Kükenth. Bot. Jahrb. 56: Beibl. 125: 22. 1921. "Peru — Rio Acre: Seringal Auristella" (Ule 9150).



TYPE LOCALITY: "Brazil, Rio Purus" (Huber 4591).

DISTRIBUTION: Dense forests in the Amazon Valley of Brazil and Peru.

BRAZIL: Amazonas, Huber 4591, (D, type); Acre Territory, Ule 9150 (BD).

52. *S. muhlenbergii* Steud. Nom. ed. 2. 2: 543. 1841.

"*Scleria setacea*" of Am. authors, not Poir in Lam. Encyc. 7: 4: 1806.

Scleria reticularis Muhl. Descr. Gram. 266. 1817; not Michx. Fl. Bor. Am. 2: 167. 1803. "Habitat in Carolina Septentrionali".

Scleira micrantha Poir. in Lam. Encyc. Suppl. 5: 108. 1817. "Cette plante a été recueillie par M. Ledru a Porto-Rico".

Scleria reticularis Spreng. Syst. 3: 831, in part. 1826 (fide Boeck. Linnaea 38: 469. 1874).

Scleria reticularis J. & C. Presl; Presl, Rel. Haenk. 1: 202. 1828.

Scleria lara Torr. Ann. Lyc. N. Y. 3: 376. 1836; not R. Br. Prodr. 240. 1810.

Scleria muhlenbergii Steud. Nom. ed. 2. 2: 543. 1841. "Am. sptr."
Based on *Scleria reticularis* Muhl.

Scleria oligantha A. Rich. in Sagra, Hist. Cuba 11: 295. 1850.

Scleria muhlenbergiana Liebm. Vidensk. Selsk. Skr. V. 2: 258. 1850.
Variant spelling for *Scleria muhlenbergii* Steud.

Scleria torreyana Walp. Ann. 3: 696. 1852. "Habitat in America boreali (New Jersey, Long Island)".

Scleria hemitaphra Steud. Syn. Pl. Cyp. 169. 1855. Type locality, Louisiana (Drummond).

Scleria dictyocarpa Wright; Griseb. Cat. Pl. Cub. 249. 1866. "Cuba or. et occ.," Wright 3416a.

Scleria bracteata var. *angusta* Griseb. Cat. Pl. Cub. 249, in part. 1866.
Type locality, Cuba.

Scleria debilis Wright; Sauv. Anal. Acad. Cienc. Habana 8: 154. 1871.
"En sabanas húmedas de Pinar del Rio, Chirigota, Retiro, embarcadero de Bacunagua, & e."

Scleria reticularis var. *pubescens* Britton, Ann. N. Y. Acad. Sci. 3: 232. 1885.

Scleria trichopoda Wright; Britton, Ann. N. Y. Acad. Sci. 3: 232, as syn. 1885.

Scleria setacea var. *hemitaphra* Kükenth. Repert. Sp. Nov. 23: 215. 1926. Based on *Scleria hemitaphra* Steud.

Scleria latilacunosa Kükenth. Bot. Jahrb. 56: Beibl. 125: 21. 1921.
"Campo der Serra do Mel, Rio Branco, Surumu", Ule 8065, July, 1909.

TYPE LOCALITY: "Am. sptr". "Cette plante croit dans l'Amérique, elle a été recueillie par M. Ledru a Porto-Rico".

DISTRIBUTION: Pine barrens and low meadows, Brazil and Bolivia, north to the West Indies, Central America and the United States.



- BRAZIL: Para, *Goldi* 1085 (G, US); Amazonas, *Ule* 8065 (BD); Tapera, Pernambuco, *Pickel* 2798 (US); Ilha de Marajo, Para, *Swallen* 4929 (US).
53. *S. tenacissima*, Steud. Syn. Pl. Cyp. 175. 1855.
Omoscleria tenacissima Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 181. 1842.
TYPE LOCALITY: "In silvis ad oppidum Barra do Rio Negro prov. ejusdem nominis et in graminosis udis silvaticis prov. Paraensis" (*Martius*, type in BD).
DISTRIBUTION: In woods, Brazil and Bolivia.
BRAZIL: Para, *Martius* (BD); *Spruce* (BD, NY).
54. *S. lagoensis* Boeck. Vidensk. Meddel. 1869: 151. 1870.
Scleria moritziana Boeck. Linnaea 38: 460. 1874. "Caripe Venezuelae, Moritz hb. n. 645b".
TYPE LOCALITY: "In paludibus et pratis humidis, nunc etiam in marginibus silvarum juxta campos circa Lagoa Santa frequens", (*Warming*, type in BD).
DISTRIBUTION: Wet soil in campos and borders of forests, Colombia, Brazil, and Bolivia.
BRAZIL: Minas Geraes, *Warming* (C, NY, BD).
55. *S. vaginata* Steud. Syn. Pl. Cyp. 179. 1855.
Scleria tonduzii Boeck.; Tonduz, Bull. Herb. Boiss. 3: 464, nomen. 1895; Allg. Bot. Zeitschr. 2: 160. 1896. Type locality, Costa Rica. (*Tonduz* 8181).
TYPE LOCALITY: Not known ("Am. septr. an? austr.").
DISTRIBUTION: In moist forests, Costa Rica to Brazil, Bolivia, and Peru.
BRAZIL: "Brasilia? *Pohl*? (BD).
56. *S. flagellum-nigrorum* Berg. Vet. Akad. Handl. Stockh. 26: 144. pl. 4. 1765.
Scleria flagellum Sw. Prodr. Veg. Ind. Oce. 18. 1788; Fl. Ind. Oce. 1: 88. pl. 3. 1797. Type locality, Jamaica.
Scleria margaritifera Gaertn. Fruct. 1: 13. pl. 2. 1788. (*fide* Sw. Fl. Ind. Oce. 88. 1797).
Carex flagellum Gmel. Syst. Nat. 2: 138. 1791. Based in *Scleria flagellum* Sw.
Scleria glabellum Poir. in Lam. Encyc. 7: 1, sphalm. 1806.
Scleria nigricans J. & C. Presl; Presl, Rel. Haenk. 1: 201. 1828. "Hab. ad Guayaquil", Ecuador (*Haenke*).
Omoscleria flagellum Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 180. 1842. Based on *Scleria flagellum* Sw.
Scleria flagellum var. *angustifolium* Nees; Boeck. Linnaea 38: 504. 1874.
TYPE LOCALITY: "Habitat in Surinamo & Jamaica, in sylvis, inter vepres & arbores quibus fulcitur", type in S.
DISTRIBUTION: In woods and thickets, Ecuador, Venezuela, Guiana and Brazil.



BRAZIL: Matto Grosso, Moore 485 (NY); Rio de Janeiro, Wilkes Exped. (US, G); Freyreis (S).

The name *Scleria flagellum-nigrorum* Berg. has been applied first to one plant, then to another, since its first publication and its synonymy has presented one of the most puzzling problems to be confronted in the genus. This is all the more unfortunate, in view of the fact that Bergius intended it as the type species of the genus.

Especially has it been confused by authors with *Scleria secans* (L.) Urban (see Symb. Ant. 2: 169. 1900). Britton (Bull. Torrey Club 42: 489. 1915) states that his "examination of the type specimen of *Schoenus secans* L. in the herbarium of the British Museum of Natural History, some years ago, showed that it was the same as *Scleria reflexa* HBK., and not the same as *Scleria flagellum-nigrorum* Berg". Through the kindness of Dr. Gunnar Samuelsson, of the Riksmuseum, Stockholm, I have been able to verify Dr. Britton's observation and at the same time to determine the identity of *Scleria flagellum-nigrorum*. A number of specimens that have been accumulating in herbaria under various names for a century can now be labeled with certainty. The two species are quite distinct and it is difficult to see how the confusion arose. *Scleria secans* has white fruits, and a long membranaceous appendage to the ligule, while in *Scleria flagellum-nigrorum* the fruits are variegated with purple and the ligule is short and unappendaged.

57. *S. scandens* Core, Proe. Wash. Acad. Sci. 35: 322. 1945.

TYPE LOCALITY: Ilha Nova Vida, upper Rio Negro, Amazonas, Baldwin 3285, Feb. 12, 1944 (US).

DISTRIBUTION: Known only from the type locality.

58. *S. melaleuca* Reichb.; Schlecht. & Cham. Linnaea 6: 29. 1831.

Scleria communis Liebm. Vidensk. Selsk. Skr. V. 2: 71, in part. 1850. (fide Clarke, Symb. Ant. 2: 146. 1900).

Scleria pratensis var. *melanocarpa* Boeck. Vidensk. Meddel. 1869: 153. 1870. "Ad Lagoa Santa eum forma typica".

Scleria pratensis var. *muironata* Boeck. ms. (fide Clarke, Symb. Ant. 2: 146. 1900).

TYPE LOCALITY: Hacienda de la Laguna, Surinam (Weigelt).

DISTRIBUTION: Wet grassy plains and on banks along shaded streams, West Indies and continental tropical America.

BRAZIL: Para, Dahlgren & Sella 72 (NY), Goldi (G, US, NY), 1082 (US); Moura, Rio Negro, Baldwin 3362 (US); Barcellos, Rio Negro, Amazonas, Baldwin 3331 (US); Rio de Janeiro, Forssell 287 (S), Dusen 133 (G, US), Sao Paulo, Holway & Holway 2011 (US), Minas Geraes, Warming (C, BD); Belem, Para, Baldwin 4539 (US).

59. *S. pterota* Presl, Isis 21: 268. 1826.
 Schoenus latifolius Vahl, Enum. 2: 226. 1806 (fide Kunth, Enum. Pl. 2: 338. 1837).
 Scleria latifolia Sieber; Presl, Isis 21: 268. 1828 (fide Boeck. Linnaea 38: 482. 1874).
 Scleria asperata Presl, Isis 21: 268. 1828.
 Scleria margaritifera Presl, Isis 21: 268. 1828 (fide Boeck. Linnaea 38: 482. 1874).
 Dichromena vahlii Dietr. Sp. Pl. 2: 169. 1833 (fide Clarke, Symb. Ant. 2: 147. 1900).
 Scleria affinis Presl; Steud. Nomencl. ed. 2. 2: 542. 1841.
 Scleria communis Kunth, Enum. Pl. 2: 340, pro parva parte. 1837 (fide Clarke, Symb. Ant. 2: 146. 1900). "Brasilia, Bahia, Martinica, Jamaica, et ?Nova Hollandia (an patria a Sieb. recte notata?)."
 Scleria selleana Schrad.; Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 179, as syn. 1842.
 Scleria conspersa Sellow; Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 179. 1842.
 Scleria pratensis Lindl.; Nees, Nova Acta Acad. Leop. Carol. 19: Suppl. 1: 121. 1843.
 Scleria simplicior Steud. Syn. Pl. Cyp. 169. 1855. "Rengger legit in Paraguay".
 Scleria ottonis Boeck. Linnaea 38: 490. 1874. Type locality, Cuba (Otto 299).
 Scleria flagellata Sw.; Boeck. Linnaea 38: 506, as syn. 1874.
 Scleria pittieri Boeck.; Tonduz, Bull. Herb. Boiss. 3: 7, nomen. 1895. Allg. Bot. Zeitschr. 2: 159. 1896. "In Costarica leg. H. Pittier".
 Scleria boliviana Palla; Buchtein, Contrib. Fl. Boliv. 1: 90, name only. 1910.
 TYPE LOCALITY: Puerto Rico.
 DISTRIBUTION: In boggy meadows and wet clearings throughout the West Indies and continental tropical America; common.
 BRAZIL: Blanchet 162 (S); Minas Geraes, Claussen 660 (G, NY); Rio de Janeiro, Wilkes Exped. (G), Riedel 909 (US), Holway 1849 (NY, US), Widgren in 1842 (S), Glaziou (BD), De Moura 951 (BD), Burchell 1598 (G), Campinas, Sao Paulo, Viegas 3240 (Cornell); Bahia, Salzmann (US, G); Matto Grosso, Malme (S), "Bresil meridional", Dupre in 1842 (NY).
60. *S. longigluma* Kükenth. Bot. Jahrb. 55: Beibl. 125: 22. 1921.
 TYPE LOCALITY: Brazil, "Amazonas: Rio Branco, Parime: Auf Sumpf-campo bei der Serra de Paracaima", (Ule 8066, type in BD).
 DISTRIBUTION: Swamps in campos, Brazil to northern Argentina.
 BRAZIL: Amazonas, Ule 8066 (BD); Matto Grosso, Pl. Itin. Regnell. II. 3458 (S).
61. *S. setuloso-ciliata* Boeck. Flora 65: 30. 1882.
 TYPE LOCALITY: Mazatenango, Guatemala (Bernoulli 567). Type in BD.

DISTRIBUTION: Moist places and cultivated fields, Cuba and Mexico to Brazil.

BRAZIL: Para, Goldi 1087 (US, NY).

52. *S. secans* (L.) Urban Symb. Ant. 2: 169. 1900.

Schoenus secans L. Syst. ed. 2: 865, excl. syn. Rumpf. 1759.

Carex lithosperma L. Syst. ed. 12: 618, in part. 1767 (fide Sw. Fl. Ind. Occ. 1: 88. 1797).

Schoenus lithospermus L. Sp. Pl. ed. 2: 1: 65, in part. 1762 (fide Sw. Ind. Fl. Occ. 1: 88. 1797).

Arundo farcta Aubl. Pl. Guian. 1: 52. 1775 (fide Poir, in Lam. Encyc. 7: 1. 1806).

Scleria reflexa HBK. Nov. Gen. & Sp. 1: 232. 1816. "Crescit locis planis humidis Novae Andalusiae prope Cumana et Bordonos".

Scleria caricifolia Schrad.; Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 177, as syn. 1842.

Mastigoscleria reflexa Nees, in Mart. Fl. Bras. 2(1): 177. 1842. Based on *Scleria reflexa* HBK.

Scleria renggeriana Steud. Syn. Pl. Cyp. 173. 1855. Type locality, Paraguay.

Scleria weigeltiana Schrad.; Boeck. Linnaea 38: 504, as syn. 1874.

TYPE LOCALITY: Jamaica. Type in British Museum.

DISTRIBUTION: Wet thickets and savannahs, West Indies and Mexico to Bolivia.

BRAZIL: Pohl (D), Burchell 9273 (G), Goldi 1086 (US); Bahia, Salzmann in 1840 (G & US); Rio de Janeiro, Burchell 1844 (G), L. B. Smith 1356 (G), Weddell in 1843 (NY); Minas Geraes, Warming (NY, C.), Santa Catharina, Ule 967 (US); Rio Grande do Sul, Municipio Porto Alegre, Morro Sta. Anna, Jurgens 162.

The synonymy of this common tropical species, long confused with *S. flagellum-nigrorum*, is discussed under that species. I see no reason for separating *S. reflexa* from the present species, and that widely-used name hence lapses into synonymy.

"Climbing over shrubs and trees, very sticky and cutting; festoons over vegetation along edge of forest, road, or clearing, forming a complete covering" (Hitchcock ms.). "Growing in clumps of 10-25 culms which climb amongst and over trees to a height of 40 feet or over. A very formidable plant; the culms and leaves cutting the flesh like a knife" (Harris ms.).

63. *S. scabra* Willd. Sp. Pl. 4: 315. 1805.

Scleria porphyrorhiza Wright; Sauv. Anal. Acad. Cienc. Habana 8: 155. 1871. "En los pinares de la Vuelta de Abajo, cerca de Pinar del Rio", Wright.

Scleria lobulata Palla, Denks. Akad. Wien 79: 197. 1908. Type locality, Campinas, Brazil, Campos Novaes 1324.

TYPE LOCALITY: Cumana, Venezuela (Humboldt). Type in BD.

DISTRIBUTION: Woods, Cuba to Venezuela and Brazil.

BRAZIL: Sao Paulo, Campos Novaes 1324, (US, V), Amazonas, Spruce (NY).

64. *S. retroserrata* Kükenth. Bot. Jahrb. 56: Beibl. 125: 21. 1921.

TYPE LOCALITY: Brazil, "Amazonas: Rio Branco, Surumu, auf nassem Campo der Serra do Mel" (Ule 8064, type in BD).

DISTRIBUTION: Known only from the type locality, Ule 8064 (BD).

65. *S. clarkei* Lindm. Bih. Sv. Vet. Akad. Handl. 26 (9): 32. 1900.

TYPE LOCALITY: "Exp. I. Regn. A, 3289, Matto Grosso, Buritizinho sub montibus Sierra do Itapirapuan, in campo glareoso, April, 1894 (Lindman).

DISTRIBUTION: Known only from the type locality, Matto Grosso, Brazil. Exp. I. Regnell. A. 3289 (S).



SÔBRE OS NÚCLEOS DOS LATICÍFEROS DE *EUPHORBIA PHOSPHOREA* MART. (*)

POR

F. R. MILANEZ

Chefe da S. B. Geral

Depois de referidos por DE BARY (1) em uma passagem relativa aos tubos das escamas de cebôla (*"In den nicht allzu alten Schlauchen findet sich noch ein grosser etwas langgestreckter Zellkern"*) foram os núcleos dos laticíferos, conjuntamente com os das fibras liberianas, apreciados por TREUB (15) no seu estudo sôbre as células plurinucleadas, publicado em 1879. Teve em mira esse Autor ressaltar a multiplicidade nuclear das ditas células (a qual era explicada pelas mitoses dos núcleos primitivos) e as peculiaridades morfológicas dos núcleos, especialmente dos tubos contínuos. No ano seguinte JOHOW (5) a propósito dos reservatórios de secreção dos Monocotiledôneos, apresentava interessantes observações sobre os núcleos dos laticíferos. Situa-dos no citoplasma parietal eram eles, a princípio, maiores que os do parênquima circundante; no decurso do desenvolvimento, alteravam-se nitidamente, perdendo os nucléolos e tornando-se achatados, discóides de contorno irregular. SCHMIDT (10) dois anos depois, descrevia as modificações estruturais típicas dos núcleos dos tubos velhos de latex em espécies das famílias das *Campanulaccae*, *Compositae* e *Papaveracae*. Caracterizavam-se essencialmente tais núcelos pela perda progressiva da substância cromática e se tornavam, ao fim do processo, quase indistintos do citoplasma. Transformações semelhantes foram observadas, 14 anos mais tarde, por ZANDER (17) nas *Cichoriaccae*.

Em 1898 vinham a lume as observações de BUSCALIONI (2) sobre a célula vegetal, dentre as quais convem destacar as seguintes, porque dizem respeito aos laticíferos de *Euphorbia cyparissias*: "Nei

(*) Entregue para publicação a 20-12-52.

laticíferi più inaltrati nell sviluppo i nuclei si deformano, si impiccoliscono e si reducono a quanto pare al solo nucleolo, oppure questo scompare e residua la membrana. In alcuni casi ho però notato che taluni nuclei si trasformano in lunghi filamenti, od in corpi foggianti a biscotto che ricordano per la forma e per l'intensità cœnei fiscano certi colori le figure cromatolitiche che io ebbi occasione di studiare nella *Vicia Faba*". Três anos depois encontrava MOLISCH (8) nos tubos laticíferos dos órgãos mais velhos de Euphorbiaceas, e especialmente de *Euphorbia lathyris*, núcleos com cariolinha tão abundante que "wenn die Nukleolen nicht waren, man sie im lebenden Zustande für Vakuolen halten würde". Comentando esta observação e as anteriores de JOHOW, conelua SPERLICH (12) recentemente que os núcleos dos elementos secretores de latex degeneram com o envelhecimento.

Ponto de vista semelhante esposou ZANDER (16) quanto aos núcleos dos laticíferos de cânhamo, que se transmutam em corpúsculos deformados; "Die Rohren haben verhältnismässig viel Kerne. Diese haben die Farbe des Safranins gespeichert, während die Kerne der Nachbarzellen blau und nur der Nukleolus rot gefärbt ist. Die Nukleolen der Rohrenkerne sind ziemlich gross und sehr gut zu erkennen. Sehr häufig sieht man zwei bis drei Kerne in unmittelbarer Nähe liegen (Fig. 7). Sie sind wie in allen langgestreckten Zellen spindel — oder tropfenförmig, im Gegensatz zu den Nachbarzellen, die rundliche Gestalt zeigen. Für gewöhnlich sind sie parallel zur Zellwand gerichtet und liegen ihr an. Diese Kerne trifft man eigentlich nur in jungen Rohren dicht unter dem Vegetationspunkt. Meistens sieht man nur deformierte rote Körper, die wahrscheinlich Reste darstellen. Die Nukleolen scheinen zu bleiben. Vergleicht man dieses Bild mit den übrigen Zellen, so kann man schliessen, dass die Kerne in den Milchrohren mit zunehmendem Alter verschwinden, nur im Jugendstadium hervortreten, während bei der Teilung gewöhnlicher Parenchymzellen die neu entstandenen Kerne in den Tochterzellen erhalten bleiben. In Rohren von ausgewachsenen Pflanzen sind spindelförmige Kerne nicht mehr wahrzunehmen, nur noch Kernkorperehen langs der Zellwand und in geringer Zahl".

Finalmente, para os laticíferos de *Hevea brasiliensis*, descrevemos (7) alterações nucleares típicas, caracterizadas inicialmente pela emissão de substância nucleolar, tendendo a degeneração final, ora para a aromatólise, ora para a pinese; notamos, além disso, a passagem fre-



quente de substância nuclear para o citoplasma, cuja colorabilidade se alterava, assim como, aliás, a do próprio núcleo.

São, pois, de acordo os autores, na sua maioria, quanto ao fato essencial da degeneração nuclear.

Do confronto das mencionadas observações resulta que a concordância se estende ainda às principais características do processo degenerativo: os núcleos, a princípio, são maiores que os dos tecidos circundantes, mas depois diminuem, às vezes, de volume, tomando formas irregulares; em outros casos, pelo aumento progressivo da cariolinfa, transformam-se nos chamados núcleos vesiculosos.

* * *

No estudo que vimos fazendo, dos laticíferos de *Euphorbia phosphorea* Mart. tivemos oportunidade de examinar cuidadosamente os núcleos. As preparações provinham de material fixado nas misturas de BENDA e de NAWASHIN, incluído em parafina pela técnica comum e cortado com 5µ e 8µ de espessura; as colorações usadas tiveram por base a hematoxilina de Heidenhain, combinada com o verde rápido (em óleo de eravo) ou com este e a safranina.

Nas observações feitas encontraram-se formas que concordam com as que foram descritas por SCHMIDT, ZANDER e MOLISCH, ao lado de outras ainda não mencionadas; o que mais nos preocupou, no entanto, foi estabelecer a filiação dessas formas umas às outras e aos núcleos primitivos, visando a reconstituição do processo.

Tomando como ponto de partida a porção mais jovem dos laticíferos do caule, vamos surpreender os núcleos das células meristemáticas que lhes serão incorporadas, propiciando, dessa maneira, o crescimento longitudinal dos tubos. Nas oportunidades em que nos foi dado observar tais núcleos, notamos que se distinguiam por nítida emissão de partículas cromáticas (Fig. 1-a). Acompanhando o trajeto dos tubos, a partir dessas extremidades jovens, vemos surgir os demais tipos de núcleos (Fig. 1) que julgamos representem fases sucessivas da diferenciação. Esta compreende, essencialmente, um aumento inicial do volume e transformação morfológica progressiva: os núcleos, a princípio mais ou menos esféricos, tendem a elipsóides ou fusiformes. Ao mesmo tempo, processam-se modificações estruturais: aumenta nitidamente a quantidade de cariolinfa, ao passo que o retículo parece romper-se em vários pontos e adensar-se progressivamente em outros, assu-



Fig. 1



Fig. 2

mindando a cromantina a forma de grânulos conspícuos que podem simular pequenos nucléolos. Os aspectos que refletem essa fase da diferenciação nuclear, são os mais comuns e característicos tanto nos laticíferos jovens, como nas respectivas ramificações. (Fig. 1 b-e); (Fotos 1, 8 e 11).

Nas fases ulteriores acentua-se o caráter degenerativo da diferenciação: o retículo reduz-se consideravelmente, a cromatina torna-se cada vez mais escassa e os próprios nucléolos diminuem de volume ou são eliminados (Fig. 1 f-g). Duas formas terminais resultam mais comumente. Os núcleos da primeira são mais ou menos fusiformes, grandes e pálidos, com frequência, acidófilos. (Fig. 1 g) (Foto 10). Na segunda forma, a degeneração é mais rápida e conduz à transformação dos núcleos em vesículas, frequentemente volumosas, que às vezes aparecem plicadas de vários modos nos córtex (Fig. 2 - Foto 8). Desses núcleos somente restam, em geral, as membranas que, em casos mais favoráveis, como na Foto 7, mostram-se nitidamente perfuradas. Note-se que esse segundo tipo de degeneração é muitíssimo frequente em certos trechos dos tubos ou em algumas ramificações (Foto 5). Aspectos como os da Foto 5 servem ainda para mostrar que essas vesículas são realmente núcleos degenerados, graças à presença de formas de transição entre estes e aquelas.

A esta segunda forma filiam-se, evidentemente, os núcleos descritos por MOLISCH: na espécie que estudamos, todavia, a rapidez do processo não permite habitualmente a observação do nucléolo no interior das vesículas. Mais raramente, porém, foi possível observar núcleos vesiculosos típicos, como o da Fig. 1 I, e, principalmente, da Foto 6 A.

As membranas resistem, comumente, até ao fim do processo; contudo, em certos casos, pode-se notar, no seio do citoplasma, substância cromática, facilmente caracterizável. Esses casos, que serão melhor apreciados adiante, relacionam-se com a cariocinese.

Em síntese, podemos dizer que as etapas da diferenciação nuclear dos laticíferos, até aqui descritas, retratam uma perda progressiva de substância basófila. O primeiro sinal dessa diferenciação, aliás, perceptível nas células do meristema terminal, antes do desaparecimento completo da parede separadora, é também, como vimos, a emissão de partículas cromáticas; o mesmo fenômeno pode ser observado com segurança, pelo menos em algumas das células do meristema primário, quando da formação das ramificações laterais.

Parece-nos, pois, que tal como SPERLICH, podemos afirmar que tal diferenciação equivale, do ponto de vista nuclear, a uma degeneração.

Convem recordar que na diferenciação dos vasos laticíferos de *Hevea brasiliensis* e *Manihot Glazovii* assinalamos (7) como fenômeno nuclear constante, a emissão precoce de glóbulos de substância nucleolar, já constatada muito antes por JOHOW (5) nos laticíferos de *Monocotyledoneos* e recentemente por ESAU (4) na ontogênese dos tubos crivados. Em *Euphorbia phosphorea*, porém, só ocasionalmente isso se dá; o mais comum é resistirem os nucléolos até quase às últimas fases da diferenciação.

Entre os processos degenerativos já estudados, um existe que parece ajustar-se razoavelmente ao que descrevemos para os núcleos dos tubos de *E. phosphorea*: é a "karyorhexis". Esta consiste, segundo ERNST (3) e KLEBS (6) essencialmente na decomposição do núcleo em partículas de cromatina: de início, a substância cromática se reúne em esférulas, mais ou menos grosseiras, que mais tarde se subdividem em outras, cada vez menores, as quais finalmente atravessam a membrana nuclear em direção ao citoplasma, onde são destruídas.

TISCHLER (14) aliás, já considerava também como fases desse processo degenerativo as modificações descritas por SCHMIDT.

* * *

Nos laticíferos do caule de *E. phosphorea* Mart. não se observaram somente as formas nucleares até agora tratadas e que foram interpretadas como etapas da "Karyorhexis"; ausentes nas extremidades jovens dos tubos, surgiram, logo a seguir, núcleos com tendência para a picrose, os quais se tornavam progressivamente mais numerosos. De toda evidência não provinham eles dos que antes descrevemos com minúcias, e que, pertencentes aos elementos primitivos do tubo, poderiam ser chamados de "pioneiros"; originavam-se, isso sim, das células vizinhas dos laticíferos e aos mesmos incorporadas posteriormente, merecendo, por esse motivo, a denominação de "núcleos adventícios". Julgamos indispensável o estabelecimento dessa distinção entre os dois tipos de núcleos para a interpretação das formas observadas. Na Foto 1 vêm-se, por exemplo, três grandes núcleos pioneiros e três outros, menores, adventícios; aqui, como em muitos outros casos, é possível verificar que os dois superiores destes adventícios, provêm de células vizinhas, cujas paredes separadoras ainda são parcialmente perceptí-

veis; o terceiro, menor, já é tipicamente picnótico. A Foto 8 e a Fig. 2 deixam ver uma dilatação de um tubo laticífero, onde se contam 6 núcleos adventícios, contrastando com os 8 pioneiros, maiores e degenerados.

Além de explicar, como dissemos, a variedade das formas nucleares que deram origem a descrições mais ou menos contraditórias de vários autores, concluindo uns pelo aumento inicial e diminuição ulterior do volume, ao passo que outros ressaltam apenas o acréscimo progressivo de volume e da cariolinha, permite a presença dos núcleos adventícios esclarecer o mecanismo do aumento numérico, na ausência de mitoses, como será discutido adiante.

Não é fácil traçar-se, com segurança, o processo da diferenciação dos núcleos adventícios e isso porque nos faltam dados a seu respeito, indispensáveis à interpretação das imagens observadas: tempo decorrido desde a fusão dos protoplastas e estado do núcleo na época da fusão. Por isso, não podemos dizer se a evolução que sofreu é lenta ou rápida, contínua ou descontínua, uniforme ou variável.

Algumas vezes essa diferenciação parece seguir as linhas gerais da diferenciação dos núcleos pioneiros, provavelmente em consequência de ação indutiva prolongada, exercida sobre a célula pelo laticífero, anteriormente à incorporação.

Mais comumente, porém, corresponde a uma forma de picnose. O núcleo permanece arredondado ou se torna fusiforme, sem aumento substancial de volume, ao mesmo tempo que o retículo se retrai, tornando-se menos visível, e todo o conteúdo se cora mais intensamente pelos corantes básicos. (Fig. 1 j). A seguir, começa a reduzir-se o volume do núcleo (ainda fortemente basófilo) que se achata mais ou menos intensamente, adquirindo com frequência, contorno irregular (Fig. 1-k). Nas etapas finais ocorre, com a contração ainda mais acentuada do volume, perda de substância cromática, inclusive dos nucléolos (Fig. 1 l e m); os núcleos se transformam, por fim, em corpúsculos de forma variável, pálidos, às vezes acidófilos e difíceis de distinguir do citoplasma. (Fig. 1 n).

Visto como os dois processos degenerativos, karyorhexis e picnose, ocorrem simultaneamente nos mesmos tubos, é perfeitamente plausível a existência de formas que dificilmente poderiam ser classificadas num ou noutro. São tipos de transição, já observados por TISCHLER (14) em outros casos: "*Von der Karyorhexis ist in typischen Fallen gut*

geschieden, in anderen aber auch durch Uebergänge mit ihr verbunden ist die Pyknose".

Os núcleos habitualmente descritos pelos anatomistas na camada citoplásmica externa ou parietal dos laticíferos do caule adulto, são com certeza "adventícios", achando-se então, profundamente degenerados e às vezes indistintos, os "pioneiros".

A Foto 2 mostra um trecho do tubo do caule adulto. Aí são perfeitamente visíveis os citados núcleos. O que queremos ressaltar a seu respeito é a seguinte observação que pudemos fazer repetidas vezes e aparece com nitidez absoluta no trecho em questão: no material corretamente preparado, encontramos muito frequentemente cada núcleo associado a um dos bastões peculiares de amilo. A existência de formas especiais, do núcleo e bastão respectivo, parecendo indicar certa adaptação morfológica recíproca, sugere que a associação entre ambos já devia durar algum tempo e não era, portanto, fortuíta. Em um caso que conseguimos fotografar (Foto 3) havia dois núcleos para um grão. Embora a aproximação mencionada entre um bastão de amilo e um ou dois núcleos não seja constante — apesar de bastante frequente — supomos esteja relacionada com a elaboração da volumosa reserva figurada de polissacaridio. Tal aproximação não será, todavia, primitiva, devendo estabelecer-se depois que o amilo, no leucoplasta, atinge certo grão de desenvolvimento. Dos numerosos amiloplastas disponíveis, é possível que somente consigam secretar o bastão típico aqueles que estejam próximos de núcleos.

* * *

A propósito dos núcleos dos laticíferos convem ainda mencionar uma peculiaridade que nos parece constituir a interpretação plausível de vários aspectos microscópicos observados: — a fusão nuclear. De acordo com TISCHLER (14) só excepcionalmente se vêem tais fusões nos tubos laticíferos, onde, normalmente, nunca aparecem. Cita esse Autor, o livro de NEMEC (9) onde se encontra a afirmação da possibilidade de fusões, e também os trabalhos de ZANDER (17), SMOLAK (11), SPISAR (13) que nunca a observaram.

Já em trabalho anterior (7) havíamos registrado: "Outro aspecto, este mais frequente nas células pequenas, isodiamétricas, resulta da proximidade dos dois núcleos: estes entram em contacto direto, o que ressalta a interação respectiva; em alguns casos, as imagens obser-

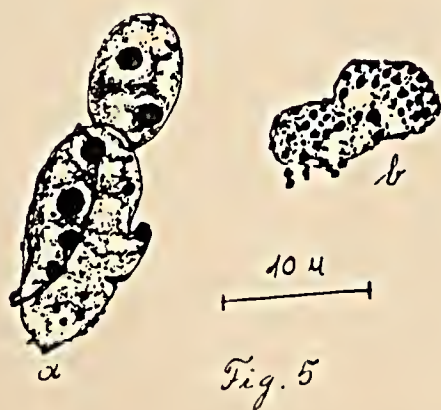


Fig. 5

vadas sugerem fusão nuclear”. No presente trabalho conseguimos fixar vários aspectos que parecem provar a realidade das fusões.

A forma e o tamanho de certos núcleos dificilmente admitem outra interpretação. É o que se observa, por exemplo, na Foto 9 A: um núcleo ainda jovem, muito maior que os circundantes, em cujo interior há 4 nucléolos (parecendo, portanto, resultar da fusão de 2 menores) está prestes a fundir-se com outro, semelhante quanto à estrutura, no citoplasma de um laticífero em formação. Nota-se que a existência de uma protuberância lateral do maior núcleo sugere a emissão de material cromático. Na fig. 5 que reproduz os mesmos núcleos, verifica-se que essa emissão se faz também pela parte inferior do núcleo maior e mais, que neste se percebem ainda, os limites de um terceiro núcleo, alongado, que com ele se está fundindo. Nas mesmas Foto e Figura percebem-se em B dois outros núcleos em processo de fusão, nos quais ha conspicua emissão de substância cromática.

O trecho do laticífero está situado ao nível da axila de uma folha e corresponde, portanto, a uma futura dilatação. Para sua formação, ocorre a diferenciação e fusão precoce de diversas células do meristema primário, cujos núcleos aumentam de volume e frequentemente se tocam: esta é uma das circunstâncias em que observamos fusões nucleares.

Outra circunstância favorável à mesma observação se nos apresenta no processo que dá origem às ramificações. Também aqui ha núcleos volumosos em espaço restrito. Encontram-se imagens de núcleos como a da Foto 10 e Figura 3 que parecem resultar de fusão.

Há, finalmente, outro ponto que ainda não foi devidamente esclarecido. Dos diversos pesquisadores que estudaram os tubos de latex, somente TREUB (15) e BUSCALIONI (2) ao que sabemos, afirmam ter observado cariocineses. O primeiro apresenta, a esse respeito, desenho muito sugestivo e diz que todas as cariocineses de um tubo se fazem ao mesmo tempo. Quanto ao segundo, no tópico de seu trabalho (2) dedicado aos laticíferos de *Euphorbia cyparissias* L., afirma ter observado mitoses pelo menos na porção mais jovem do órgão, as quais nem sempre eram isócronas, como em *Urtica*. Entretanto, nas nossas observações sobre os laticíferos do caule de *E. phos-phorea* Mart. (assim como, aliás, nas já publicadas sobre *Hevea brasiliensis*) nunca encontramos o citado fenômeno. O que vimos repetidas vezes foi a divisão das células antes da diferenciação laticífera

ou da incorporação pelo tubo (Foto 4). Este fato é, como salientamos, constante no processo de formação das ramificações.

Quanto ao núcleo já integrado ao laticífero, dada a sua diferenciação precoce no sentido da “karyorhexis”, é difícil admitir-se a realidade da divisão. Mesmo os adventícios parecem incapazes de dividir-se após a fusão dos protoplastas. É curioso assinalar que já em 1882 SCHMIDT (10) considerava inverossímil a multiplicação dos núcleos, nos tubos articulados. A verdade é que nos trabalhos modernos, realizados com técnica mais perfeita, não há qualquer observação que confirme aqueles achados de TREUB e BUSCALIONI.

Para a interpretação ontogenética ainda vigente dos tubos contínuos é indispensável, no entanto, admitir-se que haja repetidas mitoses de que se originaria o grande número de núcleos existentes nos laticíferos. Se for alegado, como justificativa da falta de observação que apenas os núcleos das extremidades jovens podem dividir-se, haverá, então, enorme dificuldade em explicar-se a origem dos núcleos particularmente numerosos de certos trechos dos tubos (Fotos 6 e 8) ou das ramificações (Foto 5), e principalmente, daqueles que surgem nos tubos das radículas, formadas a distâncias relativamente consideráveis da extremidade da raiz e, portanto, dos laticíferos também.

Como foi dito antes, as mitoses precedem de pouco, em vários casos, a fusão dos protoplastas (Foto 4). É, pois, de admitir-se que esta possa ocorrer durante o processo cariocinético. Os núcleos fásicos, a partir desse momento, estarão sujeitos a rápida desagregação, especialmente quando desprovidos de membrana. Essa parece-nos a interpretação mais adequada de certos aspectos, como os das Fotos 6B e 11 (Fig. 4), que mostram filamentos cromáticos ainda frouxamente reunidos, em franca desintegração no citoplasma dos laticíferos.

RESUMO

O estudo das formas dos núcleos, nos tubos laticíferos de *Euphorbia phosphorea* Mart., levou-nos a distinguir os “núcleos pioneiros”, pertencentes aos elementos primitivos dos tubos, dos “adventícios”, provenientes das células adjacentes aos tubos, que aos mesmos se fundem subsequentemente.

Os núcleos do primeiro tipo sofrem diferenciação característica — uma forma de “Karyorhexis” — semelhante à descrita por SCHMIDT e MOLISCH para os núcleos de outras espécies ao passo que os adventícios apresentam modalidade peculiar de pínose.

Foi observada íntima associação entre cada volumoso bastão de amilo e um, raramente dois, núcleos de laticífero.

Certos aspectos microscópicos sugerem a possibilidade de fusões nucleares.

Mais uma vez, não foram observadas figuras mitóticas no protoplasma laticífero, mas somente, nas células adjacentes. Quando tais células ainda em divisão se fusionam ao sincício laticífero parece haver rápida destruição dos núcleos respectivos, e, posteriormente, dos próprios filamentos cromáticos, no seio do citoplasma.

ABSTRACT

1. The study of the nuclear figures in the laticiferous tubes of *Euphorbia phosphorea* stem, leads to distinguish the "pioneer" nuclei (belonging to the primitive laticiferous elements) from the "adventitious" ones (belonging to adjacent, subsequently fused cells).

2. A typical differentiation which resembles that described by SCHMIDT (10) and MOLISCH (8) is discussed for the first nuclei, while a peculiar pycnosis is referred to the latter ones.

3. The writer often observed a close association between each growing starch rod and one (rarely two) nucleus.

4. The possibility of nuclear fusions is strongly suggested by certain microscopic aspects.

5. There were not found mitotic figures in the laticiferous protoplast; but prophasic and metaphasic nuclei were easily seen in the adjacent cells. If these dividing cells be fused to the laticiferous syncytium, there shall probably be a rapid destruction of the nuclear chromatic threads in the cytoplasm, as it seems to be the case.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 — BARY, A. DE — Vergleichende Anatomie de Vegetationsorgane der Phanerogamen und Farne — Leipsig. 1877.
- 2 — BUSCALIONI, L. — Osservazioni e ricerche sulla cellula vegetale — Ann. Inst. Bot. 7: 255-346. 1989.
- 3 — ERNST — Die Pathologie der Zelle — Handbuch d Allgem. Pathologie. Bd. III. 1915.

- 4 — ESAU, K. — A Study of Some Sieve-tube Inclusions — Ann. Jour. Bot. 34: — 1947.
- 5 — JOHOW, F. — Untersuchungen über die Zellkerne in den Sekretbehältern und Parenchymzellen der hoeren Monokotylen — (In. Diss.) Bonn. 1880.
- 6 — KLEBS, G. — Über den Einfluss des Kernes in der Zelle — Biolog. Centralblatt, 7: 161-168. 1887.
- 7 — MILANEZ, F. R. — Nota Previa sobre os laticiferos de *Hevea brasiliensis* — Arq. Serv. Flor. 2 (2): 39-65. 1946.
- 8 -- MOLISCH, H. — Studien über den Milchsaft und Schleimsaft der Pflanzen — Jena. 1901.
- 9 — NEMEC, B. — Des Problem der Befruchtungs vorgange und andere zytologische Fragen — Berlin. 1910.
- 10 — SCHMIDT, E. — Über den Plasmakorper der gegliederten Milchrohren — Bot. Zeit. 40: 435-448; 451-466. 1882.
- 11 — SMOLAK, J. — Über vielkernige Zellen bei einigen Euphorbiaceen — Bull. internat. Acad. Sci. Bohème. 1904.
- 12 — SPERLICH, A. — Das trophische Parenchym B. Exkretionsgewebe. Berlin. 1934.
- 13 — SPISAR, K. — Zur Cytologie der ungegliederten Milchrohren — Sitz. Ber. K. Bohm. Ges. d. Wiss. Kl. II. 1906.
- 14 — TISCHLER, G. — Allgemeine Pflanzenkaryologie. Handbuch der Pflanzenanatomie — I Ab. — I Teil — 1921-22.
- 15 — TREUB, M. — Sur les cellules à plusieurs noyaux — Arch. Néerl. des Sc. ex. et nat. XV (1): 39-60. 1879.
- 16 — ZANDER, A. — Über Verlauf und Entstehung der Milchrohren des Hanfes (*Cannabis sativa*) Flora 23: 191-218. 1928.
- 17 — ZANDER, I. — Die Milchsafthaare der Cichoriaceen — Bibliotheca Botanica, 7 (37) 44. 1896.



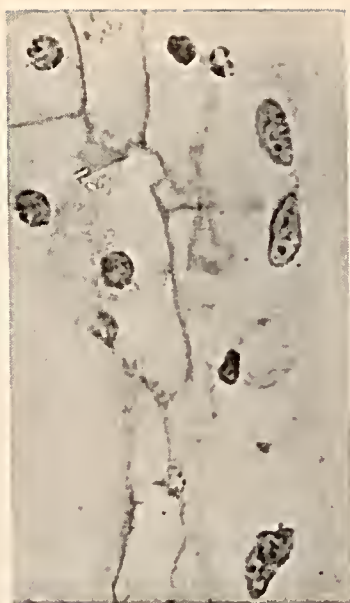


Foto 1



Foto 2



Foto 3

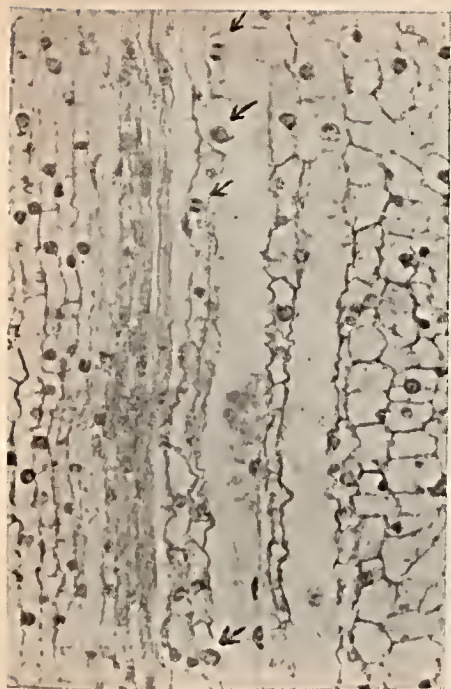


Foto 4

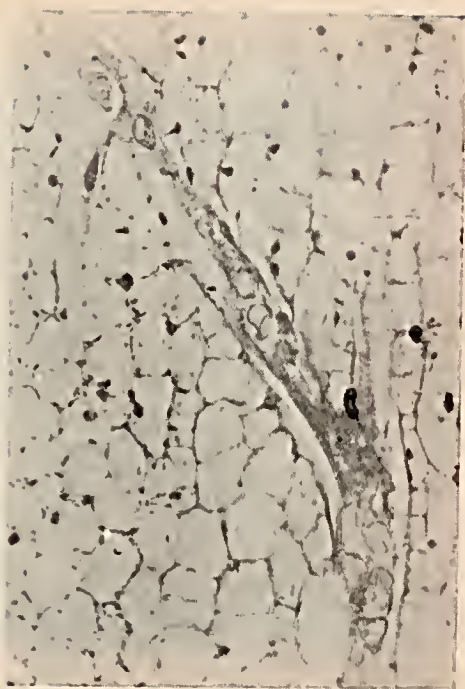


Foto 5

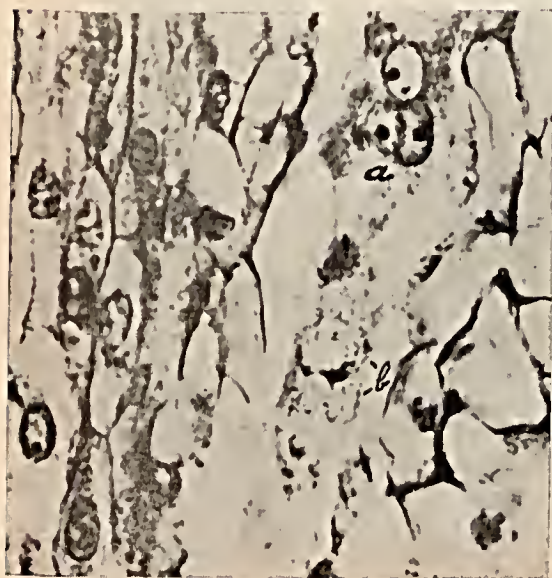


Foto 6

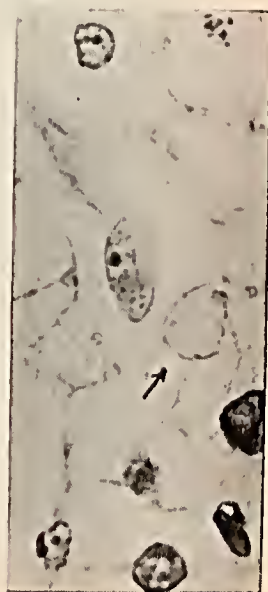


Foto 7

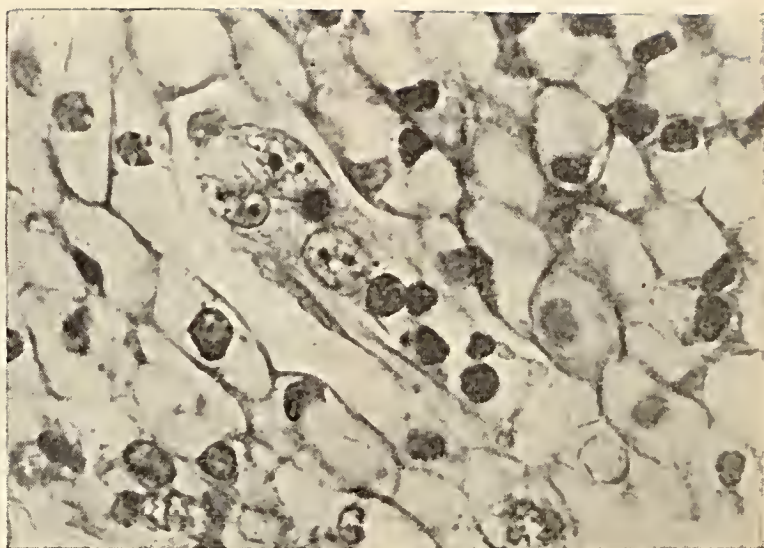


Foto 8

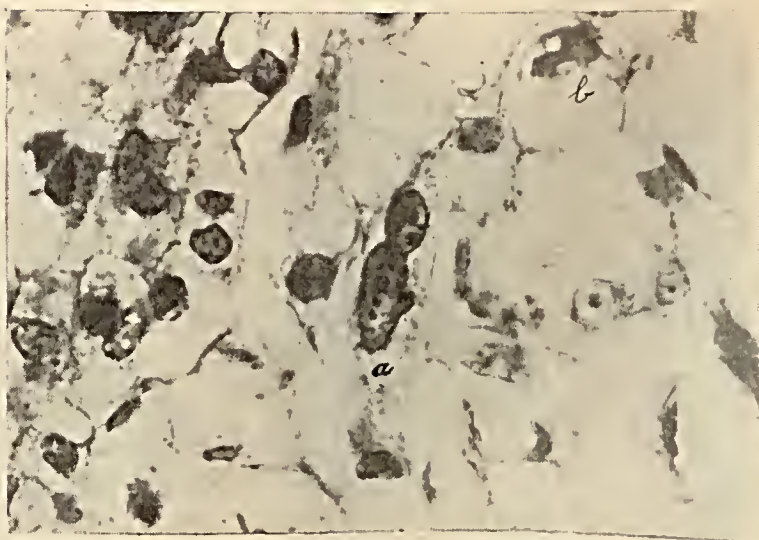


Foto 9

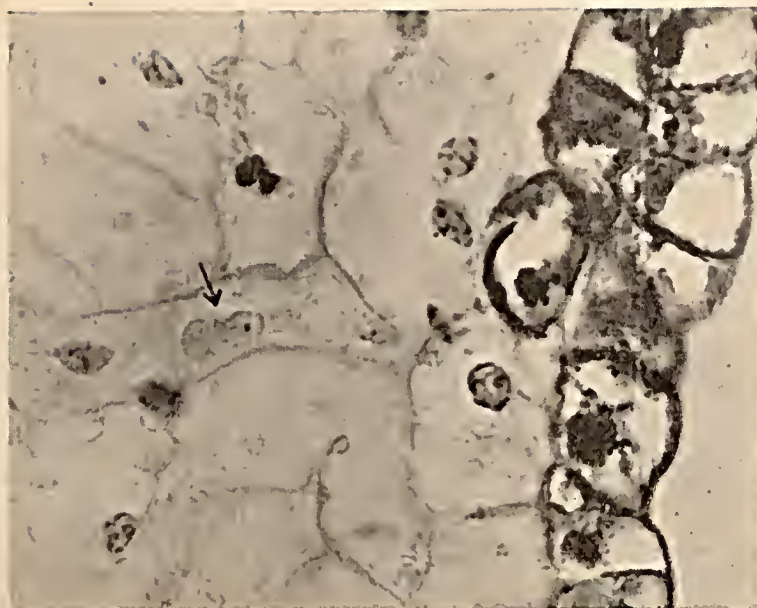


Foto 10

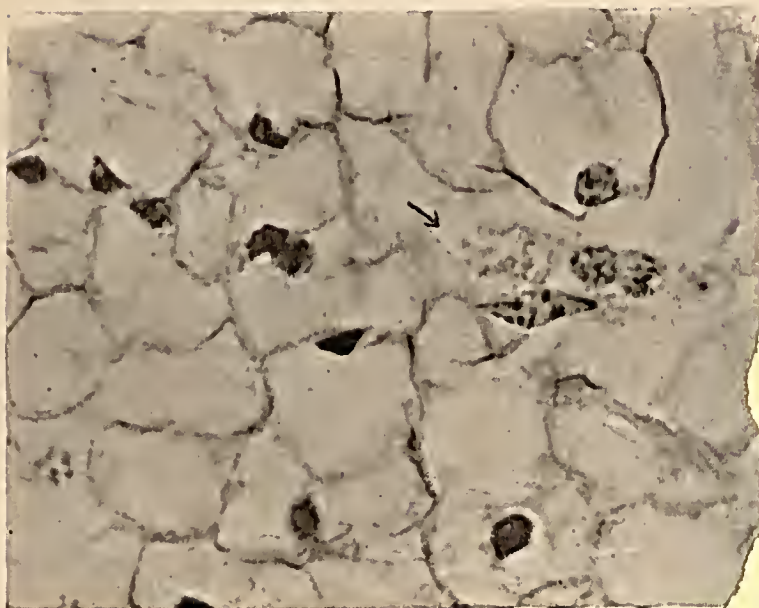


Foto 11

NOTAS E COMENTARIOS

DIALYPETALANTHACEAE

PAULO OCCHIONI

CARLOS TOLEDO RIZZINI

Sob o título acima apresentámos ao II Congresso Sulamericano de Botânica, reunido em Tucumán, Argentina, um trabalho anátomo-sistemático no qual era proposta a elevação do gênero *Dialypetalanthus Kuhlmann* — atribuído por este autor às *Rubiaceae* — à categoria de família à parte, tendo sido o mesmo publicado nas atas desse congresso (Lilloa, XVII: 243-286, 1949). À página 246 prometeramos auscultar alguns grandes centros onde militassem reconhecidas autoridades em Sistemática vegetal, em virtude de certa controvérsia surgida não só no decorrer do trabalho como também após sua publicação. Com o máximo prazer tornamos público o resultado desse inquérito, que nos foi inteiramente favorável; as consultas foram feitas mediante o envio de material herborizado completo e da separata correspondente, sendo desnecessário afirmar que recebemos formal autorização para sua publicação.

O primeiro botânico que tivemos oportunidade de consultar, em plena realização dos estudos, foi A. C. BRADE, do Jardim Botânico do Rio de Janeiro; imediatamente deu-nos sua opinião de que tal planta não poderia permanecer nas *Rubiaceae*, sendo preferível, neste e em outros casos, isolar uma forma aberrante do que incluí-la em grupo de morfologia bem definida.

Em seguida, A. BURKART, diretor do Instituto de Botânica Darwinion; aproveitando um pedido seu de um exemplar para o herbário daquele instituto, pedimos — ao enviá-lo — que nos mandasse, em troca, seu parecer; o conhecido especialista das *Leguminosae*, em amável resposta, escreveu: ““Ciertamente no es una *Rubiaceae*, pero sería tarea larga para mí investigar sus afinidades en

el extenso orden *Myrtiflorales*. Por eso acepto su punto de vista, fundamentado en el concienzudo estudio de que Vd. es autor”.

Depois, de G. ERDTMAN veio uma solicitação de material herborizado para estudo dos grãos de polen, matéria em que ele é das mais reputadas autoridades. De seu “aerograma” destacamos o seguinte trecho: “The pollen grains (cfr. label below) are of a type *not found* in Melastomataceae and Myrtaceae and not in the greater part of Rubiaceae. *They are very similar to the pollen grains in some genera of Rhizophoraceae*”. (Os grifos são de Erdtman). Aproveitamos a ocasião para tornar pública a diagnose polínica da família *Dialypetalanthaceae*, gentilmente enviada por Erdtman: “Pollen grains 3-colporate, oblate spheroidal (19.5x21 microns). Sexine as thick as nexine or slightly thinner, reticulate, parvimate. Ora lalongate (about 3x8 microns); their cover thin, bulging”.

Em resposta à solicitação nossa, o Prof. Dr. H. J. LAM, diretor do “Rijksherbarium” (Herbário do Estado) de Leiden, Holanda, mandou importante e decisiva carta. Eis, com as palavras textuais, a argumentada conclusão do eminente filogenista e sistemata holandês:

“I still have to thank you for sending me some herbarium material of *Dialypetalanthus fuscescens* as well as a reprint of the corresponding paper.

Some of my staff and myself have carefully read the very complete description of this remarkable plant and we have examined the splendid material. In addition, I have sent a small part of a branchlet to the well-known expert on systematic anatomy Dr. H. H. JANSSENIUS, Amsterdam.

On account of all these considerations we have arrived at the conclusion that it seems perfectly justified to give *Dialypetalanthus* the rank of a family.

According to general morphological characters there seems to be a relationship with the *Rubiaceae*, the *Lythraceae* and the *Melastomataceae*. The *Lythraceae* is a very heterogeneous family with transitions to the *Melastomataceae*. In general *Dialypetalanthus* seems to be most close to the last-named family from which it differs only by the absence of stipules and by the intraxylary phloem. However, Dr. JANSSENIUS tells me that he cannot find any anatomical relation with either the *Lythraceae* or the *Melasto-*

mataceae, but he found a certain similarity of the wood of *Dialypetalanthus* and the rubiaceous *Psychotria* which, anatomically, occupies a fairly isolated position in its family.

I hope that the above statement meets your wishes and I gladly authorize you to make whatever use of it you deem fit".

Resumindo, LAM e JANSSONIUS concluíram a favor da nova família, embora não concordemos "in totum" com as opiniões anatómicas deste último.

Em seguida, recebemos a resposta muito bem documentada do Prof. Dr. C. E. B. BREMEKAMP, de Utrecht, Holanda. Conta-nos ele, preliminarmente, ter, desde há muito, estudado a planta e chegado exatamente às mesmas conclusões, o que para nós constitui motivo de imensa satisfação. Discutiu ele o problema com os Drs. LANJOUW, JONKER, AMSHOFF e MENNEGA, este anatomista. Em sua longa missiva refere os resultados dessa conferência, favoráveis unanimemente à nova família.

Certos dados fornecidos por BREMEKAMP são deveras importantes e merecerão reparos só futuramente; agora temos maior interesse em suas palavras seguintes: "Your proposal to refer this genus to a family of its own seems therefore the best solution of the difficulty, and that its nearest allies should be found in the *Myrtaceae* and the *Melastomataceae*, is, notwithstanding the absence of intraxylary phloem and the large size of the stipules, also a plausible suggestion".

Só nos resta agradecer o interesse tomado por esses eminentes cientistas ao abandonar, embora temporariamente, seus afazeres para cuidar tão desveladamente de assunto trabalhoso e de pequeno rendimento. A eles, nosso respeito e admiração.

VITAMINA C EM FRUTOS

Resumo dos estudos realizados na Esc. Sup. Agr. "Luiz de Queiroz" da Universidade de São Paulo, por J. LEME JR. (*) J. T. AMARAL GURGEL (*) F. PIMENTEL GOMES (*) E. MALAVOLTA (*) J. SOUBIHE SOBRINHO (**) H. W. S. MONTENEGRO (*)

1. Revisão dos trabalhos.

1.1. O primeiro trabalho realizado foi o de Leme Jr. (1951) que dosou vitamina C em 33 espécies de frutas brasileiras e exóticas observando que o araçá do Amazonas (*Briota acida* Berg.), o caraguatá (*Bromelia antiacantha* Bertol.) e a bilva (*Aegle marmelos*, Pers.) são tão ricos em vitamina C quanto as laranjas doces; contêm até 100 mg por 100 g sendo, entretanto, pouco conhecidos como fontes dessa vitamina. O Autor dá ênfase especial à abéria (*Aberia caffra*, Hook) que contem até 300 mg/100 g. e à cereja das Antilhas (*Malpighia glabra*, L.) que revelou de 560 a 1490 mg/100 g. Ficou estabelecido que: as frutas verdes de cerejeira das Antilhas são mais ricas que as maduras e tanto mais ricas quanto menores; a riqueza está na proporção da superfície externa por unidade de peso e enfim, que existem árvores cujas frutas são mais ricas que as de suas congêneres, o que indica a possibilidade de se obter, por seleção, plantas mais ricas em ácido ascórbico. É interessante notar que as geléias de cereja das Antilhas elaboradas pelo Autor conservam parte apreciável do conteúdo original de vitamina C: 575 mg no fim de um mês e 375 mg no fim de um ano.

1.2. Para facilitar as análises, o método fotocolorimétrico de dosagem foi modificado (LEME JR. e MALAVOLTA, 1950), sendo feita sua adaptação para o "EEL portable colorimeter"; trata-se de um pe-

(*) Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", U. S. P.

(**) Instituto Agronomico do E. de S. Paulo, Campinas, S.P.

queno colorímetro com uma única célula fotoelétrica, barato, de operação fácil e que já está largamente difundido em laboratórios do país. Introduziu-se para proteção da vitamina durante a extração e a dosagem o ácido oxálico a quatro por mil, em substituição ao ácido metáfosfórico a três por cento, que era o protetor usado comumente. Os resultados obtidos foram bastante satisfatórios e suficientemente reprodutíveis para permitir o uso duma equação de regressão para calcular o teor de vitamina C no extrato.

1.3, 1.4 e 1.5. A goiabeira (*Psidium guajava*, L.) mereceu atenção especial por causa dos trabalhos genéticos de melhoramento dessa mirtácea que estão sendo feitos na "Luiz de Queiroz" (SOUBIHE SOBR^o, 1951). Em um trabalho preliminar (MALAVOLTA e SOUBIHE SOBR^o, 1951) verificou-se: a variação no teor em algumas variedades (76 a 144 mg/100 g); a influência do grau de maturação (máximo nos frutos "de vez"); a variação nas diversas partes do fruto, notando-se que a casca possui mais ácido ascórbico do que a polpa e esta mais que a parte interna, sendo estabelecida a proporção aproximada de 9:4:1; aparentemente não há nenhuma relação entre a cor do fruto e o conteúdo de vitamina. A seguir (GURGEL et al., 1951), foi estudada estatisticamente com detalhe, a amostragem em goiaba concluindo-se que: dos diversos tipos de amostragem tentados — fruto todo, parte do fruto todo picado, secção transversal, secção longitudinal — a que dá resultados mais dignos de confiança é a metade transversal do fruto; a extração deve ser feita no liquidificador; há variação significativa no teor de vitamina de um mesmo fruto em função da iluminação recebida, sendo as partes expostas ao sol as mais ricas. Análises sucessivas de goiabas conservadas em geladeira mostraram um decréscimo gradual no teor de ácido ascórbico, que fica mais ou menos estável depois de 96 hrs. (23% do teor inicial); o fenômeno obedece à equação de Mitscherlich modificada (PIMENTEL GOMES et al., 1951):

$$y = 26,33 [1 + 10 - 0,01377 (x + 47,70)]$$

onde 26,33 mg/100 g é o conteúdo para que tendem os valores observados com o correr do tempo, x é o tempo em horas e y o teor de vitamina esperado num tempo x.

1.6. A cereja das Antilhas está sendo agora estudada mais profundamente para verificar a influência da árvore, tamanho da fruta, estado de maturação, iluminação, época do ano, conservação, etc., no

teor de vitamina tendo já sido encontrado o valor 3000 mg/100 g nos frutos verdes (LEME JR. e MALAVOLTA, 1951-1952).

1.7. Trabalhos preliminares (LEME JR. et al., 1951) com laranja (*Citrus sinensis*) mostraram que: há variação acentuada nas diversas variedades brasileiras de laranja doce; a influência do cavalo sobre o teor de vitamina C do cavaleiro é significativa; há também influência significativa do grau de maturação sobre o teor de ácido ascórbico.

1.8. Num estudo sistemático da riqueza de vitamina C em frutos de plantas da família *Myrtaceae* foi encontrado em "cabeludinha" (*Eugenia tomentosa* Camb.) o teor mais alto de ácido ascórbico para frutos nacionais: 1428 mg/100 g no fruto verde e 941 no fruto maduro (MALAVOLTA et al., 1951). Quanto à distribuição da vitamina nas diversas partes do fruto verificou-se que a polpa sem as sementes — a qual representa mais de 50% do peso do fruto — possui 1735 mg/100 g enquanto a casca contém 787 mg.

2. Abstract.

This paper summarizes the results of several works on the ascorbic acid content of Brazilian and exotic fruits carried out in Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" of the University of São Paulo, Brazil.

The first contribution reported (LEME JR., 1951) deals with the vitamin C content in 33 species of Brazilian and foreigner fruits being particular emphasis given to *Aberia caffra*, Hook, which showed to have 300 mgm/100 gm and to the West India cherry, (*Malpighia glabra*, L.) which revealed 560 to 1,490 mgm/100 gm.

To make the analyses easier the photocolorimetric method was modified (LEME JR. and MALAVOLTA, 1950); the adaptation was made for the "EEL portable colorimeter"; the metaphosphoric acid commonly used as protective agent was substituted successfully by 0,4 per cent oxalic acid.

Guajava fruits (*Psidium guajava* L.) received especial attention thanks to the genetic improvement program developed presently in the "Luiz de Queiroz" (SOUBIHE SOBR^o, 1951). Preliminarily the following points were studied (MALAVOLTA and SOUBIHE SOBR^o, 1951): the fluctuation in the ascorbic acid content of several varieties (the maximum value so far found was 144 mgm/100 gm); the influence

of the degree of maturity (maximum values in small green fruits); the influence of the fruit portion taken for analysis (maximum values in the skin and minimum ones in the inner flesh); the influence of fruit color: the authors were unable to register any influence of such kind. In another paper (GURGEL et al., 1950) was estatistically studied the sampling technique for guajava: the transversal moiety of the fruit must be used as most suitable sample; the vitamin should be extracted in the waring blendor; the fruits portion receiving more sunlight are the richest ones. When guajava fruits are stored in a refrigerator in the end of a 4 days period the ascorbic acid content is guadually lowered to only 23 per cent of the original amount; the phenomenon of vitamin loss can be accurately followed with the aid of Mitscherlich's equation slightly modified (PIMENTEL GOMES et al., 1951).

West India cherry is now being reinvestigated in order to fix up the influence of seedling, size of fruit, degree of maturity, storage, etc.; values as high as 3,000 mgm/100 gm have been reported (LEME JR. and MALAVOLTA, 1951-52).

Preliminary studies on citrus (LEME JR. et al., 1951) revealed significant influences of time of sampling and of the rootstock on the vitamin C content.

"Cabeludinha" (*Eugenia tomentosa* Camb.) *Myrtaceae*, showed the highest ascorbic acid content so far registered in Brazilian fruits: 1,428 mgm/100 gm in small green fruits and 941 mgm/100 gm in ripen ones (MALAVOLTA et al., 1951).

REFERÊNCIAS

- AMARAL GURGEL, J. T. et al. 1951. An. E. S. A. "Luiz de Queiroz" (Piracicaba) 8. (Em impressão).
LEME JUNIOR, JORGE. 1950. VIII Cong. Int. des Industr. Agric. (Bruxelles, 1950). Rapports, vol. 1: 503-504.
LEME JR., J. e E. MALAVOLTA. 1950. An. E. S. A. "Luiz de Queiroz" (Piracicaba) 7: 115-129.
LEME JR., J. et al. 1951. An. E. S. A. "Luiz de Queiroz" (Piracicaba) 8. (Em impressão).
LEME JR., J. e E. MALAVOLTA. 1951. Em andamento.
MALAVOLTA, E. et al. 1951. Rev. de Agricultura (Piracicaba) (Em impressão).
MALAVOLTA, E. e J. SOUBIHE SOBR^o. 1951. Rev. de Agricultura (Piracicaba). (Em impressão).
PIMENTEL GOMES, G. et al. 1951. O Hospital, Out. de 1951: 589-593.
SOUBIHE SOBR^o. JOSÉ. 1951. Tese (Piracicaba).

RETIFICAÇÃO SOBRE ALGUMAS PALMEIRAS DO BRASIL

GREGORIO BONDAR

Nos "Arquivos de Botânica do Estado de S. Paulo" vol. II, publicou ALEX D. HAWKES, Berkeley, California, um artigo: "Studies in Brazilian Palms: 2. Bondar's Species of Brazilian Palms", (original entregue em 18-4-1951).

Transferiu o autor várias espécies minhas, descritas no gênero *Cocos*, para gêneros de BECCARI e redescreveu as palmeiras dos gêneros *Cocos* e *Attalea*, conservando as minhas denominações, porém apropriando-se da autoria das novas espécies, sob o pretexto de que as mesmas não foram publicadas com diagnoses em latim, conforme as regras internacionais.

O assunto merece retificação. Todas as citadas espécies, cuja autoria HAWKES reivindica, no referido estudo, foram devidamente diagnosticadas em latim e publicadas na "Botanical Series, Field Museum of Natural History" vol. 22, N.º 9 em 15-6-1942, no artigo: "New Palms of Bahia, by Gregorio Bondar" publicação N.º 517, prefaciada pelo PROF. B. E. DAHLGREN.

O mesmo museu, atualmente "Chicago Natural History Museum", possui isótipos dessas palmeiras novas, como é registrado na minha publicação.

A redescritção por HAWKES das mencionadas palmeiras, não passa, portanto, de um descuido bibliográfico do autor.

A distribuição dessas espécies de *Cocos* descritas por mim, pelos gêneros de BECCARI, foi discutida comigo pelo PROF. B. E. DAHLGREN, do Chicago Natural History Museum e autor da obra: "Index of American Palms", Chicago, 1936. Minhas ponderações foram publicadas no Boletim N.º 9 do Instituto Central de

Fomento Econômico da Bahia, em 1941, sob o título: "Palmeiras do gênero *Cocos* e descrição de duas espécies novas".

Esse insigne botânico teve o cuidado e a bondade de vir pessoalmente à Bahia, demorando-se aqui cêrca de três meses. Verificou e aprovou as minhas novas espécies de palmeiras e concordou comigo em não aceitar os gêneros de BECCARI (*Il Genere Cocos* Linn. e *le Palme Affine* — Firenze, 1916), por causa dos erros e confusões cometidos por este autor na redistribuição de palmeiras brasileiras.



RESENHA BIBLIOGRÁFICA

BARBOSA RODRIGUES

ADIR GUIMARÃES

Já é muito difícil organizar-se uma lista completa dos trabalhos de Barbosa Rodrigues, especialmente no que se refere aos seus inúmeros artigos em jornais e revistas e à sua obra esparsa em publicações oficiais.

Mais difícil ainda é a organização de uma bibliografia sobre Rodrigues.

Tentaremos fazer alguma coisa a mais nesse sentido, pedindo àqueles que disponham de elementos capazes de aumentar ou corrigir nossa lista, que no-os enviem a fim de que todos os admiradores da obra do grande botânico brasileiro possam, em prazo tão curto quanto possível, dispôr da "Bibliografia Rodriguesiana".

PARTE I

LIVROS E FOLHETOS DE RODRIGUES

- 1 — THRENOS D'AMOR — POESIAS — DE — JOÃO BARBOSA RODRIGUES JUNIOR — Ciel, à qui voulez vous désormais que je fie — Les secrets de mon âme et le soin de ma vie? — CORNEILLE, SINNA IV sc III — RIO DE JANEIRO — Typ. do Theatro S. Pedro d'Aleantara. M. G. S. REGO — Praça da Constituição n. 39 — 1858.

Livro de formato 13 x 20 cms. com ante-rosto, rosto, 2 págs. de prefácio, IV com "a quem ler" assinado pelo autor, 51 págs. com poesias, mais 1 de erratas e, ainda, 2 folhas com índice e "lista dos senhores assinantes".

2 — MEMORIAS DE UMA COSTUREIRA.

Só consegui ver um único exemplar deste livro. É o da Biblioteca Nacional. Mas a ele falta a folha de rosto.

Pequeno livro com 62 págs. de 10 x 14 cms. Na pág. final vem: Typografia de Pinheiro e Cia., rua do Cano, 165.

É uma série de artigos de assuntos variados, todos assinados e datados no Rio de Janeiro, 1861.

3 — LIVRO DE ORLINA — PAGINAS INTIMAS — POR — João Barbosa Rodrigues — "Honi soit qui mal y pense" — RIO DE JANEIRO — TYPOGRAPHIA DE PAULA BRITO — PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO — 1861.

São 150 págs. de 13 x 17 cms. Ha um prefácio de José Albano Cordeiro a quem o livro é dedicado.

4 — CONTOS NOCTURNOS — ESTUDO — POR — J. BARBOSA RODRIGUES — PARIS — TYPOGRAPHIA DE SIMÃO RAÇON E CIA. — RUA D'ERFURTH, 1 — 1864.

Formato 11 x 17 cms. com 262 págs. além de rosto e ante-rosto.

5 — IDOLO — AMAZONICO — ACHADO NO RIO AMAZONAS — POR — J. BARBOSA RODRIGUES — EM COMMISSÃO SCIENTIFICA PELO GOVERNO IMPERIAL — Foi publicada esta noticia sob a epigraphe "Archeologia" no JORNAL DO COMMERCIO — de 19 de Agosto de 1875 — RIO DE JANEIRO — TYPOGRAPHIA DE BROWN & EVARISTO — 12 Rua do Senado 12 — 1875.

Folheto de formato 14 x 23 cms. com 18 págs. e uma folha com estampa. Na última capa da brochura ha uma relação das obras do autor.

6 — EXPLORAÇÃO E ESTUDO — DO — VALLE DO AMAZONAS. — RELATORIO — APRESENTADO — Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Conselheiro — Dr. José Fernandes da Costa Pereira Junior, — Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Agricultura, — Commercio e Obras Publicas — POR — J. Barbosa Rodrigues — Em Commissão Scientifica pelo mesmo Ministerio — RIO DE JANEIRO — TYPOGRAFIA NACIONAL — 1875.

São 52 págs. de 14 x 21 cms. e uma planta do Rio Capim levantada por B. Rodrigues. É o relatorio da exploração do referido rio. Meu exemplar está anotado pelo autor.

7 — EXPLORAÇÃO E ESTUDO DO VALLE DO AMAZONAS — RIO TAPAJÓS — POR — J. Barbosa Rodrigues — Em comissão scientifica pelo Governo Imperial. — RIO DE JANEIRO — TYPOGRAPHIA NACIONAL — 1875.

São 152 págs. de 14 x 21 cms. Em meu poder o exemplar anotado pelo autor.

8 — EXPLORAÇÃO E ESTUDO — DO — VALLE DO AMAZONAS — RELATORIO — APRESENTADO — Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Conselheiro — Dr. José Fernandes da Costa Pereira Junior, — Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Agricultura, — Commercio e Obras Publicas. — POR — J. Barbosa Rodrigues — Em Commissão Scientifica



pelo mesmo Ministerio — RIO DE JANEIRO — TYPOGRAPHIA NACIONAL — 1875.

São 40 págs. de 14 x 21 cms. com uma planta do rio Trombetas levantada pelo autor. Meu exemplar tem algumas correções do punho de Rodrigues. Este relatório trata da exploração do rio Trombetas.

- 9 — EXPLORAÇÃO — DO — RIO YAMUNDÁ — RELATORIO — APRESENTADO — Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Conselheiro — Dr. José Fernandes da Costa Pereira Junior — Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Agricultura, — Comercio e Obras Publicas. — POR — João Barbosa Rodrigues — Em comissão pelo mesmo Ministerio — RIO DE JANEIRO — TYPOGRAPHIA NACIONAL — 1875.

Livro de 100 págs. de 14 x 21 cms. com uma planta, um mapa e 3 folhas com estampas. Meu exemplar, além de outras, tem, na folha de rosto, esta nota do autor: "Este relatório foi traduzido em inglez por Chas. F. de Vivaldi no South American Mail de Maio a Julho de 1875. B.Rois".

- 10 — EXPLORAÇÃO — DOS — RIOS URUBÚ E JATAPÚ — RELATORIO — APRESENTADO — Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Conselheiro — Dr. José Fernandes da Costa Pereira Ministro e Secretario de Estado — dos Negocios da Agricultura, Commercio e Obras Publicas — POR — João Barbosa Rodrigues — Em comissão pelo mesmo Ministerio — RIO DE JANEIRO — TYPOGRAPHIA NACIONAL — 1875.

Relatório de 130 págs. de 14 x 21 cms. um mapa e uma planta. Tenho o exemplar anotado pelo autor.

- 11 — ENUMERATIO — PALMARUM NOVARUM — QUAS — VALLE FLUMINIS AMAZONUM — INVENTAS ET AD — SERTUM PALMARUM — Collectas, descripsit et iconibus illustravit — J. Barbosa Rodrigues — Secret. et Prof. adj. in Imp. Colleg. Petri II, Societatis — Vellozianae (naturalistarum) et societatis Acclimationis Sebastianopolis — socius, Societatis Ethnographicae in Santaremopolis conditor, — Naturam Brasiliae septentrionalis investigandi — munere commissus, etc., etc. — SEBASTIANOPOLIS — APUD BROWN & EVARISTO — VIA SENADO. N. 12 — MDCCCLXXV.

Folheto de formato 15 x 23 cms. com 46 págs., além de folha desdobrável com chave analítica.

- 12 — GENERA ET SPECIES — ORCHIDEARUM NOVARUM — QUAS — COLLEGIT, DESCRIPSIT ET ILLUSTRAVIT — J. BARBOSA RODRIGUES — Secret. et Prof. Adj. in Imp. Colleg. P. II., Soc. Inst. Hist. Geog. Bras., — Soc. honorarius Reg. Soc. Anthropol. et Ethn. Florentiae. et Societ. Acclimationis — et Vellozianae (naturalistarum) Rio de Jan., — Conditor Societ. Ethnogr. Santarem; — Auctor oper. Sertum Palmarum, Naturam Brasiliae Septentrionalis — investigandi munere commissus, etc., etc. — SEBASTIANOPOLIS — MDCCCLXXVII.

Livro de VII-206-X págs. além de errata, 2 quadros de distribuição geográfica e uma estampa. Formato 15 x 23 cms. No verso da folha de rosto lê-se: "Imprimerie de C. et H. Fleiss — Rua d'Ajuda 61, Chaca-

ra da Floresta — Rio de Janeiro". Blake informa que esta obra mereceu medalha de ouro da Academia de Ciências de Paris.

- 13 — PROTESTO-APPENDICE — AO — ENUMERATIO PALMARUM NOVARUM — Lido no Instituto Historico e Geographico do Brasil, na sessão de 30 de Maio de 1879, — na Augusta Presença de Sua Magestade o Imperador — POR — J. Barbosa Rodrigues — MEMBRO DO INSTITUTO HISTORICO — RIO DE JANEIRO — TYPOGRAPHIA NACIONAL — 1879.

São 48 págs. de 14 x 22 cms. alem de 2 folhas de estampas outra com explicações das estampas e, ainda outra, de corrigenda.

- 14 — ANTIGUIDADES DO AMAZONAS.

Rio de Janeiro, 1879. São 140 págs. de formato 15 x 22 cms., com numeração descontínua e mais 31 folhas com figuras. É a reunião dos 3 capítulos do trabalho que, com esse nome, Rodrigues publicou, respectivamente, nos 3 fascículos dos "Ensaio de Sciencia".

- 15 — ATTALEA OLEIFERA — PALMEIRA NOVA — DESCRIPTA E DESENHADA — POR — J. Barbosa Rodrigues — MEMBRO DA IMPERIAL E REAL SOCIEDADE BOTANICA DE VIENNA, ETC. — (Extrah. da Rev. Bras. vol VII pág. 123) — RIO DE JANEIRO — TYPOGRAPHIA NACIONAL — 1881.

Folheto de 8 págs. 15 x 23 cms.

- 16 — GENERA ET SPECIES — ORCHIDEARUM NOVARUM — QUAS — COLLEGIT, DESCRIPSIT ET ICONIBUS ILLUSTRAVIT — J. BARBOSA RODRIGUES — Inst. Hist. Geogr. Bras.; Imp. Reg. Societ. — Zool.-Bot. Vindob.; Reg. Societ. Bot. Edimb.; Societ. Hort. Mass.; Societ. Anthropol. Florent.; Societ. Natural. — Freiburg.; Acad. Nat. Paris.; Societ. Geogr. — Ullys. etc. etc. — II — SEBASTIANOPOLIS — MDCCCLXXXI.

Formato 15 x 23 cms. de VI-296-XVI págs. alem de errata e 2 quadros de distribuição geográfica. No verso da folha de rosto lê-se: "Rio de Janeiro — Typographia Nacional — 1882". A capa da brochura traz, também esta data. Na contra capa ha uma relação das obras do autor.

- 17 — LES PALMIERS — OBSERVATIONS SUR LA MONOGRAPHIE DE CETTE FAMILIE — DANS LA — FLORA BRASILIENSIS — PAR — J. Barbosa Rodrigues — Membre de la Société Botanique Impériale et Royale de Vienne; de la Soc. Bot. d'Edimbourg; de la Soc. des Naturalistes — de Freiburg; de la Soc. d'Horticulture de Marseille, etc. — RIO DE JANEIRO — IMPRIMERIE DU — MESSAGER DU BRÉSIL — 131 RUE SETE DE SETEMBRO 131 — 1882.

Formato 15 x 22 cms. com IV-54 págs. e 5 folhas com desenhos, sendo 4 numeradas. Meu exemplar, que pertenceu ao autor, apresenta pequenas correções de seu punho, alem de algumas notas em papel almasso coladas ao livro. Uma delas diz: "Advertencia. As especies descriptas aqui, em manuscrito, eu as considero novas. J. B. Roiz". Outra: "A Revue Commerciale financière et maritime de 16 au 30 Junho de 1883, transcreveu o primeiro capítulo deste protesto".

- 18 — PASSIFLOREACEA Meisner — TETRASTYLIS Gen. Nob. — (Extrahido do n. 21 da Revista de — Engenharia de 14 de Novembro de 1882).

São 6 págs. e uma estampa em folha desdobravel. Formato 15 x 20 ems. Não tem folha de rosto.

- 19 — NOTAS A LUCCOK — SOBRE A — FLORA E FAUNA DO BRAZIL — POR — J. BARBOSA RODRIGUES — Membro do Instituto Historico e Geographico — DO BRAZIL — (Extr. da Revista do mesmo Instituto, vol. XLIV de 1881, págs. 33 a 130. RIO DE JANEIRO — TYP. UNIVERSAL DE H. LAEMMERT & C. — 71, Rua dos Invalidos, 71 — 1882.

Formato 15 x 23 ems. com págs. numeradas de 115 a 210 alem de folha de rosto e outra de Advertência.

Meu exemplar está enriquecido com inúmeras notas do autor.

- 20 — O — MUIRAKITAN — PRECIOSO COEVO — DO — HOMEM ANTI-COLOMBIANO — POR — J. BARBOSA RODRIGUES — MEMBRO HONORARIO DA SOCIEDADE ANTHROPO- — LOGICA E ETHNOLOGICA DE FLORENÇA, DA SOCIEDADE — DOS NATURALISTAS DE FREIBURG, BADEN, ETC. — (Artigo publicado no Cruzeiro de 19 e 20 — de Dezembro de 1881). — RIO DE JANEIRO — TYPOGRAPHIA A VAPOR DO — CRUZEIRO — Rua do Ouvidor, n... — 1882.

Raro folheto de 10 x 14 ems. com 16 págs.

O exemplar da Bibliotéca Nacional, único que consegui vêr, tem ileigvel o número do prédio correspondente à casa editora, motivo pelo qual se vêm acima tres pontos em seu lugar.

- 21 — CATALOGOS — DOS OBJECTOS EXPOSTOS — NA — EXPOSIÇÃO ANTHROPOLOGICA — DO — RIO DE JANEIRO — POR — J. Barbosa Rodrigues — Membro honorario da Sociedade Anthropologica e Ethnologica de Florença, — da dos Naturalistas de Freiburg, etc. — RIO DE JANEIRO — TYPOGRAPHIA NACIONAL — 1882.

São 10 págs. in-8.º.

- 22 — STRUCTURE DES ORCHIDÉES — NOTES D'UNE ÉTUDE — PAR — J. BARBOSA RODRIGUES — Chevalier de l'Ordre de S. Thiago da Espada, du mérite scientifique — et littéraire; Membre de l'Institute historique du Brésil; de l'Academie Royale — des sciences de Lisbonne; de la Societé botanique Impériale et Royale de Vienne; — des sociétés botanique d'Edimbourg, des naturalistes de Fribourg, — d'horticulture de Marseille, etc. etc. — Publié sous les auspices du Ministère des Travaux Publics — RIO DE JANEIRO — TYPOGRAPHIE NATIONALE — 1883.

Volume de 38 págs. com ilustrações alem de 14 folhas com figuras, numeradas de I a XIV cada uma acompanhada de uma folha com explicações das figuras, com exeção da I. Tem formato de 17 x 25 ems.

Meu exemplar pertenceu ao autor e tem algumas notas de seu punho, inclusive a seguinte: "A theoria apresentada aqui por mim foi confirmada com a apparição de flores que denominaram dobradas, cujas noticias foram publicadas no Gardener's Chronicle do anno de 1891. Aqui junto as referidas noticias. Falta aqui uma que transcrevi nas Plantas Novas Cultivadas no Jard. Bot. JBRoiz".

23 — RUTAGEAE Juss. Esembbeckia fasciculata. Nob. Nome vulgar Curumary, Grumary. Rio de Janeiro, 1883. 6 págs. e uma estampa em folha desdobrável. Não tem folha de rosto. É extraído da Revista de Engenharia de 28-6-1883.

24 — ESTERHAZYA SUPERBA — ESPECIE NOVA DA FAMILIA DAŠ — SCROPHULARIACEAS — DESCRIPTA E DESENHADA POR — J. Barbosa Rodrigues — RIO DE JANEIRO — Typ. e lith. de Machado & C., r. de Gonçalves Dias 28 — 1885.

Folheto de formato 15 x 23 cms. com 6 págs. numeradas e uma folha desdobrável com figura desenhada pelo autor.

25 — RIO JAUPERY — PACIFICAÇÃO DOS CRICHANÁS — POR — JOÃO BARBOSA RODRIGUES — DIRECTOR DO MUSEU BOTANICO DO AMAZONAS — I. Passado e presente dos crichanás. — II. Ethnographia, archeologia e geographia. — III. Documentos. — IV. Vocabulario. — V. Appendice — RIO DE JANEIRO — IMPRENSA NACIONAL — 1885.

Volume in-8.^o com 274 págs. uma folha índice, um mapa e uma folha com musica e letra de quatro cantigas dos crichanás.

26 — CATALOGO — DE — PRODUCTOS ENVIADOS — PARA A — EXPOSIÇÃO DE BERLIM — PELA — PROVINCIA — do — AMAZONAS — ORGANIZADO — POR — J. BARBOSA RODRIGUES — SECRETARIO DA COMMISSÃO — MANÁOS — Impresso na typographia do JORNAL DO AMAZONAS — DE — ANTONIO FERNANDES BUGALHO — 1886.

É um folheto 15 x 21 cms. com 22 págs. numeradas e uma de índice.

27 — PALMAE AMAZONENSIS NOVAE — AUCTORE — J. BARBOSA RODRIGUES — Direct. Mus. bot. Amaz. — 1884-1886 — (Extrahido da VELLOSIA, Contribuições do Museu Botanico do Ama — zonas. Anno I.1887). — MANÁOS — Typographia do "Jornal do Amazonas".

Formato de 18 x 26 cms. com págs. numeradas de 33 a 56, mais uma folha de rosto e outra de errata. Na capa da brochura se lê a data: 1888.

28 — O TAMAKOARÉ — ESPECIES NOVAS DA ORDEM DAS — TERNSTROEMIACEAS — POR — J. BARBOZA RODRIGUES — Director do Museu Botanico do Amazonas. Cavalheiro da Antiga, Nobillissima e Esclarecida Ordem — de S. Thiago da Espada; laureado pela Faculdade de Sciencias Physicas e Naturais de — Florença; membro do Instituto Historico do Brasil; da Real Academia de Sciencias — de Lisboa; das Reaes Sociedades Botanicas de Berlim e Edimburgo; da So — ciedade Botanica de Marseille; do Instituto de Coimbra, etc. etc. — MANÁOS — Impresso na typographia do — JORNAL DO AMAZONAS — 1887.

São 28 págs. in-2.^o com uma folha desdobrável com estampas.

29 — O — MUYRAKYTĀ — Estudo da origem, Asiatica, da Civilização do Amazonas nos — tempos prehistoricos — POR — J. BARBOSA RODRIGUES — Director do Museu Botanico do Amazonas, Cavalheiro da Antiga e Nobillissima e Esclarecida — Ordem de S. Thiago da Espada, Fiscal do Governo no Conselho — superior da Instrução Publica, Membro do Instituto Hist. Geogr. e Ethnogr. do — Brazil, do Inst. Archeol. de Pernambuco, do — Inst. Pharm. do Rio de Janeiro, da Real Soc. Anthropol.



e Ethnol. de Florença, da Aca- — demia Real de Sciencias de Lisboa, do Inst. de Coimbra, da — Soc. dos Naturalistas de Friburgo, da Imp. e Real Soc. Bot. de Vienna, da — Real Soc. Bot. de Edimburgo, da — Soc. Bot. de Marselle, das Soc. de Geogr. de Paris, do Rio — de Janeiro, e do Amazonas, Laureado pelo Inst. de Sciencias phys. e nat. de Florença, e — pela Academia Nacional de Paris, etc. — MANAOS — TYP. DO AMAZONAS — RUA GUILHERME MOREIRA — 1889.

Livro de formato 15 x 22 cms. com XVI 162 págs. alem de duas folhas de errata e duas desdobráveis.

In fine lê-se: "Fim da Primeira Parte", mas, em realidade, não houve outra parte nesta edição.

Meu exemplar está extraordinariamente enriquecido com as notas que o autor reuniu para a segunda edição desta obra.

- 30 — PORANDUBA AMAZONENSE. Saiu no Vol. XIV, Fascículo N.º 2 dos Anais da Biblioteca Nacional, 1890. Esse fascículo, todo dedicado ao trabalho de Barbosa Rodrigues, tem II, XVI, 334 págs. alem de 2 de índice, uma composição musical e um quadro em folha desdobrável.

- 31 — BREVES INSTRUÇÕES PRATICAS — PARA — REMESSA DE COLLEÇÕES — AO — JARDIM BOTANICO — DO — RIO DE JANEIRO — RIO DE JANEIRO — TYP. DE G LEUZINGER & FILHOS, RUA D'OUVIDOR 31 — 1891.

São 16 págs. em formato de 12 x 18 cms.

- 32 — DECADE — DE — STRYCHNOS NOVOS — POR — J. BARBOSA RODRIGUES — Director do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e ex-Diretor — do Museu Botânico do Amazonas — RIO DE JANEIRO — IMPRENSA NACIONAL — 1891.

São 14 págs. de 16 x 24 cms. com 4 estampas numeradas de 2 a 5.

No verso da folha de rosto: "Ext. da Vellozia, Vol. I págs. 33 a 44.

- 33 — BIGNONIACEAS NOVAS — POR — J. BARBOSA RODRIGUES — Director do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e ex-Director — do Museu Botânico do Amazonas — RIO DE JANEIRO — IMPRENSA NACIONAL — 1891.

São 16 págs. de 16 x 24 cms. e 7 folhas com figuras, numeradas de VII a XIII. Na pág. 2 se lê: "Ext. da Vellozia, Contribuições do Museu Botânico do Amazonas, Vol. I, págs. 46 a 59".

- 34 — PLANTAS NOVAS — CULTIVADAS — NO — JARDIM BOTANICO DO RIO DE JANEIRO — Descriptas, classificadas e desenhadas — POR — J. BARBOSA RODRIGUES — DIRECTOR DO MESMO JARDIM — RIO DE JANEIRO — Typ. de G. LEUZINGER & FILHOS. Rua d'Ouvidor 31 — 1891.

Fascículo de 22 x 31 cms. com II-38 págs. e 9 folhas com desenhos.

- 35 — VOCABULARIO INDIGENA COMPARADO

É um complemento da "Poranduba Amazonense", e constitue o Fascículo N. 2 do Volume XV dos Anais da Biblioteca Nacional. É de 1892 e tem 84 págs.

Ha Separata com rosto e ante-rosto especiais.

- 36 — EXPOSIÇÃO — SOBRE O — ESTADO E NECESSIDADES — DO — JARDIM BOTANICO — APRESENTADA — Em 12 de Junho de 1890 — Ao Sr. Ministro da Agricultura, Commercio — E Obras Publicas — POR — J. BARBOSA RODRIGUES — Director — RIO DE JANEIRO — Typ. de G. Leuzinger & Filhos, Rua d'Ouvidor 31 — 1893.

São 16 págs. de 15 x 22 cms. reunidas em capa de cartolina fina.

- 37 — ENUMERATIO PLANTARUM — IN — HORTO BOTANICO FLUMINENSI — CULTARUM — RIO DE JANEIRO — Typs. — JORNAL DO BRASIL — VIA GONÇALVES DIAS - 56 — 1893.

São 24 págs. de 15 x 23 cms.

- 38 — RELATORIO — SOBRE — TRABALHOS DO JARDIM BOTANICO — APRESENTADO — em 7 de Outubro de 1890 — Ao Sr. Ministro da Agricultura, Commercio e Obras Publicas — POR — J. BARBOSA RODRIGUES — Director — RIO DE JANEIRO — Typ. de G. Leuzinger & Filhos — 1893.

São 14 págs. in-8.^o. Informação do Catálogo da Biblioteca do Gabinete Portuguez de Leitura.

- 39 — Relatorio de 1891.

Não consegui encontrar este relatório em nenhuma biblioteca do Rio ou S. Paulo. Entretanto Rodrigues, no Relatório de 1892, a ele se refere afirmando que foi impresso.

- 40 — RELATORIO — SOBRE — TRABALHOS DO JARDIM BOTANICO — APRESENTADO — Em 18 de Janeiro de 1893 — Ao Sr. Ministro da Industria, Viação e Obras Publicas — POR — J. BARBOSA RODRIGUES — Director — RIO DE JANEIRO — Typ. de G. Leuzinger & Filhos, Rua d'Ouvidor 31 — 1893.

São 28 págs. de 15 x 23 cms.

- 41 — PLANTAS NOVAS — CULTIVADAS — NO — JARDIM BOTANICO DO RIO DE JANEIRO — Descriptas, classificadas e desenhadas — POR — J. BARBOSA RODRIGUES — DIRECTOR DO MESMO JARDIM — II — Um novo individuo do genero Caryodendron — e uma Sesbania nova — RIO DE JANEIRO — Typ. G. Leuzinger & Filhos, Ouvidor 31 — 1893.

É o segundo fascículo da coleção. Tem o mesmo formato e feição São 20 págs. e duas folhas de figuras.

- 42 — PLANTAS NOVAS — CULTIVADAS — NO — JARDIM BOTANICO DO RIO DE JANEIRO — Descriptas, classificadas e desenhadas — POR — J. BARBOSA RODRIGUES — DIRECTOR DO MESMO JARDIM — III — Duas especies novas dos generos Kydia — e Cardiospermum. — RIO DE JANEIRO — TYP. DE G. LEUZINGER & FILHOS, RUA D'OUVIDOR 31 — 1893.

Com 12 págs. numeradas, alem de uma de advertência e outra com explicação das estampas, e duas folhas com figuras, constitue o III fascículo da série de que guarda a mesma feição e formato.

- 43 — PLANTAS NOVAS — CULTIVADAS — NO — JARDIM BOTANICO DO RIO DE JANEIRO — Descriptas, classificadas e desenhadas — POR — J. BARBOSA RODRIGUES — DIRECTOR DO MESMO JARDIM — IV



— Uma Anona, uma Canavalia, duas Gurantias — e uma Chuquiragua novas — RIO DE JANEIRO — TYP. LEUZINGER — RUA D'OUVIDOR 31 & 36 — 1894.

São 26 págs. numeradas, além de folhas de rosto, ante rosto, final com o nome da tipografia e 5 de estampas. É o IV fascículo da série e, como os outros, conserva o mesmo formato e feição.

- 44 — VOCABULARIO INDIGENA — COM A ORTHOGRAPHIA CORRECTA — (COMPLEMENTO DA PORANDUBA AMAZONENSE) — POR — J. BARBOSA RODRIGUES — PUBLICAÇÃO DA BIBLIOTHECA NACIONAL — RIO DE JANEIRO — Typ. de Leuzinger & Filhos, Rua do Ouvidor 31 — 1893.

Formato 20 x 28 cms. de 64 págs. numeradas, além de uma de rosto, outra de ante-rosto e outra com uma observação.

A Biblioteca Nacional aproveitou essa sua publicação para incluí-la no fascículo 2.^o do volume XVI dos seus anais que apareceram em 1894. Ela constitue a II parte desse fascículo. É a mesma coisa, sem a observação que aparece na publicação avulsa.

- 45 — HORTUS FLUMINENSIS — OU — BREVE NOTICIA — SOBRE AS — PLANTAS CULTIVADAS — NO — JARDIM BOTANICO DO RIO DE JANEIRO — PARA SERVIR DE GUIA AOS VISITANTES — POR — J. BARBOSA RODRIGUES — DIRECTOR DO MESMO JARDIM — 1893. — RIO DE JANEIRO — Typ. LEUZINGER — rua do Ouvidor 31 & 36 — 1894.

Livro de XXXVIII 308 X XII XVI e II págs. além de uma advertência inicial em duas folhas. Contem 13 estampas fora do texto em págs. de papel couché cobertas de papel transparente onde se encontram notas e a numeração das estampas. Formato 19 x 27 cms. Na capa da brochura, em tudo igual à folha de rosto, foi corrigida a data indicadora do ano em que o livro foi distribuido, para 1895.

- 46 — PLANTAS NOVAS — CULTIVADAS — NO — JARDIM BOTANICO DO RIO DE JANEIRO — Descriptas, classificadas e desenhadas — POR — J. BARBOSA RODRIGUES — DIRECTOR DO MESMO JARDIM — V — RIO DE JANEIRO — Typ. LEUZINGER — Rua do Ouvidor 31 & 36 — 1896.

Conservando a mesma feição e formato dos que lhe precederam, este V volume consta de 38 págs. 5 folhas com estampas, além das folhas de rosto, ante-rosto e uma com palavras ao leitor.

- 47 — PLANTAS NOVAS — CULTIVADAS — NO — JARDIM BOTANICO DO RIO DE JANEIRO — Descriptas, classificadas e desenhadas — POR — J. BARBOSA RODRIGUES — DIRECTOR DO MESMO JARDIM — VI — RIO DE JANEIRO — TYPOGRAPHIA LEUZINGER — 1898.

Este é o volume final e guarda o mesmo formato e feição dos outros. Tem 32 págs. 7 folhas com desenhos, folhas de rosto, ante-rosto, uma de advertência e outra de índice.

- 48 — PLANTAE MATOGROSSENSIS — OU — RELAÇÃO DE PLANTAS NOVAS — Colhidas, classificadas e desenhadas — POR — J. BARBOSA RO-



DRIGUES — Director do Jardim Botânico do Rio de Janeiro — Cavaleiro das Ordens de S. Thiago e da Corôa de Italia, Laureado com a Grande — medalha de Galileu e membro de varias associações scientificas — nacionaes e estrangeiras — RIO DE JANEIRO — Typographia LEUZINGER — 1898.

Formato 23 x 32 cms. de VIII 44 IV págs. 13 folhas com desenhos e uma corrigenda em folha pequena.

- 49 — PALMAE MATTOGROSSENSIS — NOVAE VEL MINUS COGNITAE — QUAS — collegit descripsit et iconibus illustravit — J. BARBOSA RODRIGUES — Eques Antiqui, Nobilissimi, atque Clarissimi Ordinis Sancti Jacobi A Gladio, — Director Horti Botanici Fluminis Januarii — Socius Effectivus Instituti Historici et Geographici Braziliae, Laureatus ab Instituto Scientiarum — Physicarum et Naturalium Florentiae, Socius Regiae Academiae — Scientiarum Olysiipponensis, Imperialis et Regalis Societatis Botanicae Vindobonensi, Societatum Botanicae Anedae et Marsiliae, — Instituti Conimbricensis, Regiae Societatis Anthropologicae Florentiae, Societatis Friburguensis — Investigatorum Naturae, Nationalis Academiae Parisiorum, — necnon Societatis Geographicae Parisiorum, et Fluminis Januarii, etc. — RIO DE JANEIRO — Typographia LEUZINGER — 1898.

Livro de formato 23 x 31 com XX 88 II págs. alem de outra com lista de palmeiras e uma corrigenda em folha de pequeno formato. Tem 28 folhas com desenhos, numeradas de I a XXVII e com o número IV repetido.

Meu exemplar apresenta algumas notas do autor inclusive esta, na folha de rosto: "Sahiu à luz em 1 de Fevereiro de 1898".

- 50 — PALMAE NOVAE PARAGUAYENSES — QUAS — DESCRIPSIT ET ICONIBUS ILLUSTRAVIT — J. BARBOSA RODRIGUES — DIRECTOR HORTUS FLUMINENSIS — RIO DE JANEIRO — TYPOGRAPHIA LEUZINGER — 1899.

Livro de 23 x 31 cms. com X 66 págs. alem de 6 folhas com estampas e uma menor, com corrigenda.

- 51 — O — MUYRAKYTĀ E OS IDOLOS SIMBOLICOS — ESTUDO DA ORIGEM ASIATICA DA CIVILIZAÇÃO DO AMAZONAS NOS TEMPOS — PREHISTORICOS — POR — J. BARBOSA RODRIGUES — DIRECTOR DO JARDIM BOTANICO DO RIO DE JANEIRO — Ex-Director do Museu Botânico do Amazonas, Cavalheiro da Antiga, Nobilissima e — Esclarecida Ordem de S. Thiago da Espada e da Ordem Equestre da Corôa — da Italia, Membro do Instituto Hist. Geogr. e Ethnogr. do Brasil, do — Inst. Archeol. de Pernambuco, do Inst. Pharm. do Rio de Janeiro, da Academia Cearense, da Real Soc. Anthropol. e Ethnol. de Florença, da Academia Real de — Sciencias de Lisboa, do Inst. de Coimbra, da Soc. dos Naturalistas de Freiburg da Imp. e — Real Soc. Bot. de Vienna, da Real Soc. Bot. de Edimburgo, da Soc. Bot. — de Marseille, das Soc. de Geogr. de Paris e do Rio de Janeiro, Laureado — pelo Inst. de Sciencias phys. e nat. de Florença, e pela Academia Nacional de Paris,

etc. — SEGUNDA EDIÇÃO MUITO AUGMENTADA — 1.^o VOLUME
— RIO DE JANEIRO — IMPRENSA NACIONAL — 1899.

In-16.^o de XXIV-268 págs. além de 2 desdobráveis e XIII com estampas.

O 2.^o volume é, em tudo, semelhante ao 1.^o e saiu com ele, na mesma data. Tem XXVIII-240 págs. com ilustrações entre o texto e dois mapas em folhas desdobráveis.

- 52 — PALMAE HASSLERIANAE NOVAE — OU — Relação das palmeiras encontradas no Paraguay — PELO — DR. EMILIO HASSLER — DE — 1898-1899 — DETERMINADAS E DESENHADAS — POR — J. BARBOSA RODRIGUES — Director do Jardim Botânico do Rio de Janeiro — RIO DE JANEIRO — TYPOGRAPHIA LEUZINGER — 1900.

Livro de 24x32 cms. com VIII-16 págs. uma errata e um índice.

- 53 — AS HEVEAS — OU — SERINGUEIRAS — INFORMAÇÕES — POR — J. Barbosa Rodrigues — DIRECTOR DO JARDIM BOTANICO DO RIO DE JANEIRO — RIO DE JANEIRO — IMPRENSA NACIONAL — 1900.

In-16 de 86 págs. além de 5 folhas com quadros gráficos e 4 com estampas.

- 54 — CONTRIBUTIONS — DU — JARDIN BOTANIQUE DE RIO DE JANEIRO — PAR — SON DIRECTEUR — J. BARBOSA RODRIGUES — I — RIO DE JANEIRO — TYPOGRAPHIE L'ETOILE DU SUD — RUA DE S. JOSÉ 102 — 1901.

Formato 23 x 31 com 22 págs. e 1 folha com desenhos.

Trata-se de publicação periódica de que saíram 5 fascículos, guardando a mesma feição e formato, com numeração de páginas e folhas de estampas seguidas de modo a serem encadernados juntos formando livro completo.

O fascículo II saiu em 1901 com páginas numeradas de 23 a 58 e folhas de estampas de II a VI.

O fascículo III saiu em 1902 tem págs. numeradas de 59 a 90 e folhas de estampas de VII a XI.

O fascículo IV só saiu em 1907 impresso na "Typographia — Rua do Rosario n. 107", tem págs. numeradas de 89 a 126 e folhas de estampas de XII a XXVII. Como se vê houve um engano no início da numeração das págs. 89 por 91.

O fascículo V tem numeração V e VI, saiu em 190, às págs. são numeradas de 127 a 146 e as folhas de estampas, de XXVIII a XXXVII. As págs. 139 a 145 trazem um índice completo de todos os fascículos com o título "Index du Premier Volume" prevendo a continuação da obra. Entretanto ela terminou aí.

- 55 — LES NOCES — DES — PALMIERS — Remarques préliminaires — sur — la Fécondation — PAR — J. BARBOSA RODRIGUES — DIRECTEUR — DU JARDIN BOTANIQUE DE RIO-DE-JANEIRO — BRUXELLES — IMPRIMERIE AD. MERTENS — RUE D'OR, 14 — 1903.

Livro de formato 16 x 24 cms. com 90 págs. além da de rosto e da de ante-rosto e 7 folhas com estampas coloridas.

- 56 — MYRTACÉES DU PARAGUAY — RECUEILLIES PAR — Mr. le Dr. Emile HASSLER — ET — DÉTERMINÉES — PAR — J. BARBOSA RODRIGUES — DIRECTEUR DU JARDIN BOTANIQUE DE RIO DE JANEIRO — IMPRIMERIE TYPO-LITHOGRAPHIQUE J. GOFFIN FILS — JOS. DE GRÈVE, SUCC^r — AVENUE FONSNY, 119, BRUXELLES — 1903.
Formato 21 x 31 cms. de VIII-20 págs. e 26 folhas de estampas.

- 57 — J. BARBOSA RODRIGUES — L'UIRAËRY OU CURARE — EXTRAITS ET COMPLÉMENT — DES — NOTES D'UN NATURALISTE BRÉSILIEN — BRUXELLES — IMPRIMERIE VEUVE MONNOM — 32, RUE DE L'INDUSTRIE, 32 — 1903.

São 180 págs. mais 4 folhas não numeradas formando rosto, ante-rosto, homenagem e palavras ao leitor. Ha, ainda, 7 folhas com desenhos e quadros coloridos. O formato é de 16 x 24 cms.

- 58 — SERTUM PALMARUM — Brasiliensium — RELATION DES PALMIERS NOUVEAUX DU BRÉSIL — DÉCOUVERTS, DÉCRITS ET DESSINÉS D'APRÈS NATURE — par — J. BARBOSA RODRIGUES — Directeur du Jardin Botanique du Rio-de-Janeiro, professeur de botanique de l'Université libre de Rio-de-Janeiro, chevalier du très noble et très ancien Orde — de Saint-Jacques et de l'Ordre royal de la Couronne d'Italie, membre de l'Institut historique, géographique et ethnologique du Brésil, — de l'Institut polytechnique brésilien, lauréat de l'Institut des sciences physiques et naturelles de Florence, — membre de l'Académie royale des sciences de Lisbonne, de la Société impériale et royale de botanique de Vienne, — de la Société royale de botanique de Bruxelles, de la Société botanique de Marseille, de la Société de botanique d'Edimbourg. — de la Société royale anthropologique et ethnologique de Florence, de la Société des Naturalistes de Freiburg, de l'Institut de Coimbra, des Sociétés géographiques — de Rio-de-Janeiro, et de Paris, vice-président honoraire du deuxième Congrès scientifique latin-américain, etc.

PREMIÈRE PARTIE — BRUXELLES — IMPRIMERIE TYPOGRAPHIQUE VEUVE MONNOM — 32, RUE DE L'INDUSTRIE, 32 — 1903.

Esta 1.^a parte constitue o tomo 1 da obra saido juntamente com o tomo 2 que lhe é, em tudo, semelhante.

São dois volumes monumentais, fólhos de 41 x 61 cms. ricamente impressos, adornados de belas gravuras coloridas fora do texto alem de várias reproduções fotográficas nele intercaladas.

O tomo 1 tem 140 págs. acompanhadas de 91 folhas de estampas e uma com o retrato do autor.

O tomo 2 tem 114 págs. mais 83 folhas de estampas alem das folhas de rosto e ante rosto que, neste tomo, não são numeradas.

- 59 — NOTICIA — SOBRE ALGUNS JARDINS BOTANICOS DA EUROPA — Relatorio apresentado à S. Excia. o Sr. Dr. Lauro Muller, Ministro da Viação — e Obras Publicas — POR — J. Barbosa Rodrigues — Director do Jardim Botanico do Rio de Janeiro — RIO DE JANEIRO — IMPRENSA NACIONAL — 1904.

São 58 págs. de formato 16 x 24 cms.



- 60 — J. BARBOSA RODRIGUES — DIMINUTION DES EAUX — AU — BRÉSIL
— Traduction de "L'ÉTOILE DU SUD" — RIO DE JANEIRO — Typ.
l'Etoile du Sud. — Rua S. José 102 — 1904.

Folheto de formato 12 x 18 cms. com 28 págs.

- 61 — MBAÉ KAA — TAPYIYETÁ ENOINDAUA — OU — A BOTANICA -- E
A — NOMENCLATURA INDIGENA — MEMORIA — APRESENTADA
AO 3.º CONGRESSO SCIENTIFICO LATINO AMERICANO — POR —
J. Barbosa Rodrigues — Vice-Presidente honorario do 2.º Congresso La-
tino Americano de Montevideo, — Presidente da Secção de sciencias phy-
sicas e naturais — do mesmo Congresso, — e Director do Jardim Botanico
do Rio de Janeiro. — RIO DE JANEIRO — IMPRENSA NACIONAL — 1905.

Brochura de VI-88 págs. alem de folhas com rosto, ante-rosto, errata
e um quadro gráfico em folha desdobravel. Formato 16-25 cms.

- 62 — J. BARBOSA RODRIGUES — A — FLORA BRASILIENSIS — DE —
MARTIUS — RIO DE JANEIRO — Typ. do *Jornal do Commercio* de
Rodrigues & C. — 1907.

Folheto de formato 12 x 22 cms. e 32 págs.

- 63 — Exposição Nacional de 1908 — RELAÇÃO — DAS — PLANTAS EX-
POSTAS — PELO — JARDIM BOTANICO — DO — RIO DE JANEIRO
— POR — J. Barbosa Rodrigues — DIRECTOR DO MESMO JARDIM
— RIO DE JANEIRO — IMPRENSA NACIONAL — 1908.

Pequeno livro de 12 x 17 cms. com VIII — 122 págs. e uma folha
com a reprodução de uma fotografia da alea das palmeiras do Jardim
Botanico.

- 64 — O JARDIM BOTANICO DO RIO DE JANEIRO — UMA LEMBRANÇA DO
1.º CENTENARIO — 1808-1908 — POR J. BARBOSA RODRIGUES —
DIRECTOR DO MESMO JARDIM — Officinas da "Renascença" E. Bevi-
lacqua & Cia. — 1908.

Trata-se de um pequeno album comemorativo de formato 29 x 22,
cms. com 44 págs. numeradas alem de 4 folhas que antecedem a adver-
tencia de página 1.

- 65 — AS MOLESTIAS DO FIGADO CURADAS PELA PARIQUYNA

Propriedade de João Barbosa Rodrigues (3.^a edição) Rio de Janeiro.
Typogr. Leuzinger, 1897.

São 36 págs. in-16.º.

A Biblioteca Nacional possui essa rara publicação que, se não é
toda de autoria de Rodrigues, o é, pelo menos, em parte.

- 66 — STRUCTURE ET FORMATION DE LA TIGE DES PALMIERS

Embora não tivesse havido separata deste trabalho, resolvemos inclui-lo
aqui. Foi publicado no tomo 3.º-livro A do relatório geral da Terceira
Reunião do Congresso Científico Latino-Americano. Embora a reunião
se tivesse realizado em Agosto de 1905, a publicação deste tomo é de 1909.
Vem nas páginas 415 a 470. Apresenta estampas e reproduções de foto-
grafias intercaladas no texto, alem de duas folhas desdobráveis com figuras.

67 — A DIMINUIÇÃO DAS AGUAS DO BRAZIL

Está publicado no mesmo tomo acima indicado e, também deste trabalho não houve separata. Vem nas págs. 153 a 316. Tem uma folha desdobrável com quadro estatístico.

PARTE II

TRABALHOS DE RODRIGUES EM PERIÓDICOS

O nome de B. Rodrigues aparece no corpo redatorial dos seguintes periódicos:

- 1 — SEMANA DOS MENINOS. Periódico de literatura juvenil cujo aparecimento se deu em 1859, já com Rodrigues na redação.
- 2 — REVISTA DE HORTICULTURA. Mensário de formato 22 x 31 cms. com numeração seguida em cada ano, podendo ser, assim, encadernada em volumes anuais, com índice e folha de rosto especialmente distribuídos. Sairam 4 volumes completos correspondentes aos anos de 1876 a 1879. Era redator principal Frederico Albuquerque que contava com a colaboração de Rodrigues. Beaurepaire Rohan, Caminhoá, Capanema, Peckolt e outros. Ilustrada e muito bem impressa, obteve honroso 1.º prêmio na Exposição do Porto. Era impressa na tipografia Laemmert, Rio.
- 3 — ENSAIOS DE SCIENCIA. Publicação periódica, impressa em Brown & Evaristo, Rio. Reunia trabalhos esporádicos de Capanema, Baptista Caetano e B. Rodrigues. Os fascículos, ora tinham numeração seguida, ora a tinham em correspondência com os trabalhos publicados. O Fascículo 1.º é de Março de 1876, o 2.º de Julho do mesmo ano, enquanto que o 3.º só apareceu em 1879. O formato era de 15 x 22 cms.
- 4 — VELLOSLIA. Seria o periódico divulgador dos trabalhos do Museu Botânico do Amazonas de que Rodrigues era o diretor. Seu nome era tributo de homenagem a Frei Velloso, o primeiro botânico que no Brasil chegou a ter publicado o fruto de seus fatigantes trabalhos, como explica Rodrigues na apresentação da revista. Em Manaus veio à luz o 1.º volume, impresso na tipografia do "Jornal do Amazonas" em 1888. Tem IV-148 págs. além de folha de rosto e outra desdobrável com quadro gráfico. Foi posteriormente retirado da circulação por eivado de erros e impresso em mau papel. Tendo deixado a direção do Museu do Amazonas para dirigir o Jardim Botânico do Rio de Janeiro, trouxe B. Rodrigues todo o material acumulado e publicou aqui o que chamou de 2.ª edição da Velloslia, mas que, em realidade era quasi toda de matéria inédita e toda, com exceção de um trabalho de seu genro, Dr. Campos Porto, de sua autoria. Perdeu, assim, seu caráter de periódico, para ser um livro de trabalhos esparsos de B. Rodrigues.

Consta de 4 volumes impressos na Imprensa Nacional em 1891, em formato 19 x 25 cms. O vol. 1.º tem XX-134 págs. e mais 6 de índice e uma folha desdobrável com quadro gráfico. O vol. 2.º é de 124 págs. numeradas além de índice, folhas de rosto e ante-rosto. Refere-se a arqueo-

logia e paleontologia, enquanto o 1.^o só trata de botânica. O vol. 3.^o contém as estampas de matéria botânica tratada no 1.^o vol. Sua numeração é descontínua por terem sido aproveitadas as impressas no Amazonas. A 1.^a série está numerada de I a XIII, a 2.^a de I a XXIII tendo intercalados os números XIIIa, b e c. Ha, ainda, 2 estampas finais. O vol. 4.^o traz as figuras correspondentes à materia do vol 2.^o. As estampas estão em folhas numeradas de I a VIII e de I a XVI. Ha, além disso, mais 3 estampas.

Barbosa Rodrigues colaborou com Melo Moraes Filho na organização da

REVISTA DA EXPOSIÇÃO ANTHROPOLOGICA BRASILEIRA. Saiu esta revista sob a direção de Mello Moraes Filho, em fascículos, em 1882, durante a citada exposição. Posteriormente foram os fascículos reunidos em volume de XII-160 págs. de 22 x 30 cms. ricamente ilustrado com desenhos de Vergara.

Sabemos ter havido colaboração literária de Rodrigues em alguns periódicos do sul de Minas e do Rio nos tempos de sua adolescência, quando, por vezes, usou o pseudônimo de "Tibiriçá".

Não nos foi possível consultar nenhuma coleção desses periódicos, que são os seguintes:

SUL DE MINAS, fundado por Lourenço da Veiga, irmão de Evaristo, em Campanha.

O MERCANTIL.

HEMERODROMO DA JUVENTUDE, Rio, 1861.

A CRENÇA, Rio, 1863-65.

ACAJA, Rio, 1860-61.

ALBUM LITERARIO.

Damos, a seguir, a lista que pudemos organizar das publicações de Barbosa Rodrigues em periódicos:

Revista de Horticultura:

Beatris Constanciae. (Vol. I, págs. 4 e 5).

Astrocaryum Princeps. (Vol. I, págs. 25 e 26). Este artigo é acompanhado da seguinte nota assinada pelo autor: "Como se tenha duvidado que sejam verdadeiras as palmeiras e plantas novas que temos descripto, convidamos aos incredulos para virem à nossa casa examinar o nosso herbario. Exemplos completos existem de todas as plantas de que temos tratado".

Laelia Geraensis. (Vol. I, págs. 45).

Cocos Leiospatha. (Vol. II, págs. 23 e 24).

Astrocaryum Acanthopodium. (Nobis.) (Págs. 143 e 144 do Vol. II).

Burmanniaceae, Blum. Monostychosepalum, gen. nob. (Vol. II, pág. 184).

Sophronitis Wittigiana. (Vol. III, págs. 24 e 25).

Estudo sobre a irritabilidade de uma drosera. (Vol. III, págs. 173 a 176).

Idem, continuação. (Vol. III, págs. 193 a 197, inconcluso).

“Revista Brasileira”:

- Attalea Oleifera, Nob. (Tomo 7, 15 de Jan. de 1881, págs. 123 a 128).
O canto e a dança selvicola. (Tomo 9, 1 de Jul. de 1881, págs. 32 a 60).
Lendas, crenças e superstições. (Tomo 10, 1 de Out. de 1881, págs. 24 a 47).

“Revista da Exposição Anthropologica Brasileira”

- Idolo Amazonico. (Págs. 3 e 4).
Emancipação dos Mauhes. (Págs. 10 e 11).
Tribu dos Tembés. (Págs. 20 a 21, 32, 55 a 56).
Tribu dos Mundurucus. (Págs. 27 a 28, 39 a 40, 45 a 46).
Tribu dos Aruaquis e Pariquis. (Págs. 36 a 27, 61 a 62).
Tribu dos Uasahys. (Págs. 47 a 48).
Tribu dos Ticunas. (Págs. 52 a 53).
Indios Conibos. (Págs. 60).
Extracto de um livro inedito. (Págs. 70 a 71 e 150 a 152).
Tribu dos Cauixanas. (Págs. 72).
India Arara. (Pág. 76).
Fabrico de uma montaria. (Pág. 88).
Tribu dos Uaupés. (Págs. 96).
Os Miranhas. (Págs. 124 e 125).

“Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”

- A lingua geral do Amazonas e o guarany (Sup. ao tomo LI, págs. 73 a 110).
Protesto reivindicatório de prioridade (Tomo XLII, 2.º, págs. 223 e 224).
Notas a Luccok (Tomo XLIV, 1.º, págs. 33 a 130).

Velloso:

- Prólogo da 1.^a edição (Vol. I, págs. V a VII).
Prólogo da 2.^a edição (Vol. I, págs. IX a XI).
Eclogae plantarum novarum (Vol. I, págs. 1 a 88).
Palmae amazonensis novae (Vol. I, págs. 89 a 112).
Genera et species orchidearum novarum (Vol. I, págs. 113 a 133).
Antiguidades do Amazonas (Vol. II, págs. 1 a 40).
É continuação do “Ensaio de Sciencia”.
Les reptiles fossiles de la Vallée de l'Amazone (Vol. II, págs. 41 a 60).
Descripção do Museu (Vol. II, págs. 81 a 86).
Catálogo da Secção Ethnographica e Archeologica (Vol. II, págs. 87 a 124).

“Anais da Biblioteca Nacional”:

- Poranduba Amazonense (Volume XIV, 2.º, págs. 1 a 334).
Vocabulario indigena (Volume XV, 2.º, págs. 1 a 83).
Vocabulario indigena com a orthographia correta (Vol. XVI, 2.º, 64 págs.).

“Ensaio de Sciencia”:

- Antiguidades do Amazonas (Ano I, fasc. I, págs. 91 a 125 e 10 folhas com estampas).
Antiguidades do Amazonas (Ano I, fasc. II, 23 págs. e 13 folhas com estampas).
Antiguidades do Amazonas (Fasc. III, 80 págs. e 8 folhas de estampas).

Revista de Engenharia:

Resultado Botânico de uma breve excursão a S. João d'El-Rei (Págs. 56-57 e 73-75 do volume correspondente ao ano de 1881) (acompanham duas folhas com estampas).

Orchideae Rodeienses et alterae ineditae (Págs. 109-110 e 143 de 1881).

Flora da Serra do Lenheiro (S. João d'El-Rei) (Págs. 196-198 de 1881).

Passifloraceae Meisner. Tetrastylis Gen. Nob. (Págs. 260-261 de 1882 com uma pág. dupla de figuras).

Rutaceae. Juss. Esembeckia fasciculata Nob. (Págs. 190-191 de 1883 com estampa em dupla página).

Esterhazy Superba (Págs. 145-146, com estampa em página dupla, 1885).

Carta ao Jornal do Commércio (Págs. 95-96 de 1888).

É a transcrição de uma carta enviada de Manáos ao Jornal do Comércio respondendo a uma crítica do n.º 12 da Revista Pharmaceutica do Rio, transcrita no citado Jornal em 1-3-1888.

Nova carta (Pág. 156 de 1888) É outra carta com novas considerações sobre o mesmo assunto.

E, mais, em diversos periódicos:

J. B. Rodrigues e a Comissão do Instituto Polimático. Vem no O Mercantil de 19-9-1862 e foi transcrito às págs. 48-55 do livro de Dilke Salgado sobre seu avô.

Archeologia, in Jornal do Commércio de 19-8-1875 (Idolo Amazônico).

Exploração do rio Yamundá, no South American Mail de maio a julho de 1875.

Carta em resposta a um artigo de Jobert sobre o curare, na Gazeta de Notícias de 23-2-1879. Foi transcrito no livro de Rodrigues sobre o curare, página 138.

Discurso sobre o curare, in Annaes Brazilienses de Medicina, vol. XXXI, 1879, página 135.

Palmeiras do Amazonas, no Vulgarizador, I, 1880, págs. 66, 76, 94, 174 e 183.

O muirakitan, precioso cocvo do homem anti-colombiano, no Cruzeiro de 19 e 20-12-1881.

Les Palmiers, na Revue Commerciale Financière et Maritime, Junho de 1883.

O muirakitan ou aliby, in Revista Amazônica.

Viagem às pedras verdes, in Norte do Brasil, Manaos, junho de 1888.

Os ídolos simbólicos do Amazonas, in Jornal do Brasil de Setembro de 1891.

A diminuição das águas no Brasil, no Jornal do Comércio de 28-3-1904.

Lendas, crenças e superstições, in Boletim do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense, n.º 3, 1917 (transcrição póstuma).

Resposta à crítica, na Rev. do Inst. Hist. do Ceará, XXI, página 137.

PARTE III
INÉDITOS

ICONOGRAPHIE DES ORCHIDÉES DU BRÉSIL

Foi, parcialmente, aproveitada na Flora Brasiliensis, de Martius.

A história melancólica desse aproveitamento, o drama das usurpações rudemente sofrido por Barbosa Rodrigues, a falta de conservação e a dispersão de sua obra depois de sua morte, são outros tantos fatos que escapam à nossa percepção.

Quem quizer inteirar-se desse assunto deve ler o testemunho que pessoas autorizadas deixaram em livros ou folhetos e que se contem na lista seguinte:

A Flora Brasiliensis de Martius, folheto de Rodrigues

O livro de Dilke Salgado sobre Rodrigues

A conferência de Campos Porto publicada em Orquídea.

O testemunho de Hohene nos seus trabalhos O Jardim Botânico de S. Paulo, Contribuições para o conhecimento da flora orquidacea e Contribuições para o conhecimento das orchidaceas.

Todos esses trabalhos estão citados nesta bibliografia.

De tudo se conclui que essa preciosíssima coleção de perto de mil aquarelas, copiadas das plantas vivas e no esplendor de suas inflorescências, por artista-cientista que a esse trabalho dedicou quase uma existência, está ultrajada pela falta de cuidado em sua conservação, pelo mau aproveitamento que teve na monografia das orquidáceas da Flora de Martius, pela dispersão dos volumes, um dos quais está, para sempre, fora do Brasil e, sobre tudo, por ainda estar inédita.

PARTE IV

BIBLIOGRAFIA SOBRE BARBOSA RODRIGUES

1 — ACTUALIDADE de 6-9-1862.

Crítica aos Contos Nocturnos, ainda inéditos.

2 — JORNAL DO COMMERCIO de 24-8-1878.

Artigo do Dr. J. B. Lacerda F.^o sobre o Strychnos triplinervis, iniciando a polêmica sobre o curare.

- 3 — PROGRESSO MEDICO de 25-8-1878.
Transcreve o artigo acima.
- 4 — JORNAL DO COMMERCIO de 30-8-1878.
Ata da reunião havida para realização das experiências de Rodrigues sobre o curare.
- 5 — O CRUZEIRO de 6 (tarde) e 9 (manhã) de Setembro de 1878.
Ata da reunião havida para realização das experiências de Rodrigues sobre o curare.
- 6 — PROGRESSO MEDICO de 1-9-1878.
Notícia sobre o antídoto do curare historiando a discussão que empolgava a classe médica carioca.
- 7 — GAZETA DE NOTICIAS de 9-9-1878.
Declaração de Lacerda encerrando a questão por não ter Rodrigues provado suas asserções.
- 8 — JORNAL DO COMMERCIO de 10-9-1878.
Declaração do Dr. Nuno de Andrade de que as conclusões de Lacerda são sem fundamento e insustentáveis.
- 9 — O CRUZEIRO de 12-9-1878.
Longo artigo de Lacerda sobre os pretensos antídotos do curare.
- 10 — PROGRESSO MEDICO de 15-9-1878.
Transcreve o artigo acima.
- 11 — JORNAL DO COMMERCIO de 14-9-1878.
Novo artigo de Nuno de Andrade sobre o assunto.
- 12 — JORNAL DO COMMERCIO de 3-12-1878.
Relatório da comissão nomeada pela Academia de Medicina para acompanhar as experiências de Rodrigues.
- 13 — ANNAES BRAZILIENSES DE MEDICINA, volume XXX, 1878-1879.
Transcreve o relatório acima citado.
- 14 — ANNAES BRAZILIENSES DE MEDICINA, volume XXXI, 1879.
Ata da sessão de 3-2-1879 da Academia de Medicina com o discurso de Rodrigues em defesa de sua tese.
- 15 — REVISTA DE HORTICULTURA, número 40, de Abril de 1879, págs. 61 e 62.
Vibrante artigo de seu redator chefe, Frederico Faria, protestando contra o ato do governo que não atendeu à proposta do famoso editor Rothschild no sentido de editar o Sertum Palmarum caso o Brasil adquirisse 100 exemplares ao preço de custo. Termina abrindo uma subscrição pública com essa finalidade.
- 16 — JORNAL DO COMMERCIO de 13-7-1882.
Carta do Dr. Fieher, diretor do Museu Mineralógico de Baden a propósito do "Idolo Amazonico" de Rodrigues.
Esta informação eu obtive de uma nota autógrafa de Rodrigues no exemplar daquela sua obra conservado na biblioteca do Museu Nacional.

- 17 — NOTICIA DA VIDA E TRABALHOS — DO NATURALISTA BRASILEIRO — J. BARBOSA RODRIGUES — POR — A. J. FERREIRA DA SILVA — Lente da Academia Polytechnica do Porto — PORTO — TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA — Rua da Cancellia Velha, 70 — 1885.
Folheto de 15 págs. de 16 x 23 cms. e uma folha com o retrato do biografo e respectiva assinatura. Este trabalho havia sido publicado, anteriormente, no "Occidente", revista ilustrada de Lisboa (vol. VI, págs. 206 e 207, ano de 1883).
- 18 — REVISTA PHARMACEUTICA, do Rio de Janeiro, n.º 12 de 1888.
Crítica a trabalhos de Rodrigues.
- 19 — JORNAL DO COMMERCIO de 1-3-1888.
Transcreve a crítica acima.
- 20 — SYLVIO ROMERO — ETHNOGRAPHIA — BRAZILEIRA — ESTUDOS CRITICOS SOBRE — COUTO DE MAGALHÃES, BARBOSA RODRIGUES, THEOPHILO — BRAGA E LADISLAO NETTO — RIO DE JANEIRO — Livraria Classica de Alves & Cia. — 46 e 48, Rua de Gonçalves Dias, 46 e 48 — 1888.
Págs. 65 a 83.
- 21 — NOTES BIBLIOGRAPHIQUES SUR LES OUVRAGES DE BOTANIQUE DE M. BARBOSA RODRIGUES.
Artigo de Alfred Cogniaux in Bull. Herb. Boissier, vol. I, 1893, págs. 425-430.
- 22 — DICCIONARIO — BIBLIOGRAPHICO BRAZILEIRO — PELO DOUTOR — AUGUSTO VICTORINO SACRAMENTO BLAKE — NATURAL DA BAHIA — TERCEIRO VOLUME — RIO DE JANEIRO — IMPRENSA NACIONAL — 1895.
Págs. 359 a 365.
- 23 — RELAÇÃO DOS TRABALHOS PUBLICADOS ATÉ 1901 por J. Barbosa Rodrigues. Rio de Janeiro, 1901.
Folheto de 6 págs. in-8.º.
- 24 — TIMES de Londres, de 19-9-1902.
Dá notícia da visita de Rodrigues ao Jardim Botânico de Kew.
- 25 — ICONOTHECA BOTANICA de V. B. Wittrock. 1903.
Pág. 181 e táb. 32.
- 26 — FLORA BRASILIENSIS. Fasc. 130, 1906, (vol. I).
No estudo de Urban sobre Vitae Itineraque... (págs. 4 e 5).
- 27 — FLORA BRASILIENSIS. Vol. III, parte IV, págs. 5-6.
Explicação de Cogniaux sobre a colaboração de Rodrigues na monografia das orquidáceas.
- 28 — REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO BRASILEIRO, tomo LXXII, 2.ª parte, pág. 411, 1909.
Elogio histórico feito por Afonso Celso.

- 29 — REVISTA DO MUSEU PAULISTA, vol. VII, 1911, págs. 23 a 37.
Artigo de H. von Ihering sobre a vida e a obra de Rodrigues. Termina com uma lista das obras científicas do biografado afirmando: "pretendemos ter dado a primeira lista bibliográfica completa deste autor".
- 30 — MINISTRO DA AGRICULTURA INDUSTRIA E COMMERCIO — DIRECTORIA GERAL DE ESTATISTICA — RECENSEAMENTO DO BRAZIL — Realizado em 1 de Setembro de 1920 — VOLUME I — INTRODUÇÃO — Aspecto physico do Brazil — Geologia, flora e fauna — Evolução do povo — brasileiro — Historico dos inqueritos demographicos — RIO DE JANEIRO — TYP. DA ESTATISTICA — 1922.
Em págs. 109 e 110, F. C. Hoehne se refere a Rodrigues.
- 31 — SCHLECHTER E HOEHNE. Contribuições ao conhecimento das orchidáceas brasileiras, in Archivos de Botanica do Estado de S. Paulo, Vol. I, 1925-27, págs. 168-171.
Ha interessantes observações dos autores sobre as usurpações de que foi vítima Rodrigues.
- 32 — F. C. HOEHNE. Contribuições para o conhecimento da flora orchidologica brasílica. Parte I. Separata dos Archivos do Instituto Biologico de Defesa Agricola e Animal, Vol. 2. 1929.
O Autor enaltece a obra de Rodrigues e analisa sua contribuição à monografia de Cogniaux.
- 33 — VULTOS DO MEU CAMINHO, de Paulo José Pires Brandão, S. Paulo, 1935.
Trata de Rodrigues em págs. 39-42.
- 34 — MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAUDE — Dicionário — Bio-bibliográfico Brasileiro — POR — J. F. VELHO SOBRINHO — VOLUME II — RIO DE JANEIRO — 1940 — Págs. 95-97.
- 35 — O JARDIM BOTÂNICO DE SÃO PAULO. por Hoehne. Publicação da Secretaria da Agricultura de São Paulo. 1941.
Nas págs. 27-30 encontra-se uma biografia de Rodrigues acompanhada de seu retrato. Hoehne dá aqui precioso depoimento sobre a Iconografia das Orquídeas, obra ainda inédita e, já, agora, dispersa e de autoria de Rodrigues.
- 36 — RODRIGUÊSIA. Revista do Serviço Florestal. Ano VI, n. 15, Junho de 1942.
Número em homenagem a Rodrigues por ocasião do centenário de seu nascimento. Insere uma relação das obras de Rodrigues, cópia da de Velho Sobrinho.
- 37 — AUTORES E LIVROS. Suplemento literário de "A Manhã". Publicado semanalmente sob a direção de Múcio Leão. Vol. III n. 3 (19-7-1942).
É dedicado a Barbosa Rodrigues. Com muitas ilustrações.
- 38 — VAMOS LER (Revista semanal que se editou no Rio de Janeiro). Número de 17-9-42.
Artigo com o título "Barbosa Rodrigues e o mistério das pedras verdes.
- 39 — NUNES PEREIRA — Um Naturalista Brasileiro — na Amazonia — 1942 — IMPRENSA PÚBLICA — Manaus — Amazonas.
Livro de formato 13 x 19 cms. com 82 págs. e uma folha com o retrato do biografado que é Rodrigues.



- 40 — F. C. HOEHNE. RELATÓRIO ANUAL DO INSTITUTO DE BOTÂNICA DE S. PAULO. REFERENTE AO ANO DE 1942. Março de 1943.

Nas págs. 96 a 111, publica uma palestra do autor comemorativa do centenário de nascimento de Rodrigues.

- 41 — INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA — COMISSÃO CENSITÁRIA NACIONAL — Recenseamento geral do Brasil — (1.º de Setembro de 1940 — Série Nacional — Volume I — Introdução — Tomo 1 — A CULTURA BRASILEIRA — Introdução ao estudo da Cultura no Brasil — por — FERNANDO DE AZEVEDO — Rio de Janeiro — Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — 1943.

O autor se refere algumas vezes a Rodrigues, como se verifica pelo índice de nomes. À página 216 afirma sobre ele: "O mais notável botânico que o Brasil possuiu, depois de Freire Alemão". Que unidade usou na comparação é que é difícil de descobrir.

- 42 — AMAZÔNIA BRASILEIRA (Excerpts da Revista Brasileira de Geografia) 1944.

É publicação do Conselho Nacional de Geografia e em suas págs. 367 a 370 insere notícia bio-bibliográfica com retrato de Rodrigues. Assina-a José Veríssimo da Costa Pereira.

Notícia e retrato haviam saído na Revista acima citada, ano IV, n. 2. Na Revista o artigo está, porém, sem assinatura. Entretanto, o índice dos 10 primeiros anos da Revista, págs. 38, dá Virgílio Corrêa Filho, como seu autor.

- 43 — ENCYCLOPEDIA E DICCIONARIO INTERNACIONAL, edição de W. M. Jackson. Rio de Janeiro, sem data, volume I.

No respectivo verbete, à pág. 1211, vem pequena nota sobre Rodrigues.

- 44 — DILKE DE BARBOSA RODRIGUES SALGADO — BARBOSA RODRIGUES — UMA GLÓRIA DO BRASIL — EDITORA A NOITE. RIO DE JANEIRO.

Na parte final do livro lê-se que sua impressão foi terminada em 1945. Trata-se de um volume de 13 x 18 cms. com 264 págs. e numerosas ilustrações fora do texto. Prefácio de Basílio de Magalhães. Nas págs. 176 a 180 encontra-se uma relação dos trabalhos de Rodrigues.

- 45 -- ORQUÍDEA, vol. 13, n. 5, Setembro a Outubro de 1951.

Publica interessante conferência de P. Campos Porto sobre "Barbosa Rodrigues e a Iconografia das orquídeas".

Ninguém mais autorizado a falar sobre o assunto que este ilustre descendente do grande botânico.

NOTICIÁRIO

CENTENÁRIO DA MORTE DE

AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE

(1779-1853)

Comemora-se a 30 de setembro p.f., o centenário da morte de Auguste de Saint-Hilaire.

O Jardim Botânico do Rio de Janeiro, renderá, nessa data, sua homenagem ao ilustre botânico francês, que tantos e tão relevantes serviços prestou a nossa Flora, tornando-a conhecida através das suas inúmeras obras.

Durante os anos de 1816-1822, Saint-Hilaire explorou cientificamente os Estados de Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Seus diários de viagem — hoje traduzidos para o vernáculo, por diversos escritores patricios — relatam-nos maravilhas e costumes de nossa Terra e são sempre lidos com o máximo interesse.

Dentre os trabalhos do insigne botânico, cognominado “o grande amigo do Brasil”, citaremos: “*Mémoire sur les plantes auxquelles on attribue un placenta libre*” (1816), “*Mémoire sur les Cucurbitacées, les Passiflorées et le nouveau groupe de Nandirobées*” (1823), “*Histoire des plantes les plus remarquables du Brésil et du Paraguay*” (1824), “*Plantes usuelles des Brésiliens*” (1824), “*Flora Brasiliae meridionalis*” (em colaboração com A. de Jussieu e J. Cambessèdes) 3 vol. (1825-1833), “*Conspectus Polygalacearum Brasiliae meridionalis*” (1828), “*Mémoire sur les Myrsinées, les Sapotées et les embryons parallèles au plan de l'ombilic*” (1837), “*Monographie des Primulacées et des Lentibulariées du Brésil*” (em colaboração com F. de Girard) II ed. (1840), “*Tableau géographique de la végétation primitive dans la province de Minas Gerais*”, (1837), “*Leçons de botanique*” (1840).

Composto e impresso
na
Emprêsa Gráfica Carioca, Ltda.
Rua Brig. Galvão, 225-235
SÃO PAULO





RODRIGUÊSIA tem por objetivo publicar artigos originais e notas prévias, bem como, trabalhos didáticos e de divulgação científica, sobre Botânica.

Os trabalhos apresentados estão sujeitos a exame, pela Comissão de Redação, devolvendo-se aos respectivos Autores os originais que não forem aceitos para publicação.

Os originais devem ser bem legíveis, de preferência datilografados, recebendo os Autores, pelo menos, uma prova.

Considera-se data de entrega da matéria a publicar-se aquela em que a mesma chegar à Comissão.

Os originais serão acompanhados de referência bibliográfica, que se deverá citar separadamente do texto, segundo as praxes internacionais.

Os títulos e o texto serão impressos consoante as normas convencionadas pela Comissão, a fim de ser mantido o feitio tradicional de *RODRIGUÊSIA*; as ilustrações serão feitas em "clichés" branco e preto, de preferência situadas após cada artigo; no caso de desejar o Autor estampas coloridas, correrá por sua conta a despesa respectiva.

A cada Autor serão fornecidas, gratuitamente, cem separatas; tiragem maior poderá ser providenciada pela Comissão, mediante pedido escrito do Autor que custeará os gastos excedentes.

Recomenda-se que apresente cada trabalho, no final, pequeno resumo em língua portuguesa, seguido de outro em idioma estrangeiro, universalmente conhecido.

Quando for escrito o original em língua diferente da portuguesa, será obrigado o Autor a apresentar resumo nesta língua.

Tôda a correspondência de *RODRIGUÊSIA* deverá ser dirigida à Comissão de Redação e endereçada para: Rua Jardim Botânico, n. 1008, Gávea, Rio de Janeiro, BRASIL.

Empresa Gráfica Carioca Ltda. — Rua Brigadeiro Galvão, 225-235. — SÃO PAULO



